

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literário

Karine Grazielle Dias

MILAGROS DE NUESTRA SEÑORA, DE GONZALO DE BERCEO:
a Virgem e a morte em tradução

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2025

Karne Grazielle Dias

MILAGROS DE NUESTRA SEÑORA, DE GONZALO DE BERCIO:
a Virgem e a morte em tradução

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras: Estudos Literários.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Profa. Dra. Lyslei Nascimento

Coorientadora: Profa. Dra. Viviane Cunha

Belo Horizonte
2025

G643m.Yd Dias, Karine Grazielle.
 Milagros de Nuestra Señora, de Gonzalo de Berceo
[manuscrito] : a Virgem e a morte em tradução / Karine Grazielle
Dias. – 2025.
1 recurso online (215 f. : il.,color.) : pdf.
Orientadora: Lyslei Nascimento.
Coorientadora: Viviane Cunha.
Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 162-172.
Anexos: f.161-207.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Berceo, Gonzalo de, séc. XIII. – *Milagros de Nuestra Señora* –
Crítica e interpretação – Teses. 2. Poesia medieval – História e
crítica – Teses. 3. Morte na literatura – Teses. 4. Religião na
literatura – Teses. 5. Tradução e interpretação – Teses. 6.
Hagiografia – Teses. 7. Poesia latina medieval – Traduções –
Teses. I. Nascimento, Lyslei, 1966-. II. Cunha, Viviane. III.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV.
Título.

CDD: 861.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese intitulada *Milagros de Nuestra Señora, de Gonzalo de Berceo: a Virgem e a morte em tradução*, de autoria da Doutoranda KARINE GRAZIELLE DIAS, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Lyslei de Souza Nascimento - POSLIT/FALE/UFMG - Orientadora

Profa. Dra. Viviane Cunha - POSLIT/FALE/UFMG

Profa. Dra. Silvana Maria Pessoa de Oliveira - POSLIT/FALE/UFMG

Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - POSLIT/FALE/UFMG

Profa. Dra. Cláudia Cristina Maia - CEFET/MG

Prof. Dr. Gerson Luiz Roani - UFV

Belo Horizonte, 27 de março de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Maria Pessoa de Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2025, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lyslei de Souza Nascimento, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2025, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Cristina Maia, Usuário Externo**, em 28/03/2025, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tereza Virginia Ribeiro Barbosa, Professora do Magistério Superior**, em 29/03/2025, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gerson Luiz Roani, Usuário Externo**, em 31/03/2025, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Romulo Monte Alto, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 02/04/2025, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4052940** e o código CRC **07DFAE8B**.

Dedico este trabalho a três mulheres que marcaram profundamente minha trajetória pessoal e acadêmica: Sandra Maria Basdon Dias (*in memoriam*), Viviane Cunha e Lyslei Nascimento, cuja influência e apoio foram essenciais ao longo deste caminho.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão à minha mãe, pelo carinho e amparo incondicional que sempre me dedicou ao longo da vida. À professora Viviane Cunha, meu sincero reconhecimento por me ensinar a apreciar a riqueza da Idade Média e por sua orientação dedicada e contínua desde 2009, cuja influência foi essencial em minha formação acadêmica. À professora Lyslei, agradeço por assumir com generosidade e sabedoria a orientação deste trabalho em um momento de transição, quando a professora Viviane já não pôde mais seguir nessa tarefa.

Agradeço também às minhas queridas irmãs e companheiras, pelo carinho e consideração com que me escutaram, tanto nos momentos em que partilhei sonhos quanto nos instantes de ansiedade e incerteza.

À professora Silvane Aparecida Gomes, minha colega de trabalho e amiga, cuja presença foi fundamental no momento decisivo de conclusão desta pesquisa. Sua orientação, apoio e palavras sábias trouxeram conforto e aliviaram a pressão inerente a esse período desafiador.

À espiritualidade que me acompanhou em cada etapa desta caminhada, guiando-me e inspirando-me ao bem, manifesto minha devoção e reconhecimento.

Por fim, agradeço a Deus, fonte de força e luz, e à Virgem Maria, guia celestial que sempre esteve presente em minha vida.

“Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!”

(Lucas 1:28)

RESUMO

Esta tese, intitulada “*Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo: a Virgem e a morte em tradução”, tem como objetivo traduzir e analisar o prólogo e os doze primeiros poemas de *Milagros de Nuestra Señora*, que integra a rica tradição literária da Idade Média. Inserida no contexto dos séculos XII e XIII, a pesquisa explora os gêneros textuais hagiográficos, com especial atenção ao *milagro* e ao *exemplum*. A análise dá-se, a partir da pesquisa sobre como a Virgem Maria é representada como protagonista dos milagres e mediadora no momento da morte, articulando elementos simbólicos e narrativos que refletem valores religiosos e culturais medievais. A tese destaca o papel da Virgem Maria como intercessora e como consoladora, oferecendo esperança e transcendência diante da inevitabilidade da morte. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, que combina estudos literários e história cultural, a pesquisa examina padrões narrativos e poéticos, ressaltando como os textos de Berceo articulam dimensões espirituais, sociais e literárias. O estudo comparativo evidencia como essas representações reafirmam a centralidade da figura mariana na consolidação de valores comunitários e na construção de discursos sobre vida, morte e fé na Idade Média. Ao promover o diálogo entre tradução e estudo literário, esta tese contribui para os estudos sobre literatura hagiográfica e medieval, ampliando as possibilidades de compreensão histórica e cultural dessas narrativas fundamentais para a tradição ocidental.

Palavras-chave: literatura medieval; Gonzalo de Berceo; Virgem Maria; morte; tradução.

ABSTRACT

This thesis, entitled “*Milagros de Nuestra Señora*, by Gonzalo de Berceo: the Virgin and death in translation”, aims to translate and analyze the prologue and the first twelve poems of *Milagros de Nuestra Señora*, which is part of the rich literary tradition of the Middle Ages. Set within the context of the 12th and 13th centuries, the research explores Hagiographic narratives, with special attention to the *milagro* and the *exemplum*. The analysis focuses on how the Virgin Mary is portrayed as the protagonist of miracles and as a mediator at the moment of death, articulating symbolic and narrative elements that reflect medieval religious and cultural values. The thesis highlights the role of the Virgin Mary not only as a divine intercessor, but also as a comforter, offering hope and transcendence in the face of the inevitability of death. Through an interdisciplinary perspective, which combines literary studies and cultural history, the research examines narrative and poetic patterns, highlighting how Berceo's texts articulate spiritual, social, and literary dimensions. The comparative study highlights how these representations reaffirm the centrality of the Marian figure in the consolidation of community values and in the construction of discourses about life, death, and faith in the Middle Ages. By fostering a dialogue between translation and literary analysis, this thesis contributes to studies on hagiographic and medieval literature, expanding the possibilities of historical and cultural understanding of these fundamental narratives for the Western tradition.

Keywords: medieval literature; Gonzalo de Berceo; Virgin Mary; death; translation.

RESUMEN

Esta tesis, titulada *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo: *La Virgen y la muerte* en traducción, tiene como objetivo traducir y analizar el prólogo y los doce primeros poemas de *Milagros de Nuestra Señora*, una obra que forma parte de la rica tradición literaria de la Edad Media. Situada en el contexto de los siglos XII y XIII, la investigación explora los géneros textuales hagiográficos, con especial atención al milagro y al *exemplum*. El análisis examina cómo se representa a la Virgen María como protagonista de los milagros y como mediadora en el momento de la muerte, articulando elementos simbólicos y narrativos que reflejan los valores religiosos y culturales medievales. El estudio resalta el papel de la Virgen María no solo como intercesora, sino también como consoladora, ofreciendo esperanza y trascendencia frente a la inevitabilidad de la muerte. A través de un enfoque interdisciplinario que combina estudios literarios e historia cultural, la investigación examina patrones narrativos y poéticos, destacando cómo los textos de Berceo articulan dimensiones espirituales, sociales y literarias. Mediante un estudio comparativo, se pone de manifiesto cómo estas representaciones reafirman la centralidad de la figura mariana en la consolidación de valores comunitarios y en la construcción de discursos sobre la vida, la muerte y la fe en la Edad Media. Al promover el diálogo entre la traducción y el análisis literario, esta tesis contribuye a los estudios sobre literatura hagiográfica y medieval, ampliando las posibilidades de comprensión histórica y cultural de estas narrativas fundamentales para la tradición occidental.

Palabras clave: literatura medieval; Gonzalo de Berceo; Virgen María; muerte; traducción.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mulher do Apocalipse.....	43
Figura 2: Anunciação com três vinhetas marginais.....	45
Figura 3: Robert Boyvin. Anunciação.....	51
Figura 4: Virgem com o menino em majestade.....	55
Figura 5: Virgem Maria com o São Jorge e São Teodoro.....	56
Figura 6: Catedral Saint-Bavo.	63
Figura 7: “Adoração do Cordeiro Místico”	64
Figura 8: Retábulo fechado.	65
Figura 9: Interior da Igreja da Abadia de Saint-Robert.....	91
Figura 10: Interior da Igreja da Abadia de Saint-Robert.....	92
Figura 11: Interior da Igreja da Abadia de Saint-Robert.....	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: HAGIOGRAFIA E MILAGRE MEDIEVAL NA OBRA DE GONZALO DE BERCEO	26
1.1 A hagiografia.....	26
1.2 Os relatos de <i>miracula e exempla</i>	28
1.3 Autores e obras medievais com a temática dos Milagres.....	32
1.4 Indicações e possibilidades sobre a biografia de Gonzalo de Berceo	37
CAPÍTULO 2: O CULTO MARIANO E AS PEREGRINAÇÕES NO CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL, LITERÁRIO E RELIGIOSO DOS SÉCULOS XII E XIII	41
2.1 A mariologia: aspectos do universo <i>maravilhoso</i> em torno da Virgem	41
2.1.1 Da Assunção.....	46
2.2 O culto e o papel de intercessão da Virgem no imaginário medieval	49
2.3 As peregrinações europeias e o culto mariano	53
CAPÍTULO 3: <i>INTRODUCCIÓN DE LOS MILAGROS DE NUESTRA SEÑORA</i> : TRADUÇÃO E ANÁLISE.....	57
3.1 O prólogo e o <i>Gênesis</i> : o jardim do Éden	59
3.2 A simbologia bíblica e a construção dos epítetos marianos	66
3.3 O <i>homo viator</i>	79
CAPÍTULO 4: O TEMA DA MORTE EM GONZALO DE BERCEO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS SOBRE OS 12 PRIMEIROS POEMAS DE MILAGRES DA VIRGEM MARIA	87
4.1 Um breve histórico sobre a morte na história e na literatura antiga e medieval.....	87
4.2 Tradução dos 12 primeiros milagres	94
4.2.1 Milagre I – La casulla de san Ildefonso – A casula de Santo Ildefonso.....	96
4.2.2 Milagre II – <i>El sacristán fornicario</i> – O sacristão fornicador.....	102
4.2.3 Milagre III – <i>EL clérigo y la flor</i> – O clérigo e a flor	109
4.2.4 Milagre IV – El galardón de la Virgen – O galardão da Virgem	113
4.2.5 Milagre V – El pobre caritativo – O pobre caridoso	120
4.2.6 Milagre VI - El ladrón devoto – O ladrão devoto	123
4.2.7 Milagre VII – San Pedro y el monje mal ordenado – São Pedro e o monge ordenado	129
4.2.8 Milagre VIII – El romero de Santiago – O romeiro de São Tiago	134
4.2.9 Milagre IX – El clérigo simple – O clérigo simplório	141
4.2.10 Milagre X – Los dos Hermanos – Os dois irmãos	145
4.2.11 Milagre XI – El labrador avaro – O lavrador avaro	153

4.2.12 Milagre XII – El prior y el sacristán – O prior e o sacristão	155
CONCLUSÃO	161
REFERÊNCIAS	173
ANEXO A.....	183

INTRODUÇÃO

O estudo da literatura medieval por intermédio dos relatos, da poesia lírica, trovadoresca e jogralesca, e da prosa épica, é um campo de pesquisa abrangente que envolve temas religiosos, históricos e filosóficos. Apesar de vários historiadores da contemporaneidade, como Jacques Le Goff,¹ contestarem o período estabelecido para a Idade Média, que, para ele pode ter se estendido até o século XVIII, nesta tese, considera-se que a literatura da Idade Média foi produzida a partir do século V, estendendo-se até o século XV, a saber: iniciando com o fim da Antiguidade, que se estabeleceu com a queda do Império Romano, e finalizando no início do Renascimento.²

A Idade Média é, frequentemente, designada por alguns historiadores e humanistas, como Petrarca (1304-1374) e Voltaire (1694-1778), como a chamada “Idade das Trevas”. Esse período foi caracterizado por conflitos constantes e perseguições religiosas fortemente influenciadas pela Igreja Católica. Contudo, conforme aponta Le Goff, Petrarca foi, possivelmente, o primeiro a empregar a expressão *medium tempus* ou *media tempora*, referindo-se a um período percebido como obscuro, situado entre a Antiguidade Clássica e o Renascimento.³ Nesse intervalo “mediano”, o cultivo das letras e das artes teria declinado, ressurgindo apenas no século XV. Assim, pode-se constatar que a Idade Média foi depreciada e interpretada como uma era de obscurantismo religioso, artístico e intelectual.

Para Le Goff, Voltaire concluiu que: “A Europa inteira afundou no aviltamento até o século XVI” E: “Foi o último degrau de uma barbárie brutal e absurda para manter, pelos delatores e pelos carrascos, a religião de um deus que os carrascos mataram”.⁴ Essa visão retrata o período como uma era dominada pela ignorância, pela violência e pelo fanatismo religioso, associada a práticas opressivas, como a Inquisição, as Cruzadas e a supressão do conhecimento científico e filosófico.

Hilário Franco Júnior⁵ acrescenta alguns posicionamentos de iluministas e renascentistas sobre o conceito pejorativo do período medieval. Dentre eles, além de Petrarca e Voltaire, estão: Rafael Sanzio (1483-1520), François Rabelais (1713-1784), Denis Diderot (1713-1784) e Condorcet (1743-1794). Esses filósofos e pensadores

¹ LE GOFF, J. *Uma longa Idade Média*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2011. p. 29.

² Para esta tese, a Idade Média foi concebida a partir da divisão: Alta Idade Média, séculos V-XI, Baixa Idade Média, séculos XI-XV (LE GOFF, 2011, p. 29).

³ LE GOFF, 2011, p. 27-28.

⁴ LE GOFF, 2011, p. 27-28.

⁵ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. 2. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 9-10.

estavam, para Hilário Franco, convictos de que o período que se situa entre a Antiguidade e o Renascimento estaria repleto do obscurantismo e impregnado do pensamento religioso, sobretudo, católico:

Portanto, o sentido básico mantinha-se renascentista: a “Idade Média” teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. Ou seja, também para o século XVII os tempos “medievais” teriam sido de barbárie, ignorância e superstição. Os protestantes criticavam-nos como época de supremacia da Igreja Católica. Os homens ligados às poderosas monarquias absolutistas lamentavam aquele período de reis fracos, de fragmentação política. Os burgueses capitalistas desprezavam tais séculos de limitada atividade comercial. Os intelectuais racionalistas deploravam aquela cultura muito ligada a valores espirituais.⁶

No entanto, na metade do século XIX, no Romantismo, a Idade Média passa a ser vista de maneira diferente em relação aos séculos antecedentes. Há uma inversão do preconceito em relação a esse período, visto que os pensadores e escritores românticos se identificaram com as questões da fé do medievo.

Hilário Franco afirma que:

Vista como época de fé, autoridade e tradição, a Idade Média oferecia um remédio à insegurança e aos problemas decorrentes de um culto exagerado ao cientificismo. Vista como fase histórica das liberdades, das imunidades e dos privilégios, reforçava o liberalismo burguês vitorioso no século XIX. Dessa maneira, o equilíbrio e a harmonia na literatura e nas artes, que o Renascimento e o Classicismo do século XVII tinham buscado, cedia lugar à paixão, à exuberância e à vitalidade encontráveis na Idade Média. A verdade procurada através do raciocínio, que guiara o Iluminismo do século XVIII, cedia lugar à valorização dos sentidos, do instinto, dos sonhos, das recordações.⁷

Nesse trecho, destacam-se duas visões da Idade Média: a primeira, como uma “época de fé, autoridade e tradição”, vista como um antídoto aos excessos do cientificismo. Essa perspectiva ressoa especialmente no contexto de movimentos como o Romantismo do século XIX, que buscaram recuperar aspectos espirituais e emocionais que teriam sido ofuscados pela racionalidade extrema promovida pelo Iluminismo. No entanto, essa idealização da Idade Média como um período de “remédio” pode ser criticada por ignorar as tensões internas da época, como as divisões religiosas e as limitações impostas pela rígida hierarquia social.

Por outro lado, a Idade Média é também descrita como um período que inspirou a ascensão do liberalismo burguês no século XIX, devido à valorização de “liberdades, imunidades e privilégios”. Essa leitura, embora interessante, pode ser vista como

⁶ FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 10.

⁷ FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 11.

anacrônica, já que projeta valores modernos em um contexto histórico que funcionava sob lógicas distintas, como o feudalismo e a fragmentação do poder político. Assim, essa interpretação revela mais sobre as aspirações do século XIX do que sobre a realidade medieval em si.⁸

A segunda parte da citação ressalta o contraste entre a Idade Média e os movimentos culturais subsequentes, como o Renascimento, o Classicismo e o Iluminismo. Hilário Franco sugere que os valores medievais, com sua “paixão, exuberância e vitalidade”, desafiavam a busca renascentista por equilíbrio e harmonia e a ênfase iluminista no racionalismo. Essa ideia é particularmente relevante, pois amplia o conhecimento sobre diversidade e riqueza cultural da Idade Média, que, muitas vezes, é reduzida a estereótipos de obscurantismo. Essa visão romântica pode simplificar o período, subestimando a complexidade dos debates intelectuais medievais, como os avanços na filosofia escolástica e nas ciências naturais.

Finalmente, ao sugerir que a verdade do Iluminismo cede lugar à valorização dos sentidos e das emoções, a reflexão parece sugerir que há um ciclo de valorização e de desvalorização de diferentes formas de conhecimento e expressão ao longo da história. Essa observação é pertinente, mas pode ser criticada por traçar divisões muito rígidas entre os períodos históricos, ignorando os processos de continuidade e transformação que os conectam. O Iluminismo e a Idade Média não são necessariamente opostos, mas, em muitos casos, o pensamento iluminista se baseou em fundamentos construídos durante o período medieval.

As observações de Hilário Franco oferecem um panorama rico e provocador, mas também convida a uma leitura crítica. Ao examinar a Idade Média como um reflexo das necessidades e dos valores de épocas posteriores, deve-se estar atento para não cair em idealizações ou simplificações, reconhecendo tanto os méritos quanto as contradições desse período histórico.

No século XX, alguns historiadores começaram a reconhecer a importância de analisar os períodos históricos da humanidade sem recorrer, explicitamente, a julgamentos de valor sobre o passado. A Idade Média passou, então, a ser compreendida a partir de seu legado e sob a perspectiva do pensamento medieval, na historiografia e nas esferas da literatura, da arte e da filosofia. Assim, compreender a literatura medieval significa, em essência, entender o pensamento, os costumes e o contexto que a produziu.

⁸ FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 11.

Na Alta Idade Média, séculos V a XI, a cultura e as produções literárias tinham como principal centro os mosteiros. Nesse contexto, apenas os clérigos possuíam a formação necessária para atuar como mestres, enquanto os aspirantes ao clero eram os únicos admitidos como discípulos. Como ressalta Manuel C. Díaz y Díaz, não havia, nesse período, uma concepção de “cultura pela cultura” ou de “cultura para todos”. Essa exclusividade, quer seja vista como uma limitação ou como uma característica intrínseca da época, moldou profundamente o desenvolvimento cultural e literário medieval.⁹

Segundo Spina, diversos fatores contribuíram para que a cultura literária desse período histórico – marcado pela transição do latim clássico para as línguas românicas – não alcançasse uma ampla difusão na sociedade. Entre esses fatores, destacam-se elementos de ordem histórica, genética, sociológica, política e econômica, que, em conjunto, limitaram o alcance e a acessibilidade das produções literárias, condicionando o desenvolvimento cultural à complexidade das transformações estruturais da época. Para ele:

A estrutura social, a influência da Igreja, os sucessivos fluxos migratórios e invasores (germânicos, húngaros, irlandeses e árabes), de altas e complexíssimas consequências culturais; a organização política feudal, o fenômeno ecumênico das Cruzadas e a consequente contribuição das formas culturais do Oriente (asiática e bizantina); as heterodoxias religiosas e, como substrato disso tudo, a permanência dos resíduos culturais da Antiguidade Clássica atenuada e descaracterizada pela Igreja constituem o pano de fundo de um longo período em que os povos anseiam pela sua unidade política na definição das nacionalidades, e em que os falares românicos procuram superar o latim como instrumento de comunicação oral e escrita.¹⁰

A partir do século XI e nos séculos subsequentes, do XII ao XV, é possível observar o surgimento de uma literatura mais expressiva e claramente delineada. Conforme argumenta Spina, esse período é marcado pelo afastamento gradual da literatura profana em relação às produções de caráter litúrgico.¹¹ Ele ainda ressalta que essa literatura apresenta maior definição, uma vez que suas intenções estéticas se tornam mais evidentes. Assim, a literatura da Baixa Idade Média, compreendida entre os séculos XI e XV, adquire características mais precisas, o que a torna mais suscetível a um exame sistemático e à classificação dentro de quadros estilísticos específicos, evidenciando um desenvolvimento cultural e artístico mais estruturado.¹²

⁹ DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *La cultura medieval y los mecanismos de producción literaria*. Universidad de Santiago – VII Semana de Estudios Medievales del 29 de Julio al 2 de Agosto, 1996.

¹⁰ SPINA, Segismundo. *A cultura literária medieval*. São Paulo. Ateliê Editorial. 2007. p. 15-16.

¹¹ SPINA, 2007, p. 19.

¹² SPINA, 2007, p. 19.

Spina classifica a literatura da Baixa Idade Média em três tipologias básicas, a partir de critérios estéticos: empenhada, semi-empenhada e de ficção.¹³

A literatura empenhada caracteriza-se como uma produção literária com propósitos didáticos definidos, sendo representada por obras como os lapidários (que abordam as virtudes das pedras preciosas), os bestiários (compilações de zoologia alegórica) e, principalmente, a literatura moral-religiosa, que engloba hinos, hagiografias, poemas sacros, dramas litúrgicos, milagres, mistérios, autos e moralidades. Por outro lado, a literatura semi-empenhada ocupa uma posição intermediária, apresentando produções de caráter satírico, mas com evidente propósito artístico. Exemplos dessa categoria incluem poemas líricos goliardos, poesia alegórica, *fabliaux* (contos de natureza erótica, fantástica, espirituosa, cômica ou mesmo cruel) e o teatro cômico. Por fim, a literatura de ficção é definida por seus claros intuitos estéticos e seu caráter desinteressado, sendo representada por gêneros como a poesia épica (incluindo as sagas escandinavas, as canções de gesta francesas e o poema alemão *Das Nibelungenlied*),¹⁴ a lírica trovadoresca, as baladas (narrativas românticas)¹⁵ e a épica novelesca, que abrange o romance cortês, o romance de cavalaria, o romance de aventura e a novela erótico-sentimental. Essa classificação reflete as múltiplas finalidades e a riqueza cultural dos estilos literários da época.¹⁶

No contexto da literatura espanhola, é essencial destacar questões fundamentais para a compreensão histórica e cultural da Península Ibérica durante o período medieval, particularmente no século XI. Conforme observa Elena Catena,¹⁷ a Península estava dividida em dois grandes blocos: a Espanha cristã e a Espanha muçulmana. O primeiro era composto por pequenos reinos independentes, como Leão, Castela, Navarra, Aragão e Catalunha, situados ao norte dos rios Tejo e Ebro. Essa região era marcada pela pobreza e pela austeridade, mas também por um forte senso de coletividade, foi influenciado pelo objetivo comum de recuperar as terras ocupadas pelos árabes desde 711 d.C. Esse projeto, conhecido como a Reconquista, perdurou por quase 800 anos, culminando em 1492 com a conquista do Reino de Granada, o que marcou o fim da presença muçulmana na Península.

¹³ SPINA, 2007, p. 19.

¹⁴ “*Nibelungenlied*”, também conhecido como “Canção dos Nibelungos”, é um dos maiores e mais importantes poemas épicos da literatura germânica medieval. Essa canção narra uma história trágica de heróis, traições e vingança, centrada na figura do herói Siegfried e nos eventos que se seguem à sua morte (SPINA, 2007, p. 23).

¹⁵ SPINA, 2007, p. 21.

¹⁶ SPINA, 2007, p. 20-21.

¹⁷ CATENA, Elena. *Iniciación a la historia de la literatura española. Literatura medieval española*. 1979.

Por outro lado, na mesma época, o território muçulmano apresentava-se fragmentado em pequenos reinos conhecidos como *taifas*, além de uma vasta área sob o controle dos Almorávidas, que dominavam tanto o noroeste da África quanto o sul da Península Ibérica. Essa divisão política espelha a complexidade das dinâmicas internas da Espanha muçulmana, com disputas intestinas que influenciaram tanto o avanço cristão quanto as trocas culturais.

Embora a Reconquista seja frequentemente interpretada como um período de conflito constante e de destruição, essa visão simplificada desconsidera os momentos de coexistência pacífica entre judeus, muçulmanos e cristãos. Durante os períodos de trégua, esses grupos compartilharam conhecimentos, habilidades e práticas culturais, enriquecendo mutuamente suas tradições. Mesmo nas fases de enfrentamento aberto, o respeito e a tolerância prevaleceram em muitos casos, desafiando as narrativas que reduzem essa relação a antagonismos religiosos ou étnicos.¹⁸

A interpretação mais equilibrada da Reconquista evidencia que a Península Ibérica medieval foi um espaço de interações complexas, cuja literatura, arte e ciência foram moldadas por influências mútuas. Reduzir esse período a um embate entre judeus, cristãos e muçulmanos desconsidera a riqueza das conexões culturais que, inevitavelmente, contribuíram para a identidade ibérica e, mais amplamente, para a literatura que emergiu nesse contexto complexo e heterogêneo.

Para Catena (1979), no contexto da língua falada na Espanha medieval, houve a coexistência de dois blocos linguísticos distintos. No território muçulmano, predominava o árabe, enquanto no domínio cristão, o latim evoluiu, originando as línguas românicas que, posteriormente, se consolidaram como o espanhol, o galego e o catalão.

A literatura medieval preserva diversos textos provenientes desse período, entre os quais se destacam as *jarchas*,¹⁹ os cantares de gesta – com ênfase em *El Cantar de Mio Cid*²⁰ –, a poesia trovadoresca, representada pela obra de Afonso X, e as produções do *Mester de Clerecía*, como as composições de Gonzalo de Berceo. Outras obras importantes são: *Libro de Buen Amor*, de Juan Ruiz, e *La Celestina*, de Fernando de

¹⁸ CATENA, 1979.

¹⁹ São as primeiras obras literárias escritas em espanhol, por volta do ano 1040. Seu início foi muito modesto: eram pequenas canções de dois a quatro versos com temas amorosos (normalmente sobre uma donzela que lamenta a ausência de seu amante), escritas em árabe ou hebraico. Estas cantigas anônimas foram registradas na língua falada pelos moçárabes, ou seja, pelos cristãos que viviam em um país dominado pelos árabes. (QUEJIGO, Francisco Javier Grande. *Aproximación a la literatura castellana de la Edad Media*, 2020. p. 32).

²⁰ Embora seja verdade que muitos cantares foram escritos, apenas um, *El Cantar de Mio Cid*, sobrevive até hoje e põe em destaque a figura do infante castelhano Dom Rodrigo Díaz de Vivar, nascido por volta de 1043 e falecido em Valência em 1099. A primeira obra literária espanhola foi inspirada nesse herói. (CATENA, 1979).

Rojas. Já no século XV, os *Cancioneros* ganham relevância, com destaque para o *Cancionero de Stúñiga*, compilado por Alfonso V de Aragão, e o *Cancionero de Baena*, elaborado sob a ordem de Juan II de Castela.

Nesta tese, o foco recairá sobre a literatura empenhada, especialmente a produção em língua espanhola predominantemente religiosa, conforme analisada por Segismundo Spina (2007). Essa vertente abarca gêneros como as hagiografias e os relatos de milagres, com maior expressão nos séculos XII e XIII, que serão objeto de análise e estudo nesta pesquisa.

O destaque principal desta tese é o texto *Milagros de Nuestra Señora*, uma coletânea de poemas escrita em *cuaderna vía* por Gonzalo de Berceo. Esse autor é considerado um dos pioneiros da literatura em espanhol medieval, sendo, segundo alguns estudiosos, o primeiro a compor textos substanciais nesse idioma.²¹

No artigo “O vocabulário da morte na Espanha do século XIII segundo a obra de Berceo”, Joël Saugnieux afirma que Berceo “escreve numa época em que o latim ainda é a língua dos clérigos, mas que em alguns, como ele, se ressentem da necessidade de exprimir em romance. É o período em que o castelhano afirma de fato sua autonomia”.²² De fato, Berceo apropria-se de textos latinos que já narravam os milagres da Virgem e os reescreve em forma de poemas rimados, utilizando a técnica de *cuaderna vía*.

Gonzalo de Berceo foi um clérigo erudito, associado ao *mester de clerecía*, estilo literário caracterizado por uma técnica rigorosa e pela regularidade métrica. Essa tradição era predominante entre os religiosos que buscavam um refinamento técnico em suas composições, combinando a transmissão de conteúdos religiosos com uma estética formal elaborada.²³

O interesse por esta obra decorre, em grande parte, da admiração pela Idade Média e pelo seu rico universo simbólico, que continua a inspirar a literatura contemporânea, além de ser frequentemente explorado no teatro e no cinema. A pesquisa surge, ainda, do

²¹ Gonzalo de Berceo é considerado o primeiro poeta conhecido na literatura castelhana, uma vez que é o primeiro nome autoral nessa língua vernácula, já que não conhecemos a autoria do *Cantar del mio Cid*, obra que antecede Gonzalo de Berceo. Essa afirmação se dá por intermédio de várias pesquisas de autores renomados, os quais serão utilizados nesta pesquisa: Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, Brian Dutton, Juan A. Ruiz Dominguez, entre outros.

²² SAUGNIEUX, Joël. O vocabulário da morte na Espanha do século XIII segundo a obra de Berceo. In: *A morte na Idade Média*. Herman Braet e Werner Verbeke (ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 147-179. (Ensaio de Cultura, 8). p. 148.

²³ SPINA, 2003, p. 176, 178.

estudo realizado sobre o gênero milagre em *O Codex Calixtinus: milagres e maravilhas no século XII*, de 2017,²⁴ consolidando a investigação acadêmica nesse campo.

Esta tese inscreve-se no campo dos estudos de tradução medieval sob a inspiração do legado intelectual das professoras Ângela Vaz Leão (1922–2024) e Viviane Cunha, ambas da Faculdade de Letras da UFMG. Suas contribuições, fundamentais para a consolidação dos estudos medievais na instituição, revelam-se em uma trajetória marcada por rigor acadêmico, sensibilidade filológica e compromisso com a transmissão do saber. Por meio de pesquisas, artigos e obras dedicadas à tradução e à análise literária da Idade Média, essas professoras deixaram um patrimônio inestimável que continua a iluminar e orientar os caminhos de novas gerações de pesquisadores. Esta tese, portanto, presta-lhes sincera homenagem e se alinha à continuidade desse projeto de investigação e preservação da tradição literária medieval.

Dona Ângela Vaz Leão dedicou mais de duas décadas de sua vida à Faculdade de Letras da UFMG (1959-1987), onde exerceu papel decisivo na consolidação institucional e acadêmica da unidade. Foi a primeira diretora da Fale e a idealizadora da primeira pós-graduação em Letras da universidade, deixando marcas indeléveis na formação de gerações de docentes, pesquisadores e tradutores. Com impressionante erudição, atuou como filóloga, tradutora e estudiosa da literatura medieval, tendo como centro de sua trajetória intelectual as *Cantigas de Santa Maria*, do rei Afonso X — obra à qual dedicou atenção minuciosa, sensibilidade crítica e rigor científico ao longo de décadas. Seu legado transcende os textos que traduziu e analisou: permanece vivo na cultura universitária que ajudou a edificar, nos caminhos que abriu para os estudos medievais no Brasil e na inspiração que continua a oferecer àqueles que, como ela, creem na beleza e na força da palavra.

Como professora, desempenhou um papel essencial na formação de professores, pesquisadores e tradutores, orientando com generosidade intelectual e firmeza acadêmica diversas gerações de estudiosos dedicados à literatura medieval ibérica e à filologia românica. Entre os muitos nomes que formou, destaca-se o da Professora Viviane Cunha – minha orientadora desde a iniciação científica até o doutorado –, o que evidencia a continuidade e a profundidade de sua influência. Seu trabalho meticuloso na tradução, pesquisa e crítica de textos medievais resultou em uma produção de altíssimo valor, marcada pelo rigor filológico e pela delicadeza interpretativa. Por meio de traduções

²⁴ DIAS, Karine Grazielle. *O Codex Calixtinus: milagres e maravilhas no século XII*. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

comentadas, artigos e ensaios, Vaz Leão nos legou uma obra que ilumina a densidade linguística e cultural da Idade Média e revela sua beleza estética, tornando acessível ao leitor contemporâneo um universo literário de grande sofisticação e riqueza simbólica.

Já a professora Viviane Cunha dedicou-se ao magistério na Faculdade de Letras da UFMG de 1986 a 2023, ano em que se aposentou, deixando um patrimônio intelectual e humano profundamente enraizado na instituição. Reconhecida como uma das maiores referências nos estudos de filologia e literatura medieval, sua trajetória acadêmica foi marcada pela erudição, pelo rigor metodológico e pela sábia generosidade. Ao longo de sua carreira, publicou diversos artigos e pesquisas que se tornaram fundamentais para o campo, além de orientar com esmero inúmeras gerações de estudantes e docentes, contribuindo decisivamente para a consolidação desses estudos no Brasil. A presente tese é fruto direto de sua orientação e do seu olhar atento, que inspiraram a constituição de uma linha de pesquisa e de tradução comprometida com o aprofundamento e a difusão do herança literária medieval, enriquecendo de forma significativa a fortuna crítica sobre o período.

No Brasil, os estudos sobre a literatura medieval têm se concentrado, predominantemente, nas cantigas trovadorescas, com especial destaque para Afonso X, cuja obra celebra a figura da Virgem Maria em cantigas de milagres e de louvores. Embora Gonzalo de Berceo seja autor de outros textos, entre os quais *Milagros de Nuestra Señora* se destaca pelo caráter moralizante e didático, ainda existem amplas possibilidades para estudos que analisem ou traduzam essa coletânea para o português. Nesse contexto, pesquisas literárias e historiográficas, como as desenvolvidas por Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (UFRJ), constituem importantes referências nos estudos sobre Berceo.

O foco desta tese será a temática da morte, presente nos 25 poemas dos *Milagros de Nuestra Señora*. Neles, a Virgem Maria é apresentada como mediadora entre Deus e os homens no momento da morte, reforçando um dos princípios fundamentais da doutrina cristã: a morte não é o fim, mas uma transição. Essa abordagem ecoa na literatura universal, em que a finitude humana é explorada em múltiplos gêneros e períodos históricos.

A morte, intrinsecamente ligada ao ciclo vital, sempre foi tema recorrente em diversos gêneros literários e artísticos, atravessando épocas e culturas em várias civilizações. A representação da finitude humana, encenada e reencenada ao longo da história, constitui-se como um momento privilegiado para escritores que, por meio de suas narrativas ou poemas, exploram essa temática em personagens e situações

memoráveis. De *Hamlet* a *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, a morte é utilizada como um recurso profundo de reflexão sobre a vida, revelando-se uma presença constante na poesia, na dramaturgia e na literatura em geral.

A literatura, ao abordar a morte, atua quase como um espelho na representação da condição humana, refletindo as ansiedades, esperanças e medos mais profundos da humanidade. Esse olhar para o fim confronta o mistério da mortalidade e oferece uma oportunidade de compreendê-la sob perspectivas diversas – ora confortadoras, ora perturbadoras. Por meio de questões filosóficas, religiosas e existenciais, os textos literários têm explorado a morte como um fenômeno inevitável e central à experiência humana.

Paradoxalmente, a morte na literatura não se limita a simbolizar o término da vida; ela surge como um elemento catalisador, revitalizando o sentido da existência. Universal e persistente, essa temática atravessa culturas, épocas e gêneros, desde os mitos antigos até as narrativas contemporâneas. A morte, enquanto mistério profundo, continua a inspirar um caleidoscópio de textos, imagens e significados, reafirmando sua relevância como um dos temas mais complexos e fundamentais da condição humana.

Nesta pesquisa, portanto, o foco recairá sobre os *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, com o exame de suas principais características. Entre elas, destaca-se a função de divulgar textos religiosos, considerando que os milagres narrados em forma de poemas constituem os primeiros registros desse gênero conhecidos em língua castelhana. Ademais, será abordado o uso de recursos estilísticos característicos dos poetas do *mester de clerecía*, como a incorporação do discurso direto e a presença de elementos dramáticos no texto.

A coletânea de poemas de milagres também se distingue pelas analogias com o mundo rural e a natureza, aspectos que aproximam sua narrativa do cotidiano dos cristãos da época, conferindo maior acessibilidade à mensagem religiosa. Outro ponto central é o culto à Virgem Maria, cuja veneração alcançou seu auge nos séculos XII e XIII, reforçando o caráter devocional e didático dos poemas de Berceo.

Milagros de Nuestra Señora, de Gonzalo de Berceo, apresenta duas partes: a primeira é uma introdução alegórica da viagem de um peregrino, a saber, um prólogo, no qual o “eu poético”, é o próprio poeta, explicitado desde o início. Já, a segunda parte, é composta de 25 milagres, em forma de poemas narrativos, seguindo a estrutura de

cuaderna via.²⁵ As personagens dos milagres são devotas da Virgem, que em cada relato são salvas dos pecados ou de influências malignas. Percebem-se três finais possíveis para esses milagres, fazendo-se uma provável avaliação dos poemas: Maria premia ou castiga os pecadores; ela perdoa e os salva da condenação; Maria ajuda seu devoto a superar uma crise espiritual.

Nesta tese, inicialmente, será apresentada um estudo acompanhado da contextualização dos gêneros textuais *miracula* e *exempla*, com foco na hagiografia. Essa abordagem considera que os milagres possuem precedentes na tradição hagiográfica da Antiguidade Tardia, abrangendo os séculos III ao VIII. Em seguida, será realizado um estudo detalhado sobre os milagres, incluindo a conceituação e a observação de sua tipologia, especificamente *miracula* e *exempla*.

Será tratado, a seguir, o culto à Virgem Maria, especialmente no século XII, uma vez que o propósito básico desta pesquisa é traduzir e analisar o prólogo e os doze primeiros milagres,²⁶ de *Milagros de Nuestra Señora*, na qual o protagonismo da Virgem é o tema principal.

Para apresentar os poemas em uma versão do português, será feita a tradução e a análise à luz das teorias da tradução, por meio de comentários e notas, relacionados a estudos filológicos, os quais trazem maior visibilidade ao *corpus* da tese. No estudo literário, serão feitas possíveis aproximações dos poemas de milagres com os textos clássicos, bíblicos, históricos e hagiográficos. Para essas observações, estarão no horizonte as relações e as ações da figura da Virgem Maria, protagonista dos milagres, com a mortalidade humana.

Consoante esta abordagem proposta, serão criadas três categorias temáticas que levarão em consideração as ações de intercessão da Virgem Maria nos planos de salvação dos homens pecadores no momento da morte, para melhor investigação dos milagres apresentados. As categorias serão: morte e recompensa por devoção à Virgem (mediadora entre Deus e os homens no juízo final); morte como punição ou redenção; e morte e ressurreição.

Esta tese inscreve-se nas pesquisas de estudos literários e historiográficos sobre a Idade Média, e sobre a temática mariana, bem como, na fortuna crítica de Gonzalo de Berceo.

²⁵ *Cuaderna vía* é uma forma poética característica da literatura medieval espanhola, especialmente associada ao *Mester de Clerecía*, escola literária composta por clérigos e homens cultos que escreviam em castelhano durante os séculos XIII e XIV.

²⁶ A tradução aqui apresentada contemplará o prólogo e os doze primeiros milagres da obra *Milagros de Nuestra Señora*. A outra metade da obra fará parte de um *corpus* para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1: HAGIOGRAFIA E MILAGRE MEDIEVAL NA OBRA DE GONZALO DE BERCEO

1.1 A hagiografia

O culto aos santos ocorre desde que o cristianismo começou a ser propagado no mundo ocidental, porém, foi na Idade Média que ele se difundiu e se consolidou. Foram construídos centros de veneração e institucionalização para o reconhecimento oficial dos santos e, a partir dessa expansão, os textos hagiográficos desenvolveram-se como principais documentos de reconstrução do fenômeno da santidade no período medieval.²⁷

De acordo com Isabel Velázquez, a hagiografia pode ser compreendida sob duas perspectivas principais. A primeira refere-se ao estudo dos santos, abrangendo suas histórias, cultos e lendas. Esse enfoque fundamenta-se no registro escrito, que serve como evidência da historicidade do santo, com o objetivo de reunir toda a documentação existente sobre a personalidade santificada. Busca-se, assim, investigar o momento e as circunstâncias em que seu culto teve início, bem como a origem das narrativas sobre sua vida, seus milagres e suas relíquias. Já a segunda definição entende a hagiografia como um conjunto de textos pertencentes à cultura e à literatura cristã, cuja temática central é a vida dos santos.²⁸ Gênero literário que pode abarcar diferentes textos e estilos de escrita (atas, paixões, vidas, legendários, hinos, milagres, fatos históricos), a hagiografia objetiva, sobretudo, difundir o culto aos santos.

Velázquez define a obra hagiográfica como aquela de caráter religioso, cuja finalidade é promover edificação espiritual. Assim, trata-se de toda produção escrita inspirada no culto aos santos e destinada a exaltá-los. A autora também contextualiza essa temática ao observar que o cristianismo surgiu no mundo greco-latino antigo, transformando gradualmente, e posteriormente de forma decisiva e absoluta, as bases desse contexto cultural. Essa transformação trouxe uma nova forma de compreender a realidade, desenvolvendo uma mentalidade que confrontava os ideais vigentes, especialmente no que se refere à associação entre concepção divina e poder.²⁹ Um dos objetivos centrais do cristianismo era a evangelização, o proselitismo e, em última instância, a expansão de suas crenças, das mensagens dos evangelhos e da figura de Cristo:

²⁷ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Reflexões sobre a Hagiografia Ibérico Medieval*, 2008. p. 19.

²⁸ Cf. VELÁZQUEZ, Isabel. *Hagiografia y culto a los santos en la hispania visigoda: aproximación a sus manifestaciones literarias*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 2002. p. 31.

²⁹ VELÁZQUEZ, 2002, p. 40.

*Pero no basta con la difusión de los textos canónicos, surge una literatura personal, de autores, que dan forma a las exigencias de difusión, a veces de supervivencia, de nueva fe. Para esto necesitaban de una teoría doctrinal y de una defensa de su verdad revelada que se comparara, y venciera en la comparación, con el mundo pagano.*³⁰

A literatura cristã não emerge de forma isolada ou independente, tampouco constitui um fenômeno inédito no mundo ocidental. Ela se fundamenta em dois pilares: os textos judaicos e os de origem pagã, especialmente das tradições gregas e latinas. Assim, as manifestações literárias cristãs inserem-se em um cenário cultural marcado pela consolidação das tradições grega e latina, cujas influências eram difundidas no contexto histórico em questão.

Conforme observa Velázquez, paralelamente à produção dos primeiros Padres da Igreja, entre os séculos I e IV – centrada prioritariamente em questões dogmáticas e doutrinárias –, surgiram obras de natureza distinta, voltadas à narração dos feitos de cristãos considerados exemplares. Esses relatos registravam a coragem daqueles que resistiram às perseguições do Império Romano, enfrentaram o martírio e, por sua fidelidade inabalável, tornaram-se referências de conduta e fontes de inspiração para os demais fiéis. A função dessas narrativas era, portanto, preservar a memória dos mártires e exaltá-los como figuras paradigmáticas de fé e resistência, incentivando sua adoção como modelos de vida espiritual por parte da comunidade cristã.³¹

O ponto de partida para a composição das hagiografias era, e ainda é, a própria Bíblia. A Igreja Católica continua a utilizar esses textos como instrumentos pedagógicos e devocionais, alinhando-os aos fundamentos doutrinários e ideológicos das Escrituras. Cristo, como Filho de Deus, é apresentado como a figura central e o modelo supremo a ser seguido, orientando a vida e a missão de mártires e santos. Nesse contexto, as hagiografias incorporam uma herança simbólica e narrativa das Escrituras, reproduzindo elementos como o confronto entre o bem e o mal, a luta do justo contra o opressor, presentes tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Por fim, Velázquez destaca que a escuta dos relatos hagiográficos pela comunidade cristã produz efeitos significativos, como a revitalização da fé e o fortalecimento do desejo de seguir o exemplo dos santos. Apresentados como personagens de vida exemplar e modelos de santidade, esses santos desempenham um papel central na consolidação de uma cultura espiritual edificante. As hagiografias,

³⁰ “Mas não basta a difusão dos textos canônicos; surge uma literatura pessoal, de autores que dão forma às exigências de divulgação e, por vezes, de sobrevivência da nova fé. Para isso, necessitavam de uma teoria doutrinária e de uma defesa de sua verdade revelada que pudesse se comparar, e superar na comparação, ao mundo pagão” (VELÁZQUEZ, 2002, p. 45, tradução nossa).

³¹ VELÁZQUEZ, 2002, p. 46.

frequentemente destinadas à leitura pública, têm por finalidade difundir o culto aos santos e legitimar as figuras reconhecidas como santas pela própria comunidade, sejam elas mártires ou não.³²

1.2 Os relatos de *miracula* e *exempla*

Os relatos de *miracula* e *exempla*³³ podem ser considerados novos gêneros hagiográficos na Idade Média, apesar de possuírem protagonistas diferentes, pois são textos oriundos da mesma popularidade e êxitos, no que se refere à doutrina cristã. Velázquez cita as *Translations* também como um dos textos oriundos das hagiografias, no entanto, para este estudo, serão utilizadas as definições de relatos de milagres e a literatura exemplar e moralizante da Idade Média.³⁴

Para conceituar os milagres medievais, é necessário refletir sobre o conceito de “maravilhoso medieval”, uma expressão complexa para ser analisada somente como um verbete de dicionário ou como uma concepção do homem moderno.

“Maravilhoso medieval” apresenta o milagre como prodígio ou maravilha. Milagre e maravilha têm origens comuns. Ambos os vocábulos se originam do verbo latino *mirari* que revela, em sua acepção, o significado de “assombrar-se, mirar com assombro ou admiração” e o adjetivo *mirus* significa “assombroso, estranho, maravilhoso”.³⁵

Le Goff, em *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*, analisa o conceito de “maravilhoso” a partir da palavra, antes de conceituar o termo: “Creio ser impossível levar por diante um estudo sério sobre tal tema se antes não se fizer um reconhecimento adequado do campo semântico do maravilhoso.”³⁶ De acordo com o historiador, verificar de que maneira o “maravilhoso” era compreendido pelos homens da Idade Média atualmente é importante porque contextualiza esse tipo de narrativa, diminuindo interpretações equivocadas.

No ocidente medieval havia, assim, um termo correspondente, *mirabilis*, que possuía um sentido aproximado ao que hoje entende-se por maravilhoso. Como

³² VELÁZQUEZ, 2002, p. 81.

³³ Termos em latim para “milagre” e “exemplos”, que aqui serão tomados como gêneros literários.

³⁴ VELÁZQUEZ, 2002, p. 85.

³⁵ Os conceitos *mirari* e *mirus* foram expostos por Mercedes Brea, em seu artigo “Milagros prodigiosos y hechos maravillosos en las Cantigas de Santa María” (1993, p. 48-49), e por Joan Corominas e José A. Pascual, no *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, 1981.

³⁶ LE GOFF, 1983, p. 15.

Merecedes Brea, Le Goff levanta a acepção da palavra que se originou da raiz *mir* (*miror*, *mirari*) e que traz a significação de algo visível, ou seja, refere-se a um olhar.³⁷

O conceito de “maravilhoso cristão” amplia o sentido, então, do maravilhoso anterior à Idade Média. Por isso, a necessidade de defini-lo no universo do cristianismo. Uma classificação para compreender o sobrenatural para o homem do ocidente medieval é necessária. Le Goff afirma que “já havia essa presença e essa pressão de um maravilhoso anterior, perante o qual o cristianismo não podia deixar de pronunciar-se, de tomar posição”.³⁸

O maravilhoso, ou seja, o sobrenatural é elemento já existente nas crenças, nos textos e nas hagiografias da Antiguidade. Consequentemente, o maravilhoso medieval possui raízes na cultura pré-cristã. Ainda, segundo Le Goff, há uma preocupação da Igreja em transformar o maravilhoso até dar-lhe um significado novo ao fenômeno, ou escondê-lo e, até mesmo, destruir aquilo que para ela representava um dos elementos mais perigosos da cultura tradicional pagã.³⁹ O maravilhoso é sedutor para os homens da época e ameaça o poder à medida que amplia leituras e sentidos do sagrado e do profano.

De forma semelhante, como ocorre com os relatos de vida de santos, os milagres também têm como referência a Bíblia, sobretudo os Evangelhos, pois encontram-se neles a legitimação e os arquétipos fundamentais, principalmente na concepção de santidade e exemplaridade das ações de Cristo.⁴⁰

Para Aires Nascimento, a intenção nos milagres:

não corresponde menos a uma certa diversidade de interesses, que vão do catequético e chegam ao apologético (demonstração de uma verdade contra hereges), passando pela intenção doutrinal (o milagre manifesta a atuação divina em maior plenitude do que no tempo dos Patriarcas ou dos Profetas) e pelo intuito pragmático (garantir o sucesso de peregrinação e a edificação ou manutenção de um santuário através das ofertas dos devotos).⁴¹

O milagre será, assim, vinculado ao culto aos santos e às suas relíquias, visto que é necessário um contato com o corpo do santo para que o milagre aconteça. Por isso, os milagres foram objeto de promoção e de divulgação das grandes peregrinações medievais, uma vez que as viagens aos sepulcros sagrados eram prática recorrente na Idade Média.

³⁷ BREA, Mercedes. *Milagros Prodigiosos y hechos maravillosos en las cantigas de Santa Maria*. 1993. p. 49-50.

³⁸ LE GOFF, 1983, p.17.

³⁹ LE GOFF, 1983, p.18.

⁴⁰ NASCIMENTO, Aires. Milagres Medievais, In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (coord.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Tradução de José Colaço Barreiros e Artur Guerra. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993, p. 460.

⁴¹ NASCIMENTO, 1993, p. 460.

Em virtude dessa adoração ao corpo santificado – o papel da intercessão do santo – o milagre é uma ação divina em benefício de um indivíduo que recebe um auxílio por intermédio de um santo junto a Deus.

Le Goff apresenta uma possibilidade de dividir os fenômenos sobrenaturais, especialmente relacionados aos séculos XII e XIII, em três âmbitos, que se recobrem em três adjetivos possíveis: *mirabilis*, *magicus* e *miraculosus*:

Mirabilis: é o nosso maravilhoso com as suas origens pré-cristãs. [...]; *Magicus*: é sabido que o termo em si podia ser neutro para os homens do Ocidente medieval, porquanto teoricamente se reconhecia a existência de uma magia negra que tinha a ver com o diabo, mas também de uma magia branca que, em contrapartida, era considerada lícita. De facto, o termo *magicus*, e o campo por ele designado, rapidamente deslizou para o lado mal, para o lado de Satanás. *Magicus* é, portanto, o sobrenatural maléfico, o sobrenatural satânico.

O sobrenatural propriamente cristão, aquilo a que justamente poderia chamar-se o maravilhoso cristão, é o que procede de *miraculosus*.⁴²

O milagre, *miraculum*, seria um elemento restrito ao universo do maravilhoso cristão. No milagre, há somente um autor, que é Deus, ou seja, para haver milagre é necessária uma ordem que só pode ser divina.

O milagre medieval, de acordo com Ângela Vaz Leão,

é um acontecimento maravilhoso, com toques de fantástico, que se realiza em benefício de alguém, levando o seu beneficiário muitas vezes à conversão religiosa. Do ponto de vista literário, o milagre pode definir-se dentro dos gêneros medievais como uma narrativa curta, em que uma situação de crise se resolve pela intervenção de um santo, em favor de um beneficiário, que, após receber a graça, faz muitas vezes seu agradecimento num santuário dedicado àquele santo.⁴³

Sobre o milagre medieval, cabe, a partir deste ponto, conceituar e caracterizar o termo em latim *exemplum* (ou *exempla*, no plural), que por sua vez, configura-se também como um gênero literário medieval e que se insere no universo cristão, inclusive muito utilizado pela Igreja na Idade Média.

O termo latino *exemplum*, que pode ser traduzido para “exemplo”, significa, conforme acepções de dicionários contemporâneos: “1. Tudo quando pode ser ou deve ser imitado; modelo”, ou parâmetro a ser seguido, “2. Lição, fato de que se pode tirar proveito ou ensino; lição”, “3. Frase ou passagem de autor, que se menciona para estabelecer uma opinião, confirmar uma regra, ou demonstrar uma verdade”.⁴⁴

⁴² LE GOFF, 1983, p. 19.

⁴³ VAZ LEÃO, Ângela. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*: aspectos culturais e literários. 2007. p. 24.

⁴⁴ Usei a definição do Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, (FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4. Ed. Curitiba: Positivo, 2009. p. 853.

Velázquez afirma que o *exemplum* desempenhou um papel significativo na literatura medieval como modelo de conduta, apresentando figuras que serviam de exemplo e estímulo para os outros, de forma similar aos heróis da Antiguidade greco-latina.⁴⁵ Na literatura, o *exemplum* é utilizado como uma figura do *pathos*, sendo um meio de persuasão e um dos argumentos oratórios tradicionais (*signum, argumentum, exemplum*).⁴⁶

Ainda segundo Velázquez, o primeiro teólogo a adaptar o *exemplum* clássico para a literatura cristã foi Tertuliano,⁴⁷ que se baseou nos textos bíblicos para fundamentar uma literatura com finalidades pedagógicas e persuasivas.⁴⁸ Nesse contexto, os protagonistas das novas narrativas surgidas durante essa transição eram os mártires, que, ao seguirem o exemplo de Cristo, eram exaltados como heróis e grandes homens. Por sua natureza edificante, os *exempla* tornavam-se mais eficazes do que palavras apenas, assumindo uma função inspiradora e transformadora.

Na Idade Média, o conceito de *exemplum* sofreu alterações significativas. Não se restringia mais à escolha de um homem para desempenhar o papel de personagem principal, mas abrangia também a própria natureza do texto, que assumia a forma de relato ou história. Esse novo formato conferia ao *exemplum* um caráter didático, transformando-o em um instrumento de edificação moral e espiritual. Assim, o *exemplum* passou a ser concebido também como um gênero literário, desenvolvido em latim e em línguas vernáculas, com maior destaque e difusão entre os séculos XII e XV. Sua finalidade central era a persuasão, buscando induzir comportamentos específicos que os leitores ou ouvintes poderiam adotar, de maneira explícita ou implícita.⁴⁹

Le Goff define o *exemplum* medieval como “uma historieta edificante, na maioria das vezes para uso dos pregadores, que gostam de introduzir *exempla* nos seus discursos para que os ouvintes assimilem melhor a lição salutar.” Ele o considera, portanto, um produto ideológico de amplo alcance e consumo.⁵⁰

Conforme Le Goff, o *exemplum* tem origem na Antiguidade, onde era amplamente utilizado por oradores e nos processos judiciais.⁵¹ Entretanto, ao ser incorporado pelo

⁴⁵ VELÁZQUEZ, 2002, p. 129.

⁴⁶ Símbolo, argumento e exemplo. ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: *Folha de S. Paulo*: 2015.

⁴⁷ Tertuliano foi um teólogo cristão romano e patrístico do período pré-niceno (até o concílio de Niceia), considerado polemista e moralista, que escreveu vários textos fundamentais para divulgação da doutrina do cristianismo no Ocidente. É citado por Eusébio de Cesaréia, na *História Eclesiástica*, Livro II, capítulo 2, p. 50 (1ª ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1999).

⁴⁸ VELÁZQUEZ, 2002, p. 129.

⁴⁹ VELÁZQUEZ, 2002, p. 130-131.

⁵⁰ LE GOFF, 1924, p. 141.

⁵¹ LE GOFF, 1924, p. 141.

cristianismo, foi transformado e adquiriu novas formas, tornando-se especialmente difundido a partir do final do século XII, sobretudo no contexto da pregação. Durante o século XIII, período de maior expansão da literatura exemplar, os *exempla* passaram a abordar questões relacionadas às tensões entre cristãos e judeus. Nesse cenário, a Igreja utilizava os relatos de *exempla* para disseminar uma imagem pejorativa dos judeus, contribuindo para a consolidação de uma cultura antijudaica.

Jean Delumeau analisa como o medo foi uma força motriz nas sociedades ocidentais, especialmente durante a Idade Média e o início da Modernidade.⁵² O texto investiga os mecanismos de propagação do medo, explorando as figuras e grupos que foram transformados em *bodes expiatórios*. Dentre esses grupos, os judeus são retratados como uma das principais vítimas de perseguições, sendo associados ao mal e vistos como aliados de Satã no imaginário cristão.

A Igreja e a sociedade medieval construíram essa imagem do judeu, utilizando-a como ferramenta de controle social, justificção de discriminações e violência, além de aprofundar a exclusão religiosa e cultural desse grupo. Delumeau contextualiza esses fenômenos dentro de um universo de crenças sobre o pecado, a heresia e a salvação, mostrando como a ideia de um inimigo interno (como os judeus) foi central para a manutenção das estruturas de poder e ordem religiosa.⁵³

1.3 Autores e obras medievais com a temática dos Milagres

Durante grande parte do período medieval, as produções artísticas caracterizaram-se pelo anonimato, refletindo uma visão de mundo em que a individualidade do autor era subordinada ao propósito religioso ou comunitário da obra. Foi apenas na Baixa Idade Média, séculos XI-XV, que começaram a surgir registros que identificavam os autores, marcando uma transformação gradual no reconhecimento da autoria.

Os milagres, tema central das hagiografias cristãs e eclesiásticas, figuravam também nos códices medievais. Um exemplo emblemático é o *Codex Calixtinus*, também conhecido como *Liber Sancti Jacobi*, considerado um dos documentos mais significativos da Baixa Idade Média, devido à sua importância cultural e religiosa no contexto das peregrinações a Santiago de Compostela.

⁵² DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300–1800*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 414-462.

⁵³ DELUMEAU, 2009, p. 414-462.

Entre os séculos XII e XIII, três autores destacam-se na abordagem literária dos milagres: Gautier de Coincy, Afonso X (o Sábio), e Gonzalo de Berceo. Representando tradições linguísticas e culturais distintas – o francês, o galego-português e o castelhano, respectivamente –, esses autores compuseram obras em versos que celebram as virtudes e os milagres da Virgem Maria. O legado dessas produções literárias transcende o âmbito religioso, pois consolida elementos culturais e linguísticos vernáculos, contribuindo para o desenvolvimento das tradições literárias medievais e da devoção mariana na Europa Ocidental.

Segundo Ângela Vaz Leão,

entre os três poetas não há em comum senão os fatos de terem vivido em épocas mais ou menos próximas, terem sido cantores de Nossa Senhora e terem posto em versos milagres que algumas vezes se repetem nas três coleções, com evidente intertextualidade temática, porém com realização absolutamente original em cada caso.⁵⁴

Gautier de Coincy (1177-1236) é autor do texto *Les Miracles de Nostre Dame*, composto por 60 poemas narrativos escritos em francês antigo.⁵⁵ Coincy, que atuou como prior da antiga Abadia de Saint-Médard, em Vic-sur-Aisne, é responsável pela coleção mais antiga entre as três mencionadas anteriormente. Sua obra apresenta um caráter profundamente devocional, estruturada por um “Prólogo”, que inclui sete canções de louvor dedicadas à Virgem Maria, e por poemas que narram milagres amplamente conhecidos na tradição ocidental. Essa composição evidencia a influência da literatura religiosa medieval na propagação da devoção mariana e reflete a conexão entre a criação literária e a espiritualidade no contexto monástico.

Conforme Augustín Rico Mansilla, em um artigo sobre obras que tematizam os milagres atribuídos à Virgem Maria,

[...] hoy parece indudable que el antecedente más claro de la obra de Berceo fue Gautier de Coincy (1177-1236), autor de dos volúmenes de “Miracles de Nostre Dame” compuestos entre 1214 y 1235 con un total próximo a los cuarenta mil versos escritos en francés medieval. El primer volumen comprende dos prólogos, treinta y cinco milagros y diez canciones a la Virgen, y el segundo, un prólogo, veintitrés milagros y ocho canciones, así como varias saluciones y rezos a Nuestra Señora (Joubert, 1995). Es interesante subrayar que Gautier, además de poeta, fue músico; antes de su incorporación definitiva al Monasterio de Saint – Médard de Soissons, donde residió la mayor parte de su vida, había sido alumno de su escuela de música y hay

⁵⁴ LEÃO, 2007, p. 35

⁵⁵ LEÃO, 2007, p. 36

*pruebas de que mantuvo cierta amistad con Richard de Fournival, famoso trovero de la época.*⁵⁶

Afonso X, o Sábio (1221-1284), foi rei de Leão e Castela, ascendendo ao trono em 1252 após a morte de seu pai, Fernando III. Diferentemente dos outros poetas destacados no contexto da literatura de milagres, que eram clérigos, Afonso X exerceu o papel de monarca, combinando as responsabilidades de governo e decisões políticas com uma vida pública marcada pelo dinamismo e pela interação com diferentes esferas culturais.⁵⁷

Sob seu reinado, a corte tornou-se um centro de efervescência intelectual e artística, abrigando trovadores, miniaturistas, músicos, tradutores, filósofos e sábios. Afonso X foi o autor das *Cantigas de Santa Maria*, escritas em galego-português, uma das mais importantes coleções de poesia mariana da Idade Média. Embora seja discutível até que ponto ele participou diretamente da composição dos textos, a autoria é frequentemente atribuída ao próprio rei, uma vez que os poemas são escritos em primeira pessoa. Essa escolha narrativa, associada ao estilo e ao conteúdo das *Cantigas*, reflete uma profunda devoção pessoal e a intenção de vincular a autoridade régia à espiritualidade e à promoção da fé cristã.

Na coletânea de Afonso X,

todas as cantigas de milagres inician-se por um título-ementa, em prosa, onde se mencionam as personagens principais e se resume o milagre, em uma única frase. Segue-se o refrão, em versos que enunciam o tema, uma verdade geral e abstrata, relativa ao poder da Virgem ou à relação entre ela e os homens, sempre aplicável ao relato em versos que se segue.⁵⁸

Gonzalo de Berceo, autor central desta pesquisa, foi um clérigo e poeta secular que viveu na primeira metade do século XIII, assim como Gautier de Coincy. Ele é amplamente reconhecido como o primeiro poeta identificado da literatura castelhana, sendo o primeiro nome de autor conhecido a escrever nessa língua vernácula. Em

⁵⁶ “[...] hoje parece indiscutível que o antecedente mais claro da obra de Berceo foi Gautier de Coincy (1177-1236), autor de dois volumes de *Miracles de Nostre Dame*, compostos entre 1214 e 1235, totalizando aproximadamente quarenta mil versos escritos em francês medieval. O primeiro volume inclui dois prólogos, trinta e cinco milagres e dez canções à Virgem, enquanto o segundo contém um prólogo, vinte e três milagres e oito canções, além de várias saudações e orações à Nossa Senhora (JOUBERT, 1995). É interessante destacar que Gautier, além de poeta, também foi músico. Antes de sua incorporação definitiva ao Mosteiro de Saint-Médard de Soissons, onde residiu a maior parte de sua vida, ele foi aluno da escola de música do mosteiro e há evidências de que manteve certa amizade com Richard de Fournival, renomado trovador da época. (MANSILLA, Agustín Rico. *En torno a Gonzalo de Berceo*: Los milagros de Nuestra Señora y el culto a la Virgen. Biblioteca Gonzalo de Berceo, 2004, tradução nossa).

⁵⁷ VAZ LEÃO, 2007, p. 38.

⁵⁸ VAZ LEÃO, 2007, p. 38.

contraste, a autoria do *Cantar del Mio Cid*, texto que o precede cronologicamente, permanece desconhecida.

Berceo é considerado um inovador da poesia medieval, sobretudo por sua adoção de uma versificação regular, elemento distintivo em relação às formas métricas irregulares utilizadas pelos poetas épicos. Ele exercia o ofício de *mester de clerecía*, função atribuída aos clérigos letrados da Idade Média, que se dedicavam à oração e à disseminação da cultura cristã por meio da escrita. No contexto do *mester de clerecía*, Gonzalo de Berceo utilizou o metro alexandrino, estruturado em estrofes de quatro versos monorrimos, conhecidas como *cuaderna vía*. Essa escolha formal reflete uma preocupação estética e um compromisso pedagógico e religioso, alinhado à missão de transmitir valores cristãos de maneira acessível e sistemática.⁵⁹

A *cuaderna vía* caracteriza-se como um poema estruturado em estrofes de quatro versos alexandrinos, divididos em hemistíquios iguais, conferindo ao texto um ritmo regular, que, embora monótono, favorece a memorização e a assimilação. Essa configuração evidencia sua função didática, sendo amplamente utilizada como instrumento pedagógico, especialmente em obras medievais de origem eclesiástica, como já mencionado.

No âmbito da literatura medieval castelhana, tem sido tradicional a discussão acerca da oposição entre *mester de clerecía* e *mester de juglaría*. O *mester de clerecía*, identificado como de culto e de transmissão escrita, caracteriza-se pelo emprego de uma métrica regular com rima consonantal, apresentando textos baseados, em sua maioria, em fontes latinas. Por outro lado, o *mester de juglaría*, de natureza oral e popular, utiliza uma métrica irregular com rima assonante, geralmente em dísticos, compondo obras oriundas da tradição popular. Contudo, à luz de estudos contemporâneos, essa oposição métrica e formal não se sustenta plenamente. A distinção entre *clerecía* e *juglaría* não reside exclusivamente na métrica – regular ou flutuante –, mas reflete uma diferença cultural mais profunda.⁶⁰

Para Francisco Javier Grande Quejigo, o *mester de juglaría* tinha como principal objetivo o entretenimento do público, sendo compreendido, na Idade Média, como sinônimo de diversão e lazer.⁶¹ Já o *mester de clerecía* estava ligado ao saber universitário, configurando-se como uma prática voltada à transmissão de conhecimento, em oposição ao mero entretenimento.

⁵⁹ SPINA, 2003, p. 177.

⁶⁰ QUEJIGO, 2020, p. 129.

⁶¹ QUEJIGO, 2020, p. 129.

No Libro de Alexandre⁶² aparece o seguinte, sobre o ofício de *Clerecía*:

“Mester traygo fermoso, – nom es de ioglaría
Mester es sin pecado, – ca es de Clerecía
Fablar curso rimado – por la cuaderna via
A silabas contadas – que es de gran maestría.”⁶³

(“Mestre trago lindo, – não é de joglaria⁶⁴
Mestre é sem pecado – por que⁶⁵ é de Clerecía
Falar curso rimado – pela *cuaderna via*
As sílabas contadas, – que é de grande maestria”)⁶⁶

Considerando os versos apresentados e, conforme aponta Quejigo, a poesia do *mester de clerecía* reflete o orgulho do saber, uma vez que, no contexto medieval, poucos dominavam a leitura e a escrita.⁶⁷ Essa tradição está diretamente vinculada à cultura universitária da época, associada ao ensino erudito e ao papel didático de disseminar conhecimento. O *mester*, entendido como ofício, tinha como finalidade a instrução e o aprendizado. Os textos escritos, majoritariamente baseados em fontes latinas, eram difundidos por meio da leitura oral – um recurso que possibilitava sua circulação entre os analfabetos ou entre aqueles que não tinham acesso ao latim. Os clérigos, ao ouvirem as leituras, atuavam como intermediários, propagando o conteúdo por meio da pregação ou do aconselhamento.

Catena identifica três principais grupos sociais na sociedade medieval: os camponeses e artesãos (pessoas comuns), o clero e a nobreza.⁶⁸ Nesse contexto, o clero desempenhava uma função central religiosa e cultural, assumindo a responsabilidade de ensinar e transmitir conhecimentos. Mosteiros, abadias e conventos eram polos de produção e preservação intelectual, dispondo de instrutores, bibliotecas e oficinas de escrita, onde os manuscritos eram copiados manualmente e adornados com minuciosas miniaturas pintadas a têmpera. Foi nesse ambiente monástico que surgiu uma nova forma de escrita. Na Espanha, o *mester de clerecía* foi cultivado por poetas denominados “clérigos”. Embora o termo “clérigo” designasse originalmente membros do clero, na prática ele abrangia qualquer homem educado, como os intelectuais da época. Muitos

⁶² “Libro de Alexandre” é um poema épico medieval sobre a figura de Alexandre, o Grande, escrito entre 1178 e 1250, cuja autoria é atribuída a Gonzalo de Berceo.

⁶³ Segunda estrofe do *Libro de Alexandre*. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-libro-de-alexandre--0/html/0196c6ae-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.htm. Acesso em: 18 ago. 2022.

⁶⁴ A joglaria é mais antiga que o trovadorismo e remete-se à figura do jogral, que por sua vez era um artista profissional de origem popular, que se apresentava em praças públicas ou em castelos, como a figura de um bufão.

⁶⁵ “ca” é o mesmo que “por que”, conforme *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española (NTLLE)*, indicado na bibliografia desta tese.

⁶⁶ Tradução nossa.

⁶⁷ QUEJIGO, 2020, p. 137-138.

⁶⁸ CATENA, 1979.

desses autores, embora formados em conventos, não recebiam ordens sacras, enquanto outros, como cavaleiros, tiveram sua formação guiada por clérigos.

Entre os representantes dessa tradição, destaca-se Gonzalo de Berceo, reconhecido como um autor culto e com formação universitária, tendo estudado na Universidade de Palência.⁶⁹ Esse caráter erudito transparece em suas obras, que abrangem uma ampla gama de gêneros e estão intimamente ligadas à poesia religiosa. Berceo compôs textos hagiográficos de grande relevância, como *Vida de San Millán de la Cogolla*, *Vida de Santo Domingo de Silos*, *Vida de Santa Oria* e *Martirio de San Lorenzo*. Sua produção inclui ainda obras como *Milagros de Nuestra Señora*, *Loores de Nuestra Señora*, *El Duelo que hizo la Virgen*, *El Sacrificio de la Misa*, *Los Signos del Juicio Final* e três hinos dedicados a Jesus, ao Espírito Santo e à Virgem Maria.

Segundo Silva:

Há notícias de outras obras escritas por Berceo - *Historia de Valvanera*, *Traslación de San Felices*, *Traslación de las reliquias de San Millán*, *Vida de San Vicente Levita* e *Traslación de los mártires de Arlanza* - como não há nenhum manuscrito preservado destas obras, torna-se impossível elaborar qualquer hipótese sobre as datas de composição, forma e conteúdo das mesmas. Em virtude da última estrofe do Manuscrito de Paris, transcrita na nota 8, também atribui-se a Gonzalo de Berceo a autoria do *Libro de Alexandre*.⁷⁰

Dessa forma, a trajetória literária de Gonzalo de Berceo evidencia sua sólida formação intelectual e seu comprometimento com a difusão da fé cristã por meio da poesia. Sua obra, marcada por diversidade temática e profundidade teológica, revela um autor atento às exigências espirituais e culturais de seu tempo, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da literatura religiosa em língua vernácula na Península Ibérica. Mesmo diante das lacunas documentais que envolvem parte de sua produção, sua influência permanece central na consolidação do *mester de clerecía* e na construção da identidade literária medieval hispânica.

1.4 Indicações e possibilidades sobre a biografia de Gonzalo de Berceo⁷¹

⁶⁹ CATENA, 1979, p. 145.

⁷⁰ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Reflexões acerca da formação intelectual e dos centros de ensino em Castela Medieval*. In: Plures Humanidades – Revista da Coordenação de Pesquisa e Pós-graduação. Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda, 2001, ano 2, n. 1, p. 27-45.

⁷¹ “Indicações e possibilidades” foram os termos que Brian Dutton declarou ser mais viável para uma elaboração dos dados biográficos sobre Gonzalo de Berceo, visto que ainda não podemos afirmar com exatidão sobre sua biografia, devido aos poucos documentos encontrados até o momento. (DUTTON, Brian. *Gonzalo de Berceo: unos datos biográficos*. In: PIERCE, Frank; JONES, Cyril A. (ed.). *Actas del I Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, (Oxford, 6-11 septiembre 1962), Oxford, The

De acordo com Silva, os primeiros pesquisadores a se dedicarem ao estudo sistemático da vida de Gonzalo de Berceo foram Plácido Romano e Tomás Antônio Sanches.⁷² Contudo, esses estudiosos sustentavam uma visão que caracterizava o poeta como um clérigo rural e de formação limitada. Tal perspectiva prevaleceu até o século XX, quando o historiador Brian Dutton, na década de 1960, propôs novas hipóteses que revisaram essa interpretação.

Gonzalo de Berceo fornece, em alguns versos de suas obras, informações sobre si mesmo. Silva destaca essas passagens em seus estudos, citando trechos como: “*Em alguns de seus versos, Gonzalo de Berceo apresenta-se, como em Mil 2a,⁷³ VSM,⁷⁴ 489a e VSD⁷⁵ 109a: informa que nasceu em Berceo, povoado de La Rioja (VSM 489c), e que foi criado no Mosteiro de San Millán de Suso (VSM 489b e VSD 757b).*”

Silva observa, ainda, que não era comum, no século XIII, os poetas incluírem informações de caráter pessoal em seus textos.⁷⁶ No entanto, Berceo rompe com essa tradição ao fazer referências explícitas a aspectos de sua biografia, como exemplificado nas passagens citadas. Essas informações revelam-se valiosas para a reconstrução de dados biográficos do poeta, oferecendo elementos fundamentais para compreender sua trajetória e o contexto em que produziu suas obras.

Para Juan A. Ruiz Domínguez,

la historiografía ha formado una estampa de Berceo considerándolo de dos maneras antagónicas: la primera, por lo tanto más antigua, nos muestra a un clérigo ingenuo, con escaso conocimiento del latín. La segunda, más novedosa, nos presenta a un hombre inteligente y pragmático, que solo quiere obtener donativos para su monasterio. Aunque la segunda imagen nos parece a nosotros válida, no cabe ninguna duda que hay que hacer bastantes matizaciones. En fechas más recientes se está abriendo paso una tercera concepción, que nosotros apoyamos plenamente, la que muestra un hombre preocupado por realizar una completa catequese, fundamentalmente entre sus paisanos, y probablemente hacia otros ámbitos más lejanos en el espacio, y quizás en el tiempo.⁷⁷

Dolphin Book, 1964, p. 249-254. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/dutton/biografiaberceo.htm>. Acesso em: 09 ago. 2022.

⁷² SILVA, 2008, p. 47.

⁷³ Também em nota, Silva (2008, p. 47, nota 23) explica que “Mil é a sigla para indicar *Milagros de Nuestra Señora*”. Ela ainda acrescenta que “Em todas as referências às obras berceanas, os números arábicos após a sigla indicam as estrofes, e as letras, os versos.”

⁷⁴ *Vida de San Millán de la Cogolla* (Gonzalo de Berceo).

⁷⁵ *Vida de Santo Domingo de Silos* (Gonzalo de Berceo).

⁷⁶ Citado por Silva, em: RAMONEDA, 1980, p. 10.

⁷⁷ “A historiografia construiu uma imagem de Berceo considerando-o de duas maneiras antagônicas: a primeira, mais antiga, apresenta-o como um clérigo ingênuo, com pouco conhecimento de latim. A segunda, mais recente, descreve-o como um homem inteligente e pragmático, cujo objetivo principal seria obter doações para seu mosteiro. Embora a segunda interpretação nos pareça válida, é inegável que são necessárias várias ressalvas. Em tempos mais recentes, uma terceira concepção vem ganhando espaço, a qual apoiamos plenamente: a que retrata Berceo como um homem preocupado em realizar uma catequese

Brian Dutton aponta a possibilidade de Gonzalo de Berceo, poeta medieval, ter recebido uma formação intelectual avançada e desempenhado um papel significativo como propagador do Mosteiro de San Millán, especialmente por meio de suas composições hagiográficas.⁷⁸ Conforme destaca Silva, Berceo manteve fortes vínculos com a vida monástica, evidenciados pela sua própria declaração de ter sido “criado” no Mosteiro de San Millán de la Cogolla (VSM⁷⁹ 490b, VSD⁸⁰ 757b).⁸¹ Silva argumenta que, além de receber sua educação nesse ambiente, o poeta provavelmente residiu no mosteiro emilianense.

O cenóbio de San Millán de la Cogolla, um dos mais relevantes da região de La Rioja, abrigava um *scriptorium*, onde manuscritos eram copiados e produzidos, além de contar com uma vasta biblioteca. A formação de Berceo nesse espaço monástico sugere que ele frequentou a escola do mosteiro e teve acesso direto aos recursos bibliográficos disponíveis, o que contribuiu significativamente para sua formação intelectual e literária.

Para aprofundar a compreensão sobre as conexões entre a vida monástica em La Rioja e a formação de Berceo, Silva⁸² realiza um ensaio detalhado do cotidiano monástico no século XII, com ênfase no Mosteiro de San Millán de la Cogolla. La Rioja, desde o período visigótico,⁸³ foi um importante centro de espiritualidade, atraindo diversos grupos devido ao movimento eremítico iniciado no século V. Esse movimento, em parte, resultou da instabilidade gerada pela presença islâmica nas regiões montanhosas. Com a expansão do cristianismo, o repovoamento e a colonização, as comunidades locais adaptaram-se às novas condições históricas, influenciando, inclusive, a evolução do Mosteiro de San Millán de la Cogolla.⁸⁴

Díaz y Díaz enfatiza que o Mosteiro de San Millán de la Cogolla destacava-se por sua riqueza material e localização estratégica, sendo um verdadeiro ponto de encontro de pessoas, textos e costumes de diferentes regiões.⁸⁵ O mosteiro recebeu monges provenientes de várias partes da Península Ibérica e de Além-Pirineus, que trouxeram

abrangente, voltada principalmente para seus conterrâneos, mas possivelmente direcionada também a outros contextos mais distantes, tanto no espaço quanto, talvez, no tempo” (Tradução nossa). DOMÍNGUEZ, Juan Antonio Ruiz. *El mundo espiritual de Gonzalo de Berceo*. Governo de La Rioja. Instituto de Estudios Riojanos. Logroño, 1999, capítulo primeiro (p. 22-30). Disponível em: http://www.vallenajerilla.com/notabene/indice_teologo.htm. Acesso em: 12 ago. 2022, p. 22-30.

⁷⁸ DUTTON, 1964.

⁷⁹ *Vida de San Millán de la Cogolla* (Gonzalo de Berceo): “en Sant Millán de Suso – fue de niñez criado”.

⁸⁰ *Vida de Santo Domingo de Silos* (Gonzalo de Berceo): “Yo Gonzalo por nomne, – clamado de Berceo, / de Sant Millán criado, – en la su merced seo”.

⁸¹ SILVA, 2008, p. 52.

⁸² SILVA, 2008, p. 52-53.

⁸³ Reinado visigótico ou visigodo, que durou de 420 d. C até 711 d.C.

⁸⁴ SILVA, 2008, p. 53.

⁸⁵ DÍAZ Y DÍAZ, 1991, p. 155.

consigo manuscritos e técnicas avançadas de produção textual. Esses monges mantinham contato com suas regiões de origem, o que fomentava a circulação de ideias e práticas culturais inovadoras. Em razão disso, os mosteiros de La Rioja tornaram-se centros de prestígio intelectual e espiritual, além de importantes pontos de passagem e intercâmbio cultural.

Dessa forma, Gonzalo de Berceo foi profundamente influenciado pela rica tradição cultural dos mosteiros riojanos, cujos legados marcaram significativamente sua produção literária e formação intelectual:

No mosteiro de San Millán de la Cogolla foi educado, tendo sido, portanto, instruído nas Sete Artes Liberais. Ainda neste mosteiro, pôde ter acesso a livros que, direta ou indiretamente, influenciaram a sua perspectiva sobre aspectos do mundo social e conheceu as tradições e a memória do período de esplendor deste grande cenóbio. [...] independentemente das relações, o poeta participou do universo monástico e dele incorporou diversos elementos, que marcaram a sua formação intelectual e espiritual e o inspiraram na escrita sobre santos riojanos que mantiveram vínculos estreitos com o monasticismo desta região.⁸⁶

Com base no conteúdo exposto até aqui, foi possível delinear alguns aspectos fundamentais sobre a biografia, formação e erudição de Gonzalo de Berceo, poeta e clérigo de significativa relevância para a língua espanhola, notadamente por sua posição pioneira como autor de textos em vernáculo. Sua produção literária reflete uma sólida formação intelectual e seu papel central na consolidação de tradições culturais e religiosas na Espanha medieval.

Este capítulo apresentou um estudo sobre a hagiografia, matriz de diversos gêneros textuais, entre os quais se destacam os textos exemplares e as narrativas de milagres. Nesse contexto, Gonzalo de Berceo emerge como um dos hagiógrafos mais prolíficos e influentes, consolidando-se como um autor de destaque nesse campo literário. Entre suas obras mais célebres está *Milagros de Nuestra Señora*, que será objeto de análise detalhada nos capítulos seguintes.

⁸⁶ SILVA, 2002, p. 55.

CAPÍTULO 2: O CULTO MARIANO E AS PEREGRINAÇÕES NO CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL, LITERÁRIO E RELIGIOSO DOS SÉCULOS XII E XIII

*Quando, porém, chegou a plenitude do tempo,
enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher,
nascido sob a Lei*

(Gálatas 4:4)

A devoção à Virgem Maria na Idade Média destaca-se por sua universalidade e pela profunda influência que exerceu sobre a literatura do período. Na tradição europeia ocidental, essa reverência deixou marcas significativas, manifestas em diversos textos, como cantares devocionais e relatos de milagres que exaltam o protagonismo de Maria enquanto intercessora. Essas obras literárias, além de celebrarem a figura da Virgem, refletem as aspirações espirituais e culturais de uma sociedade profundamente vinculada à fé cristã.

Neste capítulo, examina-se o culto à Virgem Maria e seu papel de intercessora no imaginário medieval, com atenção especial ao contexto das peregrinações e à literatura de milagres. Serão explorados aspectos de sua história, como o nascimento, a infância e a assunção, por meio de fontes bíblicas, apócrifas e medievais, que ilustram sua participação central no plano divino de salvação, conforme os dogmas cristãos. O objetivo desta discussão é abordar criticamente os textos poéticos, bíblicos e eclesiásticos, considerando sua dimensão literária e simbólica, sem incorrer em julgamentos religiosos, permitindo assim uma compreensão mais ampla da relevância cultural e espiritual da Virgem Maria na Idade Média.

2.1 A mariologia: aspectos do universo *maravilhoso* em torno da Virgem

A mariologia constitui-se como um campo de estudos teológicos dedicado à análise e interpretação da figura da Virgem Maria. Essa vertente investigativa baseia-se em um conjunto de textos teológicos que buscam aprofundar-se na temática mariana, recorrendo à Bíblia e aos textos apócrifos como fontes principais. Além disso, ela se apoia nas reflexões de teólogos da Antiguidade tardia, que examinaram a participação de Maria nos Evangelhos e sua relevância no plano divino da salvação.

O primeiro registro teológico que menciona Maria foi identificado nos escritos de Santo Inácio de Antioquia (107-115 d.C.).⁸⁷ Discípulo do apóstolo João e consagrado bispo por São Pedro, Inácio foi pioneiro ao reconhecer Maria como virgem e mãe de Deus, enfatizando sua participação no nascimento de Cristo e na verdade da encarnação.⁸⁸ Posteriormente, na segunda metade do século II, Justino Mártir, um importante apologista, introduziu o binômio Eva-Maria,⁸⁹ ressaltando a relação antitética entre a desobediência de Eva e a obediência redentora de Maria. Nesse mesmo período, Irineu de Lyon aprofundou essa perspectiva em *Adversus Haereses*,⁹⁰ identificando Maria como a “nova Eva”, cuja submissão ao plano divino redime a humanidade dos pecados cometidos pela primeira mulher.⁹¹

Segundo Viviane Cunha, nos séculos II e III, a mariologia avançou com contribuições como a de Orígenes, teólogo da escola de Alexandria, que popularizou o termo *Theotokos* (Dei Genitrix), ou “Mãe de Deus”.⁹² Essa expressão foi incorporada à liturgia oriental no século III e permanece em uso nos cultos da Igreja Católica até hoje. O culto mariano também está intrinsecamente relacionado ao dogma da Encarnação do Verbo, como descrito na frase bíblica: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”.⁹³ Embora os Evangelhos mencionem Maria em momentos distintos, é no Evangelho de Lucas que encontramos as descrições mais detalhadas de sua vida, incluindo a anunciação e a infância de Jesus.⁹⁴

Segundo Mansilla, no Apocalipse de São João, datado entre os anos 90 e 96, encontra-se a passagem: “Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida como o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”.⁹⁵ Depois, refere-se a sua condição de mulher grávida e que “Ela deu à luz um filho, um varão, que regerá todas as nações com cetro de ferro”.⁹⁶ A partir dessa passagem bíblica, a descrição

⁸⁷ COMUNITÀ DI BOSE (org.). *Maria: Testi teologici e spirituali dal I al XX secolo*. 4. ed. Milano: Arnoldo Mondadori, 2003. p. 45-47.

⁸⁸ MANSILLA, 2004.

⁸⁹ Esse assunto será abordado no próximo tópico deste capítulo.

⁹⁰ Adv. Haer. IV, 33, 4, 11.

⁹¹ Cf. MEO, Salvatore; FIORES, Stefano de (org.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 562.

⁹² CUNHA, Viviane. O homo viator no espaço da natureza: uma análise do Prólogo dos Milagros de Nuestra Señora, de Gonzalo de Berceo. *Olivar*, v. 17, n. 26, e015, dez. 2016. ISSN 1852-4478. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria. 2016, p. 4-16.

⁹³ João 1:14.

⁹⁴ Lucas 1:26-56; Lc 2:1-52.

⁹⁵ Apocalipse 12:1.

⁹⁶ Apocalipse 12:5

também foi interpretada como uma referência a Maria e até serviu de modelo para certa iconografia mariana muito popular entre os fiéis. Um exemplo dessa referência:

Figura 1: Mulher do Apocalipse.



Fonte: Ilustração em *Hortus deliciarum* (cerca de 1180 d.C).

Nos textos apócrifos, especialmente no *Proto-Evangelho de Tiago*, encontram-se narrativas que abordam a infância de Maria e os mistérios em torno de sua predileção divina.⁹⁷ Essa obra oferece detalhes sobre a Natividade de Maria, enfatizando sua santidade desde o nascimento. A *Legenda Áurea*,⁹⁸ de enorme relevância para o Cristianismo e amplamente embasado nos apócrifos, também dedica alguns capítulos à “Natividade da Bem-aventurada Virgem Maria” e à “Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria”, ampliando a compreensão sobre esses eventos.

⁹⁷ O Proto-Evangelho de Tiago (Natividade de Maria). In: PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Fonte Editorial, v. 1. 2020, p. 519-530.

⁹⁸ DE VARAZZE, Jacopo de. A natividade da Bem-aventurada Virgem Maria. In: DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 746-756; DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 657-681.

De acordo com essas narrativas, Joaquim, originário da Galileia, e Ana, de Belém, eram descritos como justos e fiéis aos mandamentos divinos. Por vinte anos, o casal permaneceu sem filhos, uma condição que, na época, era vista como um sinal de reprovação divina. Em resposta a essa situação, fizeram uma promessa solene a Deus: caso lhes fosse concedida a graça da descendência, dedicariam o filho inteiramente ao serviço divino. Essa promessa reflete a devoção e a fé do casal, bem como a compreensão de Maria como escolhida desde antes de seu nascimento para cumprir um papel central no plano divino de salvação.

Durante a celebração da Festa da Dedicção,⁹⁹ Joaquim enfrentou humilhações ao apresentar sua oblação ao Senhor, pois foi constrangido pelos demais presentes. Esses, demonstrando indignação, julgavam inadequado que um homem infecundo oferecesse algo a Deus, considerando sua condição como um sinal de desgraça.

Diante desse episódio, Joaquim afastou-se em profunda tristeza, retirando-se para junto de seus pastores. Enquanto permanecia isolado, em um momento de solidão, um anjo do Senhor apareceu a ele, trazendo uma mensagem de conforto e esperança. O anjo o encorajou a não temer, sinalizando que sua fidelidade e devoção seriam recompensadas. Esse encontro marca o início da revelação do plano divino em torno da futura Natividade de Maria:

Eu sou o anjo do Senhor enviado para anunciar que suas preces foram ouvidas e que suas esmolas subiram até o Senhor. Vi a sua vergonha e ouvi o opróbrio de esterilidade que foi injustamente imputado a você. Deus vinga o pecado, mas não a natureza, por isso se Ele fecha o útero o faz para abri-lo novamente de maneira maravilhosa, para que se saiba que o nascido não é produto libidinoso, mas presente divino. [...] As concepções adiadas por muito tempo e os partos de quem parecia estéril são os mais admiráveis. Também sua esposa Ana parirá uma filha e você lhe dará o nome de Maria. De acordo com a promessa que fizeram, ela será consagrada ao Senhor desde a infância. Desde o útero de sua mãe será cheia do Espírito Santo. A fim de que não haja qualquer suspeita que lhe seja desfavorável, não terá contato com o mundo, ficará sempre morando no templo do Senhor. Ela própria, nascida de mãe estéril, gerará maravilhosamente um filho altíssimo, cujo nome será Jesus e por meio do qual todos os povos serão salvos.¹⁰⁰

Após transmitir a mensagem de Deus, o anjo retirou-se, e os eventos ocorreram exatamente conforme anunciado. Ana concebeu e deu à luz uma menina, à qual deram o

⁹⁹ “A solenidade da Dedicção à época de Jesus Cristo era muito recorrente. Suas origens remontavam a época da dominação Síria, logo após a morte de Alexandre, O Grande. A intenção era justamente celebrar a vitória dos judeus sobre os sírios, mais exatamente, a dominação Selêucida. Tendo como perspectiva celebrar uma vitória nacional e tendo como base a Festa das Tendões, a solenidade da Dedicção era eminentemente nacionalista e vinculada à dinastia Hamoneia, portanto, eminentemente sacerdotal” (ARAÚJO, Gilvan Leite. *E houve A Dedicção em Jerusalém [Jo 10,22]*, 2020, p. 190).

¹⁰⁰ DE VARAZZE, 2003, p. 748-749.

nome de Maria. Essa criança, desde o nascimento, foi destinada a um papel especial no plano divino.

Quando Maria completou três anos, período tradicional de amamentação, seus pais a levaram ao templo do Senhor, cumprindo a promessa feita a Deus. Em um gesto notável, a jovem subiu os degraus do templo com a graça e a determinação de um adulto, sem qualquer ajuda, evidenciando desde cedo sua singularidade. Esse episódio é representado artisticamente, como ilustrado na segunda vinheta menor, à direita, da figura 02,¹⁰¹ reforçando sua importância simbólica e espiritual.

Figura 2: Anunciação com três vinhetas marginais.



Fonte: Livro de Horas para uso de Paris, c. 1460.
Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, ms. 50, 1, 016, f. 32.¹⁰²

Quando Maria completou quatorze anos, o pontífice declarou publicamente que todas as jovens deveriam retornar às suas casas para contrair matrimônio de forma legítima. Entretanto, Maria rogou para que fossem respeitados os votos professados por seus pais, que a haviam consagrado ao serviço de Deus. Sensível a essa devoção e

¹⁰¹ A vinheta também apresenta as outras passagens descritas nos relatos bíblicos e apócrifos – a anunciação ao centro, o nascimento de Maria no canto superior e o casamento com José na parte inferior.

¹⁰² Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil / Vera Lúcia Miranda Faillace (org.). Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016, p. 56. (Sobre essa imagem, ver: “A Anunciação e suas margens: As imagens das Horas da Virgem do Livro de Horas, Ms. 50,1,022, da Biblioteca Nacional”, de Clara Magalhães Yamamoto, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, São Paulo, 2022).

desejando não contrariar a vontade, o pontífice determinou uma solução baseada na profecia de Isaías.¹⁰³

Ele convocou todos os homens solteiros da casa de Davi, instruindo-os a levar um ramo ao altar. Conforme a orientação recebida, seria escolhido para desposar Maria aquele cujo ramo germinasse e sobre o qual o Espírito Santo pousasse em forma de pomba. Esse evento reforça a ideia de que o casamento de Maria deveria obedecer a um desígnio divino, respeitando sua singularidade e papel no plano celestial.¹⁰⁴

José, membro da casa de Davi, estava entre os convocados, mas sentia-se inadequado para participar, considerando sua idade avançada em contraste com a juventude de Maria, uma virgem destinada ao matrimônio. Contudo, foi a vara de José que floresceu, confirmando-o como o escolhido. Além das flores, uma pomba vinda dos céus pousou no topo de sua vara, sinalizando de forma inequívoca a escolha divina.

Essa narrativa remonta à tradição atribuída aos apóstolos de Jesus, segundo a qual Maria foi destinada a José para cumprir os desígnios celestiais. Nesse contexto, Maria foi escolhida para gerar e conceber o Filho de Deus, consolidando seu papel central no plano da salvação e reforçando a legitimidade da união, orientada e confirmada por sinais divinos.

2.1.1 Da Assunção

Conforme relatos presentes na *Legenda Áurea*¹⁰⁵ e em textos apócrifos,¹⁰⁶ enquanto os apóstolos percorriam o mundo para pregar a Boa Nova, a Virgem Maria permaneceu em uma casa próxima ao Monte Sião. Durante sua vida, Maria dedicou-se a visitar, com profunda devoção, os locais que marcaram os principais eventos da vida de seu filho, Jesus Cristo. Esses lugares incluíam desde o local de seu batismo até aqueles que testemunharam sua crucificação, sepultamento, ressurreição e ascensão, reforçando o vínculo espiritual e emocional de Maria com a missão de seu filho.

Em determinado momento, movida por uma saudade intensa e inconsolável de Jesus, Maria foi tomada por lágrimas e profunda dor em seu coração. Nesse estado de aflição, um anjo do Senhor apareceu a ela, trazendo a mensagem de que sua morte estava

¹⁰³ Isaías 9: 5-6.

¹⁰⁴ DE VARAZZE, 2003, p. 750.

¹⁰⁵ DE VARAZZE, 2003, p. 750.

¹⁰⁶ Apócrifos da Assunção (Livro de São João Evangelista – Tratado de São João, o Teólogo, Sobre a passagem da Santa Mãe de Deus) e Passagem da Bem-Aventurada Virgem Maria (Narração erroneamente atribuída a José de Arimatéia). In: PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Fonte Editorial, v. 1. 2020, p. 759-776.

próxima. Esse anúncio, embora solene, insere-se no contexto da narrativa que exalta a conexão íntima entre Maria e o plano divino, apresentando sua morte não como um fim, mas como um reencontro com o Filho e com Deus.

Salve, bendita Maria, receba a bênção daquele que deu a salvação a Jacó. Aqui está um ramo de palmeira que trouxe do Paraíso para você, minha senhora. E que deve ser levado diante de seu caixão, pois em três dias sairá do corpo, já que seu filho espera sua reverenda mãe.¹⁰⁷

Maria, ciente da proximidade de sua morte, expressou ao anjo o desejo de que os apóstolos estivessem presentes nesse momento e que fossem responsáveis por seu sepultamento. Além disso, ela pediu que, ao deixar seu corpo, sua alma não fosse perturbada por espíritos malignos, solicitando que as potências de Satanás não se manifestassem em sua passagem.

O anjo respondeu com palavras de consolo e garantia, assegurando que seus desejos seriam plenamente atendidos. Ele afirmou que os apóstolos estariam ao seu lado e que nenhum espírito maligno se aproximaria dela: “Por que você teme ver o espírito maligno, aquele cuja cabeça você destruiu e despojou de todo poder? Ainda assim, sua vontade será feita; você não o verá”.¹⁰⁸ Após essas palavras, o anjo ascendeu aos Céus em meio a uma grande luz.

Pouco tempo depois, enquanto pregava em Éfeso, João, o apóstolo, ouviu um trovão e, subitamente, encontrou-se diante da casa de Maria. Ele entrou e a saudou com grande reverência, sendo recebido com alegria pela Virgem. De maneira milagrosa, os demais apóstolos também foram transportados à presença de Maria, trazendo-lhe imensa felicidade.

Reunidos, todos os apóstolos acompanharam o momento de sua morte. Por volta da terceira hora da noite, Jesus apareceu cercado por anjos e os exércitos celestiais. Dirigindo-se a sua mãe, disse: “Venha, minha eleita, e eu a colocarei em meu trono, pois desejo sua beleza”. Em resposta, Maria, com o coração cheio de fé e entrega, declarou: “Meu coração está preparado, Senhor”.¹⁰⁹

A alma de Maria, em total serenidade, separou-se de seu corpo e foi elevada aos Céus, acolhida nos braços de seu amado Filho. No terceiro dia, Jesus retornou ao local onde estava o corpo da Virgem. Lá, saudou os discípulos e ordenou que a alma de Maria se reunisse com seu corpo. Obedecendo à ordem divina, o corpo de Maria saiu

¹⁰⁷ DE VARAZZE, 2003, p. 658.

¹⁰⁸ DE VARAZZE, 2003, p. 658.

¹⁰⁹ DE VARAZZE, 2003, p. 660.

gloriosamente de seu túmulo e foi elevado ao Céu, acompanhado por anjos, sendo conduzido ao lugar de honra e predileção celestial.

Tomé, no entanto, não estava presente nesse momento e recusou-se a acreditar nos fatos relatados pelos outros discípulos. Para demonstrar a verdade do ocorrido, o cinto usado por Maria desceu miraculosamente dos Céus, evidenciando que ela havia sido elevada em corpo e alma à glória celestial. Essa narrativa, que destaca a incredulidade de Tomé, foi utilizada por Santa Mônica em seus esforços para converter seu filho, Agostinho de Hipona, ao Cristianismo.¹¹⁰ Posteriormente, os agostinianos propagaram esse relato, associando-o ao culto de Nossa Senhora da Consolação e Correia, que se difundiu amplamente pela Europa e, ainda hoje, é conhecido nas Américas.¹¹¹

Esse relato extraordinário da Assunção ressalta a predileção por Maria, conferindo-lhe um papel singular como intercessora junto à humanidade, especialmente em favor dos pecadores. Um trecho do apócrifo atribuído a São João Evangelista traz uma comovente súplica da Virgem, que reforça sua posição de mediadora entre Deus e os homens.

ó Senhor, Rei dos céus, Filho do Deus vivo, recebe todo homem que invoque teu nome para que o teu nascimento seja glorificado”. [...] “ó Senhor Jesus Cristo, que podes nos céus e na terra, esta é a súplica que dirijo ao teu santo nome: santifica para todo o sempre o lugar que celebra a memória de meu nome e concede glória aos que Te dão graças por mim, recebendo deles toda a oferenda, toda a súplica e toda a oração.”¹¹²

Na sequência, Jesus responde à Virgem:

Alegra-te e regozija-te, pois todas as formas de graças e de dons foram dados por meu Pai celestial, por mim e pelo Espírito Santo. Toda alma que invocar o teu nome ver-se-á livre de confusão e encontrará misericórdia, consolo, ajuda e amparo neste século e no futuro diante de meu Pai celestial.¹¹³

De acordo com essas narrativas, Maria é apresentada como escolhida por Deus desde antes de seu nascimento, aceitando sua missão salvífica com submissão e plena conformidade à vontade divina. A doutrina da Imaculada Conceição – que afirma ter Maria sido concebida sem a mancha do pecado original – está profundamente vinculada à sua condição singular de Mãe de Deus. Nesse contexto, sua virgindade é reiterada como

¹¹⁰ CUNHA, 2016, p. 4.

¹¹¹ CUNHA, 2016, p. 4.

¹¹² PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Fonte Editorial, v. 1. 2020, p. 767-768.

¹¹³ PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Fonte Editorial, v. 1. 2020, p. 768.

um estado permanente e absoluto, preservado antes do nascimento, durante a infância, no momento da encarnação do Verbo e mesmo após o parto. Tal concepção está enraizada na tradição teológica agostiniana, sendo sistematizada por Santo Agostinho em sua obra *De catechizandis rudibus* (*A instrução dos catecúmenos*), onde se lê a fórmula consagrada: “Maria virgem, antes do parto, no parto e depois do parto, até à morte” (22,40).¹¹⁴ Com essa formulação, Agostinho contribui decisivamente para a consolidação da doutrina da pureza perpétua de Maria, que seria posteriormente amplamente difundida e reafirmada na teologia e na iconografia cristã ocidental.

Os textos apócrifos podem ser classificados em três categorias: aberrantes, complementares ou alternativos.¹¹⁵ No contexto dos estudos sobre Maria, os apócrifos são considerados complementares, pois oferecem informações que preenchem lacunas sobre a vida da Virgem, contribuindo significativamente para a pesquisa mariológica e para o desenvolvimento do culto mariano. Apesar de não serem parte do cânone oficial, esses textos exercem um papel relevante ao enriquecer a compreensão da figura de Maria, sua história e sua importância no contexto teológico e devocional.

2.2 O culto e o papel de intercessão da Virgem no imaginário medieval

Diferente do culto aos santos, que remonta aos primórdios do cristianismo e consolidou-se principalmente na Alta Idade Média, o culto à Virgem Maria atingiu seu apogeu a partir do final do século XI, intensificando-se ao longo dos séculos XII e XIII. Nesse período, observa-se uma mudança significativa no objeto de devoção do homem medieval, com Maria emergindo como a figura central da espiritualidade cristã. Esse apogeu foi marcado pelo surgimento de grandes catedrais românicas e góticas dedicadas à Mãe de Jesus, que passaram a dominar a paisagem cultural e religiosa da Europa.

Uma possível explicação para o desenvolvimento tardio do culto mariano em comparação ao culto aos santos reside na ausência de relíquias corporais de Maria, como descrito em relatos sobre sua Assunção. Para os santos, o culto era frequentemente centrado em seus restos mortais, mas Maria foi elevada em corpo e alma aos Céus,

¹¹⁴ SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários*. Tradução e organização: Irmã Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996. p. 39.

¹¹⁵ “Por *aberrantes* se entende aqueles que falsearam ou exageraram ao descrever os fatos, por exemplo, da infância de Jesus. Já os *complementares*, são aqueles que apresentam dados que complementam os textos canônicos (os evangelhos sobre Maria, analisados nesta pesquisa). Os alternativos são os que trazem novidades, seja no conteúdo, seja na expressão de um pensamento rejeitado e condenado ao esquecimento pelo pensamento hegemônico da época” (FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristanismos alternativos: poder e heresias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 62).

deixando como legado não um relicário físico, mas uma simbologia espiritual poderosa, que gradualmente moldou a devoção cristã em torno de sua figura.

Segundo Cunha:

[...] Há um consenso entre os estudiosos dos estudos marianos de que os evangelistas não são muito precisos e tecem poucos comentários sobre Maria, quando falam da Natividade ou da Infância de Jesus. Durante os dois primeiros séculos do cristianismo, serão os teólogos da antiguidade tardia – principalmente Inácio de Antioquia, São Justino e Santo Irineu – os mais importantes precursores dos estudos mariológicos.¹¹⁶

Santo Agostinho, São Justino e outros teólogos da Antiguidade tardia estabeleceram um significativo paralelo entre Eva e Maria, fundamentando uma das comparações mais simbólicas da teologia cristã. Segundo essa perspectiva, enquanto Eva, pela desobediência, trouxe a morte ao gênero humano, Maria, por sua obediência, tornou-se o veículo da vida para a humanidade. Essa relação é sintetizada na máxima: “Ora, acontece aqui grande mistério, pois, assim como por uma mulher a morte veio até nós, a vida vem a nascer para nós, por meio de uma mulher”.¹¹⁷ Essa teoria sugere que Deus, ao conceber um plano para a redenção da humanidade, enfrentou inicialmente a falha de Eva, que sucumbiu à tentação da serpente, resultando na queda. Contudo, com Maria, a segunda “mulher” no contexto salvífico, sua obediência permitiu que o plano divino fosse plenamente realizado. Assim, Maria reverte simbolicamente o erro de Eva e assume um papel central no processo de redenção, ilustrando a continuidade e o contraste entre a criação e a salvação na narrativa cristã:

A anunciação – No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” [...] “Eis que conceberá no teu seio e dará à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim.” [...] Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo tua palavra”.¹¹⁸

Essa passagem pode ser observada na Figura 3:

¹¹⁶ CUNHA, 2016, p. 3.

¹¹⁷ SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria: Cem textos marianos com comentários*. Tradução e organização por Irmã Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996, p. 3.

¹¹⁸ Lucas 1:26-38.

Figura 3: Robert Boyvin. Anunciação.



Fonte: Livro de Horas 50, 1, 010, c. 1490-1500. Uso de Roma. 102 fólhos. Pergaminho. Em francês e latim. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, f. 15r.¹¹⁹

Por conseguinte, a qualidade máxima de Maria é a sua obediência e a sua maternidade. Essas qualidades, por sua vez, levam a Virgem a ser reconhecida como mãe da humanidade, justamente pela eficácia de seu papel nos planos de Deus:

a Maria é atribuído um papel duplamente eficaz: porque próxima dos homens (seus filhos) interpreta as situações humanas para as apresentar perante a divindade (de quem está também próxima, porque Mãe de Deus) e torna-se intercessora e intermediária da divindade junto dos homens, tornando o poder de Deus tanto acessível como adequado às contingências humanas.¹²⁰

Os milagres atribuídos a Maria apresentam uma função de complementação frente às necessidades dos homens e é um sinal de ordem sobrenatural para reparar, punir ou auxiliar a humanidade.

Conforme Aires Nascimento:

o milagre não é teofania cujo objectivo seja a revelação, porque é intervenção de auxílio dirigido a suprir faltas e superar fragilidades, através de um poder eficaz exercido em circunstâncias desencadeadas por uma súplica.¹²¹

Dessa maneira, a súplica vem dos homens que clamam pela mãe de Deus para que interceda sobre diversas situações:

a sua intervenção tem nas narrativas uma expressão do agente simultaneamente activo e interessado, compassivo e eficaz, total e universal (por abranger todas as circunstâncias e todas as oportunidades). Cabe-lhe nessa actuação um dos títulos mais antigos na piedade cristã, que acompanha o da maternidade divina: Mãe de Misericórdia.¹²²

¹¹⁹ Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_di_gital/div_manuscritos/mss35452/mss3_5452.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

¹²⁰ NASCIMENTO, 2004, p. 21.

¹²¹ NASCIMENTO, 2004, p. 21.

¹²² NASCIMENTO, 2004, p. 21.

A misericórdia de Maria é concebida, na tradição religiosa, como um dom estendido a toda a humanidade, fundamentando-se em sua impecabilidade – isto é, na ausência da culpa original que marca a condição humana. Sua pureza singular a distingue entre os seres humanos e legitima seu papel como intercessora junto à justiça divina. O poder de Maria em mediar a relação entre Deus e os homens decorre diretamente de sua maternidade, de sua glorificação celeste e de sua exemplaridade moral, atributos que, segundo a doutrina, foram-lhe concedidos pelo próprio Deus. Assim, sua intercessão torna-se expressão máxima da misericórdia, atuando em favor da fragilidade humana por meio de um amor compassivo e incondicional.

Outro aspecto relevante do papel da figura de Maria na constituição da fé cristã é em relação ao seu lamento pela morte de Jesus. Relembramos a passagem da crucificação de Cristo:

Jesus e sua mãe – Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo a mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à mãe: “Mulher, eis teu filho!” Depois disse ao discípulo: “Eis tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.¹²³

A referência dessa passagem e o caráter apelativo de “Mulher” significa para os estudos mariológicos uma proclamação da maternidade espiritual da Virgem, a nova Eva, sobre os fiéis, os quais são representados, nessa alegoria, por João Evangelista, considerado um dos discípulos prediletos de Jesus:

Encontramo-nos assim com um dos traços mais característicos do culto mariano da Idade Média, ou seja, a relação estabelecida entre Maria e o pecado, numa aproximação de contrários que conta, de um lado, com a proclamação da impecabilidade de Maria até ao ponto de reconhecer nela a isenção da culpa original, e, por outro lado, com o reconhecimento do seu poder decisivo de intercessão junto da justiça divina em favor da fraqueza humana, em razão tanto da sua maternidade como da sua glorificação (que dela é consequência) ou também da exemplaridade em que é constituída pelo próprio Deus.¹²⁴

Tal afirmação reforça os fundamentos apresentados nesta pesquisa como justificativas para a intensa devoção à Mãe de Deus, elementos essenciais para a construção de um universo simbólico e maravilhoso centrado na figura da Virgem Maria durante a Idade Média. As narrativas analisadas ao longo deste capítulo contribuem significativamente para a compreensão do que se pode considerar uma verdadeira epifania mariana – a revelação progressiva de sua personalidade sagrada e de seus atributos como mediadora entre o divino e o humano. Essa mediação, evidenciada nos

¹²³ João 19:25-27.

¹²⁴ NASCIMENTO, 2004, p. 24.

relatos miraculosos dispostos poeticamente por Gonzalo de Berceo, será examinada com maior profundidade nos capítulos seguintes desta tese, consolidando a imagem da Virgem como protagonista da ação redentora no imaginário cristão medieval.

2.3 As peregrinações europeias e o culto mariano

Na Idade Média, os espaços foram, pouco a pouco, se consolidando política e religiosamente. O homem medieval deslocando-se, com maior intensidade, indica que o medievo foi o período, por excelência, da mobilidade. Sobre a peregrinação, o artigo “El hombre medieval como *Homo viator*”, de Garcia de Cortázar,¹²⁵ considera o homem medieval como um *homo viator*, a saber, um homem que se deslocava como um peregrino ou como um viajante. Para esse autor, os peregrinos, assim como os mercadores, viviam quase como nômades.

Essa concepção do homem medieval como *homo viator* revela uma realidade física de deslocamento constante e uma dimensão simbólica e espiritual que atravessa toda a cultura do período. A peregrinação, nesse contexto, assume um papel central como prática religiosa e como expressão de uma cosmovisão em que a vida humana é compreendida como uma travessia em direção ao sagrado. Os caminhos percorridos pelos fiéis, rumo a locais de culto e relíquias sagradas, espelham a jornada interior do cristão em busca da salvação. Além disso, essa mobilidade não se restringe ao âmbito da fé: comerciantes e mercadores, artistas, cruzados, estudantes, reis, nobres, clérigos, guerreiros, artesãos, camponeses e trovadores também compunham um tecido social marcado pela circulação de pessoas, ideias e bens. Assim, a noção de mobilidade medieval deve ser compreendida como uma categoria de muitas faces, que articula religião, economia, cultura e subjetividade em um mesmo horizonte de sentido.

A partir do século XI, o peregrino passa a designar o homem que viaja sozinho ou coletivamente a um lugar santo, realizando tal feito por motivo religioso e com espírito de devoção. “A ideia de santuário, de lugar sagrado como destino, em que se pode renovar a noção de uma viagem permanente à pátria celeste, é fundamental para compreender a peregrinação medieval”.¹²⁶

Foi no século XI que a palavra “peregrino” ganhou um novo significado, ou seja, “visitante devoto de um santuário”. O viajante que tem um propósito de sacrifício pela fé

¹²⁵ GARCIA de CORTÁZAR, J. Ángel. El hombre medieval como “*Homo viator*”: Peregrinos y Viajeros. IV Semana de Estudios Medievales, Logroño, 1993. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/los-viajeros-medievales--0/>. Acesso em: 26 mai. 2024.

¹²⁶ DÍAZ Y DÍAZ, 1999, tradução nossa.

em sua viagem até um local santo passa a ser reconhecido como peregrino. A peregrinação, dessa maneira, tornou-se um ato de purificação e não somente uma visita a um santuário do santo de devoção.

Em razão disso, peregrinava-se a lugares longínquos, como a Terra Santa, Roma, ou Santiago de Compostela, apenas para citar as mais conhecidas peregrinações, ou se frequentava os pequenos santuários mais próximos de suas moradas, sempre em busca do perdão pelos seus pecados, ou então com o objetivo de alcançar alguma graça como a cura de doenças, panaceias e alívio para os seus sofrimentos físicos ou espirituais.

Conforme já mencionado, não existem restos mortais atribuídos à Virgem Maria, uma vez que, segundo a tradição cristã, ela teria sido elevada aos céus por meio da Assunção, concebida como uma dádiva em reconhecimento à sua vida de plena dedicação a Deus. Apesar da ausência de relíquias físicas, a veneração mariana se manifesta com vigor em diversos santuários espalhados pela Europa, construídos ao longo dos séculos, em diferentes estilos e contextos históricos. Tais monumentos não reafirmam a centralidade da figura de Maria na espiritualidade cristã e constituem importantes marcos culturais e artísticos. A seguir, reproduzimos alguns desses santuários, conforme catalogados por Cunha, com vistas a ilustrar a difusão e a permanência do culto mariano no imaginário ocidental.

o culto mariano na Europa remonta a um tempo mais antigo, bem antes da sua eclosão nos séculos XII e XIII, como o atestam a Capela de Maria “Estrela do Mar”, de Maastricht, do século IV, na Holanda, e os santuários de Puy-en-Velay e de Chartres, na França, ambos datados do século V, os quais foram consagrados à Mãe de Deus. No fim do século XI, afloram, no espaço europeu, os santuários dedicados à Virgem Maria. Com isso crescem simultaneamente as manifestações de devoção e invocação a Nossa Senhora, principalmente no espaço românico (mas não exclusivamente, é claro), em que o nome da Virgem aparece em destaque com seus respectivos epítetos: Nuestra Señora del Pilar, de Saragossa; Santa Maria Maggiore, de Roma; Notre Dame de Paris; Notre Dame de Chartres; Notre Dame de Rocamadour; a Virgen de Montserrat; para citarmos apenas as catedrais e os santuários mais famosos, não somente pela sua beleza artística, mas, pelo fato de serem também cenários de milagres marianos.¹²⁷

Nesses santuários dedicados à Virgem, fortaleceu-se a crença na Mãe Misericordiosa, *Mater Misericordiae*, portadora de um manto protetor que acolhe a humanidade. Por conseguinte, muitos milagres relatados na Idade Média foram atrelados a santuários e a imagens sacras da Virgem, visto que o objeto de devoção em relação à figura dela não podia ser sepulcral. Logo, segundo Nascimento, “O caráter excepcional

¹²⁷ CUNHA, 2016, p. 5-6.

da situação formada em torno do santuário [mariano] cria necessariamente os *miracula*”.¹²⁸

Figura 4: Virgem com o menino em majestade.



Fonte: Notre-Dame d'Orcival, Puy-de-Dôme, segunda metade do século XII.¹²⁹

No decorrer desta tese, vamos apresentar as legendas marianas, por outras palavras, os milagres marianos. Estes se difundiram pela repetição, isto é, ao que chamamos, de forma coloquial, como de “boca a boca”, os quais podiam sofrer algumas alterações justamente por este caráter oral, sejam modificações de paisagens, de personagens ou de algumas falas. De fato, suas origens irradiavam de todos os centros da cristandade. Esses centros eram as grandes catedrais, abadias e mosteiros, como Roma, Chartres, Monserrat, Léon. Nesses locais, “criavam-se” legendas, traduzindo de textos latinos, divinizando lendas pagãs gregas, atribuindo fatos extraordinários ao universo maravilhoso do atributo de intercessão da Virgem. Depois de criadas, eram divulgadas por todos os espaços de culto cristão.¹³⁰ No século XII, o papel da Virgem Maria nessas legendas é centralizado em seu papel de mediadora, ou advogada.

A maior difusão dos milagres marianos ocorreu, portanto, por intermédio dos caminhos de peregrinação: Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela, este último, aliás, sendo o lugar de maior constância em propagação e criação de legendas.

¹²⁸ NACIMENTO, 2004, p. 36.

¹²⁹ Disponível em: http://nova.evangelisation.free.fr/notre_dame_orcival.htm. Acesso em: 11 jan. 2023.

¹³⁰ LUCAS, Joaquim Benito de. Milagros de Nuestra Señora. Introducción, notas y versión modernizada: Joaquín Benito de Lucas – 1ª edición – Barcelona: Calle Recofort 104, 1988. p. 17.

Há indícios de que Gonzalo de Berceo manteve contato com as histórias que percorriam os caminhos que levavam a Santiago de Compostela, em especial o caminho francês, pois se encontrava próximo ao povoado de Berceo.¹³¹ Pode-se concluir, pois que os milagres que Gonzalo de Berceo transcreveu poeticamente são de inspiração popular e, de maneira efetiva, propagados pelos caminhos dessas peregrinações.

Sendo assim, existe uma relação do culto à Virgem Maria com os dos outros santos no catolicismo, uma vez que nos relatos de milagres há certa ordem de hierarquia e de protagonismo nas ações mediadoras dos fatos narrados.¹³² Maria, assim como o Espírito Santo, é uma figura de maior poder e reconhecimento no cristianismo, o que pode ser reafirmado na citação:

em posição cimeira, privilegiada e única, nesse plano mediador, está Maria, na sua dupla vinculação de maternidade relativamente a Cristo e de compassibilidade para com os homens. Por isso mesmo, Ela pode intervir nas situações mais extremas, contanto que haja mantido com Ela um contacto afectivo, por diminuto que seja. Se a justiça é atributo de Deus, a Maria pertence a misericórdia, sem diminuição do seu poder e de sua glória.¹³³

Figura 5: Virgem Maria com o São Jorge e São Teodoro.



Fonte: Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai (séc. VI/VII).

No próximo capítulo é analisado o prólogo da obra *Milagros de Nuestra Señora*, texto no qual Gonzalo de Berceo exalta a majestosa figura da Virgem Maria para aqueles que a ela se dedicam em devoção.

¹³¹ SILVA, 2008, p. 68.

¹³² Na figura 5, exposta nesta pesquisa, é perceptível a centralidade da figura da Mãe de Deus em relação aos outros santos.

¹³³ NASCIMENTO, 2004, p. 25.

CAPÍTULO 3: *INTRODUCCIÓN DE LOS MILAGROS DE NUESTRA SEÑORA*: TRADUÇÃO E ANÁLISE

*Quero nestas árvores – um instante subir
e de tantos milagres – alguns redigir
a Gloriosa me guie – que o possa cumprir,
o que não me atrevera – sem sua ajuda seguir.*

*Eu vou tê-lo por milagre – que me fez a Gloriosa
se me guiar quiser – a mim em tão doce coisa:
Mãe, cheia de graça, – Rainha muito poderosa,
guia-me nele, – pois é muito piedosa.¹³⁴*

(Gonzalo de Berceo)

Milagros de Nuestra Señora, de Gonzalo de Berceo, figura entre as mais expressivas coletâneas de milagres marianos da Idade Média, ao lado das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, e dos *Miracles de Nostre Dame*, de Gautier de Coincy. Todas essas obras destacam o papel central da Virgem Maria como mediadora entre Deus e os homens, reafirmando sua autoridade espiritual e seu poder intercessor no imaginário cristão medieval. No entanto, a obra de Berceo distingue-se por sua originalidade formal e estrutura narrativa. Além de compor seus poemas no rigor métrico da *cuaderna vía*, Berceo inova ao introduzir os milagres com um prólogo igualmente poético, que antecipa, em estilo e temática, os vinte e cinco poemas miraculosos que compõem a coletânea. Esse prólogo orienta a leitura devocional da obra e revela a intencionalidade didática e estética do autor, ao apresentar a Virgem como figura de salvação em um universo simbólico profundamente ancorado na religiosidade medieval.

Neste capítulo será estudado especificamente esse prólogo, ou *Introducción*, como é nomeado no texto original, analisando o papel do “eu poético” em sua viagem, que podemos afirmar ser de natureza espiritual, a um jardim dadivoso que, metaforicamente, remete à figura da Mãe de Deus. Se toda a obra for vista à luz da teologia mariana e das técnicas exegeticas à disposição do clero para a sua explicação, especialmente a tipologia bíblica, percebe-se que os *Milagros* gozam de uma estreita organização temática cuja chave se encontra nessa Introdução da obra. Para compreender plenamente o significado e a função das quarenta e seis estrofes iniciais de *Milagros de Nuestra Señora*, faz-se necessário abordar o texto com o devido rigor analítico, aliando respeito à sua complexidade à curiosidade crítica diante da engenhosidade poética de Gonzalo de Berceo. Trata-se de um autor profundamente habilitado no domínio das técnicas e

¹³⁴ Tradução nossa.

estruturas literárias de seu tempo, cuja obra revela um domínio consciente da forma, aliado a uma intencionalidade pedagógica e devocional marcante. Deve-se procurar, portanto, um princípio unificador que transforme a linguagem figurativa que o próprio poeta expõe num sistema coerente de associações e ideias.¹³⁵

Diante do exposto, serão apresentados neste capítulo alguns trechos da tradução dessa introdução, além de uma análise sobre a poesia escrita por Gonzalo de Berceo.¹³⁶ Inicialmente, será exposta a estratégia do poeta em que estabelece um rico diálogo entre a Bíblia e suas composições poéticas, fazendo uso de tipologias e linguagem figurativa para exaltar a Virgem Maria. Sendo assim, há uma comparação significativa entre a Virgem e as passagens do *Gênesis*, no qual diversos elementos são reinterpretados para ilustrar o papel redentor e puro de Maria em contraste com a narrativa da queda do homem.

Além dessa referência bíblica, serão analisadas as simbologias e as metáforas atribuídas pelo autor para nomear e retratar a figura da Virgem Maria e o seu protagonismo nos milagres que seguem na obra. Diante disso, outros textos bíblicos também serão comentados, uma vez que são utilizados pelo poeta para tecer analogias à figura de Maria.

Outro aspecto relevante a ser analisado diz respeito à figura do *homo viator*, expressão recorrente na cultura medieval que remete às viagens devocionais, amplamente praticadas ao longo desse período. Mais do que uma simples referência ao hábito de deslocamento físico, a peregrinação constituía uma metáfora existencial e espiritual, representando a travessia do ser humano em direção ao sagrado. Nesse sentido, a peregrinação integrava o cotidiano religioso do homem medieval e figurava como um *topos* recorrente na literatura da época, simbolizando a condição transitória da vida e a busca pela salvação.

A densidade literária e simbólica do prólogo de *Milagros de Nuestra Señora* abre espaço para múltiplas camadas de interpretação, revelando a complexidade estética e teológica da obra. No capítulo 3 desta tese, propôs um exame articulado em três eixos interpretativos: a associação entre o prólogo e o relato do *Gênesis*, com ênfase na imagem do jardim do Éden; o exame das simbologias bíblicas e dos epítetos atribuídos à Virgem Maria; e, por fim, a leitura do eu lírico como figura do *homo viator*, cuja jornada espiritual

¹³⁵ GERLI, Michael. *Milagros de Nuestra Señora*. Madrid: CATEDRA Letras Hispánicas, 1992. p. 31-48

¹³⁶ A tradução na íntegra do prólogo dos *Milagros de Nuestra Señora*, juntamente com os doze primeiros milagres da obra, constam no anexo deste trabalho. Os versos originais foram dispostos paralelamente aos versos traduzidos, para melhor visualização. O texto poético será apresentado neste capítulo em trechos, para melhor elaboração da análise e dos comentários.

espelha o itinerário do fiel medieval em busca da salvação. Esses eixos nos permitem compreender de forma mais abrangente a estrutura poética e a intenção devocional subjacente à composição de Gonzalo de Berceo.

3.1 O prólogo e o *Gênesis*: o jardim do Éden

A Introdução, ou Prólogo, de *Milagros de Nuestra Señora* pode ser analisada de duas maneiras: uma literal, ou superficial, e outra metafórica. Neste estudo, o foco será a análise metafórica, que será definida pelo próprio poeta: “*tolgamos la corteza, – al meollo entremos*”, “retiramos a capa – no miolo entremos”, o que significa que a abordagem será voltada para as verdades sobrenaturais, uma vez que os milagres apresentados narram fatos de cunho espiritual, protagonizados pelo poder de intercessão da Virgem Maria.

Em *Gênesis*, a queda do homem começa no Jardim do Éden, onde Eva é tentada pela serpente e come o fruto proibido, levando ao pecado original. Esse evento marca o início da separação entre a humanidade e Deus. Em contraste, Berceo utiliza a imagem de um prado para representar um lugar de graça e redenção, em oposição ao jardim de desobediência. Maria, como a nova Eva, traz a redenção que reverte o pecado original. Por sua vez, essa ação, mediada pela Virgem, faz a humanidade encontrar novamente a possibilidade de reconciliar-se com Deus.

Dessa maneira, Gonzalo de Berceo, por meio da Introdução, utiliza as narrativas do *Gênesis* para criar um contraste poderoso entre a queda e a redenção. Ao retratar Maria como a nova Eva e o prado como o novo Éden, Berceo sublinha a importância da Virgem no plano divino da salvação, oferecendo uma visão poética e teológica que realça a graça e a intercessão por meio de Maria. Essa abordagem não só enriquece a compreensão teológica da época, mas proporciona uma reflexão sobre o papel redentor da Virgem Maria na tradição cristã.

O prado em Berceo é descrito como um *locus amoenus*, um lugar ideal e harmonioso que simboliza a plenitude da graça. Essa descrição contrapõe-se à do Jardim do Éden pós-queda, um lugar de onde o casal primordial foi excluído devido ao pecado. O prado de Berceo, com suas árvores e fontes abundantes, simboliza o retorno à graça e à inocência perdidas com a desobediência de Adão e Eva. Esta recuperação da harmonia é mediada pela Virgem Maria, cuja intercessão traz de volta a paz e a redenção.

Outra analogia relevante pode ser estabelecida entre a árvore do conhecimento do bem e do mal, apresentada no livro do *Gênesis* como símbolo da transgressão e da queda, e as árvores descritas no prado de Gonzalo de Berceo. Enquanto, no Éden, a árvore

representa a origem do pecado e da expulsão da humanidade da presença divina, no prado berceano as árvores assumem uma simbologia oposta: em vez de remeterem à tentação, evocam proteção, acolhimento e intercessão. Sob sua sombra, os pecadores encontram refúgio, figurando a misericórdia e o amparo da Virgem Maria. Trata-se de um recurso alegórico que amplia o papel da Mãe de Deus como mediadora da graça – uma figura que redime e reorienta o ser humano em direção à inocência perdida, invertendo simbolicamente o drama da queda e oferecendo, por meio de sua intercessão, a possibilidade de reconciliação com o sagrado.

Para mais, outra referência é a presença das quatro fontes no prado, que pode ser vista como uma alusão aos quatro rios que irrigavam o Éden.¹³⁷ Enquanto no Éden as águas simbolizam a abundância inicial antes da queda, no prado de Berceo, as fontes simbolizam os Evangelhos e a doutrina de Cristo, difundida pelo mundo por meio da intercessão de Maria. Essas águas não somente nutrem o prado, mas representam a vida espiritual e a salvação oferecida por Cristo, mediada por Maria.¹³⁸

As várias interpretações sobre o texto do *Gênesis* trouxeram possibilidades de compreensão a respeito de muitas relações socioculturais durante a história, uma vez que são definidas e compreendidas com base na interpretação desse texto bíblico. É possível citar essas relações entre homem e mulher, homem e natureza, divindade e humanidade. Dessa maneira, Gonzalo de Berceo utiliza esse espaço referindo-se ao Éden como um lugar almejado pelos homens.

O paraíso, representado pelo jardim do Éden, é utilizado nas produções literárias e artísticas ao longo da história. A ocorrência desse espaço em textos literários é bastante extensa. Na Idade Média, a natureza é um elemento idealizado, conforme inspiração da mitologia e da Antiguidade, além do texto do *Gênesis*. Esse elemento está presente na literatura medieval “nas estrofes primaverais, nas pastorelas,¹³⁹ nas *reverdies*,¹⁴⁰ em vários romances corteses e em várias canções de gesta, no *Roman de la Rose*,¹⁴¹ assim como na celebração do *locus amoenus*.”¹⁴²

¹³⁷ Gênesis 2:10-14, 2002.

¹³⁸ GONZÁLEZ, Javier Roberto. La alegoría cristiana o in Factis en el Prólogo de los Milagros de Nuestra Señora de Berceo. RLM, XXII. 2010, p. 105-154. ISSN: 1130-3611. Disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/10455>. Acesso em: 01 jun. 2024.

¹³⁹ Pastorela: gênero lírico-narrativo que desenvolve o tema do encontro entre um cavaleiro-trovador e uma pastora num quadro topográfico concreto (*locus amoenus*). Cf. LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (coord.). Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa. Tradução de José Colaço Barreiros e Artur Guerra. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993. p. 513.

¹⁴⁰ *Reverdie* é um antigo gênero poético francês, que celebra a chegada da primavera. Literalmente, significa “reverdecimento”. Muitas vezes, o poeta encontrará a Primavera, simbolizada por uma bela mulher (Cf. HARMON, 2005).

¹⁴¹ *Romance da rosa*, Guilherme de Lorris (c. 1200-1230).

¹⁴² CUNHA, 2016, p. 2.

O jardim cumpre seu papel simbólico de Paraíso terreno, uma réplica do Paraíso celestial, um lugar de alumbramento. Esse espaço é o elemento ligado ao paradisíaco e está relacionado a várias culturas do mundo, ocidentais e orientais, uma vez que está presente em ruas, castelos, casas, instituições públicas, ou seja, constitui-se como um elemento que não pode faltar em qualquer projeto de engenharia. A maneira como os jardins são construídos relaciona-se a um lugar paradisíaco, aprazível. No *Dicionário de símbolos*,¹⁴³ é citado que, no Islã, Alá é o jardineiro, e que também pode-se mencionar na cultura cristã, em que o “próprio Deus é um jardim”, ou seja, a natureza do jardim é divina.

Na composição do jardim, sempre se encontram flores, árvores, água, pássaros, às vezes, frutos, luz solar, sombras refrescantes, assim como Gonzalo de Berceo descreve em seu prólogo:

6

Nunca trobé en sieglo lugar tan deleitoso,
nin sombra tan temprada ni olor tan sabroso;
descargué mi ropiella por yacer más vicioso,
poséme a la sombra de un árbol fermoso.

6

Nunca encontrei no mundo – lugar tão prazeroso,
nem sombra tão amena – nem cheiro tão saboroso;
tirei meu casaco – para jazer mais gostoso,
deitei-me à sombra – de um arbusto formoso

Várias civilizações cultivavam os jardins: grega, persa, egípcia, romana. É uma tradição, em que se registram sofisticados, às vezes, espaços artificiais, representando os jardins. Ainda citando o *Dicionário de símbolos*, o jardim revelava o poder do homem em relação à natureza domesticada. “É um símbolo de cultura por oposição à natureza selvagem, de reflexão por oposição à desordem, da consciência por oposição a inconsciência”.¹⁴⁴ Ou seja, é o espaço onde o homem pode moldar à sua maneira, e trazer a Natureza de maneira organizada, que agrada as vistas humanas.

A temática do jardim pode trazer o perfume das flores, o frescor, a sombra, o refúgio, os sabores, os pássaros e os outros animais. Todos esses elementos estão presentes na “Introdução” de *Milagros de Nuestra Señora*. “O Paraíso é um jardim, e o jardim é um paraíso”,¹⁴⁵ quem passeia pelos jardins procura o que é mais íntimo de sua alma. O *Cântico dos cânticos*,¹⁴⁶ citado no dicionário, apresenta um dos jardins mais belos e rico em simbologias:

¹⁴³ CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain (org.). *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução: Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 512.

¹⁴⁴ DICIONÁRIO DE SÍMBOLO: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.] – 16. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 512.

¹⁴⁵ DICIONÁRIO DE SÍMBOLO: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números), 2001. p. 512.

¹⁴⁶ Cânticos dos Cânticos, 4:12-16; 5:1.

És jardim fechado,¹⁴⁷
 minha irmã, noiva minha,
 és jardim fechado,
 uma fonte lacrada,
 Teus brotos são pomar de romãs
 como frutos preciosos;
 cachos de hera com nardos;

nardo e açafraão,
 canela, cinamomo
 e árvores todas de incenso,
 mirra e alóas,
 e os mais finos perfumes.
 A fonte do jardim
 é poço de água viva
 que jorra, descendo o Líbano!

Desperta, vento norte,
 aproxima-te, vento sul,
 sopraí no meu jardim
 para espalhar seus perfumes.
 Entre o meu amado em seu jardim
 e conta de seus frutos saborosos!

Já vim ao meu jardim,
 minha irmã, noiva minha,
 colhi minha mirra e meu bálsamo,
 comi meu favo de mel,
 bebi meu vinho e meu leite.

Comei e bebei, companheiros,
 embriagai-vos, meus caros amigos!

Esse trecho revela um jardim perfumado com os cheiros mais sublimes, com uma fonte e uma flora, com frutos e sabores de mel e de vinhos, que são metáforas dos encantos da amada, assim como no prólogo de Berceo que usa dessa mesma metáfora para se referir às qualidades da Virgem Maria. Jean Delumeau afiança que “O paraíso é belíssimo, mas é de difícil acesso”,¹⁴⁸ ou seja, a beleza não é para todos, é preciso decifrá-la, compreendê-la, para então aceitar o que dela pode vir, como nos milagres de intercessão da Virgem.

No intuito de apresentar outro exemplo que ilustra a temática do jardim e sua recorrência na Idade Média, Delumeau¹⁴⁹ aponta o retábulo de Gand¹⁵⁰ como o mais belo painel pintado da cristandade, podendo-se afirmar que é uma das melhores imagens e

¹⁴⁷ O jardim está fechado enquanto a noiva não o abrir para as núpcias.

¹⁴⁸ DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 16.

¹⁴⁹ DELUMEAU. 2003. p. 23.

¹⁵⁰ “Gand” em francês e “Gant” em neerlandês e alemão.

obras para descrever um jardim paradisíaco e configura-se na melhor representação dos elementos aqui analisados.¹⁵¹

Figura 6: *Catedral Saint-Bavo.*



Fonte: Art in Flanders. Fotografia de Hugo Maertens, Dominique Provost, KIK-IRPA.¹⁵²

O retábulo de Gand pode ser visto aberto ou fechado. Em sua totalidade, é possível analisar o mistério da redenção, a queda de Adão e Eva, o sacrifício do cordeiro e a visão do que se espera ser o paraíso. Para esta pesquisa, a interpretação dessa obra de que Eva-Maria seria uma nova aliança firmada com Deus, reafirma os planos divinos.

Na composição do retábulo, ao topo, bem ao centro, há a figura de Deus, o qual representa a presença do Pai e do Filho em uma só pessoa, que veste uma túnica vermelha e está com a mão direita estendida, abençoando o momento de adoração do Cordeiro. Ao seu lado, à direita, encontra-se a Virgem, vestida de manto azul e coroada como Rainha do Céu, ela está concentrada e parece ler o livro que está em suas mãos. A figura da Mãe de Deus possui um diadema ornada com rosas e sete lírios, que representam as sete alegrias que experimentou em vida¹⁵³. Em sua coroa, os doze junquinhos¹⁵⁴ unidos a doze

¹⁵¹ A autoria dessa obra é atribuída aos irmãos Hubert e Jan van Eyck e é composta por 12 painéis, quando fechado, e mais 12, quando está aberto, além disso, a obra é considerada a primeira grande pintura a óleo que ganhou admiração mundial. Restaurada, encontra-se atualmente na Catedral de São Bavão, em Gent, Bélgica.

¹⁵² Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/cultura/20210402-adora%C3%A7%C3%A3o-do-cordeiro-m%C3%ADstico-obra-prima-do-s%C3%A9culo-xv-%C3%A9-reaberta-ao-p%C3%BAblico-em-ghent-ap%C3%B3s-longa-restaura%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 21 abr. 2024.

¹⁵³ A anunciação do anjo Gabriel ((Lucas 1:26-38), a visita de sua prima Isabel (Lucas 1:39-56), o nascimento de Jesus Cristo (Lucas 2:1-20), a adoração dos três Reis Magos (Mateus 2:1-12), o encontro do menino Jesus no templo (Lucas 2:41-50), a ressurreição de Jesus (Lucas 24:1-12; João 20:1-18), assunção de Maria e sua coroação no céu. Cf. AMBRÓSIO. Comentário ao Evangelho de São Lucas. Tradução: Luciano Rouanet Bastos. São Paulo: Paulus, 2022.

¹⁵⁴ Junquilha, também conhecido como frésia, lírio do vento ou da chuva.

estrelas, em menção à mulher citada no Apocalipse 12:1, mencionado no Capítulo 2 desta tese.

À esquerda, São João Batista segura um livro, que corresponde aos Evangelhos. Anjos cantam e tocam instrumentos ao lado da Virgem e de São João Batista. Nas extremidades, à direita e à esquerda, estão Adão e Eva, os quais estão no céu, nus, e Eva está grávida, representando a redenção, graças ao sacrifício do Cordeiro Divino:

Figura 7: “Adoração do Cordeiro Místico”



Fonte: Pintada pelos irmãos Van Eyck, em 1432. KIK-IRPA, Brussels, Belgium.¹⁵⁵

Na imagem, nota-se a campina vasta e paradisíaca, com arbustos floridos. Em sua volta, há pequenos bosques que abrigam algumas construções que remetem à Jerusalém celeste.¹⁵⁶ Alguns cortejos podem ser vistos, em adoração, em torno do altar do Cordeiro e de uma fonte, a fonte da vida. Anjos, ao redor, estão ajoelhados em posição de oração e de proteção. Há profetas segurando livros; duas procissões ao fundo, com as pessoas trazendo palmas; os confessores e os papas vestidos de vermelho. Há, na parte superior, uma pomba iluminada, representando a presença do Espírito Santo.

Já o retábulo fechado, é composto de doze painéis, como quando está aberto, e esse número é bastante sugestivo em relação aos apóstolos de Cristo, os quais são considerados as bases da Igreja Católica. O políptico¹⁵⁷ fechado apresenta os apóstolos João Evangelista e João Batista, abaixo, e a cena da Anunciação, ao centro. Acima, há dois profetas e duas sibilas.¹⁵⁸

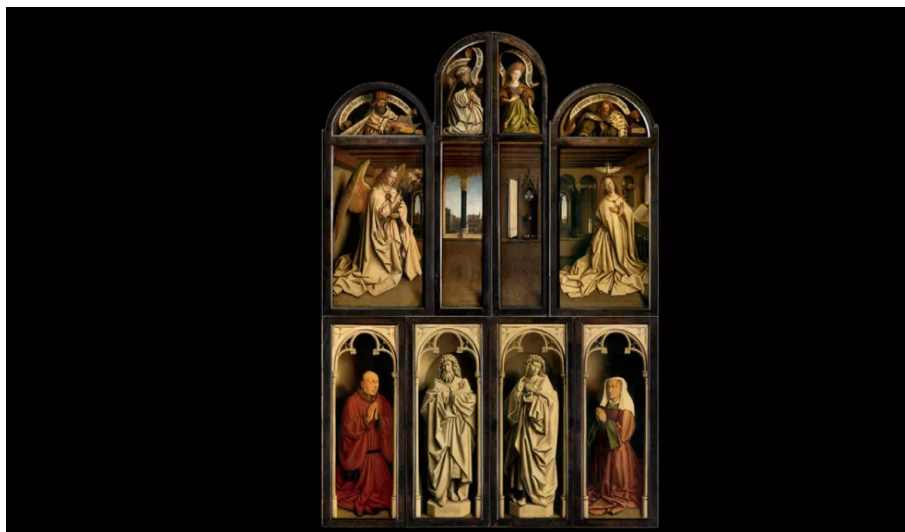
¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/cultura/20210402-adora%C3%A7%C3%A3o-do-cordeiro-m%C3%ADstico-obra-prima-do-s%C3%A9culo-xv-%C3%A9-reaberta-ao-p%C3%BAblico-em-ghent-ap%C3%B3s-longa-restaura%C3%A7%C3%A3o>. Acesso: 21 abr. 2024.

¹⁵⁶ DELUMEAU, 2003, p. 24.

¹⁵⁷ Políptico ou retábulo.

¹⁵⁸ Sibilas são sacerdotisas, na Antiguidade, dos templos de Delfos e de Cuma. Também eram consideradas mulheres oraculares.

Figura 8: *Retábulo fechado.*



Fonte: Catedral © Lukasweb.be-Art in Flanders vzw, photo Hugo Maertens.¹⁵⁹

Na cena da Anunciação, está o Anjo Gabriel, segurando os lírios, símbolos da pureza e da virgindade de Maria. De sua boca saem palavras, em latim: “Ave Maria cheia de graça, abençoada sois entre as mulheres”. Maria, por sua vez, tem uma pomba branca acima da cabeça, simbolizando o Espírito Santo, e as palavras que saem da sua boca são: “Contemplai a serva do senhor”. Essa cena representa a concretização da teoria Eva-Maria, em que a Virgem aceita conceber o Filho de Deus, em consonância com o plano divino de redenção da humanidade.

A obra dos irmãos Hubert e Jan van Eyck constitui uma expressão artística emblemática das concepções teológicas e simbólicas relacionadas à figura da Virgem Maria. Ricamente composta por uma densa simbologia bíblica, suas representações visuais reafirmam, por meio de imagens e metáforas, a centralidade mariana presente também na poética de Gonzalo de Berceo. As proposições visuais elaboradas pelos pintores flamengos dialogam diretamente com os atributos outorgados à Virgem no prólogo de *Milagros de Nuestra Señora*, no qual Maria é enaltecida de forma alegórica como mediadora, redentora e figura de reconciliação. Assim, ambas as obras, ainda que em linguagens distintas, convergem na construção de um imaginário mariano que transcende os limites entre literatura, teologia e arte.

Apesar das diferenças de forma e de meio de expressão, tanto o Retábulo de Gand quanto a obra de Gonzalo de Berceo compartilham uma preocupação central com a religião e com a espiritualidade. Ambos são produtos de uma sociedade enraizada na fé

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/cultura/20210402-adora%C3%A7%C3%A3o-do-cordeiro-m%C3%ADstico-obra-prima-do-s%C3%A9culo-xv-%C3%A9-reaberta-ao-p%C3%BAblico-em-ghent-ap%C3%B3s-longa-restaura%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 21/04/2024.

cristã. Nela, a arte e a literatura desempenhavam papéis fundamentais na transmissão e na vivência dessa fé. Além disso, tanto o retábulo quanto a obra de Berceo refletem uma estética e uma sensibilidade características da Idade Média, marcadas pela devoção e pela crença na presença do divino no mundo material.

Segundo Carmelo Gariano,

*si en lo referente a la introducción de los Milagros berceanos puede afirmarse que el poeta compone pintando, se echa de ver que la colección de las leyendas poetizadas se vincula con otro aspecto estructural del arte contemporáneo. No es arriesgado afirmar que en los varios milagros Berceo poetiza esculpiendo, pues en su conjunto tienen mucho en común con el retablo. Acaso no sea coincidencia que aquel siglo vio florecer en España ese género del arte religioso, siendo el primer retablo aún hoy día conservado la preciosa reliquia que perteneció al monasterio de Santo Domingo de Silos (el mismo al cual estuvo tan allegada la vida de nuestro poeta) y luego pasó a formar parte del tesoro provincial de Burgos.*¹⁶⁰

Ao analisar o Retábulo de Gand em relação à obra de Gonzalo de Berceo, é possível identificar duas formas distintas, mas complementares, de expressão artística e espiritual que são representativas da rica herança cultural e religiosa do ocidente medieval.

3.2 A simbologia bíblica e a construção dos epítetos marianos

Na introdução de *Milagros de Nuestra Señora*, observa-se a riqueza do simbolismo e o uso de epítetos, invocações e títulos honoríficos para se referir à Virgem Maria, cada um carregando significados teológicos e culturais. Nesta parte da tese, serão analisados alguns desses nomes simbólicos usados no “Prólogo” dessa obra de Berceo.

Em primeiro lugar, o sentido figurativo, no “Prólogo”, nas onze primeiras estrofes, Gonzalo de Berceo apresenta a obra e justifica a necessidade de escrevê-la. O autor pede ao leitor que seja concedente, uma vez que irá contar fatos que fogem à ordem natural dos acontecimentos. Além de solicitar tal concessão, o autor se identifica pelo nome “Gonzalo” e declara ser natural de “Berceo”, local de origem que também compõe sua

¹⁶⁰ “Se, no que diz respeito à introdução dos Milagres de Berceo, pode-se afirmar que o poeta compõe pintando, percebe-se que a coleção das lendas poetizadas se vincula a outro aspecto estrutural da arte contemporânea. Não é arriscado afirmar que, nos vários milagres, Berceo poetiza esculpindo, pois, no conjunto, têm muito em comum com o retábulo. Talvez não seja coincidência que aquele século tenha testemunhado o florescimento, na Espanha, desse gênero de arte religiosa, sendo o primeiro retábulo ainda hoje preservado a preciosa relíquia que pertenceu ao mosteiro de Santo Domingo de Silos (o mesmo ao qual a vida do nosso poeta esteve tão ligada) e que, posteriormente, passou a fazer parte do tesouro provincial de Burgos.” GARIANO, Carmelo. *El enfoque estilístico y estructural de las obras medievales*. Ediciones Alcalá Colección Aula Magna. Madrid, 1968 (tradução nossa).

designação autoral. Essa identificação aparece de forma explícita no verso: “Yo maestro Gonzalvo de Berceo nomnado” – “Eu, mestre Gonzalo – denominado de Berceo”.

A primeira metáfora de destaque no prólogo é a do “prado” (v. 6), concebida como um espaço simbólico de natureza transcendental, no qual o eu lírico se vê inserido enquanto está em romaria. Longe de ser apenas uma paisagem idílica, o prado adquire contornos espirituais e passa a representar uma antecipação do paraíso, uma imagem do Éden restaurado, acessível ao peregrino devoto. Trata-se de um espaço de contemplação e revelação, onde se manifesta a graça e se anuncia a mediação da Virgem Maria. Essa metáfora inicial estabelece o tom alegórico do texto e fundamenta a atmosfera mística que permeia os versos seguintes.

1
Amigos e vasallos de Dios omnipotent,
si vos me escuchádeses por vuestro consiment,
querriávos contar un buen aveniment:
terrédeshlo en cabo por bueno veramen
2
Yo maestro Gonzalvo de Berceo nomnado,
yendo en romería caecí en un prado,
verde e bien sencido, de flores bien poblado,
logar cobdiciaduero pora homne cansado.

1
Amigos e vassalos – de Deus onipotente,
se vos me escutar – de maneira concedente,
queria vos contar – um fato transcendente,
que o tereis, ao fim – por bom e excelente.
2
Eu, mestre Gonzalo – de Berceo nominado,
indo em romaria – estive em um prado,
muito verde e todo intacto – de flores bem povoado,
um lugar desejado – para um homem cansado.

A partir de então, começa-se a descrever esse jardim, levando o leitor a imaginar esse universo de paz e encantamento, da mesma maneira que o autor também o teria vivenciado. O *locus amoenus* é repleto de beleza, com árvores frondosas, odores sublimes, frescor e cantos de pássaros:

3
Daban olor sovejo las flores bien olientes,
refrescaban en homne las caras e las mientes;
manaban cada canto fuentes claras corrientes,
en verano bien frías, en ivierno calientes.
4
Habién y grand abondo de buenas arboledas,
milgranos e figueras, peros e mazedas,
e muchas otras fructas de diversas monedas,
mas non habié ningunas podridas ni acedas.
5
La verdura del prado, la olor de las flores,
las sombras de los árboles de temprados sabores,
resfrescáronme todo e perdí los sudores:
podrí vevir el homne con aquellos olores.

3
Exalavam odor forte – as flores bem cheirosas,
refrescavam o homem – as faces e as mentes;
manava em cada canto – águas claras correntes,
no verão bem frias – no inverno quentes.
4
Havia grande abundância – de bons arvoredos,
romãs e figueiras – peras e macieiras,
e muitas outras frutas – de diversas maneiras,
mas não havia nenhuma – nem podre, nem azeda.
5
O verde do prado – o cheiro das flores,
as sombras das árvores – de amenos sabores,
refrescaram-me todo – e perdi os calores:
podia viver o homem – com aqueles odores.

O prado apresentado pelo poeta não é meramente um espaço físico, mas um símbolo profundamente ligado à figura da Virgem Maria. O verde que o reveste representa a pureza imaculada da Mãe de Deus, associada, de maneira simbólica, a

diversos elementos presentes no poema. As fontes desse lugar dadivoso remetem aos Evangelhos, as árvores correspondem aos milagres da Virgem, a sombra das árvores simboliza as orações dirigidas a Santa Maria, as aves representam os santos padres, e as flores evocam os nomes de Nossa Senhora.

Nesse contexto, o poeta, outrora imerso em sua individualidade e incerteza, passa por uma transformação interior impulsionada pela experiência da fé.¹⁶¹ Gonzalo de Berceo constrói, assim, um percurso simbólico que não se limita ao eu lírico, mas que se estende ao próprio leitor, convocado a participar de um processo gradual de purificação espiritual. A devoção à Virgem Maria surge como o eixo central desse itinerário de redenção, funcionando como mediação necessária para o acesso ao sagrado. Essa preparação espiritual, cuidadosamente delineada no prólogo, é fundamental para que o leitor esteja apto – racionalmente, emocional e espiritualmente – a compreender e assimilar os milagres prodigiosos atribuídos a Santa Maria, os quais serão desvelados nos poemas que se seguem. Trata-se, portanto, de uma estratégia poética e teológica que antecipa a eficácia devocional da obra e reafirma o papel da literatura como veículo de formação moral e religiosa.

Estar nesse prado equivale a estar na presença de Maria, onde todos os sentidos do corpo – audição, visão, olfato, paladar e tato – são despertados pelos elementos desse *locus amoenus*. Esses mesmos sentidos também são estimulados pela leitura (escuta) dos milagres da Virgem. Para alcançar tal efeito, Berceo utiliza nomes metafóricos para se referir a Maria, comparando-a a símbolos que evocam auxílio, beleza, compaixão, misericórdia, delicadeza, esperança, passagens bíblicas e o poder de intercessão, características intimamente associadas à imagem da Virgem na mentalidade medieval. A seguir, transcrevemos algumas dessas denominações.¹⁶²

¹⁶¹ LUCAS, 1988, p.21.

¹⁶² LUCAS, 1988, p.25-26.

32

La benedicta Virgen es estrella clamada,
estrella de los mares, guñona deseada,
es de los marineros en las cuitas guardada,
ca cuando ésa veden es la nave guiada.

33

Es clamada, y éslo de los cielos, reina,
templo de Jesu Cristo, estrella matutina,
señora natural, piadosa vecina,
de cuerpos e de almas salud e medicina.

34

Ella es vellocino que fue de Gedeón,
en qui vino la pluvia, una grand visión;
ella es dicha fonda de David el varón
con la cual confondió al gigant tan felón

35

Ella es dicha fuent de qui todos bebemos,
ella nos dio el cebo de qui todos comemos;
ella es dicha puerto a qui todos corremos,
e puerta por la cual entrada atendemos.
[...]

37

Ella con grand derecho es clamada Siñón,
ca es nuestra talaya, nuestra defensión:
ella es dicha trono del rei Salomón,
rei de grand justicia, sabio por mirazón.

32

A bendita Virgem – é **estrela** chamada,
estrela dos mares – guia desejada,
é dos marinheiros – nas aflições guardada,
porque quando a veem – é a nave salva.

33

É chamada, e o é – dos Céus **Rainha**,
templo de Jesus Cristo, – **estrela matutina**,
senhora natural – e **piadosa vizinha**,
de corpos e de almas – **saúde e medicina**.

34

Ela é o **velocino**¹⁶³ – que foi de Gideão
em quem veio a chuva, – como uma grande visão;
ela é dita a **funda**¹⁶⁴ – de Davi o varão
com a qual confundiu – o gigante vilão.

35

Ela é dita a **fonte** – de quem todos bebemos,
e nos deu o alimento – do qual todos comemos;
ela é chamada porto – a quem todos corremos,
e **porta** pela qual – nossa entrada queremos.
[...]

37

Ela com grande direito – é chamada **Sião**,
porque é nossa **atalaia** – e nossa **proteção**:
ela é dita **trono** – do rei **Salomão**,
rei de grande justiça, – sábio por grande razão.

Todos os nomes destacados nos versos são metaforicamente relacionados à Virgem, a fim de estabelecer a atmosfera devocional e transmitir ensinamentos religiosos aos seus leitores. Segundo Gariano,

*al aclarar su alegorismo hace una lista de veinticinco nombres de María. A saber: estrella de los mares, reina de los cielos, templo de Jesus Cristo, estrella matutina, señora natural, piadosa vecina, salud del alma y cuerpo, velloncico de Gedeón, honda de David, fuente, puerto, puerta cerrada y abierta a la vez, paloma sin hiel, Siñón, trono de Salomón, vid, almendra, granada, olivo, cedro, bálsamo, palma, soporte de la serpiente bíblica, vara de Moisés y vara de Aarón.*¹⁶⁵

¹⁶³ Pele do carneiro, da ovelha, do carneiro, recoberto de lã. A Bíblia faz referência à história de Gideão (Juízes 6:36-40). Gideão é um homem humilde, mas com muitas dúvidas, pede a Deus um sinal da confirmação divina. Assim, ele coloca um velo de lã no chão e pede dois milagres para Deus. O primeiro sinal, ele procura o orvalho no velo, o segundo sinal, ele procura orvalho no chão.

¹⁶⁴ Arma feita de uma tira estreita de couro, alargada no meio, usada para atirar uma pedra ao longe. Numa das pontas da tira há uma alça, que é segurada pelo atirador ao girar a funda sobre a cabeça, enquanto a outra ponta é solta, no momento certo, para lançar a pedra (Juízes 20.16; 1Samuel 17.49). (KASCHEL, Werner e ZIMMER, Rudi. Dicionário da Bíblia de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 160).

¹⁶⁵ “Ao esclarecer seu alegorismo, ele faz uma lista de vinte e cinco nomes de Maria. A saber: estrela dos mares, rainha dos céus, templo de Jesus Cristo, estrela matutina, senhora natural, piedosa vizinha, saúde da alma e do corpo, velo de Gedeão, funda de Davi, fonte, porto, porta fechada e aberta ao mesmo tempo, pomba sem fel, Sião, trono de Salomão, videira, amêndoa, romã, oliveira, cedro, bálsamo, palmeira, suporte da serpente bíblica, vara de Moisés e vara de Aarão.” GARIANO, 1968 (tradução nossa).

A citação refere-se à tradição alegórica de nomear a Virgem Maria com nomes e imagens simbólicas que ressaltam sua importância na teologia cristã. Essa prática tem raízes na exegese bíblica medieval, em que Maria era identificada com diversas figuras e metáforas do Antigo e do Novo Testamento, consolidando sua imagem como intercessora e mãe.

A seguir, propõe-se uma leitura analítica de alguns dos nomes simbólicos atribuídos à Virgem Maria, recorrentes nos versos anteriormente citados. Cada uma dessas designações carrega consigo um denso substrato teológico e poético, revelando a importância da Virgem na tradição cristã medieval e a forma como Gonzalo de Berceo mobiliza alegorias bíblicas e imagens devocionais para consolidar sua função mediadora entre o humano e o divino. Serão abordadas, portanto, metáforas como a Porta – especialmente na formulação “Porta do Céu”, associada à Escada de Jacó –, a Estrela dos Mares, a Fonte de Misericórdia, o Velocino de Gideão, a Funda de Davi, o Monte de Sião, o Trono de Salomão e a Rainha dos Céus. Cada uma dessas imagens será explorada em sua dimensão simbólica, doutrinal e literária, com vistas a elucidar como a figura de Maria é enaltecida como intercessora plena e paradigma de perfeição espiritual no imaginário mariano de Berceo.

O episódio em que aparece a escada de Jacó encontra-se em *Gênesis* 28:10-17. Jacó sonha com uma escada que vai da terra ao céu, com anjos subindo e descendo por ela, e Deus está no topo da escada. Essa visão simboliza a conexão entre o céu e a terra e a promessa de Deus de estar com Jacó e seus descendentes:

Jacó deixou Bersabéia e partiu para Harã. Coincidiu de ele chegar a certo lugar e nele passar a noite, pois o sol havia-se posto. Tomou uma das pedras do lugar, colocou-a sob a cabeça e dormiu nesse lugar. Teve um sonho: Eis que uma escada se erguia sobre a terra e o seu topo atingia o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela! Eis que Iahweh estava de pé diante dele e lhe disse: “Eu sou Iahweh, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaac. A terra sobre a qual dormiste, eu a dou a ti e à tua descendência. Tua descendência se tornará numerosa como a poeira do solo; estender-te-ás para o ocidente e o oriente, para o norte e o sul, e todos os clãs da terra serão abençoados por ti e por tua descendência. Eu estou contigo e te guardarei em todo lugar aonde fores, e te reconduzirei a esta terra, porque não te abandonarei enquanto não tiver realizado o que te prometi.” Jacó acordou de seu sonho e disse: “Na verdade, Iahweh está neste lugar e eu não o sabia!”¹⁶⁶

¹⁶⁶ Gênesis 28:10-16.

A expressão “porta do céu” vem da mesma passagem do Gênesis. Nela, Jacó, ao acordar do sonho, exclama: “Teve medo e disse: ‘Este lugar é terrível! Não é nada menos que uma casa de Deus e a porta do céu!’”¹⁶⁷

Na introdução, Gonzalo de Berceo estabelece uma analogia teologicamente densa entre a escada de Jacó e a Virgem Maria. Ao recorrer a essa imagem bíblica, o autor evidencia a erudição de sua composição e reforça o papel central de Maria como mediadora entre o céu e a terra. Assim como a escada do patriarca bíblico ligava o mundo terreno ao divino, permitindo o trânsito de anjos, Maria é representada como o canal privilegiado pelo qual os fiéis podem ascender à graça e à comunhão com Deus. Essa associação, profundamente enraizada na tradição cristã medieval, sublinha a função salvífica da Virgem, reiterando sua condição de ponte espiritual entre a humanidade pecadora e a redenção oferecida pelo Cristo.

Como mãe de Jesus, Maria é reconhecida como uma intercessora que auxilia o acesso à graça e à salvação. A imagem da escada de Jacó, que simboliza a conexão entre o divino e o humano, reforça essa função mediadora. Maria é apresentada como o canal com que as bênçãos de Deus descem à terra, enquanto as orações dos homens sobem ao céu. A mediação é representada pelos anjos que sobem e descem pela escada, simbolizando a comunicação contínua entre Deus e a humanidade. Gonzalo de Berceo utiliza essa poderosa imagem para descrever a Virgem Maria, atribuindo a ela o papel de mediadora, análogo ao da escada de Jacó.

A escada de Jacó, na obra de Berceo, também pode ser vista como um prenúncio da Encarnação. Maria, ao dar à luz a Jesus Cristo, o Filho de Deus, tornou possível a conexão direta entre o céu e a terra. Jesus é, assim, a “escada” definitiva que liga a humanidade a Deus, e Maria foi o instrumento escolhido para essa união. Ela é o meio pelo qual a promessa de redenção se tornou realidade, assim como a escada de Jacó simboliza a promessa de Deus de bênçãos e proteção. A imagem da escada é, desse modo, uma fonte de esperança para a humanidade. Para os cristãos medievais, a escada representa a certeza de que a graça está acessível e que Maria, como mediadora, é uma figura central nessa dinâmica.

A metáfora da escada reforça o conceito de Maria como “Porta do Céu”, por meio da qual os devotos podem alcançar a salvação. Ela é o meio pelo qual Jesus veio ao mundo e, mediados por ela, os devotos podem se aproximar de Jesus.

¹⁶⁷ Gênesis 28:10-16.

A analogia entre a escada de Jacó e a Virgem Maria, elaborada por Gonzalo de Berceo, constitui uma expressão simbólica de notável densidade poética e teológica, que realça o papel central de Maria na espiritualidade cristã medieval. Nesse paralelo, Maria é concebida como a mediação por excelência entre o humano e o divino, uma figura maternal e compassiva que conduz os fiéis pelo caminho da salvação. Assim como a escada bíblica estabelece a ligação entre o céu e a terra, permitindo o trânsito de anjos e revelações, Maria se apresenta como o elo espiritual que torna possível a comunicação entre os homens e Deus. Sua presença facilita o acesso à graça e a renovação da esperança e da fé, reiterando sua condição de intercessora suprema no imaginário devocional da época.

“Estrela dos Mares” é um título que evoca a imagem da Virgem Maria como uma guia e protetora dos fiéis, tal como uma estrela que guia os navegantes por meio das águas turbulentas. Essa metáfora tem raízes nos textos bíblicos, patrísticos e medievais, em que Maria é vista como um farol de esperança e salvação, um elemento central para os marinheiros e todos os que enfrentam os desafios da vida.

Embora não seja mencionado exatamente o termo “Estrela dos mares” na Bíblia, a imagem é derivada de várias passagens que celebram a luz celestina e a proteção provida por Deus e seus intermediários, como Maria. Alguns versículos que podem ser interpretados para apoiar este simbolismo incluem: “O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, uma luz raiou para os que habitavam uma terra sombria”;¹⁶⁸ “Iahweh é minha luz e minha salvação: de quem terei medo? Iahweh é a fortaleza de minha vida: frente a quem temerei”;¹⁶⁹ “De novo, Jesus lhes falava: ‘Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida’”.¹⁷⁰ Esses versículos destacam a luz como um símbolo de salvação, orientação e presença sagrada, atributos que são transferidos para Maria por meio do título “Estrela dos Mares”.

Na obra de Berceo, a Virgem Maria é apresentada como uma figura de intercessão e proteção e o espírito desse epíteto permeia a descrição de Maria como uma luz guia e uma fonte de segurança para os devotos. Berceo exalta Maria por meio de uma série de milagres que ilustram sua intercessão compassiva e seu poder miraculoso, ressaltando sua importância espiritual e maternal para a comunidade cristã.

A metáfora de Maria como “Estrela dos Mares” capta a essência de seu papel na tradição cristã: um guia seguro em tempos de escuridão e de tempestade. Gonzalo de

¹⁶⁸ Isaías 9:1.

¹⁶⁹ Salmos 27:1.

¹⁷⁰ João 8:12.

Berceo, na introdução a *Milagros de Nuestra Señora*, perpetua essa imagem, reforçando a devoção mariana e destacando a centralidade de Maria como uma figura de luz e esperança na espiritualidade medieval.

Durante a Idade Média, o título “Estrela dos Mares” foi difundido por meio de hinos, sermões e obras literárias, refletindo a centralidade da devoção mariana na espiritualidade do período.

Tanto “Estrela da Manhã”, variante de “Estrela dos Mares”, quanto “Templo de Jesus Cristo” referem-se à Virgem Maria como a estrela que precede e anuncia o nascer do sol, simbolizando Jesus Cristo. A Estrela da Manhã é um símbolo de esperança e guia, indicando Maria como uma luz que conduz seus devotos à salvação. Em Apocalipse 22:16, no Epílogo, Jesus anuncia: “Eu, Jesus, enviei meu Anjo para vos atestar estas coisas a respeito das Igrejas. Eu sou o rebento da estirpe de Davi, a brilhante estrela da manhã.”

“Fonte” ou “Fonte de Misericórdia” são atribuídos a Maria, retratando-a como uma fonte inesgotável de misericórdia e compaixão. Esses títulos enfatizam o papel de Maria como intercessora misericordiosa, sempre pronta a interceder pelos pecadores junto a seu Filho.

A história do velocino de Gideão, como visto anteriormente, aparece no livro de *Juízes* 6:36-40.¹⁷¹ Gideão, um juiz de Israel, busca um sinal de Deus para confirmar que será capaz de salvar Israel dos madianitas.¹⁷² Gideão pede sinais a Deus:

Gedeão disse a Deus: “Se verdadeiramente queres livrar a Israel por meu intermédio, como disseste, eis que colocarei um velo de lã na eira: se o orvalho cair somente sobre o velo, e todo o terreno estiver seco, então saberei que livrarás a Israel por minha mão, como disseste”.¹⁷³

O velocino é um meio de comunicação entre Deus e Gideão, confirmando a escolha e a presença do poder de Deus. Assim, a lã do velo, isolada do ambiente ao seu redor, simboliza pureza e separação do mundo exterior. Por meio desses sinais, é demonstrada a capacidade de Deus de operar milagres.

Berceo utiliza a metáfora do Velocino de Gideão para apontar a pureza, a maternidade e o papel intercessor de Maria. Assim como o velo de Gideão estava isolado e puro, Maria é concebida sem pecado original. Ela é chamada de “Imaculada”, destacando sua pureza única entre os seres humanos. O velocino serve como um sinal de

¹⁷¹ Juízes 6:36-40.

¹⁷² No Antigo Testamento, os midianitas eram os descendentes de Midiã, um dos filhos de Abraão com sua esposa Cetura (Gênesis 25:2, Números 32:2).

¹⁷³ Juízes 6:36-37.

comunicação entre Deus e Gideão, assim como Maria é uma mediadora entre Deus e os homens. Ela é vista como uma intercessora que apresenta as necessidades dos fiéis a seu Filho, Jesus.

A comparação entre o velocino de Gideão e a Virgem Maria, retomada por Gonzalo de Berceo, está imbuída de profundas conotações espirituais e teológicas. No contexto bíblico, o velo aparece como um sinal miraculoso da vontade e da presença ativa de Deus no mundo. De modo análogo, Maria é representada como o instrumento privilegiado da ação divina, escolhida para tornar possível a Encarnação do Verbo. Sua concepção imaculada, livre do pecado original, reforça a ideia de que somente um recipiente puro poderia conter o sagrado, à semelhança do velo de Gideão que, ao ser alvo do orvalho enquanto o chão permanecia seco (e vice-versa), simbolizava a confirmação da escolha.

Essa metáfora, portanto, celebra a singularidade de Maria como mãe do Filho de Deus e reafirma sua função como sinal visível da intervenção celestial na história da salvação. A pureza atribuída ao velo, nesse sentido, espelha a santidade e a integridade espiritual da Virgem, consolidando sua imagem como portadora da graça e como figura central no cumprimento do plano redentor. Tal associação contribui para a legitimação do dogma da Imaculada Conceição, segundo o qual Maria foi preservada de todo pecado desde o momento de sua concepção, sendo plenamente digna de gerar o Salvador.

Além das conotações teológicas associadas à pureza e à mediação, a analogia entre o Velocino de Gideão e a Virgem Maria também evidencia a dimensão da fé e da obediência à vontade de Deus. Assim como Gideão confiou plenamente na sua providência ao solicitar um sinal, os fiéis são convidados a depositar sua confiança na intercessão da Virgem, reconhecendo nela uma mãe amorosa e compassiva que apresenta as súplicas de seus filhos a Deus, assegurando-lhes escuta e acolhimento. Ambos – Gideão e Maria – exemplificam, portanto, modelos de obediência e entrega total ao desígnio divino: ele, ao seguir as instruções recebidas com fé inabalável; ela, ao aceitar sua missão de ser a mãe do Salvador com humildade e submissão absolutas. Essa correspondência entre as duas figuras reforça a centralidade da confiança como princípio orientador da experiência religiosa e da relação com o sagrado.

A aproximação da funda de Davi à Virgem Maria destaca o papel poderoso de Maria como intercessora e protetora. Essa analogia se baseia na história bíblica em que o jovem Davi derrota o gigante Golias com uma funda, simbolizando a vitória do fraco sobre o forte pela fé e pela intervenção.

Na Bíblia, em 1 Samuel 17:41-58,¹⁷⁴ Davi, um jovem pastor, usa uma simples funda para derrubar o gigante filisteu Golias, que ameaçava o povo de Israel. Essa passagem é, muitas vezes, interpretada como um exemplo de que a fé e a ajuda divina podem permitir que alguém supere obstáculos aparentemente intransponíveis. A funda de Davi, um instrumento humilde, é transformada em uma ferramenta de grande poder e vitória por meio da fé em Deus.

Berceo utiliza essa imagem para simbolizar o papel de Maria como uma mediadora poderosa e protetora da humanidade. Assim como a funda de Davi, que parece pequena e insignificante, mas foi usada para alcançar um grande feito, Maria, uma mulher humilde, é escolhida para ser a mãe de Deus e desempenhar um papel central na redenção da humanidade. Essa aproximação também enfatiza a ideia de que Deus escolhe humildes e fracos capacitando-os para realizar seus maiores milagres.

Na obra de Berceo, Maria é apresentada como a mãe de Cristo e como uma intercessora ativa e compassiva que está constantemente protegendo e ajudando seus devotos. A analogia com a funda de Davi reforça a ideia de que Maria, por meio de sua intercessão, pode ajudar os homens a superarem seus próprios “gigantes” – as dificuldades e tentações da vida.

Além disso, a metáfora da funda de Davi é um lembrete de que a verdadeira força e vitória vêm da fé e da bênção, não das aparências exteriores ou do poder mundano. Isso está alinhado à teologia mariana medieval, que vê Maria como um canal essencial da graça, oferecendo proteção e auxílio aos que se voltam para ela com fé.

Essa reflexão de Berceo é um exemplo claro de como ele usa a metáfora bíblica para criar um retrato rico e diversificado da Virgem Maria, incorporando elementos do Antigo Testamento para iluminar sua importância e função na história da salvação cristã.¹⁷⁵

Já Sião, muitas vezes referida como o Monte Sião, é uma colina em Jerusalém que tem um papel ímpar na tradição bíblica.¹⁷⁶ Representa tanto a cidade física de Jerusalém quanto uma metáfora para a morada de Deus e a comunidade espiritual do povo de Israel.

¹⁷⁴ Juízes 6:36-37.

¹⁷⁵ MIRANDA, Lidia Raquel. *Sentido y alcances de la descripción del Paraíso en la Introducción de los Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo*. In: ZIERER, Adriana. *Mirabilia: Paraíso, Purgatório e Inferno: A religiosidade na Idade Média*. Jan-Jun 2011, p. 27. Disponível em: http://www.bibliotecagonzalodeberceo.com/berceo/raquelmiranda/paraísoenlosmilagrosdeberceo.htm#_ft_n1. Acesso em: 21 jul. 2023

¹⁷⁶ Sião é referenciado na Bíblia por várias vezes, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Serão citadas aqui as passagens utilizadas para a análise: Antigo Testamento: 2 Samuel 5:7; 1 Reis 8:1 (localização geográfica e importância histórica); Salmo 2:6; Salmo 48:2 (Presença de Deus); Isaías 2:3; Jeremias 31:6 (Sião como Jerusalém); Isaías 60:14; Isaías 62:1 (Salvação). Novo Testamento: Hebreus 12:22; Pedro 2:6 (símbolo de Jerusalém e da Igreja).

Sião é, frequentemente, vista como o lugar onde Deus habita entre Seu povo e é associada com sua presença, sua proteção e sua salvação.

As referências bíblicas a Sião apresentam uma vasta simbologia que abrange desde sua importância histórica e geográfica até seus simbolismos teológicos e espirituais. Sião representa a presença de Deus, a proteção, a comunidade dos fiéis e a esperança de redenção, sendo um tema central tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Sião é o lugar da presença de Deus, onde o Templo está localizado e onde as pessoas podem se aproximar do divino. Vista como uma fortaleza, é um lugar de segurança e de proteção para o povo de Deus. Representa a união do povo de Deus, a comunidade dos fiéis que está em relação íntima com o Senhor.

Sião é o lugar onde Deus habita, e Maria é o templo de Deus na terra, sendo a mãe de Jesus Cristo. Ela é a nova morada de Deus entre os homens, trazendo a presença de maneira real ao mundo.

Maria é vista como uma figura de proteção e refúgio para os cristãos, intercedendo por eles e oferecendo-lhes segurança espiritual. Ela é comparada a uma fortaleza, onde seus devotos podem encontrar conforto e proteção contra os perigos espirituais.

Assim como Sião representa a comunidade espiritual do povo de Deus, Maria é a mãe espiritual de todos os cristãos. Ela é essencial na relação entre os homens e Deus. A comparação entre Sião e a Virgem Maria em Berceo exalta Maria como a nova Sião, a morada de Deus e a mãe da comunidade cristã. Ao compará-la a Sião, Berceo enfatiza que Maria, ao dar à luz Jesus, trouxe a presença ao mundo de uma maneira nova e profunda. Ela é o ponto de encontro entre o céu e a terra. Maria, como mãe de todos os cristãos, cria um vínculo espiritual que une a humanidade. Assim como Sião era o centro espiritual do povo de Israel, Maria é o centro espiritual para a comunidade cristã, unindo todos em uma fé comum.

A aproximação feita por Gonzalo de Berceo entre Sião e a Virgem Maria constitui uma elaboração simbólica de grande profundidade teológica e poética. Ao associar Maria à cidade sagrada, o autor a enaltece como a nova morada de Deus – não mais um espaço físico, mas uma presença espiritual viva, que abriga o Verbo encarnado. Nessa perspectiva, Maria é apresentada como mãe do Cristo, como refúgio seguro, protetora dos fiéis e mediadora da graça.

A comparação da passagem bíblica do trono de Salomão com a Virgem Maria, feita por Gonzalo de Berceo, é significativa e aponta para a dignidade, a sabedoria e a realeza de Maria, refletindo aspectos essenciais de sua figura na teologia cristã medieval.

O trono de Salomão é descrito na Bíblia como um símbolo de grandeza, sabedoria e justiça. Salomão, filho de Davi, é conhecido por sua sabedoria e seu reinado justo e próspero. O trono em que Salomão se sentava é descrito com detalhes que realçam sua magnificência e a glória do reino de Israel:

O rei fez também um grande trono de marfim e revestiu-o de ouro puro. Esse trono tinha seis degraus e um escabelo de ouro, fixos no trono; havia braços de cada lado do assento e dois leões em pé perto dos braços. Doze leões estavam colocados à direita e à esquerda, nos seis degraus. Nada de semelhante já se fez em reino algum.¹⁷⁷

Salomão é, desde a Bíblia, um homem cuja sabedoria dada por Deus e sua capacidade de governar marcam a história. Seu trono simboliza essa sabedoria e o governo que ele exercia sobre Israel. O trono de Salomão é um símbolo dessa realeza e da glória do reino de Israel, o qual representa a autoridade e o poder do rei, conferido por Deus. A magnificência do trono também simboliza a presença de Deus e a bênção sobre o reinado de Salomão.

Ao recorrer à imagem do trono de Salomão, Gonzalo de Berceo constrói uma analogia refinada que eleva a figura da Virgem Maria, destacando sua dignidade, realeza e sabedoria. Nessa analogia simbólica, Maria é apresentada como Rainha do Céu e como uma intercessora dotada de discernimento justo e compassivo. Assim como Salomão foi celebrado por sua sabedoria régia e capacidade de julgar com equidade, Maria é concebida como fonte de sabedoria, não por mérito humano, mas por ter concebido e dado à luz o próprio *Logos* encarnado – Jesus Cristo, a Sabedoria de Deus manifestada no mundo. Sua justiça e retidão são atestadas por sua vida irrepreensível e por sua contínua atuação como mediadora entre Deus e os homens, sempre disposta a interceder com misericórdia e equilíbrio em favor dos fiéis. Essa associação, portanto, amplia a percepção teológica da Virgem, fundindo os atributos da monarquia sagrada com os da maternidade celestial.

Maria, a Rainha do Céu, é, pois, equiparada ao trono de Salomão. Desse modo, Gonzalo enfatiza sua realeza e sua dignidade como a mãe do Rei dos Reis. Assim como o trono de Salomão simboliza a glória do reino de Israel, Maria simboliza a glória do Reino dos Céus.

O trono de Salomão é um símbolo da presença e da bênção e, de maneira comparativa, Maria, ao dar à luz Jesus, torna-se a “arca da nova aliança”,¹⁷⁸ o trono onde

¹⁷⁷ 2 Crônicas 9:17-20.

¹⁷⁸ A Arca da Nova Aliança é mencionada no Novo Testamento, especialmente em Hebreus. Nele, há uma analogia entre a Arca da Aliança do Antigo Testamento e a Nova Aliança em Cristo. Em Hebreus 9:3-4: “Por detrás do segundo véu havia outra arca da aliança toda recoberta de ouro e, nesta, o vaso de ouro com o maná, o bastão de Aarão que floresce e as tábuas da aliança”. Em Apocalipse 11:19: “O templo de Deus

a presença de Deus se manifesta de forma mais plena e tangível. Ela é vista como o trono vivo de Deus.

A analogia entre o trono de Salomão e a Virgem Maria, elaborada por Gonzalo de Berceo, reflete a profunda veneração mariana característica da espiritualidade medieval. Ao associar Maria a esse símbolo de grandeza e sabedoria, o autor exalta sua dignidade e a apresenta como ocupante de uma posição de honra no plano divino da salvação. Tal comparação reforça sua identidade como Rainha do Céu e Mãe de Deus, atribuindo-lhe uma autoridade espiritual que inspira confiança e devoção entre os fiéis. O trono de Salomão, tradicionalmente relacionado à sabedoria e à justiça régia, é ressignificado em Maria, que passa a ser concebida como fonte de conhecimento divino e intercessora justa, capaz de guiar os homens com discernimento e compaixão.

Dessa maneira, a comparação do trono de Salomão com a Virgem Maria em *Milagros de Nuestra Señora*, como as outras representações anteriores, enaltece a sabedoria, a realeza e a dignidade de Maria, refletindo a necessidade de seu papel central na espiritualidade cristã medieval e inspirando uma devoção profunda e reverente.

Diante das simbologias expostas, as metáforas edificantes atribuídas à Virgem Maria são alguns dos muitos nomes, símbolos, alegorias e metáforas que o poeta utiliza para exaltar a figura da mãe de Cristo e transmitir os ensinamentos da fé católica aos seus leitores. Ao destacar os diferentes papéis e aspectos divinos de Maria, Berceo busca fortalecer a devoção mariana e inspirar uma maior reverência e amor pela mãe de Deus entre seus contemporâneos.

A escolha desses títulos não é arbitrária. Cada um deles reflete aspectos específicos da mariologia medieval, que exaltava a Virgem Maria para a intercessão e para a salvação cristã. Além disso, esses nomes são emblemáticos do profundo respeito e devoção que Berceo, assim como os cristãos medievais, tinham por Maria.

Berceo homenageia a Virgem e comunica, de forma poética e didática, os dogmas e as crenças da fé católica aos leitores de seus textos. A repetição e a variação dos nomes da Virgem no texto da introdução criam um efeito de profundidade e reverência, reforçando a importância de Maria na vida espiritual dos cristãos medievais.

Os nomes e títulos atribuídos à Virgem Maria são cuidadosamente escolhidos e utilizados para refletir suas virtudes e seu papel central na teologia e na devoção cristã

que está no céu se abriu, e apareceu no templo a arca da aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e uma grande tempestade de granizo”. Essas passagens relacionam a Arca da Aliança com a presença e as promessas de Deus, conectando a simbologia da antiga com a nova aliança estabelecida por Jesus Cristo, na qual a Virgem desempenha um papel primordial.

medieval. Eles servem para inspirar, instruir e reforçar a fé dos devotos, destacando a Virgem Maria como um modelo de perfeição e uma intercessora poderosa.

3.3 O *homo viator*

O poeta conduz o leitor a uma imersão em uma paisagem idílica, envolta em serenidade e afastada das inquietações do mundo terreno. Nesse espaço simbólico, semelhante a um sonho apazível, o eu lírico experimenta um repouso que transcende o físico e se aproxima da contemplação espiritual. No entanto, esse estado de harmonia não se restringe à evasão; pelo contrário, o poeta aproveita esse cenário para transmitir ensinamentos profundos. É nesse ambiente de quietude que emergem reflexões sobre a condição humana, articulando a tensão entre a vida carnal e a vida espiritual. Por meio dessa ambientação, Berceo estabelece o tom alegórico de sua obra, convidando o leitor a uma jornada de introspecção e amadurecimento da fé.

A partir da estrofe 16, Berceo traz à tona uma “verdade superior” das coisas que os homens ainda não haviam compreendido, pois os seres humanos vivem em meio à maldade e às vicissitudes.

16
Señores e amigos, lo que dicho habemos
palabra es oscura, esponderla queremos;
tolgamos la corteza, al meollo entremos,
prendamos lo de dentro, lo de fuera desemos.

17
Todos cuantos vevimos, que en pïedes andamos,
siquiere en preson o en lecho yagamos,
todos somos romeos que camino andamos,
San Peidro lo diz esto, por él vos lo probamos.

18
Cuanto aquí vivimos en ajeno moramos;
la ficanza durable suso la esperamos;
la nuestra romería estonz la acabamos,
quando a Paraíso las almas envíamos.

16
Amigos e senhores – isto que dissemos
são palavras escuras – expô-las queremos:
retiramos a capa – no miolo entremos,
tomemos o de dentro – o de fora deixemos.

17
Todos nós enquanto vivemos – e pelo mundo
andamos
ainda que em prisão estejamos – ou em leito
jazamos,
todos somos romeiros – pelos caminhos andamos,
São Pedro disse isto – por ele nos provamos.

18
Enquanto aqui vivemos – em alheio moramos;
A morada durável – acima a esperamos;
A nossa romaria – então a acabamos,
Quando ao Paraíso – as almas enviamos.

Pode-se depreender também, dessas estrofes (17-18), o tema espiritual e literário do *homo viator*, ou seja, o peregrino, outro importante tema literário da Idade Média, que representa um ensinamento para a humanidade, uma reflexão sobre a condição precária da vida humana, que resulta em uma peregrinação em forma de penitência terrena.

No verso “São Pedro disse isto – por ele nos provamos”, Berceo refere-se às passagens: 1 Pedro 1:17 “E chamais Pai aquele que com imparcialidade julga a cada um

de acordo com suas obras, comportai-vos com temor durante o tempo do vosso exílio”¹⁷⁹ e 1 Pedro 2:11 “Amados, exorto-vos, como a estrangeiros¹⁸⁰ e viajantes neste mundo, a que vos abstenhais dos desejos carnis que promovem guerra contra a alma”. As palavras de Pedro relacionam-se ao conceito de peregrinação em um sentido devocional, uma prática importante na Idade Média. Ele descreve os cristãos como “peregrinos e forasteiros” no mundo, enfatizando a natureza temporária da vida terrena e a necessidade de viver de maneira santa e justa enquanto aguardam a vida eterna.

Dessa maneira, na obra de Gonzalo de Berceo, a figura do *homo viator* adquire uma importância simbólica e significativa, especialmente na introdução de sua obra. O termo foi abordado no Capítulo 2 desta tese, o qual depreende-se o significado de homem que se deslocava como um peregrino, como um viajante, ou exilado. No entanto, o vocábulo admite um significado metafórico em relação às passagens bíblicas. Nas falas do apóstolo Pedro, em suas epístolas, apresenta-se uma visão sobre a vida cristã como uma jornada espiritual, destacando a importância da fé, da moralidade e da preparação para a vida após a morte.

A peregrinação é um fenômeno antigo que faz parte de várias religiões, tanto no Ocidente quanto no Oriente, e atinge até mesmo as crenças pagãs. O peregrino era uma figura relevante na religiosidade da Idade Média e as peregrinações representaram um dos atos mais marcantes desse período. Nele, as peregrinações constituem uma metáfora, relacionando a jornada humana, por um lado, à salvação e, por outro lado, à busca de Deus e da vida eterna. Assim, enquanto percorria caminhos inóspitos por esse mundo, a pessoa em peregrinação acreditava que também diminuía a distância que a separava de Deus. Para a cristandade medieval, as peregrinações eram importantes à união social, pois, de tão frequentes, de forma análoga ao que acontecia com a liturgia, davam uma espécie de sentido de universalidade à sociedade religiosa da época.¹⁸¹

Na introdução dos *Milagros de Nuestra Señora*, Berceo se identifica como um *homo viator*, inscrevendo-se na tradição medieval de concepção da vida como uma peregrinação. Essa identificação não é apenas uma mera convenção literária, mas uma expressão da cosmovisão religiosa da época, em que a vida terrena era vista como um caminho transitório em direção à eternidade, ilustrada na passagem bíblica, “por

¹⁷⁹ Exílio: traduzido em outras versões por “peregrinação”,

¹⁸⁰ Estrangeiro: traduzido em outras versões bíblicas por “peregrino”.

¹⁸¹ Havia muitas razões para se seguir em peregrinação, e não era somente para a cura de uma doença. Muitos faziam peregrinação para a cura do espírito, ou para alcançar uma graça, sanar uma dívida ou para cumprimento de pena por um crime cometido. Os motivos eram inúmeros. (GARCIA DE CORTÁZAR, 1993-1994).

consequente, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de nossa mansão, estamos ausentes do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão.”¹⁸²

A figura do peregrino na obra de Berceo está associada à ideia de busca espiritual, penitência e redenção. Assim como o peregrino viaja em direção a um destino sagrado, o cristão medieval busca alcançar a graça e a salvação por meio de suas práticas religiosas e de sua devoção. Berceo, como poeta e clérigo, insere-se nesse contexto ao retratar suas personagens como peregrinos da fé, buscando a intercessão da Virgem Maria pela graça de Deus.

Olivier Biaggini define bem essa análise:

a Virgem, que acolhe os peregrinos cansados, é vista como um refúgio de paz capaz de interromper o sofrimento da viagem e proporcionar estabilidade. Mas, ao mesmo tempo, também se define a partir de imagens dinâmicas: é uma guia, uma porta ou mesmo um caminho. A inclusão da figura mariana no diagrama da peregrinação não produz uma imagem uniforme, ou mesmo aproximadamente estável, e coloca problemas de interpretação. [...] O texto de Berceo define o prado como uma “cova”, uma escala ou refúgio à beira do caminho. No entanto, este passo parece decisivo para atingir o objetivo, quer porque dá a imagem do seu resultado, quer porque, de forma mais ativa, reorienta o caminho e o facilita.¹⁸³

A citação de Olivier Biaggini oferece uma leitura profundamente simbólica da figura da Virgem Maria no contexto da espiritualidade medieval e, em particular, na obra de Gonzalo de Berceo. Analiticamente, o autor propõe uma interpretação profunda em muitos aspectos da função mariana, articulando-a a partir da metáfora da peregrinação, um dos eixos estruturantes da religiosidade e da literatura do medievo.

Inicialmente, Biaggini apresenta Maria como refúgio e acolhimento, uma figura estática e consoladora que interrompe, ainda que temporariamente, o sofrimento do peregrino. Nesse sentido, a Virgem se configura como uma pausa sagrada na travessia existencial: ela oferece alívio, descanso e paz aos que estão cansados da jornada, o que se alinha à visão medieval da peregrinação como deslocamento físico e como experiência espiritual de provação. Essa imagem corresponde à representação mariana tradicional: maternal, compassiva, receptiva.

Contudo, a observação se aprofunda ao mostrar que Maria não é apenas um ponto de chegada ou de repouso, mas também uma figura dinâmica, associada a imagens de movimento – como “porta”, “caminho” ou “guia”. Essa duplicidade de significados é

¹⁸² 2 Coríntios 5, 6-8.

¹⁸³ BIAGGINI, Olivier. *Todos somos romeos que camino pasamos*: homo viator dans le mester de clerecía. Cahiers de linguistique hispanique médiévale, 2007, p. 25-54.

particularmente significativa: ela não só oferece acolhimento, mas também impulsiona, orienta e reconfigura a direção da jornada do fiel. O fato de não se estabelecer uma imagem “uniforme” ou “estável” de Maria evidencia a complexidade teológica e literária da personagem mariana: ela opera tanto como fim quanto como meio – como destino espiritual e como mediação entre o humano e o divino.

Nesse contexto, Biaggini destaca um aspecto essencial da obra de Berceo ao interpretar o “prado” do prólogo como uma “cova”, uma “escala” ou um “refúgio à beira do caminho”. Essa imagem reforça a função do espaço mariano como um lugar liminar, um entre-lugar que permite a transição entre o sofrimento e a redenção, entre o extravio e a reorientação espiritual. O prado, longe de ser uma simples metáfora bucólica, torna-se um ponto decisivo na estrutura narrativa e simbólica dos Milagros: nele se revela o consolo da fé e o reencaminhamento do peregrino em direção à sua finalidade última, a salvação.

Portanto, a citação de Biaggini nos convida a ler a figura de Maria em Berceo não como uma representação unidimensional, mas como uma construção simbólica em constante movimento, capaz de refletir tanto a fragilidade humana quanto a potência redentora do sagrado, articulada pela dinâmica da peregrinação.

A figura do *homo viator*, na introdução da obra de Berceo, pode ser vista como uma estratégia literária do *mester de clerecía*, para envolver o leitor na jornada espiritual proposta pelo texto, ou seja, “como uma viagem orientada para uma recompensa espiritual”.¹⁸⁴ Ao se identificar como um peregrino à procura da verdade e da salvação, o poeta faz um convite a essa jornada, buscando uma compreensão mais profunda dos ensinamentos cristãos e uma maior devoção à fé.

19

En esta romería	habemos un buen prado
en qui trova repaire	tot romeo cansado:
la Virgen Gloriosa,	madre del buen Criado,
del cual otro ninguno	egual non fue trobado.

20

Esti prado fue siempre	verde en honestat,
ca nunca hobo mácula	la su virginidat,
post partum et in partu	fue virgin de verdat,
ilesa, incorrupta	en su entegredat.

19

Nesta romaria – havemos um bom prado
onde encontra refúgio – o romeiro cansado:
é a Virgem Gloriosa – madre do bom Criado,
do qual nenhum outro – igual a ele foi encontrado.

20

Este prado foi sempre – verde de honestidade,
Porque nunca houve mancha – em sua virgindade,
“post partum et in partu” – foi virgem de verdade,
ilesa e incorrupta – em sua integridade.

Para analisar as estrofes 19 e 20, é necessário estabelecer uma relação entre o prado, o peregrino e a Virgem Maria na obra de Gonzalo de Berceo, e para tal é importante compreender o contexto e as representações desses elementos em sua obra. Na viagem

¹⁸⁴ BIAGGINI, 2007, p. 25-54.

proposta por Gonzalo de Berceo há um prado que oferece um alívio para o peregrino que se encontra cansado. Esse prado, em primeira abordagem, representa a Virgem Maria, que é “verde de honestidade”, atributo que é justificado pela sua pureza e pela sua virgindade sem nenhuma corrupção de maldades terrenas.

O prado em Berceo também pode ser interpretado como uma metáfora pastoral que representa um espaço idealizado de paz e espiritualidade. No prólogo aos *Milagros de Nuestra Señora*, Berceo descreve um prado verde e fértil, no qual flores e árvores frutíferas simbolizam virtudes cristãs e o paraíso celestial. Esse prado, em uma segunda abordagem, é uma representação simbólica do estado de graça e da proximidade com o divino. Ele serve como um cenário ideal para a devoção e a meditação espiritual, e como um contraponto ao mundo terreno cheio de pecados e tribulações.

Dessa maneira, a relação entre o prado, o peregrino e a Virgem Maria pode ser uma metáfora da jornada espiritual cristã, em que o prado é o cenário, o peregrino é o viajante espiritual e a Virgem é a intercessora. O prado simboliza o paraíso e o estado de graça que os cristãos desejam alcançar. Ele é um símbolo da paz espiritual e da recompensa celestial que espera aqueles que seguem o caminho da fé. O peregrino representa cada cristão que, por meio de sua vida, repleta de atribuições, sofrimentos e conquistas, busca alcançar o prado. Sua jornada (vida terrena) é cheia de desafios, mas ele é guiado pela fé e pela esperança de alcançar a graça. A Virgem Maria é a guia e protetora do peregrino. Ela intercede junto a Deus em favor dos que a invocam, oferecendo ajuda nos momentos de dificuldade e assegurando que os peregrinos possam alcançar o prado. Maria é a ponte entre o peregrino e o prado celestial, e seus milagres são testemunhos de sua poderosa intercessão.

21

Las cuatro fuentes claras que del prado manaban
los cuatro evangelios, eso significaban,
ca los evangelistas cuatro que los dictaban,
cuando los escribién, con ella se fablaban.

22

Cuanto escribién ellos, ella lo emendaba,
eso era bien firme lo que ella laudaba;
parece que el riego todo d'ella manaba
cuando a menos d'ella nada non se guiaba.

21

As quatro fontes claras – que do prado emanavam,
os quatro evangelhos – isso significavam,
que os evangelistas – os quatro que os ditavam,
quando os escreviam – com a Virgem falavam.

22

Quando eles escreviam – ela que comandava,
isso era bem firme – o que ela admirava;
parecia que a fonte – todo dela emanava
o que ela não dizia – não se registrava.

Nas estrofes 21 e 22, Berceo descreve o prado idílico com quatro rios, que podem ser interpretados como metáforas dos quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Esses rios representam a disseminação da palavra de Deus e a base do ensinamento cristão, que é essencial para a fé e a vida dos peregrinos que buscam pela espiritualidade.

A imagem dos rios no prado serve para conectar a natureza dos Evangelhos com a providência contínua e a graça que fluem deles.

Ainda analisando as estrofes 21 e 22, segundo o poeta, a própria Virgem ditou aos discípulos as palavras que compõem os Evangelhos, uma concepção que não é possível afirmar. No entanto, nos Evangelhos, Maria é apresentada como modelo de fidelidade e obediência a Deus. Sua aceitação da vontade na Anunciação, com as palavras “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!”,¹⁸⁵ e sua presença constante no ministério de Jesus mostram sua total devoção e confiança nos planos de Deus. Berceo deve ter se baseado em passagens como essas para destacar a importância do exemplo de Maria para cristãos.

23

La sombra de los árboles, buena, dulz e sanía,
en qui ave repaire toda la romería,
sí son las oraciones que faz Santa María,
que por los pecadores ruega noche e día.

24

Cuantos que son en mundo, justos e pecadores,
coronados e legos, reis e emperadores,
allí corremos todos, vasallos e señores,
todos a la su sombra imos coger las flores.

23

A sombra das árvores – boa, doce e sóbria,
donde encontra refúgio – toda a romaria,
é como orações – que faz Santa Maria,
que pelos pecadores – roga de noite e de dia.

24

Quantos são no mundo – justos e pecadores,
coroados e leigos – reis e imperadores,
ali corremos todos – vassallos e senhores,
todos embaixo de sua sombra – vamos colher as flores.

Nas estrofes 23 e 24, Berceo refere-se à sombra das árvores, que é boa, doce e sóbria, como às orações que Santa Maria faz em intenção dos pecadores. Além disso, lembra-se dos vários pecadores que se encontram no mundo, sejam eles ricos ou pobres, vassallos ou senhores, que estão em condições análogas nessa peregrinação terrena, ou seja, todos são iguais perante a Deus e à Virgem. No entanto, todos estão protegidos pela intercessão de Santa Maria.

25

Los árboles que facen sombra dulz e donosa
son los santos miraclos que faz la Gloriosa,
ca son mucho más dulces que azúcar sabrosa,
la que dan al enfermo en la cuita rabiosa.

26

Las aves que organan entre esos fructales,
que han las dulces voces, dicen cantos leales,
estos son Agustino, Gregorio, otros tales,
cuanto que escribieron los sos fechos reales.

27

Estos habién con ella amor e atencencia,
en laudar los sos fechos metién toda femencia;

25

As árvores que fazem – sombra doce e graciosa
são os santos milagres – que faz a Gloriosa,
que são muito mais doces – que a doçura saborosa,
a que dão ao enfermo – na aflição dolorosa.

26

E as aves que gorjeiam – entre tantas frutas,
Que têm doces vozes – dizem cantos leais,
Essas são Agostinho – Gregório e outros tais,
e àqueles que escreveram – dos seus feitos reais.

27

Estes tinham com ela – amor e dependência,

¹⁸⁵ Lucas 1:38.

todos fablaban d'ella, pero tenién por todo	cascuno su sentencia, todos una creencia.	em felicitar-lhe seus feitos – colocavam toda veemência, todos falavam dela – cada um com sua sentença, mas todos tinham – a mesma crença.
--	--	---

As estrofes 25 a 27 referem-se à sombra agradável do prado, sendo comparada aos milagres protagonizados pela Virgem, a Gloriosa, ao alívio dos enfermos, da alma e do corpo. Além disso, surgem duas figuras importantes que influenciaram no culto à Virgem Maria na Idade Média, comparadas às aves e às árvores frutíferas: Santo Agostinho e São Gregório. Essa inserção não é meramente ornamental, mas carrega uma profunda carga simbólica e doutrinária, pois ambos os doutores da Igreja foram pilares na consolidação do culto mariano e no desenvolvimento de uma teologia centrada na misericórdia e na mediação.

Santo Agostinho, um dos Padres da Igreja mais influentes, tem uma relação teológica significativa com a Virgem Maria, embora suas obras não se concentrem exclusivamente nela. Agostinho reconheceu Maria como a Mãe de Deus (*Theotokos*) e enfatiza sua pureza e papel importante no mistério da Encarnação. Ele defende a doutrina da Virgindade Perpétua de Maria, sustentando que Maria foi virgem antes, durante e após o nascimento de Jesus. Sua teoria sobre Maria influenciou, indelevelmente, a devoção e a doutrina mariana na Igreja Católica.¹⁸⁶

São Gregório Magno, por sua vez, é uma figura importante na tradição cristã por demonstrar grande devoção à Virgem Maria. Ele também reconheceu e venerou Maria como a Mãe de Deus (*Theotokos*). São Gregório destacou a importância da intercessão de Maria em seus escritos, *Homilias* e *Cartas*, anunciando sua devoção como um exemplo e encorajando os fiéis a buscarem sua intercessão. Ele ressaltou a pureza e a santidade de Maria, alinhando-se à doutrina da Igreja sobre sua virgindade perpétua e sua imaculada concepção.¹⁸⁷

Ao evocar essas duas figuras no início de sua obra, Berceo presta homenagem à tradição patrística e se insere conscientemente em uma linhagem de escritores que utilizam a palavra como instrumento de salvação. Com isso, ele legitima seu projeto poético e teológico, alinhando-se à autoridade doutrinária de Agostinho e Gregório para reforçar o papel central de Maria como mediadora entre Deus e os homens. Essa estratégia fortalece a intenção pedagógica do texto e convida o leitor a reconhecer, na Virgem

¹⁸⁶ GRAEF, Hilda M. *La mariología y el culto mariano a través de la historia*. Barcelona: Herder, 1968.

¹⁸⁷ GRAEF, 1968.

Gloriosa, a protagonista dos milagres, o próprio caminho de redenção preparado e reconhecido pelos maiores pensadores da Igreja.

Segundo Biaggini,

a peregrinação nos *Milagros*, mais do que um tema cultivado por si só, é o suporte para uma reflexão sobre o caminho espiritual do homem, sobre a história da salvação, mas também sobre a circulação do discurso e sobre a tradução do texto. A riqueza do motivo da peregrinação deve-se à sua grande plasticidade, que lhe permite adaptar-se a projetos literários muito diversos. No caso dos *Milagros*, a intervenção mariana é perceptível como ponto decisivo em cada um destes itinerários: a Virgem salva o indivíduo pecador através do seu milagre; ela salvou a humanidade ao permitir o advento da nova Lei; contribui para a circulação de sua própria *leyenda* e, idealmente, chega ao ponto de orientar o empreendimento literário do poeta.¹⁸⁸

Na citação de Olivier Biaggini, a peregrinação em *Milagros de Nuestra Señora* é compreendida como um tema narrativo e como uma estrutura simbólica complexa que sustenta a obra em diferentes níveis – espiritual, histórico, discursivo e poético. Mais do que um simples deslocamento físico, ela representa o itinerário interior do homem em busca da salvação, sendo constantemente reorientado pela intervenção da Virgem Maria. Nesse sentido, Maria salva o indivíduo em cada milagre e figura como mediadora da história da salvação ao permitir o advento da nova Lei. Ao mesmo tempo, Biaggini amplia a metáfora da peregrinação para abarcar a própria circulação textual: a Virgem torna-se também agente do discurso, inspirando o poeta, legitimando a produção literária e conduzindo o texto como um caminho de fé. A plasticidade dessa imagem permite a integração entre experiência devocional, doutrina cristã e expressão poética, consolidando Maria como eixo central que organiza e dinamiza todos os itinerários propostos por Berceo, sejam eles espirituais ou literários.

Dessa maneira, qualquer caminho deixa de ser uma viagem perigosa, na verdade, pode ser a manifestação de grandes milagres a serem testemunhados. A viagem do peregrino deixa de ter um caráter arbitrário e a peregrinação, que é consequência de uma vida de pecados, pode ser uma jornada em busca da graça.

¹⁸⁸ BIAGGINI, 2007, p. 25-54.

CAPÍTULO 4: O TEMA DA MORTE EM GONZALO DE BERCEO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS SOBRE OS 12 PRIMEIROS POEMAS DE MILAGRES DA VIRGEM MARIA

Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição, Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso?”

(João 11:25-26)

Neste capítulo são analisados os 12 primeiros milagres dispostos em *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, com o objetivo de apresentar possibilidades de interpretação em relação aos personagens, aos estereótipos, aos locais de ocorrência e à ação intercessora da Virgem. Para os comentários, serão apresentados alguns trechos da tradução dos poemas. Os textos traduzidos na íntegra estão anexos.

A tarefa inicial para este capítulo, de maneira introdutória, será a apresentação de um breve histórico e uma reflexão sobre a morte, uma vez que este estudo é necessário para uma abordagem histórico-literária mais ampla sobre esse tema no imaginário medieval, para descrever e justificar o universo maravilhoso das ações mediadoras da Virgem Maria envolto nas lendas marianas apresentadas por Gonzalo de Berceo.

4.1 Um breve histórico sobre a morte na história e na literatura antiga e medieval

Desde tempos imemoriais, a morte vem intrigando o ser humano. Nos diversos períodos de sua história, a sociedade humana tem procurado de várias maneiras encarar a inevitável “partida final” e, assim, se preparar de modo conveniente para os seus últimos momentos sobre a terra.

Na mitologia grega, os deuses desprezavam os homens, em razão de o ser humano possuir uma vida breve e frágil, quase insignificante, perante a imortalidade de um deus. Um exemplo dessa efemeridade pode ser encontrado na *Iliada*, poema épico de Homero: o sofrimento de Aquiles, ante a expectativa de sua morte, na famosa guerra de Tróia, em decorrência das batalhas entre aqueus e troianos:

Mãe, já que me deste à luz para uma vida tão curta,
honra deveria o Olímpio ter me concedido,
Zeus que troveja nas alturas. Mas agora nada me honrou. (I-352-354)¹⁸⁹

¹⁸⁹ HOMERO. *Iliada*. Tradução e prefácio: Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. p. 121.

A consciência da brevidade da vida humana é um traço recorrente nas tradições cristãs, alimentando uma constante tensão entre o temor da morte e a esperança na salvação. Diante da finitude, os homens voltam-se para Deus em busca de redenção, desejosos de assegurar um destino favorável para suas almas após a morte. No universo cristão, o medo da morte – especialmente no que diz respeito ao julgamento e à condenação eterna – figura entre as mais profundas angústias existenciais. No imaginário medieval, essa inquietação era ainda mais acentuada, pois a concepção de mundo era teocêntrica: Deus ocupava o centro da ordem cósmica e moral, e viver em desacordo com sua vontade significava arriscar a própria eternidade. Assim, a morte não era apenas o fim da existência terrena, mas o limiar de um juízo divino que determinaria o destino último da alma. Para o homem medieval, “a única morte que convinha temer era a da alma, uma morte espiritual, tornando ineficaz qualquer intervenção dos vivos pelos defuntos”¹⁹⁰.

Ainda segundo Lauwers:

ao mesmo tempo, a angústia diante da morte física e o medo do julgamento da alma foram explorados em uma perspectiva penitencial, enquanto que a descrição da morte corporal era a ocasião de denunciar as realidades terrenas, de suscitar o “desprezo do mundo” de provocar uma “conversão”.¹⁹¹

A citação de Michel Lauwers destaca a maneira como, na tradição cristã medieval, a morte era concebida não apenas como um evento biológico, mas como uma oportunidade privilegiada de reflexão espiritual e transformação moral. A angústia diante da morte física e o temor pelo destino da alma após o julgamento divino eram constantemente explorados sob uma ótica penitencial, ou seja, como momentos de arrependimento e busca por purificação. A descrição do corpo em decomposição e da fragilidade da existência servia como um recurso retórico e teológico para denunciar os apegos mundanos, reforçando o ideal do *contemptus mundi* – o “desprezo do mundo” – amplamente difundido nos escritos devocionais e homiléticos da época. Nesse contexto, a morte tornava-se um dispositivo pedagógico e espiritual que visava provocar a *conversio*, a mudança interior e o retorno a Deus, reafirmando o papel central da fé e da penitência na preparação para a vida eterna.

Conforme Duby:

quando ninguém duvida da existência de um além, a morte é uma passagem que deve ser celebrada com cerimônia entre parentes e vizinhos. O homem da Idade Média possuía certeza de não desaparecer completamente, aguardando a ressurreição. Porque nada para e tudo prossegue na eternidade. A perda contemporânea do sentimento

¹⁹⁰ LAUWERS, Michel. Morte e mortos (LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval II*. Tradução: Hilário Franco Júnior et al. São Paulo: Edusc, 2006. p. 246).

¹⁹¹ LAUWERS, 2006, p.246.

religioso fez da morte uma prova aterrorizadora, um balançar nas trevas e no desconhecido. A solidariedade em torno da passagem da vida desapareceu, e hoje apressamo-nos em nos desvencilhar do cadáver. Mais do que a morte, nossos ancestrais temiam o julgamento, o castigo do além e os tormentos do inferno. Um medo do invisível sempre presente, bem implantado nas profundezas do homem de hoje, o faz vacilar diante da impotência face ao seu destino.¹⁹²

Georges Duby propõe uma reflexão crítica sobre a mudança no imaginário ocidental em relação à morte, contrastando a experiência medieval com a visão contemporânea. Para o homem medieval, imerso em uma cosmovisão cristã, a morte não era o fim absoluto, mas uma transição esperada e ritualizada, que envolvia a comunidade e estava impregnada de significado espiritual. A certeza de um além, sustentada pela crença na ressurreição e no juízo final, conferia à morte uma dimensão escatológica e coletiva, em que o temor não recaía sobre o aniquilamento, mas sobre o julgamento divino e o destino eterno da alma. Em contraposição, Duby observa que, na modernidade secularizada, a perda do sentimento religioso transformou a morte em uma experiência individualizada e aterradora, marcada pelo vazio e pelo desconhecido. A crítica implícita reside na constatação de que, ao romper com os ritos, símbolos e crenças que davam sentido à finitude, a sociedade contemporânea reduziu a morte a um fato biológico incômodo, do qual se procura livrar com rapidez e silêncio. Com isso, perdeu-se também a solidariedade comunitária que antes cercava o morrer, deixando o sujeito moderno solitário diante de sua impotência frente ao destino.

Para Georges Duby, havia no medievo um temor em relação ao juízo final, o receio de uma punição do além, daquilo que seria um suplício do inferno, que transmitia uma “imagem obsessiva, opressiva”¹⁹³. O inferno era visto

sob o aspecto de uma goela monstruosa amplamente aberta, engolindo os condenados. No interior desse ventre sombrio, labaredas e demônios atormentavam o corpo desses condenados com todos os tipos de instrumentos de tortura. Um acúmulo de dores físicas, semelhantes às que se infligiam aos culpados de crimes muito graves.¹⁹⁴

O homem medieval sentia-se, assim, ameaçado pelos pecados, pois temia a punição por praticá-los. Dessa maneira, apegavam-se às crenças, amuletos, preces, penitências, santos. A ideia de que havia apenas o inferno e o paraíso preocupava as pessoas, então, no final do século XII, foi criado o purgatório, espaço intermediário, para aliviar esse medo aterrorizante. A solidariedade entre os vivos e os mortos prevaleceu nesse local de suplícios. A proposição de que havia um terceiro lugar alimentava a

¹⁹² DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. Tradução: Eugênio Michel da Silva e Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 122-123.

¹⁹³ DUBY, 1998, p. 128.

¹⁹⁴ DUBY, 1998, p. 129.

esperança de que poderia fugir da condenação eterna, uma vez que o purgatório acolhe as almas que recebem o castigo de pecados leves e é um estado de purificação doloroso, semelhante ao inferno. A doutrina da Igreja Católica vê o purgatório como uma purificação final para os eleitos e é diferente do castigo para os condenados. O purgatório é um processo de educação e ascensão em que as almas se purificam de todas as suas limitações, como resultado de sua história de pecado e maus hábitos.¹⁹⁵

O culto à Virgem Maria na Idade Média tem uma profunda relação com as percepções da morte e da vida após a morte. A devoção mariana está, de forma inalienável, ligada à intercessão pela salvação das almas, refletindo a crença de que Maria, como Mãe de Deus, tem um papel especial na mediação entre os fiéis e Cristo, especialmente no momento da morte.

A relação da Virgem com a morte pode ser analisada por dois aspectos fundamentais: a de intercessão e a de proteção. Maria é representada como uma figura protetora que pode interceder pelas almas no momento da morte, ajudando a garantir que elas sejam acolhidas no céu. Essa crença está profundamente enraizada na tradição cristã medieval, na qual Maria é invocada como *Mater Misericordiae* (Mãe de Misericórdia), alguém que pode suavizar o julgamento divino.

Em uma visão escatológica, na Idade Média, a morte é, frequentemente, vista sob uma perspectiva apocalíptica. Nesta, a salvação eterna ou a condenação são as preocupações centrais. Maria, como a *advocata nostra*, nossa advogada, pode intervir a favor dos pecadores, oferecendo uma esperança de salvação mesmo nos momentos finais da vida.

Muitos textos medievais sobre a “arte de morrer” incluem orações e invocações à Virgem Maria, pedindo sua ajuda para uma morte santa e pacífica. Esses textos refletem a crença de que uma morte assistida pela intercessão mariana aumentava as chances de entrar no céu.

As representações artísticas medievais retratam a Virgem Maria em cenas de morte e julgamento, como nas imagens do “Juízo Final” ou em ilustrações da “Pietà”, onde esta é vista como uma figura de compaixão, acompanhando e consolando os moribundos e as almas dos falecidos.

O culto e os santuários dedicados à Virgem Maria se tornaram locais de peregrinação, onde os fiéis buscavam cura e proteção e preparação espiritual para a morte.

¹⁹⁵ DUBY, 1998, p. 130-133.

Esses santuários reforçam a ideia de que Maria tem um papel especial em ajudar seus devotos a alcançarem a vida eterna.

A devoção à Virgem Maria na Idade Média foi, portanto, um aspecto central da espiritualidade medieval, conectando a Mãe de Deus às preocupações com a morte, o julgamento e a salvação eterna. Por meio dessa devoção, os cristãos medievais encontravam consolo e esperança em uma figura maternal que oferece proteção e intercessão no momento mais crítico da vida.

Na análise que se propõe a seguir, buscou-se investigar os múltiplos significados atribuídos à morte na obra *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo. O objetivo foi compreender de que maneira o escritor constrói poeticamente a experiência da morte, identificando os elementos simbólicos, léxicos e imagéticos que conferem densidade a esse tema nos poemas. Pretende-se, ainda, examinar os recursos estilísticos e expressivos mobilizados por Berceo para intensificar a carga emocional e espiritual de suas composições – tais como metáforas, analogias, repetições e jogos de contraste –, além de observar como ele dialoga com tradições textuais e autores que o antecedem ou o influenciam. Essa abordagem permitiu mapear o repertório simbólico que envolve a morte na obra e compreender sua função dentro da estrutura narrativa e teológica dos milagres marianos.

Figura 9: Interior da Igreja da Abadia de Saint-Robert.



Fonte: Mural de *Danse Macabre*. Disponível em: <https://www.france-voyage.com/franca-fotos/abadia-chaise-dieu-4648.htm>. Acesso em: 27 dez. 2024.

Figura 10: Interior da Igreja da Abadia de Saint-Robert.



Fonte: Mural de *Danse Macabre*. Disponível em: <https://www.france-voyage.com/franca-fotos/abadia-chaise-dieu-4648.htm>. Acesso em: 27 dez. 2024.

Figura 11: Interior da Igreja da Abadia de Saint-Robert.



Fonte: Mural de *Danse Macabre*. Disponível em: <https://www.france-voyage.com/franca-fotos/abadia-chaise-dieu-4648.htm>. Acesso em: 27 dez. 2024.

Essas imagens fazem parte da *Danse Macabre*, ou *Dança da Morte*, no coro da Igreja de São Roberto, em La Chaise – Dieu, trata-se de uma pintura do século XV. De

cima para baixo e da esquerda para a direita, representam-se: 1. O papa, o imperador, o cardeal, o rei e o arcebispo. 2. O arcebispo, o cavaleiro, o bispo e o nobre. 3. A abadessa, o negociante, a dama da nobreza, a megera e o irmão laico.¹⁹⁶

Essa forma de expressão artística foi amplamente difundida na Idade Média, especialmente no período posterior à Peste Negra (1347-1351), evidenciando a inquietação da sociedade em relação à morte e à transitoriedade da existência. A “Dança da Morte” representa a inevitabilidade da morte para os vivos, independentemente de sua posição social, unindo indivíduos de diferentes estratos em uma procissão fúnebre simbólica.

A “Danse Macabre” simboliza a inevitabilidade da morte, mostrando figuras de diferentes classes sociais (reis, nobres, clérigos, camponeses, entre outros) dançando juntos com a morte. Esse tema enfatiza que, diante do fim, todos os seres humanos são iguais, independentemente de sua posição social ou poder terreno. Nos *Milagros de Nuestra Señora*, a mesma ideia é ressaltada, especialmente nos poemas onde pecadores de todas as condições recorrem à Virgem Maria em busca de salvação, demonstrando que a intercessão está ao alcance de todos, desde que se busque com fé e arrependimento.

Visualmente, a “Danse Macabre” e os “Milagros” convergem no uso de símbolos religiosos e metafóricos. O mural, com sua imagem da morte personificada dançando com humanos, é uma forma de catequese visual que reforça a ideia de que todos devem estar preparados para o juízo final. Berceo, por sua vez, utiliza a literatura para criar uma catequese poética, onde a morte frequentemente é representada como um momento de crise espiritual, mas também como uma oportunidade de salvação, graças à intervenção de Maria.

O mural e a obra de Berceo compartilham uma preocupação comum com a transitoriedade da vida. A “Danse Macabre” adverte para a efemeridade das riquezas, prazeres e conquistas humanas. Da mesma forma, em muitos dos milagres de Berceo, o poema enfatiza que as virtudes e a devoção à Virgem são os únicos meios de garantir a vida eterna, enquanto os pecados levam à perdição. Essa visão dualista da vida e da morte é central para ambas as obras, que servem como um lembrete moralizante ao público medieval.

¹⁹⁶ HUIZINGA, Johan. *O outono na Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos*. Tradução: Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 219.

4.2 Tradução dos 12 primeiros milagres

A tradução dos milagres de Gonzalo de Berceo apresentada a seguir buscou oferecer uma versão versificada em língua portuguesa, com o propósito de suprir uma lacuna identificada em estudos anteriores, os quais não apontam a existência de uma tradução semelhante da obra para o português. No entanto, a transposição para o novo idioma impôs desafios significativos, decorrentes das diferenças morfosintáticas e fonológicas entre o antigo dialeto riojano, posteriormente consolidado como castelhano, e o português contemporâneo. Essas dificuldades foram especialmente notórias na tentativa de preservar os elementos formais da *cuaderna vía*, como a rima e a assonância. Diante do dilema entre manter o efeito musical dos versos originais ou privilegiar a fidelidade temática e narrativa da obra, optou-se por esta última via. A prioridade foi, portanto, assegurar a integridade simbólica e teológica dos milagres, ainda que com perdas inevitáveis no plano sonoro, a fim de tornar acessível ao leitor moderno a densidade poética e espiritual da composição medieval.

Nesse processo tradutório, adotou-se um método livre, pautado na recriação do texto-alvo com foco na equivalência de sentido e impacto cultural, em vez da reprodução estrita da forma poética. Essa decisão reflete uma prática comum em traduções literárias que buscam preservar o teor e a função do texto original, ajustando-o às características linguísticas e culturais do público-alvo. A base textual utilizada foi a edição espanhola organizada por Joaquín Benito de Lucas,¹⁹⁷ cuja referência guiou a estruturação e interpretação dos poemas no contexto do idioma português. Assim, a tradução propõe uma leitura acessível e, ao mesmo tempo, respeitosa da obra de Berceo, valorizando sua relevância histórica e literária.

Na tradução dos poemas, optou-se por adotar referenciais teóricos consolidados por tradutores de textos clássicos, como Haroldo de Campos, cuja proposta de transcrição redefine os limites da prática tradutória. Essa teoria sustenta que a tradução poética deve transcender a fidelidade literal, recriando, de maneira inventiva e rigorosa, os elementos estilísticos, sonoros e semânticos da obra original. Influenciado pela noção de equivalência dinâmica de Ezra Pound e pelo legado do concretismo brasileiro, Haroldo concebe o tradutor não como mero transmissor de sentido, mas como um coautor, capaz

¹⁹⁷ LUCAS, Joaquim Benito de. *Milagros de Nuestra Señora*. Introducción, notas y versión modernizada: Joaquín Benito de Lucas. Barcelona: Calle Recofort 104, 1988.

de gerar um novo poema que preserve e, em certos casos, intensifique a potência estética e a densidade expressiva do texto fonte.¹⁹⁸

Outra base teórica mobilizada para a tradução dos poemas de Gonzalo de Berceo foi a concepção de tradução elaborada por Walter Benjamin no ensaio *A tarefa do tradutor*¹⁹⁹. Em sua reflexão, Benjamin desloca o foco da tradução como mera reprodução de sentido para uma prática que revela as conexões profundas entre as línguas. Traduzir, em sua perspectiva, não consiste em ser fiel ao conteúdo comunicativo do texto original, mas em desvelar uma “língua pura”, um horizonte utópico onde as línguas convergiriam em sua essência. O texto original, segundo ele, carrega uma “intenção poética” que o tradutor precisa escutar e recriar na língua de chegada, respeitando suas singularidades históricas e formais. Trata-se, portanto, de uma operação que vai além da técnica: um gesto quase místico que busca atualizar o texto por meio da linguagem, prolongando sua existência em uma nova forma. Essa visão, que privilegia a dimensão estética e ontológica da tradução, repercute amplamente nas teorias contemporâneas ao colocar em xeque a ideia de equivalência literal e afirmar a autonomia criativa do tradutor.

Nos poemas narrativos de *Milagros de Nuestra Señora*, observa-se uma estrutura marcadamente linear, na qual os eventos são dispostos em ordem cronológica, seguindo a lógica tradicional do relato milagroso medieval. A narrativa geralmente se inicia com um apelo do poeta à atenção do leitor, seguido pela apresentação do protagonista, cuja principal característica é a devoção à Virgem Maria. Em seguida, esse personagem central comete uma falha moral ou espiritual, frequentemente um desvio de conduta, o que desencadeia o conflito narrativo e dá início ao desenvolvimento do enredo. O ponto culminante da trama se dá no momento da punição ou da crise, quando a intervenção miraculosa da Virgem altera o curso dos acontecimentos em favor do devoto. Essa intercessão conduz ao desfecho do milagre, no qual Maria é glorificada como mediadora poderosa, reafirmando seu papel central na salvação dos fiéis e na consolidação de sua imagem como protetora dos pecadores arrependidos.

Para maior visualização da pesquisa, a tradução foi disposta em formato bilingue, anexo ao texto da tese. Neste capítulo, foram apresentadas as estrofes traduzidas dos poemas para exemplificar os comentários sobre os milagres.

¹⁹⁸ CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

¹⁹⁹ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1).

4.2.1 Milagre I – La casulla de san Ildefonso – A casula²⁰⁰ de Santo Ildefonso

O primeiro milagre narra a história de São Ildefonso de Toledo, também chamado de Afonso, um monge e teólogo da Hispânia cristã, século VII, que viveu na Península Ibérica à época do domínio visigodo. Sua vida foi marcada pela exemplaridade e pela devoção à Virgem Maria e à Igreja. É considerado santo pela Igreja Católica e há vários milagres atribuídos a ele, mas foram operados por seu intermédio *post mortem*. Conforme Rodrigues,

segundo a tradição, seu nascimento teria ocorrido por intercessão da Virgem Maria, decorrendo daí ter dedicado sua vida religiosa ao culto mariano, com inúmeras referências a aparições e outras experiências de religiosidade. Escreveu uma obra contra os hereges que negavam a virgindade de Maria e sustentou que a Mãe de Deus foi virgem antes, durante e depois do parto.²⁰¹

Santo Ildefonso de Toledo (c. 607–667) foi uma das figuras mais proeminentes da Igreja visigótica e destacou-se como teólogo, escritor e defensor da ortodoxia cristã. Arcebispo de Toledo, compôs uma extensa obra que abrange textos exegéticos, dogmáticos, monásticos e litúrgicos, demonstrando erudição e profundo compromisso com a fé. Sua devoção à Virgem Maria marcou profundamente sua produção teológica, especialmente no tratado *De virginitate perpetua Sanctae Mariae contra tres infideles*, no qual reafirma o dogma da virgindade perpétua de Maria, consolidando sua imagem como Mãe de Deus e intercessora universal. A tradição medieval lhe atribui uma visão mística na qual a própria Virgem teria-lhe aparecido em reconhecimento à sua piedade e fidelidade. Figura central do cristianismo na Hispânia, Ildefonso exerceu influência duradoura na formação da liturgia moçárabe e no desenvolvimento da teologia mariana na Península Ibérica. Sua memória litúrgica é celebrada em 23 de janeiro²⁰². O milagre que será apresentado a seguir também consta em *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X.

47

En España cobdicio
en Toledo la magna,
ca non sé de cual cabo
ca más son que arenas

de luego empezar,
un famado logar,
empiece a contar
en riba de la mar.

47

Pela Espanha desejo – em seguida começar,
em Toledo a magna, – afamado lugar:
mas não sei a maneira como – começo a contar,
porque são mais que areias – no limite do mar.

48

En Toledo la buena,
que yace sobre Tajo,

esa villa real,
esa agua cabdal,

48

Em Toledo a boa, – essa vila real,
que lance sobre Tejo, – sobre essa água torrencial,

²⁰⁰ Casula é um paramento religioso que o sacerdote coloca sobre a alva, para a celebração da missa. Pode ser túnica ou manto, mas optei pelo uso de “casula”, uma vez que pode ser mais bem empregada na rítmica e rimas do poema.

²⁰¹ RODRIGUES, Fernando Ozorio, *As cantigas de Santa Maria de Afonso X: curso em 10 lições*. Niterói: Parthenon Centro de Arte e Cultura, 2022. p. 272.

²⁰² GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 2002.

hobo un arzobispo, coronado leal,
que fue de la Gloriosa amigo natural.

49
Diciénli Ildefonso, dizlo la escriptura,
pastor que a su grey daba buena pastura,
homne de sancta vida que trasco grand cordura,
que nos mucho digamos, so fecho lo mestura.

50
Siempre con la Gloriosa hobo su atencencia,
nunca varón en dueña metió mayor querencia;
en buscarli servicio metié toda femencia,
facié en ello seso e buena providencia.

51
Sin los otros servicios, muchos e muy granados,
dos yacen en escripto, éstos son más notados,
fizo d'ella un libro de dichos colorados
de su virginidat contra tres renegados.

houve ali um arcebispo, – coroadado leal.
que foi da Gloriosa – amigo natural.

49
Dizia-o Ildefonso, – disse a escrita,
pastor que a seu rebanho – dava boa postura:
homem de santa vida – que trazia grande postura,
ainda que muito falamos – sua história o assegura.

50
Sempre com a Gloriosa – houve grande
complacência,
nunca varão em liderança – colocou maior
querência,
em buscar-lhe serviço – depositou sua inteligência,
teve nele bom senso – e não menos prudência.

51
Sem os outros serviços – muitos e mais ajuizados,
dois há em escrito, – estes são muito notados.
fez sobre Ela um livro – de ditos colorados
de sua virgindade – contra três renegados.²⁰³

O eu poético relata o milagre, situando o acontecimento na cidade de Toledo, cercada pelo rio Tejo. O poeta apresenta Ildefonso como um arcebispo coroadado e exemplar, devoto da Gloriosa. Cita também o livro que escreveu sobre a Virgindade de Maria, em que afirma ser contra três renegados que contestaram a pureza da Virgem.

52
Fizo'l otro servicio el leal coronado,
fizoli una fiesta en diciembre mediado.
La que cae en marzo, día muy señalado,
quando Gabriel vino con el rico mandado.

53
Quando Gabriel vino con la mesagería,
quando sabrosamiente diso «Ave María»,
e dísolí por nuevas que parrié Mesía
estando tan entrega como era al día.

54
Estonz cae un tiempo, esto por conocía,
non canta la iglesia canto de alegría,
non lieva so derecho tan señalado día.
Si bien lo comediéremos, fizó grand cortesía.

55
Fizo gran providencia el amigo leal,
que puso esa festa cerca de la Natal;
asentó buena viña cerca de buen parral,
la Madre con el Fijo, par que non ha igual.

52
Fez-lhe outro serviço – o leal ordenado,
fez-lhe uma festa – em dezembro mediado,
a que caía em março – dia muito sinalado,
quando veio Gabriel – com rico mandado.

53
Quando Gabriel veio – com a notícia,
quando satisfatoriamente – disse-lhe: Ave-Maria,
e disse-lhe por novas – que pariria o Messias,
permanecendo íntegra – como estava nesse dia.

54
Então era um tempo – isto se conhecia,
que não canta a Igreja – seus cantos de alegria,
e não era celebrado – tão famoso dia,
se bem o pensarmos – fez grande cortesía.

55
Fez grande providência – o amigo leal,
já que colocou esta festa – a cerca do Natal,
assentou boa vinha – a cerca de bom parreiral,
a Mãe com o Filho, – porque não tem igual.

²⁰³ Tradução nossa.

Na Idade Média, a devoção à Virgem Maria era parte central da vida religiosa, refletida em várias festas e celebrações ao longo do ano litúrgico. Algumas dessas festas eram comemoradas com grande solenidade com o objetivo de ampliar a espiritualidade cotidiana dos cristãos medievais. No dia 25 de março, é comemorada a festa da Anunciação de Nossa Senhora. Nesse dia, celebra-se o anúncio do Arcanjo Gabriel à Virgem Maria de que ela conceberia o Filho de Deus; a Anunciação é uma das mais antigas e importantes festas marianas. Na Idade Média, essa celebração era vista como o momento em que a salvação começou,²⁰⁴ já que foi quando Maria aceitou ser a mãe do Salvador.

56	Tiempo de cuaresma nin cantan «Aleluya» todo esto asmaba hobo luego por ello	es de aflicción, nin facen procesión; el anviso varón, honrado gualardón.	56	Tempo de quaresma – é tempo de aflição, não canta aleluia – nem se faz procissão; tudo isso se pensava – o sábio varão, houve logo por ele – honrado galardão.
57	Señor Sant Ildefonso, facié a la Gloriosa fincaron en Toledo que non fueron a Misa	coronado leal, festa muy general; pocos en su hostal a la sied obispal.	57	Senhor são Ildefonso, – coroado leal, fez à Gloriosa – festa muito geral; ficaram em Toledo – poucos em sua estau ²⁰⁵ que não foram à Missa – à sé episcopal.
58	El sancto arzobispo, por entrar a la Misa en su preciosa cátedra aduso la Gloriosa	un leal coronado, estaba aguisado; se sedié asentado; un present muy honrado.	58	O santo arcebispo, – um leal coroado, para entrar na Missa – estava preparado: em sua preciosa cátedra – encontrava-se sentado; trouxe a Gloriosa – um presente muito honrado.
59	Apareció'l la Madre con un libro en mano el que él habié fecho plógo'l a Ildefonso	del Rey de Magestat de muy grand claridat: de la virginidat; de toda voluntat.	59	Apareceu para ele a Mãe – do Rei de Majestade, com um livro na mão – de grandiosa claridade: o livro que havia feito – da sua virgindade; a Ildefonso lhe deleitou – de boa vontade.
60	Fízoli otra gracia dioli una casulla obra era angélica, fablóli pocos vierbos,	cual nunca fue oída: sin aguja cosida; non de homne tejida, razón buena, complida.	60	Fez-lhe outra graça – a qual nunca fora ouvida: deu-lhe uma casula – sem agulha cosida; era uma obra angelical – não de homem tecida falou-lhe poucas palavras, – de boa razão, cumprida.
61	«Amigo, – díso'l – sepas ásme buscada honra fecist de mí buen libro, fecístme nueva festa	que só de ti pagada, non simple, ca doblada: ásme bien alabada, que non era usada.	61	Disse-lhe: “Amigo, saibas – que sou de ti paga, há buscado em mim honra – não simples, mas dobrada: de mim fizeste um bom livro – de ti sou louvada, fizeste para mim nova festa – que não era empregada.
62	A la tu Misa nueva	d'esta festividat,	62	A tua festa nova – desta festividade,

²⁰⁴ Cf. DICCIONÁRIO DE MARIOLOGIA: dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradutores: Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995. p. 99-100.

²⁰⁵ Estau: estalagem, pousada, hospedaria. (FERREIRA, 2009, p. 824).

adúgote ofrenda de grand auctoritat:
casulla con que cantes, preciosa de verdat,
hoy en el día sancto de la Navidat.

63

De ser en la cátedra que tú estás posado,
al tu cuerpo señero es esto condonado;
de vestir esta alba a ti es otorgado,
otro que la vistiere non será bien hallado.»

esta oferenda te trago – de grande autoridade:
casula com que **reveles** – preciosa de verdade,
hoje no dia santo – de Natividade.

63

Ao acomodar-se na cátedra – que tu estás sentado,
ao teu corpo notável – isto lhe és aceito;
de vestir esta alba – a ti és outorgado,
outro que a vestires – não será bem olhado.”

Ao defender a virgindade perpétua de Maria contra hereges, Ildefonso recebe uma visita da própria Virgem na catedral de Toledo. Ela o presenteia com uma túnica feita de material celestial, uma veste litúrgica que simboliza sua aprovação.

63

De ser en la cátedra que tú estás posado,
al tu cuerpo señero es esto condonado;
de vestir esta alba a ti es otorgado,
otro que la vistiere non será bien hallado.»

63

Ao acomodar-se na cátedra – que tu estás sentado,
ao teu corpo notável – isto lhe és aceitado;
de vestir esta alba – a ti és outorgado,
outro que a vestires – não será bem olhado.”

64

Dichas estas palabras, la Madre gloriosa
tollióseli de ojos, non vío nulla cosa;
acabó su oficio la persona preciosa
de la Madre de Cristo, criada e esposa.

64

Ditas estas palabras – pela Mãe gloriosa
se ocultou de seus olhos, – não se viu nenhuma cousa;
assim acabou seu ofício – a pessoa preciosa
da Mãe de Cristo, – criada e esposa.

65

Esta festa preciosa que habemos contada
en general concilio fue luego confirmada:
es por muchas eglesias fecha e celebrada,
mientras el siglo fuere non será olvidada.

65

Esta festa preciosa – que fora contada
em geral concílio – foi logo confirmada:
é por muitas igrejas – guardada e celebrada;
enquanto o mundo exista – nunca será ocultada.

66

Cuando plogo a Cristo, al celestial Señor,
finó Sant Ildefonso, precioso confesor;
honrólo la Gloriosa, Madre del Criador,
dio'l gran honra al cuerpo, a la alma muy
mejor.

66

Quando aprouve a Cristo – ao celestial Senhor,
morreu São Ildefonso, – precioso confessor:
honrou-lhe a Gloriosa – Mãe do Criador,
deu-lhe grande honra ao corpo, – à alma, melhor.

A túnica, enquanto objeto sagrado, transcende sua materialidade para se tornar um sinal visível da aprovação à devoção de Ildefonso, reafirmando seu papel como defensor da virgindade de Maria. O milagre, portanto, exalta a figura do santo como modelo de fidelidade doutrinal e insere a Virgem como agente ativa da história sagrada, capaz de intervir fisicamente no mundo terreno. Essa intervenção da Virgem em corpo glorioso legitima o vínculo entre o teólogo e o céu, estabelecendo a túnica como símbolo de investidura espiritual, autoridade teológica e recompensa celestial.

A cena também funciona como uma dramatização exemplar do poder intercessor de Maria, um dos pilares da teologia mariana medieval, e como instrumento retórico para catequizar e comover o público, unindo narrativa hagiográfica, doutrina e emoção.

Enquanto *topos* literário, a entrega da túnica pode ser interpretada como a materialização do “prêmio” concedido à ortodoxia e à piedade, antecipando o juízo divino em vida. Berceo, ao relatar esse episódio no registro poético da *cuaderna vía*, contribui para a difusão do culto a Maria e para a valorização da tradição visigótica e toledana, inscrevendo sua obra na longa linhagem de defesa da fé mariana.

A Virgem adverte para o uso exclusivo da casula por Ildefonso, uma vez que se outro a vestisse não seria bem-visto por ela. Logo em seguida, é anunciada a morte de santo Ildefonso, o qual é honrado pela Virgem, de corpo e alma.

Nesse milagre percebe-se a morte como uma premiação, visto que o santo foi exemplar em sua vida e honrou a Virgem Maria com uma festa e com o livro dedicado a defender e propagar sua virgindade antes e depois da concepção de Jesus.

67
Alzaron arzobispo un calonge lozano,
era mucho sobervio e de seso liviano;
quiso eguar al otro, fue en ello villano,
por bien non gelo tovo el pueblo toledano.

68
Posóse enna cátedra del su antecesor,
demandó la casulla que'l dio el Criador;
diso palabras locas el torpe pecador,
pesaron a la Madre de Dios Nuestro Señor.

69
Diso unas palabras de muy grand liviandat:
«Nunca fue Ildefonso de mayor dignitat,
tan bien so consagrado como él por verdat,
todos somos eguales enna humanitat.»

70
Si non fuese Siagrio tan adelante ido,
si hobiese su lengua un poco retenido,
non serié enna ira del Criador caído,
ond dubdamos que es ¡mal pecado! perdido.

71
Mandó a los ministros la casulla traer
por entrar a la Misa, la confesión facer,
mas non li fo sofrido ni hobo él poder,
ca lo que Dios non quiere nunca puede ser.

72

67
Nomearam arcebispo – um cônego sano
era muito soberbo de alma – e de pensamento
leviano;
quis igualar ao outro – e foi nisto infame,
por bem não o teve – o povo toledano.

68
Assentou-se na cátedra, – a de seu antecessor,
demandou a casula – que lhe deu o Criador,
disse palavras loucas – o torpe pecador,
pesaram à Mãe – de Deus Nosso Senhor.

69
Disse umas palavras – de grande leviandade:
“Nunca fui Ildefonso – de maior dignidade,
também sou consagrado – como ele, em verdade,
todos somos iguais – em nossa humanidade.”

70
Se não fosse Siagrio²⁰⁶ – tão adiante ido,
e se tivesse sua língua – um pouco retido,
não seria na ira – do Senhor caído,
pois tememos que é – mal pecado!, perdido.

71
Mandou aos ministros – a casula trazer,
para entrar na Missa – a confissão fazer:
mas não lhe foi resignado – nem teve tal poder,
o que Deus não quer – nunca pode suceder.

72

²⁰⁶ Siagrio (c. 430-486) foi o último governante romano da Gália a manter certa autonomia após a queda do Império Romano do Ocidente em 476. Era filho de Egídio, um general romano que havia governado uma região da Gália conhecida como o “Reino de Soissons”, que funcionava quase como um enclave romano em meio aos reinos bárbaros que se formavam. Após a morte do pai, Siagrio assumiu o controle dessa região e foi chamado pelos francos de “Rei dos Romanos” – um título que evidenciava tanto a continuidade do ideal imperial quanto a sua posição ambígua entre o mundo romano e o bárbaro. (COLLINS, Roger. *Early Medieval Europe, 300-1000*. London: Macmillan, 1991.)

Pero que ampla era la sancta vestidura,
isióli a Siagrio angosta sin mesura:
prísoli la garganta como cadena dura,
fue luego enfogado por la su grand locura.

73

La Virgen gloriosa, estrella de la mar,
sabe a sus amigos gualardón bueno dar:
bien sabe a los buenos el bien gualardonar,
a los que la desierten sábelos mal curar.

Ainda que bem grande era – a santa vestidura,
resultou a Siagrio – angústia sem mesura:
tomou-lhe a garganta – como cadeia dura,
e logo acabou afogado – por sua grande loucura.

73

A Virgem muito gloriosa, – estrela do mar,
a seus amigos sabe – galardão bom dar;
se bem sabe aos bons – o bem galardoar,
aos que não a servem – sabe o mal remediar.

Após a morte de Santo Ildefonso, a Igreja nomeou outro arcebispo para substituí-lo, Siagrio, o qual era um homem soberbo, de pensamentos levianos, que logo quis usar a casulo deixada pelo seu antecessor. Este, além de possuir qualidades reprováveis, acusou Ildefonso de ter cometido pecado. Sendo assim, devido a essas atitudes levianas, a Virgem Maria soube remediar esse mal, pois Siagrio passou a sentir grande angústia e acabou ficando louco.

Ao concluir cada milagre, Gonzalo de Berceo lança mão de um recurso recorrente em sua obra: a exortação de caráter pedagógico. Essa estratégia, presente nas estrofes finais de seus poemas, revela o compromisso do autor com a formação espiritual de seus leitores. Após narrar a intervenção milagrosa da Virgem Maria e a salvação do devoto, o poeta rompe momentaneamente com a ficção para falar diretamente ao público, convidando-o à reflexão sobre a fé, o arrependimento e a devoção mariana. Esse gesto não é apenas um encerramento do poema narrativo, mas uma forma de conduzir o leitor ao reconhecimento de valores cristãos fundamentais. Por meio dessas passagens, Berceo reforça o papel educativo da literatura religiosa medieval, utilizando a poesia como meio de orientação moral e aproximação entre o sagrado e o cotidiano do fiel.

74

Amigos, a tal Madre aguardarla debemos:
si a ella sirviéremos nuestra pro buscaremos,
honraremos los cuerpos, las almas salvaremos,
por poco de servicio grand gualardón prendremos.

74

Amigos, a tal Mãe – servi-la devemos:
se a ela servirmos – nosso bem buscaremos,
honraremos os corpos, – a alma salvaremos,
por muito pouco serviço – grande galardão teremos.

Nessa última estrofe, do Milagre I, de maneira concisa e direta, o poeta apela à sensibilidade do leitor, apresentando a devoção à Virgem Maria não como um dever abstrato, mas como um caminho concreto de salvação espiritual e benefício moral.

Analiticamente, o trecho combina persuasão retórica e teologia popular. O uso do vocativo "Amigos" cria um tom de proximidade e irmandade, inserindo o leitor no universo do poema e tornando a exortação mais pessoal. Berceo articula a lógica do

serviço à Virgem como uma troca assimétrica, mas generosa: o fiel oferece "muito pouco" – ou seja, gestos simples de devoção – e, em retorno, recebe um “grande galardão”, ou seja, a salvação da alma. Esse raciocínio, típico da espiritualidade medieval, promove uma visão pragmática da fé, incentivando o culto mariano por meio da promessa de recompensas tanto espirituais quanto corporais. Percebe-se que Berceo mobiliza um discurso acessível, mas eficaz, que traduz conceitos teológicos complexos – como intercessão, graça e méritos – em linguagem poética, ritmada e de forte apelo emocional. Assim, reafirma o papel da poesia como veículo de catequese e a figura da Virgem como eixo central da mediação entre o humano e o divino.

4.2.2 Milagre II – *El sacristán fornicario* – O sacristão fornicador

O segundo milagre relata a história de um sacristão que era muito devoto à Virgem Maria, mas que sucumbiu ao pecado da carne. Apesar de sua devoção e de suas responsabilidades na Igreja, ele comete o pecado repetidamente, incapaz de resistir à tentação. Ciente de sua condição pecaminosa, ele vive angustiado e continua a rezar fervorosamente para Maria, pedindo ajuda.

75
Amigos, si quisiédeses un poco esperar,
aun otro miraclo vos querría contar,
que por Sancta María denó Dios demostrar,
de cuya lege quiso con su boca mamar.

76
Un monje beneito fue en una mongía,

el logar no lo leo, decir no lo sabría,
querié de corazón bien a Sancta María,
facié a la su statua el enclín cada día.

77
Facié a la su statua el enclín cada día,

fincaba los enojos, dicié: «Ave María»;
el abat de la casa dio'l la sacristanía,

ca teniélo por cuerdo e quito de folía.

78
El enemigo malo, de Belzebud vicario,
que siempre fue e éslo de los buenos contrario,
tanto pudo bullir el sutil avversario,
que corrompió al monje, fizolo fornicario.

75
Amigos, se quiser – um pouco esperar,
outro milagre – eu queria contar,
que por Santa Maria – dignou-se Deus mostrar,
de cujo leite quis – com sua boca mamar.

76
Era um monge bendito – que em um convento
havia,
o lugar ao certo – dizer não o sabia,
de coração queria – bem a Santa Maria,
fazia reverência a sua estátua – ajoelhado todo dia.

77
Fazia reverência a sua estátua – ajoelhado todo
dia,
ficava de joelhos, – dizia: *Ave Maria*,
o abade da casa – deu-lhe sacristia
pois tinha-o por prudente – e loucura nele não
havia.

78
O inimigo mau, – de Belzebu vigário
que sempre foi e é – dos bons contrário
tanto pode bulir – o sutil adversário
que ao monje corrompeu – e o fez fornicário

A história do sacristão mostra o conflito entre a pulsão erótica e a devoção religiosa. Mesmo sendo um pecador, ele é redimido por sua devoção à Virgem Maria.

Embora continue a pecar, sua constante oração e arrependimento são recompensados com a salvação. A história sublinha o poder do arrependimento e da confiança na intercessão de Maria para a redenção.

A tentação é atribuída à figura de Belzebu, o diabo, que no imaginário medieval é, frequentemente, retratado como aquele que tenta os fiéis, levando-os ao pecado e afastando-os do caminho da salvação. Ele aparece como um inimigo que procura ganhar as almas para o inferno por meio de armadilhas, enganos e tentações. A Virgem Maria, no imaginário medieval, é, no entanto, a maior adversária do diabo, uma crença que enaltece sua figura que simboliza pureza, misericórdia e intercessão, contrastando com o mal, representado pelo diabo. Essa oposição entre Maria e o diabo aparece em várias narrativas religiosas, sermões, milagres e obras literárias medievais, reforçando a ideia de que Maria era a defensora das almas contra as forças do mal.

Jérôme Baschet afirma que o diabo, personificação de Satã e seus demônios, é uma das figuras mais significativas no imaginário medieval ocidental.²⁰⁷ Ele representa a personificação do mal, confronta as forças celestiais, instiga os justos e estimula os iníquos e pecadores. Ele é o justiceiro dos condenados, está sempre presente e sua força aterradora se manifesta em todas as facetas da vida e nas representações mentais da era medieval.

No versículo “É agora o julgamento deste mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado abaixo” (João 12: 31), Jesus anuncia a iminência de sua paixão como o momento decisivo do confronto entre o bem e o mal. A expressão “príncipe deste mundo” refere-se a Satanás, entendido como a força espiritual que atua no coração humano e nas estruturas de poder injustas, afastadas de Deus. Ao declarar que esse “príncipe” será expulso, Cristo revela que sua morte e ressurreição inaugurarão o julgamento definitivo do mal e a redenção da humanidade. Trata-se, portanto, de uma proclamação escatológica e teológica: o sacrifício de Jesus desmantela o domínio espiritual do pecado e da morte, rompendo a influência do maligno sobre o destino humano. A partir daí o mundo, embora ainda marcado pelo conflito entre luz e trevas, passa a ser o lugar da possibilidade de salvação, mediante a fé em Cristo. A linguagem usada por João é densa e simbólica, e expressa a luta cósmica entre o Reino de Deus e as forças que o rejeitam, enfatizando que a cruz é, paradoxalmente, o trono de vitória do verdadeiro Rei.

São várias as passagens bíblicas que se referem à figura do diabo, inclusive, com o epíteto de “Príncipe do mundo”. No *Evangelho de João*, especificamente, há duas

²⁰⁷ BASCHET, Jérôme. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Tradução: Hilário Franco Júnior et al. Bauru, SP: Edusc. v. I, 2006. p. 319.

passagens que ilustram essa denominação. Em “já não conversarei muito convosco, pois o príncipe deste mundo vem; contra mim, ele nada pode” (João 14:30), Jesus, referindo-se ao diabo como o “príncipe deste mundo”, enfatiza que, embora este tenha poder sobre o mundo, ele não tem poder sobre Cristo, que é imaculado e sem pecado. Essa passagem aponta para a iminente traição a Jesus e seu sacrifício na cruz. Em “do julgamento, porque o Príncipe deste mundo já está julgado” (João 16: 11), Jesus fala sobre o Espírito Santo, que virá para convencer o mundo sobre o pecado, a justiça e o juízo. O “príncipe deste mundo” já está, nessa afirmação, condenado, e o julgamento final sobre ele e seu reino está garantido.

79

Priso un uso malo
de noche, cuando era
isié por la iglesia
corrié el entorpedo

el loco pecador,
hechado el prior,
fuera del dormitorio,
a la mala labor.

80

Siquier a la exida,
delante del altar
el enclín e la Ave
non se li olvidaba

siquier a la entrada,
li cadié la pasada;
teniéla bien usada,
en ninguna vegada.

81

Corrié un río bono
haviélo de pasar
do se vinié el loco
cadió e enfogóse

cerca de la mongía;
el monje todavía;
de cumplir su folía,
fuera de la freiría.

79

Habituou ao mau costume – o louco pecador:
à noite, quando estava – deitado o prior,
saía pela igreja – do dormitório interior
corria o desgraçado – ao mau labor.

80

Mas, tanto na saída – quanto na entrada,
Diante do altar – diminuía sua passada:
a Ave e a revência – ele fazia bem usada,
e não se ocultava – nenhuma vez de ser saudada.

81

Corria um rio muito bom – acerca de onde vivia,
o monge passava por ele – cada vez que saía,
e quando fez o pecado – este louco logo retornaria,
mas foi pego por algoz – fora da abadia.

O sacristão habituado ao pecado vive o conflito entre o comportamento pecaminoso e a devoção religiosa. Mesmo sendo um pecador, o sacristão é redimido por sua devoção à Virgem Maria.

82

Cuando vino la hora
non habié sancristano
levantáronse todos,
fueron a la iglesia

de matines cantar,
que podiese sonar;
quisque de su logar;
al fraire despertar.

83

Abrieron la iglesia
buscaron al clavero,
buscando sus e yuso

como mejor sopieron,
trobar no lo podieron;
atanto andidieron,

do yacié enfogado,

allá lo enfirieron.

84

Qué podrié ser esto
si's murió o'l mataron
era muy grand la basca
ca cadié en mal precio

no lo podién asmar,
no lo sabién judgar;
e mayor el pesar,
por esto el logar.

82

Quando chegou a hora – da matina cantar
não havia sacristão – que pudesse tocar;
levantaram-se todos, – cada qual de um lugar;
foram para a igreja – para o frei despertar.

83

Abriram a igreja – como melhor souberam,
buscaram o chaveiro – achar não puderam;
buscando embaixo e em cima – portanto
procuraram,
do que jazia afogado – lá o descobriram.

84

O que poderia ser isto – não o podia pensar,
se morreu ou o mataram – não sabiam julgar,
era muito grande a angústia – e maior o pesar,
pois caía em descrédito – por este fato o lugar.

85

85

Mientras yací en vano el cuerpo en el río,
digamos de la alma en cual pleito se vío:
vinieron de diábolos por ella grand gentío,
por llevarla al bátrato, de deleit bien vacío.

86
Mientras que los diábolos la trayén com a pella,
vidiéronla los ángeles, descendieron a ella,
ficeron los diábolos luego muy grand querella,
que suya era quita, que se partiesen d'ella.

87
Non hobieron los ángeles razón de vocealla,
ca hobo la fin mala e asín fue sin falla;
tirar no lis podieron valient una agalla;
hobieron a partirse tristes de la batalla.

88
Acorrió'l la Gloriosa, reina general,
ca tenién los diábolos mientes a todo mal;
mandólis atender, non osaron fer ál,
moviólis pletesía firme e muy cabdal.

Enquanto jazia envolto – o corpo no rio,
digamos que sua alma – se via em pleito sombrio:
vieram os diabos – por ela em multidão sem brio,
para levá-la ao inferno – de deleite vazio.

86
Enquanto os diabos – a traziam e com ela
se diverdiam, os anjos – descera por ela,
fizeram os diabos – logo uma grade querela:
que os anjos partissem – deixando-a na esparrela.

87
Não tiveram os anjos – razão que valha
já que houve final ruim – e isso foi sem falha
tirá-lo não podiam – a valentia faltara,
havam de partir – tristes da batalha.

88
Acercou-se a Gloriosa, – rainha geral,
pois somente os diabos – detinham todo o mal;
mandou-os esperar – não negaram para tal,
mover-lhe disputa – firme e muito cautelosa.

Nesse milagre, como em muitos outros, o diabo tenta levar a alma do pecador após sua morte, reivindicando-a para o inferno. No entanto, a Virgem intervém, desafiando o diabo para salvar a alma do sacristão, mesmo sendo ele um pecador.

Esse confronto sublinha o poder de Maria sobre o mal e sua capacidade de interceder de maneira eficaz pelos pecadores. O diabo, apesar de seu poder, é sempre derrotado pela misericórdia e pela intercessão de Maria.

O diabo também aparece como uma figura pronta para punir aqueles que caem em pecado. Ele é o executor da condenação eterna, um lembrete visual e espiritual das consequências das más ações.

Mercedes Brea descreve, deste modo, a figura do diabo:

*el diablo, como príncipe de las tinieblas, recibe diversos nombres en la tradición cristiana: Lucifer, Satán / Satanás, Belzebú, Asmodai, etc. y suele aparecerse a los hombres en lugares desiertos, que provocan temor y se asocian a la locura. Es un espíritu seductor (recuérdese el Génesis) que multiplica palabras y apariciones para encontrar las debilidades de sus víctimas. Se atreve a tentar al propio Jesús en el Nuevo Testamento y lo intenta con muchos santos que, imitando al Redentor, acaban siempre por salir triunfantes.*²⁰⁸

Segundo a autora, tanto na literatura quanto na pintura, a caracterização do diabo é sempre diversa e exagerada. No milagre “O sacristão fornicador”, porém, não há uma

²⁰⁸ “O diabo, como príncipe das trevas, recebe diversos nomes na tradição cristã: Lúcifer, Satã/Satanás, Belzebu, Asmodeu, etc., e costuma aparecer aos homens em lugares desertos, que provocam temor e se associam à loucura. É um espírito sedutor (recordemos o Gênesis) que multiplica palavras e aparições para encontrar as fraquezas de suas vítimas. Ele ousa tentar o próprio Jesus no Novo Testamento e tenta muitos santos que, imitando o Redentor, acabam sempre triunfando” (BREA, 2012, tradução nossa).

descrição física do diabo, na verdade, quem atua no relato são vários diabos, os quais podem ser analisados por aspectos morais, ou seja, pelas atitudes e falas dissolutas e contraditórias, e são servos do “Príncipe” do inferno, aqueles que atuam sob seu comando e que possuem sentimentos afins.

89
Propuso la Gloriosa palabra colorada,
«Con esta alma, foles, – diz – non habedes nada;
mientras fue en el cuerpo fue mi acomendada;
agora prendrié tuerto por ir desamparada.»

90
De la otra partida recudió el vocero,
un sabidor diablo, sutil et muy puntero:
«Madre eres de Fijo, alcalde derecho,
que no'l place la fuerza nin es end placentero.

91
Esripto es que homne allí do es fallado
o en bien o en mal, por ello es judgado;
si esti tal decreto por ti fuere falsado,
el pleit del Evangelio todo es descuidado.»

92
«Fabras – diz la Gloriosa – a guis de cosa nescia;
non te riepto, ca eres una cativa bestia;
quando ixió de casa, de mí priso licencia,
del pecado que fizo yo'l daré penitencia.

93
Seríe en fervos fuerza non buena parecencia;
mas apelo a Cristo, a la su audiència,
el que es poderoso, pleno de sapiencia,
de la su boca quiero oír esta sentencia.»

89
Propôs a Gloriosa – com palavra acalorada,
“Com esta alma, loucos – diz –, não tereis nada,
enquanto foi em corpo – a mim foi encomendada,
agora sofreria dano – por ir desamparada.”

90
Da outra parte – respondeu-lhe um vozeiro,
um sabedor diabo – sutil e muito certo
“Você é Mãe do Filho, – governador primeiro,
Que não agrada da força – o que é verdadeiro.

91
Está escrito que o homem – alí onde é falado
tanto o bem como o mal, – por ele é julgado:
se este tal decreto – por ti for falseado,
o teor do Evangelho – é todo descuidado.”

92
Fala – diz a Gloriosa – sem decência,
não o desafio, pois você é – maleficência;
quando saiu de casa, – a mim pediu licença,
o pecado que fez – eu lhe darei penitência.

93
Não seria digno de mim – você fazer violência;
mas apelo diante de Cristo – a sua audiência,
o qual é poderoso – pleno de sapiência,
da sua boca eu quero – ouvir esta sentença.”

Esse trecho de *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, ilustra de maneira notável a estrutura dramatizada dos milagres marianos, centrando-se em um diálogo judicial entre a Virgem Maria e o diabo. A cena destaca-se por sua dimensão teológica, poética e alegórica, e revela as estratégias discursivas do autor para reforçar tanto o papel da Virgem como intercessora misericordiosa quanto o perfil do diabo como acusador implacável e legalista.

O diabo é caracterizado com traços de retórica e astúcia, descrito como um “sabedor diabo – sutil e muito certo”. Sua fala tem um tom jurídico, evocando a letra da lei para justificar sua posse sobre a alma pecadora. Ele apresenta argumentos com base na justiça e na ordem estabelecida nas Escrituras: “Está escrito que o homem – alí onde é falado / tanto o bem como o mal, – por ele é julgado”, numa tentativa de se opor à intercessão de Maria com uma lógica rígida, impiedosa e formalista. Essa caracterização está de acordo com o imaginário medieval, no qual o diabo é muitas vezes retratado como

acusador no tribunal divino, conhecedor da lei, mas incapaz de compreender a misericórdia.

Em contrapartida, Maria, chamada de “Gloriosa”, responde com dignidade e firmeza, apelando à sua autoridade espiritual e maternal. Ela reconhece o pecado da alma, mas reivindica seu direito de oferecer penitência, recusando-se a permitir que o diabo imponha uma condenação definitiva. O contraste entre os dois é marcante: enquanto o diabo é frio, legalista e sem compaixão, Maria representa a graça, a clemência e a possibilidade de redenção. A tensão entre justiça e misericórdia é o cerne do conflito, e Berceo, de forma poética e simbólica, inscreve a Virgem como figura ativa no processo salvífico, que não hesita em confrontar o mal em defesa dos devotos arrependidos. O apelo final à audiência de Cristo reforça a estrutura de julgamento e sublinha a mediação da Virgem como essencial na economia da salvação. Berceo, assim, constrói uma narrativa em que o diabo é vencido não pela força, mas pela sabedoria, autoridade espiritual e misericórdia da Mãe de Deus.

A Virgem Maria confronta os seres infernais com firmeza, demonstrando não os temer, e leva o “caso” ao julgamento de Jesus.

94	El Rei de los Cielos, partió esta contienda, mandó tornar la alma desent cual mereciese,	alcalde sabidor, non vidiestes mejor: al cuerpo el Señor, recibíe tal honor.	94	O Rei dos Céus, – governante salvador, resolveu esta contenda – da maneira melhor: O Senhor mandou retornar – a alma ao seu corpo, logo quando merecesse, – receberia tal honra.
95	Estaba el convento por esti mal ejemplo resuscitó el fraire espantáronse todos	triste e desarrado, que lis era uviado; que era ya pasado; ca era aguisado.	95	Estava o convento – triste e desamparado, por este mau exemplo – que lhes era legado ressuscitou o frade – que era já passado, espantando-se todos – ao vê-lo em bom estado.
96	Fablólís el buen homne, muerto fui e so vivo, ¡Grado a la Gloriosa que me libró de manos	dísolis: «Compañeros, d'esto seet bien certeros, que salva sos obreros, de los malos guerreros.»	96	Falou-lhes o bom homem, – disse-lhes: “Companheiros, Morto fui e vivo estou, – disso estejam certos, Graças a Gloriosa – que salva seus obreiros, que me livrou das mãos – dos maus guerreiros!”
97	Contólís por su lengua qué dicien los diábolos cómo lo quitó ella si por ella non fuese,	toda la ledanía, e qué Sancta María; de su podestadía, serié en negro día.	97	Cantou-lhes da sua maneira – toda a ladainha, o que diziam os diabos – e como Santa Maria; o livrou assim – de sua grande tirania, se não fosse ela – seria um negro dia.
98	Rendieron a Dios gracias a la sancta reina, que fizo tal miraclo por qui está más firme	de buena voluntat, mader de pñadat, por su benignidat, toda la cristiandat.	98	Renderam a Deus graças – de boa vontade, a santa rainha, – mãe de piedade, que fez tal milagre – por sua benignidade, por quem está mais firme – toda a cristandade.
99	Confesóse el monje	e fizo penitencia,	99	Confessou-se o monge – e fez penitência,

mejoróse de toda	su mala contenenencia,	melhorou-se de toda – sua mal abstinência,
servió a la Gloriosa	mientras hobo potencia,	serviu a Gloriosa – enquanto houve potência,
finó cuando Dios quiso	sin mala repindencia,	finou quando Deus quis – com tranquila
		consciência,
requiescant, pace	cun divina clemencia.	<i>Requiescat in pace – cum divina clemencia</i> ²⁰⁹ .

100

Muchos tales miraclos e muchos más granados
fizo Sancta María sobre sos aclamados;
non serién los millésimos por nul homne contados,
mas de lo que sopiéremos, seed nuestros pagados.

100

Muitos milagres assim – e muitos mais honrados
fez Santa Maria – sobre seus aclamados;
não seriam os milhares – por homem nenhum
contados
mas os que sabíamos – estareis bem-informados.

O monge, após o julgamento, consegue sua ressurreição e se redime de seus pecados. Em sua vida nova, ele vive em retidão e, por isso, quando morre finalmente obtém a salvação eterna.

A danação do diabo e o papel de Maria como adversária do mal estão intimamente conectados na teologia e na espiritualidade cristãs. Enquanto o diabo simboliza o mal, a tentação e a condenação, a Virgem Maria personifica a pureza, a obediência e a intercessão redentora. A vitória de Maria sobre o diabo reflete o triunfo do bem sobre o mal e do amor divino sobre a condenação, fazendo dela uma figura importante na luta espiritual e na proteção dos fiéis contra as forças malignas.

Uma temática importante a ser analisada é a ressurreição, que é bastante recorrente nas cantigas, poemas e relatos de milagres da Idade Média. Nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, a de número 381, começa assim o relato: “Como a voz de Jesus Cristo aos mortos fez reviver, assim a de sua Mãe a um morto fez vivo erguer”.²¹⁰ Essas palavras refletem o poder concedido à Virgem de ressuscitar os mortos.

A ressurreição dos mortos é uma das crenças centrais do cristianismo e aparece em várias passagens da Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. A doutrina da ressurreição está associada à vida eterna, ao juízo final e à vitória de Deus sobre a morte. No Antigo Testamento, pode ser citado Daniel 12:2: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno”.²¹¹ Essa passagem é uma das referências mais evidentes da crença na ressurreição, tanto a dos justos quanto a dos ímpios, no Antigo Testamento. Em Isaías 26:19: “Os teus mortos viverão, os seus corpos ressuscitarão; despertai e cantai, vós que habitais no pó, porque o teu orvalho é orvalho de luz, e a terra dará à luz os seus mortos”.²¹² Isaías

²⁰⁹ “Descanse em paz – com a divina clemência” (tradução nossa).

²¹⁰ Tradução de VAZ LEÃO, 2011, p. 165.

²¹¹ Daniel 12:2.

²¹² Isaías 26:19.

descreve a esperança da ressurreição como um despertar dos mortos, um tema que será retomado no Novo Testamento. Em Ezequiel 37:5-6:

assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis; e sabereis que eu sou o Senhor.

Nesse trecho, no Vale dos Ossos Secos, Deus mostra ao profeta Ezequiel a visão da restauração do povo de Israel, simbolizada pela ressurreição dos mortos.

No Novo Testamento, há outras passagens sobre a ressurreição dos mortos: a ressurreição de Jesus Cristo (Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24, João 20-21), de Lázaro (João 11:1-44), da filha de Jairo (Mateus 9:18-26, Marcos 5:21-43, Lucas 8:40-56), do filho da viúva de Naim (Lucas 7:11-17), de Tabita (Dorcas) (Atos 9:36-43), de Eutico (Atos 20:7-12) e os santos que ressuscitaram na morte de Jesus (Mateus 27:51-53).

Os relatos de ressurreição no Novo Testamento são manifestações do poder de Deus sobre a morte e a vida, e cada um tem seu próprio significado teológico. Esses eventos prefiguram e culminam na ressurreição de Jesus, centro da fé cristã e base da esperança na vida eterna para os fiéis. No caso da Virgem Maria, embora não seja diretamente associada ao poder de ressuscitar os mortos da mesma forma que Jesus, ela é retratada nas narrativas medievais como a mediadora que suplica a Deus pela vida e pela salvação das almas. O papel de Maria é, principalmente, espiritual e sua intercessão reflete seu *status* elevado como advogada dos pecadores e defensora contra as forças do mal, inclusive as da morte.

4.2.3 Milagre III – *EL clérigo y la flor* – O clérigo e a flor

Neste milagre, um clérigo louco e perdido nos vícios seculares, mas que amava a Virgem Maria e a venerava constantemente, é morto e enterrado longe da igreja da qual fazia parte.

101

Leemos de un clérigo que era tiestherido,
ennos vicios seglares ferament embebido;
pero que era loco, habié un buen sentido,
amaba la Gloriosa de corazón complido.

102

Comoquiere que era en ál mal costumnado,
en saludar a ella era bien acordado;
nin irié a elesia nin a ningún mandado,
que el su nomne ante non fuese aclamado.

103

101

Lemos sobre um clérigo – que era louco perdido,
Nos vícios seculares – fortemente envolvido;
Mesmo sendo louco – tinha um bom sentido:
Amava a Gloriosa – de coração comprometido.

102

Mesmo sendo o homem – ao mal-acostumado,
Em saudar a ela – era bem acertado;
Nem ia à igreja – nem fazia nada obrigado
Sem que seu nome antes – fosse invocado.

103

Decir no lo sabría	sobre cuál ocasión,	Dizer que não sabia – sobre qual ocasião,
ca nos no lo sabemos	si lo buscó o non,	Já que não o sabemos – se ele a buscou ou não,
diéronli enemigos	salto a est varón,	Inimigos se colocaram – a combater com este varão.
hobieron a matarlo:	¡Domne Dios lo perdón!	Vieram a matá-lo, – Senhor Deus, o perdão!

O clérigo, personagem do milagre, é descrito como louco e perdido, além de ser envolvido em vícios seculares. Este último refere-se à prática, condenada pela Igreja, de secularizar, ou seja, “tornar-se secular ou leigo, deixar de pertencer a uma ordem religiosa, ou à vida religiosa”.²¹³ O termo “secularização”, *saeculum*, está presente na *Vulgata*, de São Jerônimo, para traduzir *kósmos*:

no sentido de este tempo presente por oposição ao futuro anelado do Reino de Deus. Daí provindo a sua utilidade não apenas para caracterizar o mundo pagão mas a própria cisão dentro da Igreja politicamente triunfante entre clérigos e leigos.²¹⁴

Dessa maneira, compreende-se que o clérigo era adepto dessa prática, sendo corrompido pelos vícios e pecados do mundo, além de ser negligente com seus deveres para com a Igreja. Porém, era devoto da Virgem Maria e recitava orações todos os dias em sua honra.

O poema não revela o motivo da morte do clérigo, mas afirma que inimigos o mataram em decorrência de um combate. Sua fé na Virgem é tão forte que, quando ele morre, Maria intercede por sua alma.

104	Los homnes de la villa	e los sus compañeros	104	Os homens da vila – também seus companheiros,
	esto como cuntiera	com non eran certeros,		Como isso acontecera – eles não eram certos,
	defuera de la villa	entre unos riberos,		E fora da vila – por entre uns ribeiros
	allá lo soterraron,	non entre los dezmeros.		Por lá o enterraram – mas não entre os dizimeiros.
105	Pesó'l a la Gloriosa	con est enterramiento,	105	Pesou-lhe à Gloriosa – com este sepultamento,
	que yacié el su siervo	fuera de su convento;		Já que jazia seu servo – fora de seu convento;
	pareció'l a un clérigo	de buen entendimiento,		Apareceu-lhe a um clérigo – de bom entendimento,
	dísoli que ficianan	en ello fallimiento.		E disse-lhe que cometeram – erro sem fundamento.
106	Bien habié treinta días	que era soterrado:	106	Já havia trinta dias – que estava enterrado:
	en término tan luengo	podí ser dañado;		Em término tão longo – podia ser despojado;
	díso'l Sancta María:	«Ficiestes desguisado,		Santa Maria lhe disse: – “Fizeram-no injustiçado,
	que yaz el mi notario	de vos tan apartado.		Que jaz meu devotado – de vós tão distanciado.
107	Mándote que lo digas:	que el mi cancelario	107	Mando-te que digas: – que ele é meu dignitário
	non merecié ser	echado del sagrario;		Não merecia ser – retirado do relicário;
	dilis que no lo dejen	y otro trentanario,		Diga-lhes que não o deixem – ali outro trintenário:
	métanlo con los otros	en el buen fosalarío.»		Salvo que com os outros – levem-no ao ossuário.”

²¹³ FERREIRA, 2009, p. 1818.

²¹⁴ FERNANDES, A. H. Secularização. In: MARQUES, António; CAMPOS, André Santos (coord.). *Dicionário de filosofia moral e política*. Lisboa: Instituto de Filosofia da Nova, 2019. Disponível em: <http://www.dicionariofmp-ifilnova.pt/secularizacao>. Acesso em : 23 nov. 2024.

108

Demandóli el clérigo que yacíe dormitado:
 «¿Quí eres tú que fablas? Dime de ti mandado,
 ca cuando lo disiero seráme demandado
 quí es el querelloso o quí el soterrado.»

109

Dísoli la Gloriosa: «Yo so Sancta María
 madre de Jesu Cristo que mamó leche mía;
 el que vos desechastes de vuestra compañía,
 por cancellario mío yo a esi tenía.

110

El que vos soterrastes lueñe del cimiterio,
 al que vos non quisiestes facer nul ministerio,
 yo por esti te fago todo est reguncerio:
 si bien no lo recabdas, tente por en lacerio.»

108

Indagou-lhe este clérigo – que estava paralisado:
 “Quem é que fala? – Diga-me o que há mandado,
 Que quando o disser – será a mim demandado,
 Quem é o queixoso – ou quem é o enterrado?”

109

Disse-lhe a Gloriosa: – “Eu sou Santa Maria,
 Mãe de Jesus Cristo – que do meu leite nutria;
 Ele que havia desertado – da vossa companhia
 Por dignitário meu – sabia que o teria.

110

Ele que você enterrou – longe do cemitério,
 Ao que não quisestes – fazer-lhe mistério,
 Por ele eu te falo – com todo este critério:
 Se não o realizas, – já verás o que é sério.”

A Virgem intercede pelo clérigo que fora assassinado, para que ele não seja enterrado fora das cercanias da igreja, pois era este o costume: que monges e freiras fossem sepultados em cemitérios de mosteiros ou conventos, sendo suas sepulturas localizadas em locais discretos ou em áreas separadas.

As estruturas funerárias criavam conexões entre os vivos e os mortos, além de projetar as várias maneiras de pensar como cada comunidade atuava e preservava sua tradição em relação às dúvidas e incertezas associadas à morte. Nessa perspectiva, no cristianismo, o túmulo é um lugar sagrado onde o corpo é “inunado, entregue à lenta decomposição da carne”.²¹⁵

Em Gênesis 3:19, Iahweh condena o homem: “Com o suor do teu rosto comerás teu pão até retornares ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás”.²¹⁶ Essa passagem refere-se à mortalidade humana e ao ciclo da vida, em que o ser humano, criado a partir do pó da terra, retorna a ele na morte. É uma lembrança da fragilidade da vida e da consequência do pecado original, que trouxe a morte ao mundo. Segundo Schmitt,

os eleitos ressuscitarão no mesmo corpo que foi o seu na terra, mas um corpo “glorioso” (“espiritual”, diz São Paulo, em oposição ao corpo “animal” da existência terrestre), purificado de todas as suas enfermidades e subtraído à usura do tempo: será como um corpo de Adão antes da Queda, e nesse corpo metamorfoseado os eleitos se beneficiarão novamente da visão imediata e completa de Deus. Nesse retorno à perfeição da origem, a história se extinguirá na eternidade.²¹⁷

²¹⁵ LE GOFF, Jacques, SCHMITT. Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. “Corpo e alma”. 2006, p. 256.

²¹⁶ Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 38.

²¹⁷ LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 257.

Assim, as práticas de sepultamento na Idade Média eram profundamente influenciadas pelas crenças religiosas cristãs, especialmente a fé na ressurreição dos mortos e na intercessão. O respeito ao corpo e a importância de ser enterrado em solo consagrado refletiam o desejo de garantir a salvação e a ressurreição para a vida eterna. Essas práticas variavam de acordo com o *status* social, mas a importância da oração e da devoção ao pós-vida era comum em todas as classes sociais.

111

El dicho de la dueña fue luego recabado,
abrieron el sepulcro apriesa e privado;
vidieron un miraclo non simple ca doblado,
el uno e el otro, fue luego bien notado.

111

Os dizeres da senhora – foi logo realizado:
Abriram o sepulcro – depressa e acelerado,
E viram um milagre – não simples, mas dobrado;
Tanto um como outro – foi em seguida notado.

112

Isiéli por la boca una fermosa flor
de muy grand fermosura, de muy fresca color;
inchié toda la plaza de sabrosa olor,
que non sentién del cuerpo un punto de pudor.

112

Saia-lhe, muito formosa, – de sua boca uma flor,
De grandiosa beleza, – de grande fresca cor,
Enchia toda a praça – com seu saboroso olor,
Que não sentiam do corpo – um pouco de seu fedor.

113

Trobáronli la lengua tan fresca e tan sana
cual parece de dentro la fermosa mazana;
no la tenié más fresca a la merediana
quando sedíé fablando en media la quintana.

113

Encontraram-lhe a língua – que estava tão fresca e sã
Como parece por dentro – uma formosa maçã;
Não estaria mais fresca – ao longo da manhã
Quando se via falando – com grande afã.

114

Vidieron que viniera esto por la Gloriosa,
ca otri non podrié facer tamaña cosa;
trasladaron el cuerpo, cantando «Speciosa»,
après de la eglesia en tumba más preciosa.

114

Viram todos que isto – vinha da Gloriosa,
Pois outra não podia – fazer coisa tão virtuosa;
Trasladaram o corpo – cantando “Speciosa”,
Mais perto da igreja – à tumba mais preciosa.

115

Todo homne del mundo fará grand cortesía
qui ficiere servicio a la Virgo María;
mientre que fuere vivo verá plazería,
e salvará el alma al postremero día.

115

Todo homem no mundo – fará grande cortesia
Se fizer grande serviço – à Virgem Maria;
Enquanto for vivo – verá alegria,
E salvará sua alma – no derradeiro dia.

Em conformidade à solicitação da Virgem, o corpo do clérigo é desenterrado em local afastado para ser levado e sepultado mais próximo à igreja. Ao abrirem o sepulcro, deparam-se com um milagre, pois, além do corpo estar intacto e sem o mau cheiro usual de um cadáver, havia em sua boca uma flor com um cheiro muito agradável que exalava perfume por toda a praça. Todos os presentes sabiam que esse milagre vinha da Gloriosa Virgem Maria, pois era um fato delicado e virtuoso.

A flor que Maria faz nascer na boca do clérigo é carregada de simbolismo. Ela representa a pureza, a beleza e a simplicidade da devoção, além de sugerir que as ações mais simples, como a oração diária e a devoção, têm grande valor aos olhos de Maria e de Deus. No contexto da espiritualidade medieval, a flor também pode ser vista como um

símbolo da própria Maria, já associada por Berceo no prólogo dos *Milagros de Nuestra Señora*, que representa a pureza imaculada e a beleza da Virgem.

O clérigo, protagonista da história, é retratado como um ser humano imperfeito, mas devoto. Ele representa o fiel comum que, apesar de suas falhas e limitações, tem fé na Virgem Maria. Isso o torna um modelo para os ouvintes medievais que, muitas vezes, se viam em situações semelhantes, enfrentando desafios para cumprir suas obrigações religiosas.

A redenção do clérigo não é baseada na sua perfeição moral, mas na sua confiança inabalável em Maria. Isso reforça a ideia de que a salvação não é reservada apenas aos santos ou aos perfeitos, mas a todos aqueles que demonstram devoção sincera e fé na Virgem.

4.2.4 Milagre IV – El galardón de la Virgen – O galardão da Virgem

O milagre IV narra a história de um clérigo devoto da Virgem Maria e que exaltava os cinco gozos, ou as cinco alegrias, por ela alcançados: a crença na anunciação pelo anjo Gabriel, a concepção virginal, o nascimento de Cristo, o cumprimento da lei antiga, o Antigo Testamento, e a abertura para uma nova lei, o Novo Testamento.

116
D'un clérigo otro nos diz la escriptura
que de Sancta María amaba su figura:
siempre se inclinaba contra la su pintura,
habié muy grand vergüenza de la su catadura.

117
Amaba al so Fijo e amaba a ella,
tenié por sol al Fijo, la Madre por estrella;
querié bien al Fijuelo e bien a la poncella,
porquelos servié poco estaba con grand querella.

118
Apriso cinco motes, motes de alegría,
que fablan de los gozos de la Virgo María;
diciéselos el clérigo delante cada día,
habié ella con ellos muy grand placentaría.

116
De um outro clérigo – nos diz a escritura
Que de Santa Maria – amava sua figura:
Sempre se inclinava – contra a sua pintura,
Havia grande vergonha – ao olhar para sua candura

117
Ele amava seu Filho – e amava a ela,
tinha por sol ao Filho, – e a mãe por estrela;
queria bem ao Filhinho, – e bem a Dozela,
e porque os servia pouco – vivia em grande querela

118
Aprendeu cinco frases – todas de alegria
que falavam dos gozos – da *Virgo* Maria;
dizendo o clérigo – diante de cada dia,
ela o escutava – com grande alegria.

Os cinco gozos da Virgem (também conhecidos como “Cinco Alegrias de Maria”) são momentos de júbilo em sua vida, relacionados à sua participação nos eventos centrais da vida de Jesus Cristo. Essas alegrias são celebradas na tradição cristã, especialmente na espiritualidade medieval e nas devoções populares. Os gozos de Maria refletem a

participação dela na história da salvação, exaltando sua presença nos mistérios da Encarnação e da Redenção.²¹⁸

A Anunciação é a primeira grande alegria de Maria e ocorre quando o Anjo Gabriel comunica que ela foi escolhida para ser a Mãe do Salvador. Essa alegria está ligada ao privilégio singular que Maria recebeu ao ser escolhida por Deus para trazer ao mundo o Messias: “Entrando onde ela estava, disse-lhe: ‘Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo. [...] Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus.’”²¹⁹ Ou seja, trata-se do gozo da Anunciação e reflete a alegria de ser escolhida e aceitar o plano divino.

A Visitação é a segunda alegria de Maria. Ela diz respeito à concepção virginal e ocorre quando ela visita sua prima Isabel, que também está grávida de João Batista. Isabel reconhece a grandeza de Maria e a saúda como “a mãe do meu Senhor”: “Com um grande grito, exclamou: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre!’”. Nesse momento, o próprio João Batista pula de alegria no ventre de Isabel.²²⁰ Esse episódio põe em destaque a alegria da comunhão entre Maria e Isabel, ambas escolhidas por Deus para desempenhar papéis importantes na história da salvação.

O nascimento de Jesus é a terceira e uma das maiores alegrias de Maria. Em Belém, Maria dá à luz ao Filho de Deus e o coloca em uma manjedoura. Os pastores e os anjos cantam louvores a Deus pela chegada do Salvador: “Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na sala.”²²¹ A alegria de Maria aqui é a realização da promessa de Deus, o nascimento do Redentor que traria salvação ao mundo.

A quarta alegria de Maria ocorre quando os Reis Magos visitam Jesus após seu nascimento, oferecendo-lhe ouro, incenso e mirra: “Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam”,²²² Essa alegria evidencia o reconhecimento da realeza e da divindade de Jesus por pessoas de outras nações, simbolizando a missão universal de Cristo e a confirmação das profecias messiânicas do Antigo Testamento.²²³

²¹⁸ Cf. AMBRÓSIO, 2022.

²¹⁹ Lucas 1:28-31.

²²⁰ Lucas 1:42-44.

²²¹ Lucas 2:6-7.

²²² Mateus 2:11.

²²³ Cf. DE VARAZZE, 2003, p. 149-156.

A maior e última alegria de Maria é seu encontro com Jesus após a ressurreição. Embora os Evangelhos não descrevam explicitamente esse encontro, a tradição cristã sustenta que Maria teve o privilégio de ver seu Filho ressuscitado antes de todos os outros discípulos.

Segundo Jacopo de Varazze, a terceira aparição de Cristo após a ressurreição foi à Virgem Maria, mesmo os evangelistas não tendo mencionado esse acontecimento.²²⁴ No entanto, a Igreja romana aprova essa aparição à Virgem, “já que a estação litúrgica do dia da Páscoa ocorre na igreja de Santa Maria Maior”. Além disso,

se não concordarmos com tal ideia, tendo em vista que nenhum dos evangelistas a menciona, isso significaria que Cristo nunca apareceu à Virgem depois de ter ressuscitado. Mas descartamos a ideia de que tal mãe tenha sido negligenciada e desonrada por um filho como aquele. [...] A primeira alegria da Ressurreição deve ter sido proporcionada à sua mãe, que sofreu mais que ninguém com a morte do filho, de forma que Ele, que consolava outras pessoas, não ia se esquecer de sua mãe.²²⁵

A alegria de Maria atinge seu ápice ao ver seu Filho vitorioso sobre a morte e cumprindo a promessa de redenção para a humanidade. A ressurreição de Jesus pode ser compreendida como o evento mais importante da fé cristã, porque marca a vitória definitiva sobre o pecado e a morte, enquanto a nova lei que Jesus traz representa outra maneira de viver de acordo com o amor e a graça.

A nova lei apresentada por Jesus Cristo é, em essência, a lei do amor e da graça, que transcende a antiga lei dos mandamentos passados a Moisés no Antigo Testamento. Enquanto a antiga lei se concentra no cumprimento de mandamentos do Criador, a nova lei estaria focada no amor e no relacionamento pessoal com Deus e com os outros.

Os gozos da Virgem são, pois, celebrados no poema de Berceo:

119

«Gozo ayas, María,
gozo ayas, María,
gozo ayas, María,
la ley vieja cerresti
que el ángel credist,
que virgo concebist;
que a Cristo parist,
e la nueva abrist.»

119

“Há glória, Maria, – porque no anjo você acreditou,
há glória, Maria – que virgem você concebeu,
há glória, Maria – porque Cristo de você nasceu,
a velha lei cumpriu – e a lei nova abriu.”

Os cinco Gozos da Virgem celebram os momentos de maior júbilo na vida de Maria, àqueles que refletem seu papel único na história da salvação e sua profunda relação com os mistérios de Cristo. Esses eventos não só exaltam Maria como Mãe de Deus, mas também oferecem aos seus devotos um modelo de fé e alegria espiritual.

²²⁴ DE VARAZZE. 2003, p. 344-345.

²²⁵ DE VARAZZE, 2003, p. 345.

O clérigo, personagem do poema-milagre, recebe recompensas por suas boas ações e por sua devoção à Virgem e serve de exemplo de conduta e entendimento das leis cristãs:

120

Cuántas fueron las plagas que el Fijo sufrió,
dicié él tantos gozos a la que lo parió;
si bono fo el clérigo e bien lo mereció,
hobo gualardón bueno, buen grado recibíó.

120

Quantas pragas foram – que seu Filho sofreu,
dizia tantas glórias – a quem ela concebeu,
como bom foi o clérigo, – e bem o mereceu,
houve boa recompensa – bom grado recebeu.

Além de mencionar os cinco gozos marianos, Berceo retoma a ideia das cinco graças da Virgem, agora vinculando-as simbolicamente aos sentidos do corpo humano, canais pelos quais o homem pode tanto experimentar o mundo quanto cair no pecado. Essa associação revela uma leitura sutil e metonímica do corpo, em que os cinco sentidos não são apenas faculdades físicas, mas também portas de entrada para o erro ou para a salvação, dependendo de como são orientados espiritualmente. Ao estabelecer essa conexão, o poeta oferece uma reflexão moral e teológica profunda, mostrando que, mesmo por meio das fragilidades sensoriais, a graça de Maria pode intervir, restaurando o equilíbrio entre corpo e alma e conduzindo o fiel a uma vida de maior pureza e devoção.²²⁶

121

Por estos cinco gozos debemos ál catar:
cinco sesos del cuerpo que nos facen pecar,
el ver, el oír, el oler, el gostar,
el prender de las manos que dicimos tastar.

121

Por estas cinco graças – devemos ao olhar,
nossos cinco sentidos – que nos fazem pecar;
são: ver e ouvir – cheirar e degustar,
segurar as mãos – que dizemos tocar.

122

Si estos cinco gozos que dichos vos habemos
a la Madre gloriosa bien gelos ofrecemos,
del yerro que por estos cinco sesos facemos
por el so sancto ruego grand perdón
ganaremos.

122

E se estas cinco graças – graças que disse termos,
a mãe Gloriosa – pelo bem lhe oferecemos,
pelos erros que por – estes bens cometemos,
por seus rogos – grande perdão ganharemos.

A visão, enquanto um dos principais sentidos humanos, é responsável por captar e interpretar o mundo ao redor, sendo também um canal poderoso de estímulos que influenciam os desejos, pensamentos e decisões. No campo moral e espiritual, contudo, esse mesmo sentido pode tornar-se porta de entrada para o pecado. A cobiça, a inveja e a luxúria muitas vezes têm origem no olhar que se fixa sobre aquilo que não nos pertence ou que desperta desejos desordenados. A visão, quando descontrolada, pode nutrir

²²⁶ Cf. CASAGRANDE, Carla e VECCHIO, Silvana. Tradução de Lênia Márcia Mongelli. “Pecado” (LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. II, 2006, p. 337-351).

impulsos pecaminosos, como adverte Jesus no Evangelho de Mateus (5: 28): “Eu, porém, vos digo: todo aquele que olhar para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração.” Essa advertência não condena o sentido em si, mas revela a necessidade de uma vigilância interior constante, pois o olhar pode ser tanto instrumento de contemplação do divino quanto veículo de perdição, dependendo da disposição moral do sujeito que vê. O pecado da inveja também está associado à visão, quando se deseja algo que o outro possui simplesmente porque se vê e se deseja aquilo para si.

A audição permite ao homem ouvir e processar os sons do ambiente, como palavras, músicas e vozes. Esse sentido tem um impacto significativo na forma como o homem interage socialmente e espiritualmente. Sua relação com o pecado pode ocorrer por meio da audição de falsas doutrinas, fofocas e maledicência. De acordo com os ensinamentos bíblicos, ouvir mentiras, calúnias ou ensinamentos falsos pode afastar uma pessoa de Deus e das verdades espirituais.

O olfato é o sentido por meio do qual o homem consegue perceber aromas e odores. Embora esse sentido esteja, geralmente, associado a experiências mais sutis, ele também pode influenciar as emoções e comportamentos. O olfato, embora menos diretamente associado ao pecado em comparação com outros sentidos, pode ser relacionado à sedução, à intemperança e ao desejo excessivo por prazeres mundanos. O cheiro de alimentos ou fragrâncias pode despertar a gula ou a luxúria quando mal controlados.

Em termos espirituais, o olfato também pode ser um símbolo da pureza ou da impureza. Na tradição cristã, o cheiro de incenso está associado à oração e à elevação espiritual, enquanto maus odores são associados à corrupção ou ao pecado.

Por sua vez, o paladar está relacionado à satisfação física e às necessidades corporais. Esse sentido é associado ao pecado da gula, ao desejo excessivo por comida e por bebida. A gula é condenada, pela tradição católica, como um dos “Sete pecados capitais” (avareza, gula, inveja, ira, luxúria, preguiça, soberba), pois representa a falta de moderação e de autocontrole.

Além da gula, o paladar pode também incitar outros desejos materiais e luxuriosos, que podem levar ao egoísmo e à falta de consideração pelas necessidades dos outros. Em vez de usar o alimento como sustento, a gula transforma o ato de comer em um objetivo em si mesmo, desviando o devoto do propósito espiritual.

Por fim, o tato, o mais imediato e físico dos sentidos, representa a ligação direta entre o corpo humano e o mundo material. Sua capacidade de estabelecer contato concreto

torna-o particularmente sensível às inclinações do desejo. No campo moral, o tato pode ser associado a pecados como a luxúria e o apego desmedido aos bens terrenos. Quando orientado por impulsos desordenados, o toque físico deixa de ser expressão de afeto ou cuidado e passa a servir à satisfação egoísta dos sentidos, desrespeitando os limites do outro e da própria dignidade. Nesse sentido, o tato, assim como os demais sentidos, requer disciplina espiritual, pois pode ser tanto meio de partilha e presença quanto instrumento de queda, quando motivado pela busca imoderada do prazer ou pela avidez por aquilo que é puramente material.

Além disso, o apego material pode ser simbolizado pelo desejo de possuir fisicamente o que se toca ou se sente. O desejo exagerado por riquezas, poder ou prazeres físicos pode se manifestar por intermédio do desejo de tocar e de possuir.

Segundo Casagrande e Vecchio:

os homens e as mulheres da Idade Média aparecem dominados pelo pecado. A concepção de sabre, a ideia de trabalho, as ligações com Deus, a construção das relações sociais, as instituições de práticas rituais, toda a vida e visão de mundo do homem medieval gira em torno da presença do pecado.²²⁷

Conforme o trecho apresentado, a sociedade medieval é caracterizada por uma condição amplamente influenciada pela presença do pecado, que parece permear todas as relações humanas, moldando as formas como homens e mulheres se movem e se representam. Nesse contexto, Deus é concebido como uma entidade que “proíbe, pune e perdoa todos os pecados”, enquanto o diabo tem o papel de “seduzir para induzir ao pecado”. Assim, a sociedade medieval é, essencialmente, marcada por uma visão de si mesma como intrinsecamente pecadora.²²⁸

Assim, após esclarecer sobre as alegrias da Virgem e advertir sobre o pecado, Berceo conta que o clérigo adoece e fica acamado, sentindo dores muito fortes. A Virgem Maria aparece a ele e promete salvá-lo da aflição e da dor. O clérigo acredita que será curado e que levantará do leito e voltará a viver são.

122

Si estos cinco gozos que dichos vos habemos
a la Madre gloriosa bien gelos ofrecemos,
del yerro que por estos cinco sesos facemos
por el so sancto ruego grand perdón ganaremos.

123

Enfermó esti clérigo de muy fuert manera,
que li querién los ojos esir de la mollera;
tenié que era toda complida la carrera,

122

E se estas cinco graças – graças que disse termos,
a mãe Gloriosa – pelo bem lhe oferecemos,
pelos erros que por – estes bens cometemos,
por seus rogos – grande perdão ganharemos.

123

Adoeceu este clérigo – de tal maneira,
que seus olhos queriam – sair da moleira,
pensou que já estava – cumprida sua carreira,

²²⁷ CASAGRANDE, 2006, p. 337.

²²⁸ CASAGRANDE, 2006, p. 337.

e que li venié cerca la hora postrema.

124
Apareció'l la Madre del Reï celestial
que en misericordia nunca hobo igual.
«Amigo -díso'l- sálvete el Señor spirital,
de cuya Madre fust tú amigo leal.

125
Afuézzate, non temas, non seas desmarrido,
sepas serás aína d'esti dolor guarido;
tente con Dios aína por de cuita esido,
ca dizlo el tu pulso que es bueno complido.

126
Yo cerca ti estando, tú non ayas pavor,
tente por mejorado de toda la dolor;
recebí de ti siempre servicio e amor,
darte quiero el precio de esa tu labor.»

127
Bien se cuidó el clérigo del lecho levantar,
e que podrié por campo en sos piedes andar,
mas ha grand diferencia de saber a cuidar:
hóbose otro guisa esto a terminar.

128
Bien se cuidó el clérigo de la presón esir
con sus conocientes deportar e reír;
mas non podió la alma tal plazo recebir,
desamparó el cuerpo, hobo end a esir.

e que vinha depressa – a hora derradeira.

124
Apareceu-lhe a Mãe – do Rei celestial
Que em misericórdia – nunca houve outra igual;
“Amigo – disse-lhe – salva-se – o Senhor
celestial,
de cuja Mãe fui – seu amigo leal.

125
Esforça-se, não temas, – não seja afligido,
saiba que será em breve – desta dor curado;
fique com Deus seguro – pois está protegido,
dizem que você é firme – que é bem
comprometido.

126
Eu estou perto de você, – não tenha pavor,
Procure melhorar – de toda a dor;
Recebi sempre de você – serviço com muito amor,
Quero dar a você o apreço – do seu bom labor.”

127
O clérigo bem pensou – do leito levantar-se,
e que pelo campo – com seus pés poderia andar,
mas há grande diferença – de saber e pensar:
houve outra maneira – de isto terminar.

128
O clérigo bem pensou – da prisão sair
e com seus conhecidos – divertir e rir;
mas não pôde a alma – tal prazo usufruir,
a alma abandonou seu corpo, – precisou dele sair.

No entanto, o clérigo vem a falecer, livrando-se do sofrimento e da doença. A Virgem Maria, por sua vez, toma a alma dele e os anjos a levam para o céu. Esse feito denota que a morte para o personagem foi uma recompensa pelas suas boas ações e que os pecados por ele cometidos foram perdoados.

129
Prísola la Gloriosa, de los cielos Reina,
fuese la afijada con la buena madrina;
prisiéronla los ángeles con la gracia divina,
leváronla al Cielo do el bien nunca fina.

130
La Madre gloriosa lo que li prometió,
benedicta sea ella que bien gelo cumplió;
como lo dicié ella él no lo entendió,
mas en cuanto que diso verdadera isió.

131
Cuantos la voz udieron e vidieron la cosa,
todos tenién que hizo miláculu la Gloriosa;
tenién que fue el clérigo de ventura donosa,
glorificaban todos a la Virgo preciosa.

129
Tomou-a a Gloriosa, – dos céus Rainha,
era boa filha – com a boa madrinha;
pegaram-na os anjos – com a graça divina,
levaram-na até o céu – onde o bem não termina.

130
A Mãe Gloriosa – o que prometeu,
bendita seja ela – que bem exerceu:
o que ela disse – ele não entendeu,
mas tudo que disse – verdade aconteceu.

131
Quantos ouviram – e viram situação curiosa,
todos compreenderam que fez – milagre a Gloriosa:
entenderam o que o clérigo passou – da ventura danosa,
Glorificavam todos – a *Virgo* preciosa.

Assim, a recompensa, *galardón*, da Virgem revela a importância da devoção sincera a Maria, mesmo quando o devoto comete pecados e é falho em outros aspectos de sua vida. O milagre “El galardón de la Virgen” é um exemplo do poder redentor da devoção mariana que Gonzalo de Berceo promove em seus poemas presentes nos *Milagros de Nuestra Señora*. Ele destaca a misericórdia de Maria, que pode superar os erros e pecados dos homens, e sua capacidade de interceder em favor dos devotos, garantindo-lhes a salvação na morte. A figura do clérigo falho, que é salvo pelas orações dedicadas à Virgem, transmite uma mensagem de esperança e de consolo aos cristãos, lembrando-os de que a fé e a devoção sincera a Maria podem compensar suas imperfeições mesmo após a morte.

4.2.5 Milagre V – El pobre caritativo – O pobre caridoso

O milagre V narra a vida de um pobre homem, devoto da Virgem Maria, que vivia de maneira humilde e simples, mas sempre demonstrava grande caridade para com os outros, compartilhando o pouco que tinha. Apesar de sua condição de extrema pobreza, ele mantinha sua fé inabalável e dedicava suas ações caridosas à Virgem Maria.

132

Era un homne pobre que vivié de raciones,
non habié otras rendas nin otras furçiones
fuera cuando labraba, esto pocas sazones:
tení en su alzado bien pocos pepiones.

132

Era um homem pobre – que vivia de rações,
não havia outras rendas – nem outras provisões
salvo quando lavrava, – e fazia em poucas
ocasiões:
tinha em sua terra – bem poucos tostões.

133

Por ganar la Gloriosa que él mucho amaba,
partiélo con los pobres todo cuanto ganaba;
en esto contendí e en esto puñaba,
por haber la su gracia su mengua olvidaba.

133

Por ganhar a Gloriosa, – a qual muito amava,
repartia com os pobres – tudo que ganhava;
nisso entendia – e nisso batalhava,
por ver sua graça – sua privação escapava.

134

Cuando hobo est pobre d'est mundo a pasar,
la Madre gloriosa vínolo convidar;
fablóli muy sabroso, queriélo falagar,
udieron la palabra todos los del lugar.

134

Quando este pobre teve – deste mundo passar,
a Mãe gloriosa – veio lhe convidar;
falou-lhe muito prazerosa – queria lhe lisonjear,
ouviram suas palavras – todos daquele lugar.

Quando esse homem morre, como recompensa por sua fé e caridade, a Virgem Maria intervém de forma milagrosa, aparece a ele, informando-o que será levado ao reino do Filho:

135

“Tú mucho cobdiciest la nuestra compañía,
sopist pora ganarla bien buena maestría,
ca partiés tus almosnas, diciés “Ave María”,

135

“Você muito cobiçou – a nossa companhia,
sabia como ganhá-la – fazer com maestria,
repartia suas esmolos, – dizia ‘Ave Maria’,

por qué lo faciés todo yo bien lo entendía.

136

Sepas que es tu cosa toda bien acabada,
ésta es en que somos la cabera jornada;
el ‘Ite misa est’, conta que es cantada,
venida es la hora de prender la soldada.

137

Yo so aquí venida por levarte comigo
al regno de mi Fijo que es bien tu amigo,
do se ceban los ángeles del buen candial trigo;
a las Sanctas Virtutes placerlis há contigo.”

138

Cuand hobo la Gloriosa el sermón acabado,
desamparó la alma al cuerpo venturado,
prisiéronla de ángeles, un convento honrado,
leváronla al Cielo, ¡Dios sea end laudado!

139

Los homnes que habién la voz ante oída,
tan aína vidieron la promesa complida,
a la Madre gloriosa que es tan comedida,
todos li rendién gracias, quisque de su partida.

por que fazia tudo – eu bem o entendia.

136

Saiba de uma coisa – tudo se acaba,
nesta vida que estamos – a última jornada;
o ‘*Ite misa est*’,²²⁹ – conta que se cantada,
chegou a hora – de pegar a soldada.²³⁰

137

Eu vim aqui – para te levar comigo;
Para o reino do meu filho – que é vosso bom amigo,
onde se alimentam os anjos – do bom trigo;
que as Santas Virtudes – terão prazer contigo.”

138

Quando a Gloriosa – terminou o seu sermão,
a alma abandonou – o corpo feliz,
os anjos a tomaram, – um grupo honrado,
e elevaram-na ao Céu, – Deus seja louvado!

139

Os homens por quem – a voz foi ouvida antes,
muito rapidamente viram – a promessa cumprida,
à gloriosa Mãe, – que é tão graciosa,
todos agradeceram, – cada um na sua medida.

O pobre homem é abençoado por Maria e recebe a graça da intervenção milagrosa na hora de sua morte. Sua alma é acolhida por anjos que a levam para o céu. Sua devoção e caridade, mesmo em meio à pobreza, são recompensadas, e a mensagem central do milagre é que a verdadeira riqueza está na bondade e no coração devoto.

140

Qui tal cosa udiese serié mal venturado
si de Sancta María non fuese muy pagado,
si más no la honrase serié desmesurado,
qui de ella se parte es muy mal engañado.

141

Aun más adelante queremos aguijar:
tal razón como ésta non es de destajar,
ca éstos son los árboles do debemos folgar,
en cuya sombra suelen las aves organar.

140

Quem ouvir estas coisas, – será malfadado
se de Santa Maria – não fosse muito grato,
e se não a honrasse, – seria desmesurado,
que dela se distanciasse – é muito enganado.

141

Ainda mais adiante, – queremos apontar:
uma razão como esta – não é uma razão para esquecer,
porque estas são as árvores – em que devemos descansar,
em cuja sombra – os pássaros costumam-se organizar.

O tema desse milagre é a caridade. Gonzalo de Berceo enfatiza que a verdadeira riqueza não está em posses materiais, mas na capacidade de ajudar os outros e manter a fé em meio à adversidade. O pobre homem, mesmo sem recursos, compartilha o pouco que tem, tornando-se um exemplo de virtude cristã.

²²⁹ “Ide, a missão terminou” (tradução nossa).

²³⁰ Soldada: prêmio, recompensa. (FERREIRA, 2009, p. 1869).

Essa caridade é vista como um ato de devoção à Virgem Maria, por reforçar a ideia de que a ação generosa para com o próximo é uma maneira de agradar a Deus e à sua Mãe. A caridade é, assim, apresentada como uma virtude que transcende a condição social ou material da pessoa.

A devoção à Virgem Maria constitui um elemento central na narrativa. Mesmo diante da extrema pobreza, o personagem não abandona sua fé, sustentando a convicção de que Maria velará por ele em sua fragilidade. Essa confiança inabalável é recompensada de forma extraordinária: ao morrer, ele é agraciado com a intervenção milagrosa da Virgem, que acolhe sua alma, reafirmando seu papel de intercessora compassiva e mãe dos humildes. A cena traduz, assim, a força da fé simples e sincera, capaz de mobilizar a graça mesmo nas condições mais adversas.

Esse milagre reforça a crença medieval de que Maria intercede diretamente por aqueles que lhe são devotos, especialmente na hora da morte, todos os homens e mulheres que vivem de acordo com as virtudes cristãs, como a humildade e a caridade. A mensagem do poema é que Maria nunca abandona aqueles que confiam nela, mesmo em suas maiores dificuldades.

O pobre caritativo é retratado como uma figura humilde, que aceita sua condição com paciência e dignidade. A pobreza, longe de ser uma maldição, é apresentada como uma oportunidade para demonstrar virtudes espirituais, como a confiança em Deus e a generosidade.

A pobreza constitui um elemento estruturante das dinâmicas sociais medievais, refletindo desigualdades econômicas e valores espirituais profundamente arraigados. A sociedade era marcada por uma nítida divisão entre ricos e pobres, sendo que a condição de pobreza podia decorrer tanto de circunstâncias adversas quanto de uma escolha deliberada. O desapego voluntário dos bens materiais, promovido por movimentos religiosos e ordens mendicantes como os Franciscanos, tornou-se um ideal cristão, associado à busca pela perfeição espiritual e a exemplo da vida de Cristo, que viveu na simplicidade e na escassez. Nesse contexto, a pobreza adquire um duplo significado: por um lado, é vista como sinal de exclusão e vulnerabilidade; por outro, é exaltada como estado de graça, que aproxima o homem de Deus. Assim, os pobres ocupavam um lugar ambíguo na cultura medieval, ao mesmo tempo marginalizados socialmente e valorizados espiritualmente, tornavam-se receptores da caridade cristã, funcionando como

instrumento para o exercício da compaixão e da generosidade por parte das elites e da Igreja.²³¹

O poema de Berceo reforça o pensamento de que a humildade e a pobreza podem ser caminhos para a salvação, pois são uma forma de identificação com Cristo e sua Mãe, que também viveram vidas simples. A recompensa recebida pelo pobre caritativo demonstra que aqueles que vivem humildemente serão exaltados espiritualmente.

Assim, a recompensa que o homem recebe é espiritual. O milagre concede ao homem o reconhecimento de sua devoção e caridade, o que reflete a ideia de que Deus e a Virgem Maria recompensam não apenas com bens terrenos, mas com graça e salvação.

O milagre reforça a mensagem de que, independentemente da condição social, aqueles que são fiéis à Virgem Maria e praticam a caridade serão recompensados. A intervenção milagrosa de Maria é o símbolo máximo de sua misericórdia e poder redentor.

O milagre sugere uma forma de justiça, em que os pobres e humildes, frequentemente marginalizados na sociedade medieval, recebem recompensa diretamente da Virgem Maria, que atua como defensora dos mais necessitados.

Essa visão aponta para um conceito comum na literatura religiosa medieval, no qual os pobres devotos são retratados como os preferidos por Deus e Maria, enquanto os ricos e poderosos, que muitas vezes negligenciam a caridade, são advertidos sobre o perigo de sua condição espiritual.

4.2.6 Milagre VI - El ladrón devoto – O ladrão devoto

Nessa história, como nos outros milagres, a misericórdia e o poder intercessor da Virgem Maria são o ponto fundamental, destacando sua compaixão até mesmo pelos pecadores mais indignos, desde que estes demonstrem devoção sincera.

A narrativa é sobre a vida de um ladrão que, apesar de sua vida criminosa e pecaminosa, mantém uma forte devoção à Virgem Maria. Como ato de fé, ele a venera todos os dias e dedica a ela suas orações, mesmo continuando com suas atividades ilícitas. Certo dia, o ladrão é capturado por causa de seus crimes e condenado à morte.

142

Era un ladrón malo que más quieré furtar
que ir a la iglesia nin a puentes alzar;
sabié de mal porcalzo²³² su casa gobernar,
uso malo que priso, no lo podié dejar.

142

Era um ladrão muito mau – que mais queria roubar
do que ir à igreja – ou pontes levantar;
ele sabia mal maneira – sua casa governar,
aprendeu este mau costume, – não o podia deixar.

²³¹ Cf. LE GOFF, Jacques (org.). *O homem medieval*. Tradução: Maria Jorge Vitar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

²³² Porcalzo m. ant. Manera, modo. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

143
Si facié otros males, esto no lo leemos,
serié mal condempnarlo por lo que non sabemos,
mas abóndenos esto que dicho vos a vemos,

si ál fizo, perdóneli Cristus en qui creemos.

144
Entre las otras malas, habié una bondat
que li valió en cabo e dioli salvedat;
credié en la Gloriosa de toda voluntat,
saludábala siempre contra la su magestat.

145
Dicía Ave María e más de escriptura
siempre se inclinaba contra la su figura,
dicía Ave María e más de escriptura,
tenía su voluntat con esto más segura.

146
Como qui en mal anda en mal ha a caer,
hobiéronlo con furto est ladrón a prender;
non hobo nul consejo con qué se defender,

judgaron que lo fuesen en la forca poner.

147
Levólo la justicia pora la crucejada,
do estaba la forca por concejo alzada;
prisiéronli los ojos con toca²³³ bien atada,

alzáronlo de tierra con sog a bien tirada.

143
Se ele fez outros males, – não o lemos,
seria errado condená-lo – pelo que não sabemos,
mas isto é suficiente para nós, – o que já o dissemos,
se fez mais, perdoa-lhe, – Cristo, em você cremos.

144
Entre as outras coisas más, – havia uma bondade
que valeu a pena no fim – e lhe deu a salvação;
acreditava na Gloriosa – com toda vontade,
e saudava-a sempre – à sua majestade.

145
Falava *Ave-Maria* – e recitava a escriptura
e sempre curvava – diante de sua figura,
falava *Ave Maria* – e recitava a escriptura,
e com isso ele tinha – sua decisão mais segura.

146
Mas aquele que anda mal, – com o mal vai cair,
eles teriam prendido – este ladrão por roubo;
Não havia advogado – com o qual se pudesse
defender,
julgaram que ele – deveria ser levado à forca.

147
A justiça levou-o – para a encruzilhada,
onde a forca foi – pelo conselho erguida;
Taparam-lhe os olhos – com uma venda bem
apertada,
levantaram-no do chão – com a corda esticada.

Quando está prestes a ser executado, ele clama à Virgem Maria. Em um ato milagroso, a Virgem intervém para salvá-lo, revelando-se como sua defensora diante de Deus, colocando suas mãos sagradas como apoio para que o pobre homem não fosse enforcado. Apesar de seus pecados, o ladrão é salvo graças à sua devoção a Maria. O milagre revela a misericórdia da Virgem, que perdoa e protege aqueles que nela têm fé.

148
Alzáronlo de tierra quanto alzar quisieron,
cuantos cerca estaban por muerto lo tovieron;

si ante lo sopiesen lo que después sopieron,
no li hobieran fecho eso que li ficeron.

149
La Madre gloriosa, duecha de acorrer,
que suele a sus siervos ennas cuitas valer,
a esti condempnado quísoli pro tener²³⁴,

148
Levantaram-no do chão – o mais alto que quiseram,
e todos os que estavam por perto - deram-no como
morto;
Se tivessem sabido antes – o que depois souberam,
não lhe teriam feito – o que lhe fizeram.

149
A gloriosa Mãe, – pronta para acorrer²³⁶,
que salva seus servos – que estão em apuros,
a este condenado – que ela só quis proteger,

²³³ Prenda de tela con que se cubría la cabeza (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*) – por isso, optei por “venda”.

²³⁴ Pro tener – “proteger” (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

²³⁶ Acorrer também é um vocábulo do Português, que significa “ir ou vir em auxílio de; acudir, socorrer.” (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

membróli ²³⁵ el servicio	que li solié fer.	recorda-lhe o serviço – que lhe prestava fazer.
150 Metióli so los pïedes las sus manos precïosas, non se sintió de cosa non sovo plus vïcioso	do estaba colgado tóvolo alleviado: ninguna embargado, nunca nin más pagado.	150 Pôs debaixo dos pés – onde estava pendurado as suas mãos preciosas, – e ele foi acalmado: não se sentia de modo – algum sobrecarregado, nunca esteve tão cómodo – e nunca foi tão bem pago.
151 Ende al día tercero vinieron los amigos	vinieron los parientes, e los sus conocientes	151 No terceiro dia – vieram os familiares, vieram os amigos – e os conhecidos vieram despendurar o corpo – arranhados ²³⁷ e tristes, era a melhor coisa – que eles tinham em mente.
viníen por descolgallo sedié mejor la cosa	rascados e dolientes, que metiën ellos mientes.	
152 Trobáronlo con alma non serié tan vïcioso dicié que so los pïedes non sintrié mal ninguno	alegre e sin daño, si yoguiese en vano; tenié un tal escaño, si colgase un año.	152 Encontraram-no com a alma – alegre e sem males, não seria tão cómodo – se ele se deitasse num banho; ele disse que a seus pés – tinha um apoio, e que não seria mal algum – se ficasse enforcado por um ano.
153 Quando lo entendieron tovieron que el lazo fueron mal rependidos tanto gozariën d'eso	los que lo enforçaron, falso gelo dejaron; que no lo degollaron, quanto después gozaron.	153 Quando os que o enforçaram – constataram o fato, pensaram que tinham deixado – uma folga no laço; lamentavam não lhe terem – a garganta cortado, e gostaram tanto disso – quanto depois também gostaram.

O condenado fica pendurado, mas é apoiado pelas mãos da Virgem até o terceiro dia, quando todas as testemunhas se deparam com ele vivo. No entanto, os algozes, não satisfeitos com essa situação, resolvem lhe cortar a garganta, porém, milagrosamente, as mãos da Virgem são colocadas em seu pescoço e, novamente, o pobre ladrão é salvo da morte.

O milagre “El ladrón devoto” apresenta vários elementos típicos da literatura medieval, tanto em sua estrutura quanto em seus temas. Os principais são: devoção à Virgem Maria, misericórdia, conflito entre justiça e misericórdia, e o ladrão como figura representativa.

Mais uma vez, o milagre enfatiza o papel da Virgem Maria como intercessora entre Deus e a humanidade. A salvação do ladrão é resultado de sua devoção a Maria. Esse tema repercute a ideia medieval de que a fé e a devoção sincera podiam superar os pecados mais graves, desde que a pessoa confiasse na misericórdia.

154 Fueron en un acuerdo que fueron engañados	toda esa mesnada ²³⁸ , enna mala lazada,	154 Estavam de acordo – com toda aquela contenda, que foram enganados – numa trama perversa,
---	--	--

²³⁵ Membróli – “recordóli” (membrar v. – lembrar) (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²³⁷ Rascados – “arañados” – Era um costume medieval arrANHAR o rosto em sinal de dor diante da dor da morte de um ente querido. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²³⁸ Mesnada – “Compañia de gente armada que servia bajo el rey o um ricombre” (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*). É utilizado no texto com o sentido figurado e com certo tom irônico; equivalente a um conjunto de homens que fazem a guerra contra um desvalido ladrão. (nota de LUCAS, 1988, p. 104).

mas que lo degollasen por un ladrón non fuese	con foz o con espada; tal villa afrontada.	mas que lhe cortassem a garganta – com foice ou espada; porque um ladrão não podia – deixar a vila confrontada.
155 Fueron por degollarlo con buenos seraniles metió Sancta María fincaron los gorgueros ²³⁹	mancebos más livianos, grandes e adianos; entre medio las manos, de la golliella ²⁴⁰ sanos.	155 Foram cortar-lhe a garganta – jovens mais levianos, com bons serranos ²⁴¹ – grandes e soberanos; Santa María pôs – no meio suas mãos, e o gogó da garganta – ficou são.
156 Cuando esto vidieron que la Madre gloriosa hobiéronse con tanto hasta que Dios quisiese	que no'l podién nocir, lo querié encobrir, del pleito a partir, dejáronlo vevir.	156 Quando viram que – não podiam contar, que a gloriosa Mãe – o queria encobrir, tiveram, portanto, – desta disputa sair, até que Deus quisesse, – deixavam-no existir.
157 Dejáronlo en paz ca ellos non querién ir mejoró en su vida, quando cumplió so corso	que se fuese su vía, contra Sancta María, partiöse de folía: muriöse de su día.	157 Deixaram-no em paz – para seguir o seu caminho, não quiseram ir – contra Santa Maria, e ele melhorou em sua vida, – não fez mais vilania: Quando completou o seu percurso, – morreu de seu dia ²⁴² .

O milagre apresenta um tema típico na literatura medieval: a justiça e a misericórdia. O ladrão, segundo os critérios da justiça, deveria ser condenado por seus crimes. No entanto, a intervenção de Maria demonstra que a compaixão e a intercessão podem superar a severidade da justiça. Ao final do milagre, o ladrão larga a vilania e segue sua vida em paz até a hora de sua morte.

O ladrão é uma figura representativa do pecador, ou seja, alguém cujas ações o colocam em oposição às leis sagradas e humanas, mas que ainda assim possui fé e devoção sinceras. A figura do pecador redimido pela fé abundante na literatura medieval transmite uma mensagem inequívoca: ninguém está além da salvação se confiar na intercessão da Virgem Maria. O ladrão, evidentemente, é um humano com falhas, mas capaz de ser redimido. Essa abordagem humaniza os pecadores e os aproxima dos ouvintes, que também enfrentam lutas espirituais e morais.

Segundo Michel Foucault, na Idade Média, a figura do ladrão era vista de maneira negativa e estva frequentemente associada a uma série de punições severas e

²³⁹ Gorgueros – parte do pescoço, gogó ou pomo de Adão. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²⁴⁰ Golliella – “garganta”. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*)

²⁴¹ Serranos – gentílico de Serra. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²⁴² A expressão “morreu de seu dia” não é amplamente utilizada na língua portuguesa contemporânea, mas pode ser interpretada em alguns contextos como uma forma de dizer que alguém morreu de forma natural ou no momento que lhe estava destinado. Ela remete à ideia de que a morte ocorreu no “tempo certo”, determinado pelo curso natural da vida ou pela vontade divina. Pode ser interpretada como a expressão usual “chegou sua hora”.

exemplares.²⁴³ O ladrão era considerado um inimigo da ordem social e da propriedade, e seus atos eram vistos como uma ameaça à estabilidade e à segurança da comunidade.

As punições para eles variavam de acordo com a gravidade do crime e podiam incluir a exposição pública, a mutilação e até a execução. A justiça medieval buscava não somente punir o infrator, mas servir de exemplo para a população, utilizando o corpo do condenado para demonstrar o poder e a autoridade do soberano. A tortura e os suplícios eram comuns, e a confissão do crime, muitas vezes obtida sob coação, era considerada uma prova essencial para a condenação. A figura do ladrão, portanto, estava intimamente ligada a um sistema penal que valorizava a demonstração pública da punição e a manutenção da ordem por meio do medo e da repressão.²⁴⁴

A literatura medieval geralmente tem um propósito moral e didático, e “El ladrón devoto” não é exceção. O milagre ensina que a devoção sincera pode salvar até os maiores pecadores, Maria é uma intercessora infalível e protetora daqueles que a veneram e a misericórdia está disponível para todos, desde que se mantenham fiéis e devotos.

Além disso, o texto utiliza elementos simbólicos para reforçar a mensagem espiritual. Por exemplo: Maria como advogada, a intercessão da Mãe de Deus no momento da execução do ladrão, que simboliza seu papel como mediadora entre Deus e a humanidade. O suplício do ladrão e o momento de sua condenação é uma metáfora do juízo final, e sua salvação pela Virgem antecipa a redenção oferecida aos devotos no dia do julgamento.

No Evangelho, o bom ladrão é um dos exemplos de arrependimento e redenção no cristianismo. A cena se passa durante a crucificação de Jesus. Dois ladrões (ou malfeitores) estão sendo crucificados ao seu lado:

Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós”. Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: “Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; pagamos por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal”. E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino”. Ele respondeu: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.²⁴⁵

Essa cena explicita o contraste entre as atitudes de ambos os ladrões e culmina na promessa de Jesus ao ladrão arrependido de que ele estará no paraíso. Esse episódio representa forte influência na teologia e na literatura cristã, especialmente na Idade Média. Dessa maneira, a história narrada no Milagre VI também aborda essa relação entre

²⁴³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 110.

²⁴⁴ FOUCAULT, 1987, p. 60-75.

²⁴⁵ Lucas 23:39-43.

o pecado, nesse caso, o roubo, e a redenção. Embora o ladrão cometa atos que violam os mandamentos divinos, sua devoção constante à Virgem demonstra que ele não está completamente perdido. A redenção final é um exemplo da capacidade da misericórdia de superar os pecados desde que haja fé verdadeira.

O milagre reflete, assim, o pensamento da teologia medieval sobre a graça. A salvação não depende, nessa perspectiva, somente das boas ações, mas da confiança em Deus e na intercessão de Maria. Esse milagre reforça a doutrina de que Maria tem um papel especial na salvação, sendo ela capaz de redimir até mesmo o mais indigno criminoso. A morte, que seria punitiva e violenta como pagamento de pecados foi recusada pela mediadora, e, após se redimir de seus pecados, ele tem a oportunidade de morrer perdoado e, finalmente, sua hora é chegada.

Nesse contexto, a morte ocorre no momento predestinado a que todo ser humano está fadado. O destino, ou a vontade de Deus, regula, pois, a vida e a morte. Essa noção se reflete em frases que indicam uma morte esperada ou natural, como “chegou sua hora”, ou seja, no tempo destinado por Deus, de acordo com essa concepção na cultura cristã. No cristianismo, a crença de que todos têm um “dia determinado” por Deus para morrer é explícita. Isso ocorre, por exemplo, em Eclesiastes 3:1-2, “Há um momento para tudo e um para todo propósito debaixo do céu. Tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar a planta”.²⁴⁶

158

Madre tan pñadosa, de tal benignitat,
que en buenos e en malos face su pñadad,
debemos bendicirla de toda voluntat;
los que la bendisieron ganaron grand rictat²⁴⁷.

158

Mãe tão piedosa, – de tal benignidade,
que nos bons e nos maus – mostra a sua grande
piedade,
devemos bendizê-la – com toda a nossa vontade;
aqueles que a bendizeram – ganharam grande
prosperidade.

159

Las mañas de la Madre con las d'El que parió
semejan bien calañias qui bien las conoció;
Él por bonos e malos, por todos descendió,
Ella, si la rogaron, a todos acorrió.

159

As facetas da Mãe – com as d'Aquele que deu à luz
são muito semelhantes – para que as conheci bem;
Ele, por bons e maus, por todos desceu,
Ela, se lhe rogavam, – acorria a todos.

Alguns elementos clássicos da literatura medieval estão presentes no milagre: a moralidade, um forte senso de bem e mal que permeia a narrativa, sendo que a misericórdia triunfa sempre; a exemplaridade, pois a história serve como exemplo de fé; a devoção e a importância da intercessão mariana; a pedagogia religiosa, a intenção do

²⁴⁶ Eclesiastes 3:1-2.

²⁴⁷ Rictat – “riqueza”. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

milagre é educar e inspirar os fiéis a manter sua devoção à Virgem Maria; o milagroso, a presença do sobrenatural e a simplicidade narrativa, visto que a estrutura da história é linear, de fácil compreensão e projetada para ser acessível a todos.

A narrativa do milagre transmite, de forma clara e eficaz, a concepção medieval de que a devoção sincera à Virgem Maria possui maior valor espiritual do que a rigidez da perfeição moral. Por meio dessa história, Gonzalo de Berceo oferece uma mensagem de esperança e salvação, reafirmando que mesmo os pecadores, se movidos por uma fé genuína, podem ser acolhidos pela misericórdia. Por meio de uma linguagem acessível e de forte apelo emocional, o poeta utiliza o episódio não apenas como relato edificante, mas como instrumento de ensino e inspiração, com o intuito de fortalecer a confiança dos fiéis na intercessão compassiva de Maria.

4.2.7 Milagre VII – San Pedro y el monje mal ordenado – São Pedro e o monge ordenado

Esse milagre evidencia o dom de intercessão de Maria para proteger os devotos em situações de tentação e perigo espiritual, principalmente quando o inimigo é o diabo, enquanto aborda o conflito entre as obrigações religiosas e as fraquezas humanas. A história apresenta um monge que foi ordenado no mosteiro de São Pedro, mas que não cumpria as regras de um sacristão da maneira correta. Um dia, ele cai em tentação e quebra seus votos ao cometer sério pecado: uma meretriz concebe um filho dele. Consumido pela culpa e pelo medo do castigo divino, vivia de maneira angustiante e atribulada, e acaba morrendo por “feroz” (drástica) ocasião, não cumprindo com os rituais da igreja, que seriam o *Corpus Dómini*²⁴⁸ e a confissão.

160

En Colona²⁴⁹ la rica,
habíe un monesterio
habíe en él un monje
de lo que diz la regla

cabeza de regnado,
de Sant Peidro clamado;
asaz²⁵⁰ mal ordenado,
habíe poco cuidado.

160

Em Colona, a rica, – chefe do reino,
havia um mosteiro – chamado São Pedro;
Havia nele um monge – que era muito mal ordenado,
do qual a regra diz que – havia pouco cuidado.

161

Era de poco seso, facié mucha locura,
porque lo castigaban non habíe nulla cura;

161

Ele tinha pouco juízo, – fazia muitas loucuras,
porque o castigavam – e não havia cura;

²⁴⁸ *Corpus Dómini*, ou *Corpus Christi*, é uma solenidade litúrgica da Igreja Católica que celebra a presença real de Cristo na Eucaristia. A expressão em latim “*Corpus Domini*” significa “Corpo do Senhor”. In: MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dicionário de Dogmática e Teologia Fundamental: Termos Gregos e Latinos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

²⁴⁹ Colona – “Colônia”, cidade alemã, muito famosa por suas catedrais e monumentos. (nota de LUCAS, 1988, p. 110).

²⁵⁰ Assaz – “bastante” (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

cuntió'l en est comedio²⁵¹ muy grand
desventura:
parió una bagasa²⁵² d'él una creatura.

162
Por salud de su cuerpo e por vevir más sano,
usaba lectüarios²⁵³ apriesa e cutiano,
en ivierno calientes, e fríos en verano,
debríe andar devoto e andaba lozano.

163
Vivié en esta vida en grand tribulación,
murió por sus pecados por fiera ocasión,
nin priso Corpus Dómini nin fizo confesión,
levaron los díablos la alma en presón.

aconteceu neste caso – uma grande desventura:
uma meretriz pariu – dele uma criatura.

162
Para a saúde do seu corpo – e para viver mais são,
ele usava medicamentos, – apressado e contínuo
quentes no Inverno – e frios no Verão,
devia andar devotamente – e caminhava são.

163
Viveu nesta vida – em grande tribulação,
morreu pelos seus pecados – por feroz ocasião,
nem tomou o *Corpus Domini* – nem fez sua
confissão,
e os demónios levaram – sua alma em prisão.

Por negligenciar suas obrigações sacerdotais e levar uma vida desregrada, o monge torna-se alvo da condenação espiritual, sendo sua alma capturada pelos demónios e levada ao cárcere infernal. Diante dessa situação, São Pedro tenta interceder em favor do religioso, mas sua súplica é recusada por Cristo, que, em juízo, afirma não haver méritos suficientes, ou seja, boas ações, que justificassem o perdão dos pecados cometidos pelo monge. A recusa sublinha a gravidade da omissão espiritual e a necessidade da ação virtuosa como condição para a salvação, revelando a estreita relação entre responsabilidade sacerdotal e julgamento divino na concepção teológica medieval.

164
San Peidro el apóstol hobo d'él compasión,
ca en su monesterio ficiera profesión:
rogó a Jesu Cristo con grand devoción
de su misericordia que'l ficiese ración.

165
Diso'l Jesu Cristo: «Peidro, el mi amado,
bien sabes tú qué dijo David en su dictado,
que esi folgarié en el monte sagrado
que entró sin manciella e quito de pecado.

166
Esi por qui tú ruegas, fincada tu rodiella,
nin obraba justicia nin vivié sin manciella;
por la su compañía non valió más la ciella:
¿En cuál él mereció posara en tal siella?»

164
O Apóstolo São Pedro – por ele teve compaixão,
porque ele fez no mosteiro – a sua profissão:
rezou a Jesus Cristo – com grande devoção
que, por sua misericórdia, – faria sua boa ação.

165
Jesus Cristo disse: – “Pedro, meu amado,
bem sabeis o que disse – Davi no seu ditado,
Só me alegraria – no monte sagrado
quem entrou sem mácula – livre de pecado.

166
Esse por quem roga, – não dobrou o joelho,
não agiu com justiça – nem viveu sem mácula;
pela sua companhia – não merecia mais o assento:
Quando é que ele mereceu – sentar-se em tal cadeira?”

²⁵¹ Comedio – “assunto” (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²⁵² Bagasa – s.f. antq. Nombre injurioso que se daba á mugeres perdidas. *Meretrix*. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²⁵³ Lectüarios – “electuarios”, m. “Medicamento de consistencia líquida, pastosa o sólida, compuesto de varios ingredientes, casi siempre vegetales, y de cierta cantidad de miel, jarabe o azúcar, que en sus composiciones más sencillas tiene la consideración de golosina.” (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

Jesus menciona a frase atribuída a Davi, no salmo 24:3-4: “Quem pode subir à montanha de Iahweh? Quem pode ficar de pé no seu lugar santo? Quem tem mãos inocentes e coração puro, e não se entrega à falsidade, nem faz juramentos para enganar”.²⁵⁴ Esse trecho lista os requisitos de pureza e de retidão necessários para estar na presença de Deus no “monte sagrado”. É uma declaração poética sobre a santidade e o caráter daqueles que podem se aproximar de Deus. O monge não possuía nenhuma prerrogativa que desse a ele o privilégio de estar no “monte sagrado” ao lado do Senhor.

167	Rogó a las Vertutes que rogasen al Padre que quitasen est homne recudióli ²⁵⁵ palabras	Sant Peidro celestiales, de los penitenciales, de los lazos mortales, como las otras tales.	167	São Pedro rogou – às Virtudes celestiais, para que rezassem ao – Pai dos penitentes, para tirar este homem – dos laços mortais, mas responderam-lhe palavras – como as outras tais.
168	Tornó en la Gloriosa, Don, e en las otras vírgines fueron ellas a Cristo por la alma del monje	Madre del Nuestro que de su casa son; con grand suplicación, fícieron oración.	168	Dirigiu-se à Gloriosa, – Mãe de Nosso Senhor, e às outras virgens – que da sua casa são; elas dirigiram-se a Cristo – com grande súplica, pela alma do monge – fizeram oração.
169	Cuando vío don Cristo e de las sus amigas isió a recebirlas ¡Alma que lo vidiere	la Madre gloriosa, procesión tan preciosa, de manera fermosa: serié bien venturosa!	169	E quando viu Cristo, – a Mãe gloriosa, e viu suas amigas – em tão bela procissão, saiu a recebê-las – de maneira formosa: A alma que o visse – seria muito venturosa!
170	«Madre -dijo don Cristo- ¿qué negocio vos trae «Fijo -dijo la Madre- por alma de un monje	yo saberlo quería, con esta compañía?» a rogarvos venía de fulana mongía.»	170	“Mãe”, disse Dom Cristo, – “gostava de saber, que negócios traz – com esta companhia?” “Certamente”, disse a Mãe, – “vinha pedir-vos pela alma de um monge – de um mosteiro.”
171	«Madre -dijo el Fijo- tal alma de tal homne serié menoscabada mas por el vuestro ruego	non serié derecha, entrar en tal folgura: toda la escriptura; faremos y mesura.	171	“Mãe”, disse o Filho, – “não seria correto, a alma de tal homem – entrar com tal abertura: seria menosprezada – toda a Escritura; mas, a vosso pedido, – podemos ponderar.
172	Quiero facer atanto torne aún al cuerpo faga su penitencia e puede ser salvo	por el vuestro amor: en qui fo morador ²⁵⁶ ; como faz pecador, por manera mejor.»	172	Quero fazer tanto – pelo seu amor: voltar a alma ao corpo – daquele que foi morador; fazei penitência – como faz um pecador, e pode ser salvo – de maneira melhor.”

Diante da recusa de Cristo, São Pedro dirige-se à Virgem Maria, confiando em seu poder de intercessão. Ao se deparar com a súplica da Mãe gloriosa, Jesus, tomado de alegria por sua presença, não lhe nega o pedido. Com isso, concede à alma do monge a

²⁵⁴ Salmo 24:3-4.

²⁵⁵ Recudióli – “respondióle” – (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

²⁵⁶ Morador ou “moradora”: os substantivos terminados em -or não faziam flexão de gênero na Idade Média.

oportunidade de retornar ao corpo e recomeçar sua vida, agora com a chance de cumprir fielmente suas obrigações espirituais.

173

Cuando udió Sant Peidro esti tan dulz mandado,
vío que su negocio era bien recabdado;
tornó a los diablos, concejo enconado:
la alma que levaban, tollióselas sin grado.

174

Dióselas a dos niños de muy grand claridad,
criaturas angélicas de muy grand sanctidad;
dióselas en comida de toda voluntat
por tornarlas al cuerpo con grand seguridat.

175

Diéronselas los niños a un fradre honrado
que fuera en su orden de chiquinez criado;
levóla él al cuerpo que yacía mortajado,
resuscitó el monje, ¡Dios sea end laudado!

176

A la alma del monje díjoli la su guía,
el fraire, homne bueno, que ante vos decía:
«Yo te ruego por Dios e por Sancta María,
que tengas un clamor tú por mí cada día.

177

Otra cosa te ruego: que la mi sepultura
que yaz toda cubierta de suso de basura,
tú la hagas barrer por tu buena mesura;
tú lo cumplí, ¡sí Dios te dé buena ventura!»

178

Resuscitó el monje, el que era transido,
pero por un grand día sovo fuert estordido²⁵⁷;
maguer tornó en cabo en todo so sentido,
regunzó al convento por qué habié trocído.

173

Quando São Pedro ouviu – este doce mandado,
viu que o seu negócio – era bem aceitado;
voltou para os demónios, – em conselho feroz:
A alma que eles levavam, – ele tirou-lhes sem agrado.

174

Deu-a a duas crianças – de grande claridade,
criaturas angélicas – de grande santidade;
Deu-lhes em louvor – de todas as vontades
para o devolver ao corpo – com grande seguridade.

175

As crianças deram-na – a um frade honrado
que era em sua ordem – desde infância criado;
ele levou-as ao corpo – que jazia envolto em
mortalha,
o monge ressuscitou, – Deus seja louvado!

176

A alma deste monge – disse a seu guia,
o frade, o bom homem, – aquele que vos disse antes:
“Peço-vos por Deus – e por Santa Maria,
que os invoco – por mim todos os dias.

177

Outra coisa que te peço: – que a minha sepultura
que está toda coberta – por cima de sujeira,
que você possa varrer – por sua boa vontade;
cumpra, se Deus – te der boa ventura!”

178

Ressuscitou o monge, – aquele que foi transido,
mas durante um dia – ficou muito atordoado;
quando, por fim, – recuperou os sentidos,
relatou ao convento – tudo que havia acontecido.

Ao final, o monge é perdoado e reassume sua vida religiosa, reforçando sua devoção à Virgem. A mensagem da história é de esperança para os pecadores que se arrependem e permanecem devotos a Maria.

179

Rendieron a Dios gracias, a la Virgo real,
e al sancto apóstolo, clavero celestial
que por salvar su monje sufrió porfazo tal;
non fue esti miraclo de precio sivuelcual.

180

Non haya nadi dubda entre su corazón
nin diga esta cosa podrié ser o non;
ponga enna Gloriosa bien su entención,
entendrá que non viene esto contra razón.

179

Deram graças a Deus, – à Virgem real,
e ao santo apóstolo, – o chaveiro celestial
que por salvar o seu monge – sofreu tal acusação;
como este milagre, – não houve outro de valor igual.

180

Que ninguém duvide – no seu coração
nem diga que isto – pode ser ou não;
se ele colocar na Gloriosa – toda a sua intenção,
entenderá que isso – não é contra a razão.

²⁵⁷ Estordido – “aturdido”, no espanhol contemporâneo. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

181

Como es la Gloriosa plena de bendición,
 es plena de gracia, e quita de dicción;
 no'l serié negada ninguna petición,
 no li disrié tal Fijo a tal Madre de non.

181

Como a Gloriosa – é cheia de bênção,
 é cheia de graça, – e cheia de boa pronúncia;
 não lhe seria negado – nenhuma intercessão,
 o Filho não diria – a tal Mãe um não.

O poder de Maria, portanto, não se limita a perdoar. Ela confronta o diabo, defendendo o monge e restaurando sua posição no mosteiro. Além disso, Maria é considerada a intercessora mais poderosa porque é a mãe de Jesus. Na visão medieval, Jesus não pode recusar os pedidos de sua mãe, o que reforça o acesso privilegiado dela a Ele. A maternidade confere a Maria uma posição de destaque no plano da salvação, como aquela que não somente gerou Jesus, mas participou de maneira única em sua missão redentora.

A Virgem é representada nesse milagre como a “Advogada” da humanidade, assumindo um papel maternal de proteção e intercessão. Enquanto Jesus é o juiz justo, é a mãe misericordiosa, pronta para interceder pelos homens com compaixão.

O monge representa a condição humana, por isso, vulnerável ao pecado e à tentação. Sua queda é um reflexo das lutas espirituais enfrentadas por muitos cristãos, especialmente no contexto da vida religiosa de um mosteiro. A intervenção de Maria e o perdão final demonstram que a misericórdia é mais forte do que o pecado humano, desde que haja arrependimento e devoção.

O diabo representa o engano e a astúcia do mal, reforçando a ideia de que o pecado nem sempre é explícito, mas pode surgir de maneira sutil. A presença do diabo, como personagem na narrativa, evidencia o tema da batalha espiritual. Por outro lado, Maria e Pedro representam as forças do bem, demonstrando que a fé e a devoção são armas poderosas contra o mal. A Virgem Maria é o símbolo da graça e da misericórdia, enquanto São Pedro, como guardião do céu, representa a autoridade eclesiástica que valida a redenção.

A presença de São Pedro reforça a conexão entre a salvação individual e a autoridade eclesiástica. Como guardião do céu e líder da Igreja, Pedro simboliza, ainda, a validação do perdão e da restauração do monge ao seu estado espiritual piedoso.

A história tem, assim, um caráter moral e didático. O objetivo de Berceo é ensinar aos leitores e ouvintes que: mesmo os pecadores mais fracos podem ser redimidos; a devoção à Virgem Maria é uma fonte de proteção e de salvação; e o arrependimento sincero pode superar qualquer transgressão. Essa mensagem é apresentada de maneira pedagógica e direta, para ser compreendida com facilidade por todos.

O milagre segue a estrutura clássica dos *exempla*, ou seja, narrativas com propósito moral e didático: apresentação do protagonista, um monge devoto que enfrenta tentação; conflito, o monge cai em pecado, morre de maneira drástica e sua alma é aprisionada pelos demônios; intervenção, São Pedro pede auxílio para a Virgem Maria, que intervém para salvar o monge e confrontar o diabo; resolução, o monge é perdoado e restaurado à sua posição religiosa.

Com linguagem acessível e estrutura simples, o milagre compilado por Berceo objetiva educar e inspirar o público, reforçando a importância da fé e da confiança na intercessão. “São Pedro e o monge ordenado” exalta Maria como mediadora e põe em evidência a força do arrependimento e da bênção como caminhos para a redenção eterna.

4.2.8 Milagre VIII – El romero de Santiago – O romeiro de São Tiago

“El romero de Santiago” é um dos milagres mais famosos nos textos medievais. Emblemático da obra, mescla temas religiosos com narrativas de caráter fantástico e moralizante. Além de Gonzalo de Berceo, outros autores medievais o registraram, como Afonso X, em *Cantigas de Santa Maria*, e o Papa Calixto II, em *Liber Sancti Jacobi*, também referido como *Codex Calixtinus* ou *Códice Calixtino*²⁵⁸. A narrativa apresenta versões de uma mesma história em cada um dos três autores, havendo diferenças em relação aos detalhes e alguns fatos, como a morte do peregrino. No texto de Afonso X, o romeiro é morto por ladrões, enquanto, nos milagres de Berceo e no relato do *Codex Calixtinus*, o romeiro é morto por cortar seu membro a pedido do diabo, travestido de São Tiago.

182
Señores e amigos,
oíd otro miraclo,
Sant Ugo lo escripso,
que cuntió a un monje
por Dios e caridat,
fermoso por verdat;
de Gruniego²⁵⁹ abat,
de su sociëdat.

183
Un fraire de su casa,
ante que fuese monje
facié a las debeces
como homne soltero
Guiralt era clamado,
era non bien senado²⁶⁰:
folía e pecado,
que non es apremiado.

184

182
Senhores amigos, – por Deus de caridade,
ouça outro milagre, – formoso por verdade;
escrito por São Hugo, – que era de Cluny um abade,
aconteceu a um monge – da sua comunidade.

183
Um frade de sua casa, – Giraldo foi chamado,
antes de ser monge, – não era muito sensato:
às vezes fazia – loucura e pecado,
como um homem solteiro – que não é preocupado

184

²⁵⁸ O *Codex Calixtinus* ou *Liber Sancti Jacobi* é um importante instrumento de promoção do Apóstolo São Tiago e da Basílica de Santiago de Compostela. A obra é uma compilação literária, do século XII, em honra ao apóstolo, composta por cinco livros e um apêndice, que esclarece e enaltece o culto a São Tiago. (Cf. DIAZ Y DIAZ, 1993).

²⁵⁹ São Hugo foi abade de Cluny (ou Gruniego); (LUCAS, 1988, p. 120).

²⁶⁰ “senado”: sensato. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

Víno'l a corazón do se sedíe un día
al ap'lo de España de ir en romería;
aguisó su facienda, buscó su compañía,
destajaron el término cómo fuesen su vía.

Regressou ao coração – onde esteve um dia
ao apóstolo de Espanha – de ir em romaria;
arranjou seus bens, – procurou sua companhia,
decidiu o termo – como seria seu caminho.

O enredo do milagre em Gonzalo de Berceo é sobre um monge chamado Giraldo, que não era muito sensato e cometia alguns pecados. Um dia, ele decide fazer uma peregrinação ao túmulo de São Tiago, em Compostela:

185
Quando a esir hobieron fizo una nemiga:
en logar de vigilia yogó con su amiga.
Non tomó penitencia como la ley prediga,
metióse al camino con su mala ortiga.

185
Quando eles saíram, – ele fez um inimigo:
pois, ao invés de vigiar, – dormiu com sua amiga.
Não fez penitência – como a lei obriga,
e foi para a estrada – com aquela urtiga.

186
Poco habié andado aún de la carrera,
habés podrié ser la jornada tercera,
hobo un encontrado cabo una carrera,
mostrábase por bueno, en verdat no lo era.

186
Havia andado pouco – de sua caminhada,
talvez pudesse ser – o terceiro dia,
quando teve um encontro – na beira de uma estrada,
Ele pensava que era bom, – mas na verdade não era.

187
El diablo antigo siempre fo traïdor,
es de toda nemiga maestro sabidor;
semeja a las veces ángel del Criador
e es diablo fino, de mal sosacador.

187
O antigo diabo é – sempre traiçoeiro,
é inimigo de todos e, – um mestre do conhecimento;
por vezes assemelha-se – a um anjo do Criador
e é um belo diabo, – verdadeiro enganador.

Contrariando os preceitos exigidos, o monge não se compromete com as obrigações e preparos para seu ato de fé, os motivos religiosos e o espírito de devoção que uma peregrinação deveria conter, como: o jejum, a confissão, a abstinência sexual. O diabo, um inimigo antigo e traiçoeiro, aproveita da displicência do monge e o encontra no caminho:

188
Transformóse el falso en ángel verdadero,
parose si delante en medio un sendero:
«Bien seas tú venido -dísoli al romero-
seméjasme cosiella simple como corder.

188
O falso transformou-se – num anjo verdadeiro,
e estava diante dele – no meio do caminho:
“Que venha, – disse ele ao bom peregrino.
Parece-me uma coisa – simples como um cordeiro.

189
Esiste de tu casa por venir a la mía;
quando esir quisiste ficist una folía:
cuidas sin penitencia cumplir tal romería;
non te lo gradirá esto Sancta María.»

189
Deixou a sua casa – para ir para a minha;
quando quis partir, – fez vilania:
queria, sem penitência, – cumprir tal romaria;
não lhe será grata – por isso Santa Maria”

190
«¿Quién sodes vos, señor?» dísoli el romeo;
Recudió'l: «Yo so Jácobo, fijo de Zebedeo;
sépaslo bien, amigo, andas en devaneo,
semeja que non aves de salvarte deseo.»

190
“E quem é você, senhor?”, – disse o romeiro;
Ele respondeu: “Eu sou Tiago, – filho de Zebedeu;
sabe bem, amigo, – que está em delírio,
parece que não tem – vontade de se salvar.”

191
Dijo Guiralt: «Señor, pues vos ¿qué me mandades?
Complirlo quiero todo, quequier que me digades,

191
Disse Giraldo: “Senhor, – o que me pede?
Quero fazer tudo, – tudo o que me disser,

ca veo lo que fici, grandes iniquidades,
non prisi el castigo que dicen los abades.»

192

Diso el falso Jacob: «Esti es el juicio:
que te cortes los miembros que facen el fornicio;

desent que te degüelles: farás a Dios servicio,
que de tu carne misma li farás sacrificio.»

193

Crediólo el astroso, loco e desesado,
sacó su cuchellijo que tenié amolado;
cortó sus genitales, el fol malventurado,

desende degollóse, murió descomulgado.

pois vejo o que fiz, – grandes iniquidades,
e não tomei o conselho – que dizem os abades”.

192

O falso Tiago disse: “Este é o julgamento:
Que você corte os membros – que comete
fornicação;

Depois de se degolar, – prestará serviço a Deus,
E da sua própria carne – você fará um sacrificio.”

193

O infeliz acreditou, – louco e desgraçado,
pegou sua faca – que tinha afiado;
cortou seus órgãos genitais, – ele foi mal-
aventurado,
depois cortou a garganta – e morreu excomungado.

O diabo, muito astuto, se transforma em uma figura angelical, ou melhor, no próprio São Tiago Maior, filho de Zebedeu, e confronta o monge, questionando-lhe sobre o preceito que ele não cumpriu antes de fazer sua peregrinação. O pobre homem, muito constrangido por seus pecados, resolve obedecer ao que o “santo” ordena para sanar seus erros. Dessa maneira, o diabo, travestido de santo, manda o monge cortar o membro que praticou o pecado da fornicação com uma mulher antes de sair em peregrinação. Assim, o monge cortou seu órgão genital e sua garganta, morrendo excomungado.

194

Cuando los compañeros que con elli isieron
plegaron a Guiralt e atal lo vidieron,
fueron en fiera cuíta en cual nunca sovieron;
esto cómo avino asmar no lo pudieron.

195

Vidién que de ladrones non era degollado,

ca no'l tollieran nada ni'l habién ren robado;
non era de ninguno homne desafiado,
non sabién de cuál guisa fuera ocasionado.

196

Fusieron luego todos e fueron derramados,
teniense d'esta muerte que serién sospechados;
porque ellos no eran enna cosa culpados,
que serién por ventura presos e achacados.

197

El que dio el consejo con sus atenedores,

los grandes e los chicos, menudos e mayores,
travaron de la alma los falsos traidores,
lebávanla al fuego, a los malos suores.

198

Ellos que la lebavan non de buena manera,
víolo Sanctiágo cuyo romeo era;
isiólis a grand priesa luego a la carrera,

194

Quando os companheiros – que com ele viajavam
Chegaram a Giraldo – e de tal modo o viram,
discutiram ferozmente – como jamais fizeram;
Como isso havia acontecido – não podiam pensar.

195

Viram que não eram ladrões – que o haviam
degolado,
nada lhe faltava, – nada lhe tinha sido roubado;
nem ninguém – o tinha desafiado,
não sabiam de que maneira – isso tinha sido
ocasionado.

196

Depois todos foram embora – e dispersaram-se,
porque temiam ser – suspeitos deste crime;
porque eles não eram – culpados de nada,
mas poderiam, porventura, – ser presos e acusados.

197

Aquele que deu o conselho – com os seus
seguidores,
os grandes e os pequenos, – médios e maiores,
prenderam a sua alma – os falsos traidores,
levaram-na para o fogo, – para muitos calores.

198

Quando eles a levaram – não de boa maneira,
São Tiago Apóstolo o viu, – cujo romeiro era;
saíram rápido – em meio à correria,

paróselis delante enna haz delantera.

e ficou diante deles – à frente dos seus rostos.

199

«Desad -dijo- maliellos la preda que levades,
non vos yaz tan en salvo como vos lo cuidades;
tenedla a derecho, fuerza no li fagades,
creo que non podredes, maguer que lo querades.»

199

“Deixai-o” -disse- “malvados, – a presa que levais,
não é tão seguro – como pensam;
tenham cuidado com ela, – e não façam força,
não creio que possam, – mesmo que queiram”.

200

Recudióli un diablo, paróseli refacio:
«Yago, ¿quíereste fer de todos nos escarnio?
¿A la razón derecha quieres venir contrario?
¡Traes mala cubierta so el escapulario!

200

Um demónio respondeu-lhe, – com relutância:
“Tiago²⁶¹, quer que todos nós – zombemos de você?
Quer ser contrário – à razão?
Trazes um mau disfarce – debaixo do teu
escapulário!

201

Guiralt fizo nemiga, matose con su mano,
debe ser judgado por de Judas hermano;
es por todas las guisas nuestro parroquiano;
¡Non quieras contra nos, Yago, ser villano!»

201

Girardo fez um inimigo, – matou-se com a sua mão,
e deve ser julgado – como o irmão de Judas;
Ele é, em todos os aspectos, – o nosso bom
parroquiano;
Contra nós, Tiago, – tu não serás um vilão!”

202

Dísoli Sanctiágo: «¡Don traïdor palabrero!
Non vos puet vuestra parla valer un mal dinero;

202

Mas São Tiago disse: – “Seu traidor falador!
A tua conversa não te pode – valer um mau
dinheiro;
Que traz a minha voz – como falso porta-voz,
Deste um mau conselho, – e matou o meu romeiro.

trayendo la mi voz
disti consejo malo,

como falso vocero,
matest al mi romero.

203

Si tú no le disieses que Sanctiágo eras,
tú no li demostrases señal de mis veneras,
non dañarié su cuerpo con sus mismes tiseras,
nin yazdrié como yace fuera por las carreras.

203

Se você não dissesse a ele – que era São Tiago,
se não lhe mostrasse – um sinal de minha
veneração,
ele não machucaria seu corpo – com sua própria
tesoura,
nem faria como fez – fora das vias.

204

Prisi muy grand superbia de la vuestra partida,
tengo que la mi forma es de vos escarnida,

204

Senti uma raiva muito grande – ao ver sua partida,
Vejo que é por você que – minha imagem é
desprezada,
você matou meu romeiro – com uma mentira
conhecida,
além disso, agora vejo – que sua alma foi levada.

matastes mi romeo
demás veo agora

con mentira sabida,
la alma maltraída.

205

Sedme a juicio de la Virgo María,
yo a ella me clamo en esta pleitesía;
otra guisa de vos yo non me quitaría,
ca veo que traedes muy grand alevosía.»

205

Sejam todos vós julgados – pela Virgem Maria,
Eu clamo a ela – nesta reverência;
Caso contrário, – eu não os abandonaria,
Pois vejo que vocês trazem – uma traição muito
grande.”

Os companheiros de Girardo abandonam seu corpo no caminho por medo de serem acusados de assassinos e seguem sua peregrinação. Enquanto isso, os demônios levam a alma do monge para o fogo do inferno, mas São Tiago aparece e trava um diálogo

²⁶¹ Os demônios pronunciam apenas “Iago”, para não se referirem a “Sant”, no intuito de menosprezar a figura do santo.

com os seres malignos. Os demônios contestam o santo afirmando carregarem a alma de um pecador e que nada o santo podia fazer. O santo, não satisfeito, pois o monge tinha sido enganado, visto que o diabo havia usado sua imagem para ludibriar o pobre pecador, clama pela presença de Santa Maria para julgar esse caso:

206
Propusieron su voces ante la Gloriosa

fo bien de cada parte afincada la cosa;
etendio las razones la reina preciosa,
terminó la baraja de manera sabrosa:

207
«El engaño que priso, pro li debié tener,
elli a Sanctiägo cuidó obedecer,
ca tenié que por eso podrié salvo seer;
mas el engañador lo debié padecer.»

208
Dijo: «Yo esto mando e dólo por sentencia:
la alma sobre quien habedes la entencia,
que torne en el cuerpo, faga su penitencia,
desend cual mereciere, habrá tal audiencia.»

209
Valió esta sentencia, fue de Dios otorgada,
fue la alma mesquina en el cuerpo tornada,
que pesó al diäblo, a toda su mesnada,
a tornar fo la alma a la vieja posada.

210
Levantóse el cuerpo que yacié trastornado,
alimpiaba su cara Guiralt el degollado;
estido un ratiello como qui descordado,
como homne que duerme e despierta irado.

211
La plaga que hobiera de la degolladura
habés parecié d'ella la sobresanadura;
perdió él la dolor e toda la cochura,
todos dicién: «Est homne fue de buena ventura.»

212
Era de lo ál todo sano e mejorado,
fuera de un filiello que tenié travesado;
mas lo de la natura cuanto que fo cortado,
non li creció un punto, fincó en su estado.

213
De todo era sano, todo bien encorado,
pora verter su agua fincóli el forado;
requirió su repuesto, lo que trayé trosado,

pensó de ir su vía alegre e pagado.

206
Propuseram suas vozes – diante da Gloriosa;
foi bom para cada parte – a questão estivesse resolvida;
entendeu as razões – a preciosa rainha,
a briga terminou – de maneira agradável:

207
“O engano que passou – o que ele tinha que fazer,
o romero a Santiago – cuidou de obedecer,
pois ele viu que com isso – poderia ser salvo;
mas o enganador – deveria sofrer.”

208
Ela disse: “Isto eu ordeno – e dou como sentença:
a alma sobre a qual você – tem essa pendência,
para que retorne ao corpo, – faça sua penitência,
assim como merece, – haverá tal audiência.”

209
Essa sentença valeu a pena, – foi por Deus outorgada,
a alma mesquinha – retornou ao corpo,
que pesava sobre o diabo – e todo o seu exército,
para devolver a alma – à antiga pousada.

210
O corpo se levantou – que jazia prostrado,
limpava seu rosto, – Giraldo, o castrado;
Ficou um bom tempo – como se estivesse desconcertado,
como um homem que dorme – e acorda irado.

211
A ferida que teve – por causa da castração,
apenas havia dela – a cicatrização;
ele perdeu a dor – e todo o mal-estar,
todos diziam: “Este homem – tinha boa ventura”.

212
Todo o resto estava – saudável e melhorado,
exceto por um fio – que tinha atravessado;
mas a parte natural, – assim que foi cortada,
não cresceu nem um ponto, – permaneceu em seu estado.

213
Tudo estava saudável, – tudo estava cicatrizado,
para derramar sua água, – havia um buraco;
ele exigiu o que tinha de sobra, – o que tinha guardado,
pensou em seguir seu caminho – alegre e bem pago.

No julgamento, a Virgem Maria aparece como juíza e São Tiago como advogado em favor do suicida. A Virgem, então, dá a sentença para que a alma do julgado volte para o seu corpo, desde que o réu leve nova vida, passando a servir a Deus de maneira honrada e exemplar. Porém, o homem nunca mais poderia ter o membro com o qual cometeu o pecado. No lugar de sua genitália, resta a cicatriz e um orifício para expelir urina.

214
Rendió gracias a Dios e a Sancta María,
e al sancto apóstolo do va la romería;

cueitóse de andar, trobó la compañía,

habién esti miraclo por solaz cada día.

215
Sonó por Compostela esta grand maravilla,

viniénlo a veer todos los de la villa;
dicién: «Esta tal cosa, debiemos escribilla;

los que son por venir, plazrális de oílla.»

216
Quando fo en su tierra, la carrera complida,
e udieron la cosa que habié contecida,
tení grandes clamores, era la gent movida

por veer esti Lázaro dado de muert a vida.

217
Metió en su hacienda esti romeo mientes,
cómo lo quitó Dios de maleitos dientes;
desemparó el mundo, amigos e parientes,
metióse en Gruniego²⁶², vistió paños pumientes.

218
Don Ugo, homne bueno, de Gruniego abat

varón religioso, de muy grand sanctidat,
contaba est miraclo que cuntió en verdat,

metiólo en escripto, fizo grand honestat.

219
Guiralt finó en orden vida buena faciendo,

en dichos e en fechos al Criador sirviendo,

214
Ele deu graças a Deus – e a Santa Maria,
e ao apóstolo São Tiago, – para onde vai a
romaria;
apressou sua caminhada, – encontrou sua
companhia,
ele tinha esse milagre – como consolo todos os
dias.

215
Foi ouvida em Compostela – essa grande
maravilha,
Foram vê-la – todos os habitantes da vila;
O povo disse: “Essa dádiva, – precisamos escrevê-
la;
os que estão por vir – gostariam de ouvi-la”.

216
Quando chegou em sua terra, – com a viagem
concluída,
e eles souberam – o que havia acontecido,
houve grande clamor, – o povo ficou comovido
ao ver esse Lázaro ser levado – da morte para a
vida.

217
Foi para sua propriedade – este romeiro pensante,
como Deus o tirou – dos malditos dentes;
ele abandonou o mundo, – amigos e parentes,
foi para Cluny, – e vestiu os panos dos penitentes.

218
Dom Hugo, homem bom, – que era de Cluny
abade;
homem religioso, – de grande santidade,
relatou esse milagre – que aconteceu de fato,
ele o registrou por escrito – e o fez com
honestidade.

219
Giraldo terminou sua ordem, – sua vida boa
fazendo,
em palavras e ações – ao Criador servindo,
no bem perseverando, – no mal se arrependendo,

²⁶² A ordem de Cluny, fundada em 910, foi central na reforma do monasticismo ocidental durante os séculos X e XI. Sob a liderança de abades como Santo Odão, Cluny promoveu uma observância rigorosa da Regra de São Bento, enfatizando a liturgia, a oração e a autonomia monástica em relação ao poder secular. Essa reforma cluniacense influenciou profundamente a espiritualidade medieval, contribuindo para a revitalização da vida religiosa e para a centralização da autoridade eclesiástica. (Cf. LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Tradução: José Rivair de Machado. Bauru: Edusc, 2005).

en bien perseverando, del mal se repindiendo, o inimigo maligno – não foi embora
el enemigo malo non se fo d'él ridiendo. escarnecendo.

Novamente, têm-se, assim, o registro de uma ressurreição, porém, dessa vez, a intercessão não é da Virgem Maria, mas de São Tiago, ressaltando seus dons divinos de discípulo de Cristo. São Tiago Maior, junto a João Evangelista e Pedro, são ditos prediletos de Cristo, pois estavam presentes em momentos significativos da vida de Jesus, conforme consta nas narrativas bíblicas. Nesse relato, a ressurreição ocorre porque o peregrino foi enganado pelo diabo e comete suicídio por conselho desse ser maligno. O fato de o homem ter voltado à vida vale como uma segunda chance para sua expiação na terra.

O Milagre VIII mescla elementos de moralidade, penitência e redenção, enquanto explora temas como sexualidade e tentação no contexto moral e religioso da Idade Média. Além disso, essa narrativa reflete costumes morais e religiosos da época. O primeiro deles é a peregrinação. Como prática penitencial, era uma forma de purificar a alma e buscar a redenção, também era reconhecida como um momento de provação, em que os peregrinos enfrentavam não apenas dificuldades físicas, mas tentações espirituais. O segundo é a sexualidade. Um tema especialmente sensível na Idade Média, frequentemente associada ao pecado e à necessidade de controle. A história do poema trata da luxúria de maneira dramática, enfatizando os perigos da entrega ao pecado e a necessidade de vigilância espiritual, principalmente, ao se tratar de um monge, que tem como uma de suas promessas solenes a castidade.

Outra figura relevante e significativa desse milagre é o diabo, o qual está presente em vários textos da literatura eclesiástica, em todo tipo de *exempla* e sermões, assim como em relatos hagiográficos, sempre associados tanto à vida dos santos, como aos milagres que Deus realiza por mediação desses santos.²⁶³

O diabo, conforme estudado por Mercedes Brea,²⁶⁴ é uma figura deformada, mas que mantém traços humanos. Quando associado a animais, manifesta-se como serpente, dragão, gato, lobo, morcego ou bode. Ao adotar uma forma humanoide, apresenta-se frequentemente como um ancião, vestido com uma capa sobre os ombros, mas desnudo, com cabelos escuros, rosto humano, olhos flamejantes, corpo coberto de pelos, além de rabo e chifres. Trata-se de uma figura de aparência exagerada e diversificada, marcada pela ausência da beleza humana e angelical que possuía antes de sua rebelião contra Deus.

²⁶³ Cf. BREA, 2012, p. 110.

²⁶⁴ BREA, 2012, p. 111.

Dotado de poderes sobrenaturais, o diabo tem a habilidade de se metamorfosear em diferentes formas e personalidades, sendo uma de suas transformações favoritas a de figuras puras e ingênuas, cuja aparência confiável lhe permite enganar com mais facilidade.

No caso do Milagre VIII, o diabo coloca em jogo toda a sua astúcia para ludibriar Giraldo. Apresenta-se como São Tiago e põe em prova a fé do peregrino para com o santo. Com essa artimanha, ele consegue que o devoto cometa suicídio, que é um ato, de acordo com as interpretações teológicas, gravemente contrário à justiça, à esperança e à caridade. O autoextermínio contradiz a inclinação, dita natural, do ser humano de conservar a própria vida. Se a pessoa comete suicídio, com toda a consciência do seu ato, e se não tiver tempo para se arrepender, ela não se salvaria, de acordo com essa interpretação, pois morre em estado de pecado grave. Estando em pecado, a alma do suicida deve ser entregue ao diabo.

Embora a simplicidade da narrativa e o tom fortemente moralizante possam ser considerados limitações estilísticas sob uma perspectiva literária moderna, tais características cumprem uma função estratégica no contexto didático e devocional da obra. No Milagre VIII de *Milagros de Nuestra Señora*, Gonzalo de Berceo mobiliza recursos dramáticos e elementos sobrenaturais não apenas para entreter, mas para reforçar um discurso pedagógico alinhado à mentalidade medieval, na qual a intervenção era interpretada como resposta direta à conduta humana. A força simbólica da história reside justamente em sua capacidade de traduzir valores teológicos em termos acessíveis ao público leigo, contribuindo para a consolidação de uma visão de mundo pautada pela hierarquia espiritual, pela intercessão mariana e pela possibilidade de redenção mesmo diante da falha moral.

4.2.9 Milagre IX – El clérigo simple – O clérigo simplório

O Milagre IX, intitulado “O clérigo simplório”, é exemplo de narrativa sobre a morte e sobre a recompensa por amor à Virgem. Na história, um sacerdote simples que só conhece uma missa, que é aquela em honra à Virgem Maria, repete todos os dias a mesma reza. Ele é criticado por essa limitação e levado a julgamento por um bispo severo:

220

Era un simple clérigo, pobre de clerecía,
dicié cutiano misa de la Sancta María;
non sabié decir otra, diciéla cada día,
más la sabié por uso que por sabiduría.

220

Era um clérigo simples, – pobre de clerezia,
rezava a missa – todos os dias a Santa Maria;
não sabia rezar outra, – rezava-a todo dia,
ele sabia mais por costume – do que por sabedoria.

221
Fo est misacantano al bispo acusado,
que era idiota, mal clérigo probado;
«Salve Sancta Parens» sólo tenié usado,
non sabié otra misa el torpe embargado

222
Fo durament movido el obispo a saña,
dicié: «Nunca de preste oí atal hazaña.»

Dijo: «Dicit al fijo de la mala putaña
que venga ante mí, no lo pare por maña.»

221
Foi esse celebrante – ao bispo acusado,
que era um idiota, – um péssimo clérigo comprovado;
“Salve Sancta Parens²⁶⁵” – só isso havia usado,
não conhecia outra missa, – aquele homem
desajeitado.

222
Foi duramente reprimido – pelo bispo muito irritado,
disseram-lhe: “Nunca antes – ouvi falar de tal
façanha.”
Disse o bispo: “Diga ao filho – da perversa prostituta
que venha diante de mim, – não o impeça com
manhas”.

No confronto, ele é humilhado e ameaçado de perder sua posição. O bispo faz um pré-julgamento do clérigo sem conhecê-lo, embasado no que os outros haviam dito sobre o homem. Sendo assim, o bispo adverte o clérigo de maneira severa e o expulsa do sacerdócio, que, agora, tem de se sustentar, sem a ajuda da Igreja. Então, o padre indefeso e perturbado, pede ajuda à Virgem Maria, para que ela possa lhe dar um bom conselho, diante de uma situação tão difícil:

223
Vino ante el obispo el preste pecador,
habié con el grand miedo perdida la color,
non podié de vergüenza catar contra'l señor,
nunca fo el mesquino²⁶⁶ en tan mala sudor.

224
Dísoli el obispo: «Preste, dime verdat,
si es tal como dicen la tu neciedat.»
Dísoli el buen hombre, «Señor, por caridat,
si disiese que non, dizría falsedat.»

225
Dísoli el obispo: «Quando non as ciencia
de cantar otra misa nin as sen nin potencia,
viédote que non cantes, métote en sentencia,
vivi como mereces por otra agudencia.

226
Fo el preste su vía triste e desarrado,
habié muy grand vergüenza, el daño muy granado;
tornó en la Gloriosa, ploroso e quesado,
que li diese consejo ca era aterrado.

223
Diante do bispo, – veio o presbítero pecador,
com grande temor – havia perdido a cor,
ele não podia, por vergonha, – olhar para o senhor,
o infeliz nunca – passou por tanto pavor.

224
O bispo lhe disse: – “Presbítero, diga a verdade,
se, como me foi dito, – é sua tal necessidade”
E o bom homem lhe disse: – “Senhor, por caridade,
se eu tivesse que dizer não, – eu diria falsidade”.

225
O bispo lhe disse: – “Como você não tem ciência
para cantar outra missa, – nem sentido nem
potência,
Vi que você não canta, – mas tem método em
sentença,
viva e, como merece, – busque seu sustento”.

226
O presbítero foi em seu caminho – triste e
abandonado,
estava em grande vergonha, – o dano era muito
elevado;
Ele voltou para a Gloriosa, – chorando e se
queixando,
para lhe dar conselhos, – pois estava apavorado.

²⁶⁵ Salve Sancta Parens (Salve, ó Santa Mãe) é um canto da antífona usada para o introito das festas de Nossa Senhora. O canto reconhece Nossa Senhora como Rainha, a Mãe daquele “que governa o céu e a terra para todo o sempre.” (PEREIRA, Manuel Sousa. *Vida Admirável da Reverendíssima Madre Mariana de Jesus Torres*. v. 2. São Paulo: Petrus Editora - Artpress, 2024. p. 69-70).

²⁶⁶ mesquino: adj. desus. Desdichado, desgraciado, infeliz (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

227

La madre preciosa que nunca falleció
a qui de corazón a pies li cadió,
el ruego del su clérigo luego gelo udió:
no lo metió por plazo, luego li acorrió.

228

La Virgo gloriosa, madre sin dición,
apreció'l al bispo luego en visión;
díjoli fuertes dichos, un brabiello sermón,
descubrióli en ello todo su corazón.

229

Díjoli brabamiente: «Don obispo lozano,
¿contra mí por qué fust tan fuert e tan villano?
Yo nunca te tollí valía de un grano,
e tú ásme tollido a mí un capellano.

230

El que a mí cantaba la misa cada día
tú tovist que facié yerro de eresía;
judguéstilo por bestia e por cosa radía,
tollisteli la orden de la capellanía.

231

Si tú no li mandares decir la misa mía
como solié decirla, grand querella habría,
e tú serás finado hasta el trenteno día,
¡Desend verás qué vale la saña de María!»

227

E a mãe piedosa – que nunca morreu
A quem, de seu coração, – a seus pés caiu,
o apelo de seu clérigo – imediatamente ouviu:
Ela não o fez esperar por nada, – e logo ocorreu.

228

A Virgem gloriosa, – mãe sem dicção,
foi apreciada pelo bispo – imediatamente em visão;
Ela lhe deu palavras fortes, – um bravo sermão,
e nele ela lhe revelou – todo o seu coração.

229

Ela lhe disse: – “Dom bispo frondoso,
contra mim, porque você foi – tão forte e tão vil?
Nunca lhe tirei nada – que valesse um grão,
e você me tirou – meu bom capelão.

230

Aquele que a mim cantava – missa todos os dias
você tinha que fazer – ferro de heresia;
julgue-o por uma besta, – por uma coisa sem valia,
e lhe tirasse a ordem – da capelania.

231

Se o senhor não lhe mandar – que reze missa minha
como costumava fazê-la, – grande querela terá,
e você estará acabado – até o trigésimo dia,
Já verás o quanto vale – a fúria de Maria!”

A Virgem intervém milagrosamente em sua defesa, repreendendo o bispo por sua atitude impensada e dando-lhe uma sentença: se em trinta dias não corrigir seu erro com o clérigo, ele morrerá. Diante dessa situação, o bispo se arrepende e permite que o clérigo continue a exercer seu ministério. Manda chamar urgentemente o capelão e pede perdão por ter feito um julgamento errado. Ao clérigo foi dado o direito de cantar a mesma missa todos os dias do ano, além de lhe ser oferecido vestuário e sapatos se necessário.

232

Fo con estas amenazas el bispo espantado,
mandó envíar luego por el preste vedado;
rogó'l que'l perdonase lo que habié errado,
ca fo él en su pleito durament engañado.

233

Mandólo que cantase como solié cantar,
fuese de la Gloriosa siervo del su altar;
si algo li menguase en vestir o calzar,
él gelo mandarié del suyo mismo dar.

234

Tornó el homne bueno en su capellanía,
sirvió a la Gloriosa, madre Sancta María;
finó en su oficio de fin cual yo querría,
fue la alma a gloria a la dulz cofradría.

235

232

Com essas ameaças, – ficou o bispo assustado,
então mandou chamar o padre – que estava condenado;
rogou que o perdoasse – pelo que havia feito de errado,
porque em seu pleito – havia se enganado.

233

Ele lhe ordenou que cantasse – como costumava cantar,
que fosse da Gloriosa – o servo de seu altar;
que se algo lhe faltasse – no vestir ou no calçar,
que os seus pertences – ele ordenava lhe dar.

234

Retornou o bom homem – para sua capelania,
serviu à Gloriosa – Mãe Santa Maria;
terminou seu ofício – como eu gostaria,
a alma foi para a glória, – para a doce confraria.

235

Non podriemos nos tanto escribir nin rezar,
 aun porque podiésemos muchos años durar,
 que los diezmos miraclos podiésemos contar,
 los que por la Gloriosa denna Dios demostrar.

Não podíamos – escrever nem rezar,
 mesmo que pudéssemos – durar por muitos anos,
 os dizimos milagrosos – que poderíamos contar,
 que, pela Gloriosa, – Deus se digna a mostrar.

O clérigo não responde ao bispo, retorna a sua capela e serve a Santa Maria até o fim de seus dias, vivendo a vida com humildade e santidade. Sua alma vai para a glória junto à Virgem, por recompensa a sua humildade e devoção. À narrativa, Gonzalo de Berceo acrescenta: “terminou seu ofício – como eu gostaria”. Ao final, o poeta encerra a narrativa do milagre com a instrução de que os milagres da Virgem Maria não podem ser contados em apenas uma vida, pois servem para todo o sempre.

Os temas centrais do Milagre IX são a humildade e a devoção sinceras, pois o clérigo é apresentado como um símbolo da simplicidade e da fé pura, contrastando com o orgulho do bispo, que valoriza mais a erudição do que a devoção. O texto afirma a verdadeira piedade superando o conhecimento técnico ou intelectual. Na intervenção mariana, como em outros milagres de Berceo, a Virgem Maria desempenha o papel de mediadora, protegendo os humildes e repreendendo os poderosos. Sua intervenção, nesse sentido, reforça a centralidade do culto mariano no contexto religioso medieval. E, por fim, reafirma a justiça, porque o milagre aponta para o fato de que a posição hierárquica e o julgamento humano são e estão subordinados à vontade.

A estrutura narrativa do milagre é organizada em seis partes, formando uma organização dramática semelhante à de uma peça teatral medieval. Primeiro, é a apresentação do conflito: o clérigo é descrito como limitado em conhecimento, mas devoto, enquanto o bispo é autoritário. Segundo, o confronto inicial: o clérigo é humilhado e ameaçado pelo bispo. Terceiro, a crise e a oração: em sua solidão e desespero, o clérigo recorre à Virgem Maria. Quarto, a intervenção da Virgem: A Virgem aparece ao bispo e o repreende severamente, exigindo justiça para o clérigo. Quinto, a resolução: o bispo se arrepende, devolve o cargo ao clérigo e lhe oferece apoio. E, por último, a conclusão moralizante e pedagógica: o narrador reflete sobre a importância da humildade e da fé na Virgem.

O clérigo, assim, representa a simplicidade e a devoção sincera. Sua limitação intelectual não é vista como falha, mas como uma qualidade que o aproxima da Virgem. O bispo simboliza a autoridade e o julgamento humano falível. Sua arrogância e posterior arrependimento servem como lição de humildade. A Virgem Maria atua como mediadora e defensora dos humildes, reafirmando seu papel central no cristianismo medieval.

Assim, a figura do clérigo que celebra continuamente a mesma missa revela uma devoção constante e uma fé simples, porém profunda, que se sobrepõe ao saber erudito ou formal. Essa repetição litúrgica simboliza a pureza da intenção e a fidelidade do coração, atributos espirituais valorizados no universo mariano de Berceo. A intervenção da Virgem, por sua vez, representa a manifestação da misericórdia que ultrapassa os limites das hierarquias e instituições humanas. Por fim, o sermão da Virgem dirigido ao bispo encarna a justiça celestial, reafirmando o papel de Maria como mediadora poderosa e corredentora, cuja autoridade espiritual corrige, instrui e restaura o equilíbrio entre a rigidez clerical e a compaixão salvífica.

Escrito no século XIII, o milagre reforça a devoção mariana da época, bem como a tensão entre a erudição clerical e a piedade popular. O poema promove uma visão de mundo hierárquica, apenas com a intercessão em favor dos mais humildes. De acordo com a estrutura social feudal, a Virgem é apresentada como uma senhora que protege seus vassalos.²⁶⁷

A moral do milagre é explícita: a verdadeira grandeza está na humildade e na devoção sincera, não no conhecimento ou no poder. Aqueles que se exaltam, como o bispo, serão humilhados, enquanto os que se humilham, como o clérigo, serão exaltados. A história ensina que a intercessão está sempre disponível para os que confiam na Virgem Maria.

O milagre “O clérigo simplório” é um exemplo marcante da habilidade de Gonzalo de Berceo em criar narrativas moralizantes que combinam simplicidade literária com ponto de vista teológico. O milagre destaca valores centrais da religiosidade medieval, como a humildade, a justiça e a intercessão mariana, uma história universalmente compreensível de sua coleção.

4.2.10 Milagre X – Los dos Hermanos – Os dois irmãos

O Milagre X, “Los dos hermanos”, é uma narrativa de morte e de ressurreição e, como sempre, sugere uma oportunidade para que um pecador possa se redimir de seus pecados e alcançar a salvação. O milagre narra a história de dois irmãos, um clérigo, chamado Pedro, o outro uma pessoa de grande influência na sociedade, uma potestade, Estevão.

²⁶⁷ Cf. ROZAS, Juan Manuel. Composición literaria y visión del mundo: «El clérigo ignorante» de Berceo. Universidad Autónoma de Madrid.

Enna villa de Roma, esa noble cibdat,
maestra e señora de toda cristiandat,
habíe y dos hermanos de grand auctoritat,
el uno era clérigo, el otro podestat.

237

Peidro'l dicién al clérigo, habíe nomne atal,
varón sabio e noble, del papa cardenal;
entre las otras mañas habíe una sin sal,
habíe grand avaricia, un pecado mortal.

238

Esteban habíe nomne el secundo hermano,
entre los senadores non habíe más lozano;
era muy poderoso en el pueblo romano,
habíe en «prendo prendis» bien usada la mano.

239

Era muy cobdicioso, queríe mucho prender,
falsaba los juicios por gana de haber;
tollíelis a los homnes lo que podíe toller,
más preciaba dineros que justicia tener.

240

Con sus juicios falsos de los sus paladares,
a Sant Laurent el mártir tollíoli tres casares,
perdió Sancta Agnès por él bonos logares,
un huerto que valíe de sueldos muchos pares.

Numa vila de Roma, – aquela nobre cidade,
que é mestre e senhora – de toda a cristandade,
havia dois irmãos – de grande autoridade,
um deles era clérigo, – o outro, potestade.²⁶⁸

237

Nomearam o clérigo de Pedro, – havia nome tal,
de homem sábio e nobre, – do Papa cardeal;
entre outras habilidades, – havia uma sem-sal,²⁶⁹
grande avareza tinha, – um pecado mortal.

238

Estevão era o nome – do segundo irmão,
entre os senadores – não havia ninguém mais brilhante;
ele era muito poderoso – entre o povo romano,
tinha no “*prendo prendis*”²⁷⁰ – bom uso da sua mão.

239

Ele era muito ganancioso, – queria riquezas deter,
falsificava os julgamentos – para mais dinheiro ter;
ele tirava dos homens – o que podia obter,
apreciava mais o dinheiro – que a justiça fazer.

240

Com seus falsos julgamentos – que fizeram seus lábios,
de São Lourenço, o mártir, – lhe tirou três casas;
Santa Inês perdeu – para ele bons lugares,
e um horto que valia – de salários muitos pares.

Eles eram de Roma, homens notórios, mas pecadores. Pedro era um cardeal, mas avarento, e Estevão, um homem muito rico e poderoso, “entre os senadores – não havia ninguém mais brilhante; / ele era muito poderoso – entre o povo romano”,²⁷¹ ganancioso e queria sempre mais riquezas. O segundo irmão falsificava os julgamentos e tomava as posses dos outros à força, *prendo prendis*. O poema informa que ele se apropriou de três casas de São Lourenço e de bons lugares de Santa Inês. Esses santos mártires, Lourenço e Inês, viveram também em Roma, como os dois irmãos.

Segundo a *Legenda Áurea*,²⁷² São Lourenço foi um dos primeiros mártires cristãos e é amplamente venerado como santo. Ele viveu no século III e serviu como diácono na

268

A palavra “potestade”, em português, significa qualidade ou condição de quem manda, de quem exerce domínio sobre algo; potência, força, poder.
<https://www.dicio.com.br/potestade/#:~:text=Significado%20de%20Potestade,potestades%20gregas%3B%20Deus%2C%20divindade> Acesso em: 8 jan de 2024.

²⁶⁹ A Bíblia cita que os homens são o “sal da terra”, pois assim como o sal dá sabor aos alimentos, o cristão desempenha um papel semelhante. “Vocês são o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com o que salgaremos? Para mais nada serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens.” (Mateus 5-13). O sentido do “sal” para o autor está em conformidade com a citação do Evangelho, pois o clérigo, por ser avarento, não possuía as qualidades inerentes a um cristão.

²⁷⁰ *Prendo prendis*: tomar posse a força, tradução nossa.

²⁷¹ Tradução nossa.

²⁷² DE VARAZZE. 2003, p. 639-652.

Igreja de Roma durante o pontificado do Papa Sisto II. Como diácono, foi responsável pela administração dos bens da Igreja e pelo cuidado com os pobres.

Durante a perseguição do Imperador Valeriano contra os cristãos, em 258, o Papa Sisto II foi martirizado e Lourenço foi preso. Antes, Lourenço distribuiu os bens da Igreja aos necessitados para evitar que fossem confiscados. Quando exigido pelas autoridades a entregar os tesouros da Igreja, ele apresentou os pobres e doentes, dizendo: “Eis os tesouros eternos”²⁷³.

São Lourenço foi condenado a morrer queimado em uma grade de ferro colocada sobre brasas, mas manteve sua fé e espírito inabaláveis até o fim. Segundo a tradição, ele teria dito com coragem, enquanto era torturado: “Veja, miserável, você assou uma parte de mim, agora vire a outra e coma”²⁷⁴. Ele é celebrado como um exemplo de coragem, de fé e de caridade cristã.

Santa Inês foi uma jovem cristã romana que, durante as perseguições do século IV, manteve sua fé em Cristo mesmo sob ameaças e torturas. De acordo com a *Legenda Aurea*²⁷⁵, ela se recusou a casar-se com um pretendente pagão, declarando que estava consagrada a Cristo. Como retaliação, foi denunciada como cristã e submetida a humilhações, incluindo ser exposta em um prostíbulo, mas foi milagrosamente protegida por Deus. No entanto, foi condenada à morte e executada por decapitação. Sua pureza, coragem e fidelidade a Cristo fizeram dela um exemplo de santidade para a Igreja, sendo representada, frequentemente, como um cordeiro, símbolo de pureza e sacrifício.

241

Murió el cardenal
fo a los purgatorios,
ante de pocos días
atendí tal juicio

don Peidro el honrado,
do merecí levado;
fo Esteban finado,
cual lo habí dado.

241

Morreu o cardeal – Dom Pedro, o mais honrado,
e foi para o purgatório, – onde merecia ser levado;
em poucos dias – Estevão estava finado,
aguardava o julgamento – como ele havia dado.

242

Violo San Laurencio,
primió'l en el brazo
quesóse don Esteban
no'l primiren tenazas

católo feamiente,
tres veces duramiente;
bien entro en el vientre,
de fierro tan fuertmiente.

242

São Lourenço o viu – e o observou horivelmente,
apertou-o no braço – três vezes duramente;
queixou-se Dom Estevão – bem dentro de seu
ventre,
como se inserisse pinças – de ferro fortemente.

243

Violo Sancta Agnés
tornóli las espaldas,
estonz dijo Esteban:
toda nuestra ganancia

a qui tollió el huerto,
cató'l con rostro tuerto;
«Esto es mal confuerto,
ixiónos a mal puerto.»

243

E Santa Inês viu aquele – a quem lhe levou o horto,
Ela lhe deu as costas – e o encarou com um olhar
torto.
Então Estevão disse: – “Este é um mau negócio,
toda nossa ganância – se foi para um mau porto.”

²⁷³ DE VARAZZE. 2003, p. 642.

²⁷⁴ DE VARAZZE. 2003, p. 644.

²⁷⁵ DE VARAZZE. 2003, p.183-187.

244
Dios el nuestro Señor, alcalde derechero,
al que non se encubre bodega nin cellero,
dijo que esti homne fuera mal balletero,
cegó a muchos homnes, non a uno seño.

245
«Deseredó a muchos por mala vocería,
siempre por sus pecados asmó alevosía.
Non merece entrar en nuestra compañía,
¡vaya yacer con Judas en esa fermería!»

244
Deus, nosso Senhor, – alcaide²⁷⁶ íntegro,
para a qual não se esconde – adega nem despensa,
disse que esse homem – foi um péssimo besteiro²⁷⁷,
cegou muitos homens, – não a um somente²⁷⁸.

245
“Ele deserdou muitos outros – por causa de suas
injúrias,
sempre por seus pecados, – pensava perfídia.
não merece entrar – em nossa companhia,
ele se deitará com Judas – naquela enfermaria!”

Pedro, o cardeal, morre e vai para o purgatório. Estevão morre também, poucos dias depois, e aguarda um julgamento, aliás como ele mesmo já havia julgado a tantas pessoas quando era vivo. Ele se encontra com São Lourenço, que o aperta pelo braço com bastante força, bem como com Santa Inês, que lhe dá as costas e o olha de lado. Estevão reconhece que está sofrendo após a morte por causa de sua ganância. Assim, Deus lhe dá uma sentença, “ele se deitará com Judas”, ou seja, irá para o inferno.

246
Prisiéronlo por tienllas los guerreros antigos,
los que siempre nos fueron mortales enemigos,
dábanli por pitanza non mazanas nin figos,
mas fumo e vinagre, feridas e pelcigos²⁷⁹.

247
Vío a su hermano con otros pecadores,
do sedié el mesquino en muy malos sudores;
metié voces e gritos, lágrimas e plangores,

habíe grand abundancia de malos servidores.

248
Habiénla ya levada cerca de la posada,
do nunca verié cosa de que fuese pagada,
nin verié sol ni luna nin buena ruciada,
o serié en tiniebra como emparedada.

249
Díjo'l: «Decit, hermano, preguntárvoslo quiero,
¿por cuál culpa yacedes el lacerío tan fiero?
ca si Dios lo quisiere e yo ferlo podiero²⁸⁰,
buscarvos he acorro en cuanto que sopiero.»

250
Dijo Peidro: «En vida trasqui grand avaricia,
hóbila por amiga avueltas con cobdicia;
por eso so agora puesto en tan mala tristicia,

246
Prenderam-no com cordas – os guerreiros antigos,
aqueles que sempre foram – nossos mortais inimigos,
eles lhe deram como alimento – não maçãs ou figos,
mas fumaça e vinagre, – feridas e beliscões.

247
Ele viu seu irmão – com outros pecadores,
onde o mesquinho estava – em péssimas condições;
estava gritando e berrando, – com lágrimas e clamores,

havia uma grande abundância – de maus servidores.

248
Eles já o haviam levado – para perto da pousada,
onde nunca veria qualquer – coisa que fosse paga,
nem veria o sol, a lua – ou uma boa chuva,
e na escuridão ela estaria – como que emparedada.

249
Ele disse: “Diga-me, irmão, – perguntar-lhe quero,
por qual culpa está sendo – tão ferozmente castigado?
Se assim Deus quiser, – como eu o farei, espero,
buscarei ajudá-lo – assim que souber como.”

250
Disse Pedro: “Em vida, – tive grande ganância,
transformei-a por amiga – nas voltas com a cobiça;
por isso, sou agora – colocado entre esta milícia.

²⁷⁶ Aquele que governava um castelo, província e/ou comarca com poder civil ou militar; antigo governador. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alcaide/> Acesso em 9 jan. 2024.

²⁷⁷ Soldado armado de besta. (<https://www.dicio.com.br/besteiro/>) Acesso em: 9 jan. 2024.

²⁷⁸ Seño: solitário (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²⁷⁹ Pellizcos – beliscões. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

²⁸⁰ Podier: por pudiera.

qui tal face, tal prenda, fuero es e justicia.

quem fez isso deve pagar, – é lei e é justiça.

251

Mas si el apostóligo con la su clerecía
cantase por mí misa solamiente un día,
fio en la Gloriosa, madre Sancta María,
que me darié Dios luego alguna mejoría.»

251

Mas se o Papa, o Santo Padre, – com sua clerezia
cantasse a missa para mim – apenas um dia,
confio na Gloriosa, – mãe Santa Maria,
que Deus me dará – alguma melhoria”.

Quando os demônios capturam Estevão e o conduzem ao inferno, ele avista seu irmão Pedro, igualmente em situação espiritual desfavorável. Apesar de sua própria condenação iminente, Estevão manifesta solidariedade e se dispõe a ajudar o irmão. Pedro, então, implora-lhe que busque o Papa e lhe peça que celebre uma missa em sua intenção, ainda que apenas por um dia, depositando sua esperança na intercessão de Santa Maria. O gesto reflete a força dos vínculos fraternos e a fé na eficácia da oração litúrgica e na misericórdia mariana como meios de alívio para as almas no purgatório.

252

D'est varón don Esteban de qui fablamos tanto,
porque muchas maldades trayé so el manto,
habié una bondat, amaba a un sancto,
tanto que non podríamos demostrarvos nos cuanto.

252

Esse homem, Dom Estevão, – de quem falamos
tanto,
porque ele tinha muitas – maldades sob seu
manto,
havia uma bondade, – ele amava um santo,
tanto que não podíamos – mostrar o quanto.

253

Amaba a Proyecto, mártir de grand valor,
guardaba'l bien la festa como al Buen Señor,
facié'l rico oficio e muy grand honor,
de pobres e de clérigos, cuanto podié mejor.

253

Amava o Projeto, – um mártir de grande valor,
ele guardava a festa – tão bem quanto o Bom
Senhor,
e lhe prestou rico ofício – e grande honraria,
de pobres e de clérigos, – o quanto podia de
melhor.

254

Laurencio e Agnés, maguer que despechados,
porque los hobo elli ante desheredados,
moviólos pñadad e fueron amansados,
cataron más a Dios que a los sos pecados.

254

Laurenço e Inês, – mais do que despeitados,
porque ele os havia – antes deserddado,
moveu-os à piedade – e eles foram amansados,
olhavam mais para Deus – do que para seus
pecados.

255

Fueron pora Proyecto, fuera cuyo rendido,
disiéronli: «Proyecto, non seas adormido,
piensa del tu Esteban que anda escarnido,
réndili gualardón ca hóbote servido.»

255

Eles foram até Projeto, – a quem foi rendido,
eles lhe disseram: “Projeto, – não seja
adormecido,
pense um pouco nele, Estêvão, – que é
escarnecido,
renda-lhe galardão, – pois ele te serviu.”

256

Fue pora la Gloriosa que luz más que estrella,
movióla con grand ruego, fue ante Dios con ella,
rogó por esta alma que trayén a pella,
que non fuese julgada secundo querella.

256

Foi para a Gloriosa – que brilha mais que estrela,
levou-a com grande rogo, – foi diante de Deus
com ela,
rezou por essa alma – que trazia a massa,
para que não fosse julgada – segundo querela.

257

Diso a esti ruego Dios nuestro Señor:

257

Respondeu a essa súplica, – Deus, nosso Senhor:

«Faré tanta de gracia por el vuestro amor;
torne aún al cuerpo la alma pecador,
desend cual mereciere, recibirá tal honor.

258

Aya tanto de plazo hasta los treinta días,
que pueda mejorar todas sus malfetrías;

mas bien gelo afirmo par las palabras mías,
y serán rematadas todas sus maestrías.»

259

Rendieron «Gratias multas» a Dios los rogadores,

porque empiadaba a los sos pecadores,
que libró esta alma de manos de traïdores
que son de los fideles siempre engañadores.

260

Cuando lo entendió la gent adïablada,
quitóse de la alma, la que tenié legada;
prísola Sant Proyecto que la habié ganada,
guióla pora'l cuerpo, a esa su posada.

261

Disoli la Gloriosa, madre del Criador,
«Esteban, rendi gracias a Dios el buen Señor:
gran gracia te ha fecha que non podrié mayor;
del mal, si non te guardas, caerás en peor.

262

Esteban, un consejo te quiero aún dar,
Esteban, es consejo que debes tú tomar:
mándote cada día un salmo recitar,
«Beati immaculati...» bien bueno de rezar.

263

Si tú cada mañana esti salmo rezares,
e tú a las iglesias los tuertos enmendares,
ganará la tu alma Gloria cuando finares,
escusarás las penas e los graves logares.»

“Darei minha graça – somente por seu amor;
retornar ao corpo – a alma desse pecador,
e quem o merecer, – receberá tal honra.

258

Por um certo prazo, – de até trinta dias,
para que possa melhorar – todos as suas
malfeitorias;

mas eu afirmo isso – com palavras minhas,
e serão eliminadas – todas as suas maestrías”.

259

Eles deram muitas graças – a Deus pelos
rogadores,
porque ele tem misericórdia – dos pecadores,
por ter livrado essa alma – das mãos dos traidores
que são dos fiéis – sempre enganadores.

260

Assim, quando o entenderam – a gente
endiabrada,
libertou a alma, – que estava aprisionada;
Santo Projeto a pegou – pois a havia ganhado,
e a levou ao corpo, – que era a sua pousada.

261

Disse-lhe a Gloriosa, – mãe do Criador,
“Estêvão, dá graças – a Deus, o bom Senhor:
grande graça te fez – que não podia ser maior;
do mal, se não te guardares, – cairás no pior.

262

Estêvão, ainda tenho – mais um conselho para te
dar,
Estêvão, é um conselho – que deves aceitar:
eu te peço que todos os dias – um salmo deve
recitar,
*Beati immaculati...*²⁸¹ – é um bom salmo para
rezar.

263

Se todas as manhãs – esse salmo você rezar,
você nas igrejas – aos caolhos vai curar,
sua alma ganhará – glória quando terminar,
você escapará das tristezas – e dos difíceis
lugares.”

Estevão, mesmo cometendo pecados, havia feito algo bom na vida, ser devoto de santos mártires, como São Projeto,²⁸² por isso São Lourenço e Santa Inês tiveram compaixão de sua alma e buscaram ajuda do santo. O mártir, então a procura pela sua intercessão para ajudar Estevão.

²⁸¹ Salmo 119 “Bem-aventurados os imaculados” ou “Felizes os que são imaculados”.

²⁸² Diácono e companheiro de martírio do bispo de Asti, São Evasio, em Sédula (nome atribuído ao território de Casale) por ordem do Príncipe Attubolo. Seus restos mortais estão depositados na Catedral de Casale, em Casale Monferrato, Itália.

A Virgem Maria intercede por Estevão e lhe dá o direito de retornar à vida por 30 dias para que, nesse prazo, restabeleça seus votos e reveja todos os seus pecados. Assim, São Projeto toma a alma do pecador das mãos dos demônios e a faz retornar ao corpo. A Virgem lhe adverte para que não caia em tentação e pede que ele recite todos os dias o salmo 119, uma meditação espiritual sobre a Lei de Deus, destacando a importância de segui-la com fidelidade e pureza de coração. Assim, a alma de Estevão poderia ser salva das tormentas do inferno.

264

Resuscitó Esteban, ¡grado a Jesu Cristo!
Regunzóli al Papa cuanto que habié visto,
lo que li diso Peidro, su hermano bienquisto,
que yacié en grand pena, lazado²⁸³ e muy tristo

264

Estêvão ressuscitou, – graças a Jesus Cristo!
Regozizou ao papa – o que tinha visto,
o que lhe disse Pedro, – seu irmão benquisto,
que jazia em grande pena, – desventurado e muito aflito.

265

Demostraba el brazo que tenié liborado,
el que en Sant Laurent lo hobo apretado,
pidié mercet al Papa con el cuerpo
prostrado, por Peidro el lazado.

265

Mostrava o braço – que eu havia liberado,
aquele que em São Lourenço – lhe havia apertado,
pediu misericórdia ao Papa – com seu corpo
prostrado, para cantar missa – para Pedro, o desventurado.

266

Por ferlis bien creencia, por ser bien creído,
diso que a los treynta días serié transido;
disieron todos: «Esto signo es conocido,
si diz verdat o non será bien entendido.»

266

Para fazê-los acreditar, – e para ser bem
compreendido,
disse-lhes que depois de trinta – dias seria
sacrificado;
todos disseram: “Esse – sinal é conhecido,
seja ele verdadeiro ou não, – será bem entendido.”

267

Entregó ricamientre a los desheredados,
a los que tuerto tovo fizolos bien pagados,
confesóse al preste de todos sos pecados,
de cuantos habié fechos e dichos e asmados.

267

Entregou ricamente – aos deserdados,
aos que ele enganou, – ele os fez bem quitados,
confessou ao padre – todos os seus pecados,
de tudo o que havia feito, – dito e pensado.

268

Ya andaba en cabo de las cuatro semanas,
hasta los treinta días habié pocas mañanas,
despidióse Esteban de las yentes romanas,
sabíé que las palabras de Dios non serién vanas.

268

Já estava no final – de quatro semanas,
e até trinta dias, – havia poucas manhãs,
Estêvão despediu-se – da sociedade romana,
sabia que as palavras – de Deus não seriam vãs.

269

En el día trenteno fizo su confesión,
recibió *Corpus Dómini* con grand devoción;
echóse en su lecho, fizo su oración,
rendió a Dios la alma, finó con bendición.

269

No trigésimo dia, – ele fez sua confissão,
recebeu o *Corpus Domini* – com grande devoção;
deitou-se em sua cama, – fez sua oração,
entregou sua alma a Deus – e findou com uma
bênção.

²⁸³ Lazrado: lacerado, no espanhol contemporâneo. Esse vocábulo é um falso amigo, pois pode ser traduzido para o português como desventurado, desgraçado, dilacerado. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

Quando Estevão ressuscita, ele pede ao Papa que cante uma missa para seu irmão Pedro. Além disso, entrega suas riquezas às pessoas que ele enganou e confessa ao padre todos os seus pecados. Após 30 dias, Estevão despede-se da sociedade romana, faz sua confissão, recebe o *Corpus Domini*, deita-se em sua cama, faz sua oração e morre. Como ele cumpriu o que havia acordado com a Virgem Maria, recebe as bênçãos e sua redenção, além de ter ajudado seu irmão.

O milagre destaca a importância da penitência ativa como meio de redenção. A restauração temporária da vida de Estevão serve como exemplo da segunda chance para corrigir erros e reconciliar-se com Deus.

Simbolicamente, os dois irmãos podem ser vistos como representações de escolhas opostas de vida: o caminho do pecado e o do arrependimento. A salvação de Estevão destaca a misericórdia, enquanto o destino do outro irmão poderia simbolizar advertências contra negligenciar a fé.

O período de 30 dias representa a transitoriedade da vida e a urgência de se arrepender antes da morte. O milagre afirma que nunca é tarde para buscar a salvação, desde que haja arrependimento sincero e um compromisso com a transformação espiritual. Ao mesmo tempo, reforça a devoção à Virgem Maria como caminho seguro para a intercessão.

Além disso, como já dito no Milagre IX, a intercessão de outros santos também era uma possibilidade de se conectar ao sagrado. No caso de Estevão, entra em ação a intermediação de São Projeto, que busca a Virgem, hierarquicamente superior a ele, para solicitar o milagre junto a Deus.

Os santos mencionados nesse milagre – São Lourenço, Santa Inês e São Projeto – são identificados como mártires, ou seja, testemunhas da fé que enfrentaram sofrimento e morte por sua fidelidade a Cristo. Em vida, esses santos suportaram perseguições e tormentos por se recusarem a renunciar à fé cristã, inserindo-se no contexto histórico de expansão do cristianismo em meio à hostilidade do mundo pagão. A menção à crucificação do Messias remete ao evento central da fé cristã, a morte de Jesus Cristo na cruz, narrada nos Evangelhos, sobretudo em Mateus 27, Marcos 15, Lucas 23 e João 19, que marca o início da redenção da humanidade e inspira a missão evangelizadora dos primeiros cristãos. Os mártires citados neste milagre representam, portanto, a continuidade desse testemunho radical de fé, dispostos a entregar suas vidas em nome da verdade do Evangelho, seguindo o exemplo do próprio Cristo crucificado.²⁸⁴

²⁸⁴ Cf. MIRANDA, Valtair Afonso. *Mártires na Antiguidade e na Idade Média*. In: *Mártires, confessores e Virgens: o culto aos santos no Ocidente Medieval*. 2016. p. 25-54.

Outra abordagem evidenciada nesse milagre é a presença do purgatório, lugar para onde Pedro é levado. O purgatório, segundo Le Goff, só foi considerado um terceiro lugar no “além”, pois, até então, só havia o céu e o inferno, a partir da segunda metade do século XII, e era entendido como uma instituição que recebia as almas que aguardavam pela salvação. Nesse lugar, eram recebidas as almas de pessoas cristãs que cometiam atividades ilícitas e malvistas, como a usura, cometida pelos mesquinhos, avaros e agiotas. Esse lugar intermediário não era destinado aos condenados definitivamente, como, por exemplo, mulçumanos e judeus.²⁸⁵

Dessa maneira, no contexto das mudanças sociais e espirituais da época, o milagre oferece uma narrativa de inclusão, ao mostrar que até mesmo os pecadores tinham esperança de redenção por meio da fé e da devoção, desde que não pertençam a grupo muçulmano ou judeu. Além disso, o milagre reflete a preocupação da Igreja em consolidar o culto mariano e a prática da penitência.

“Los dos Hermanos” é, portanto, um exemplo pedagógico da capacidade de Gonzalo de Berceo de transformar narrativas populares em ensinamentos moralizantes. O milagre reforça o papel e a hierarquia superior da Virgem Maria na salvação bem como o poder transformador do arrependimento, oferecendo uma mensagem que inspira e educa o público medieval sobre os valores cristãos.

4.2.11 Milagre XI – El labrador avaro – O lavrador avaro

“O lavrador avaro” é um poema curto. O milagre aborda o tema da avareza. O poema narra a história de um lavrador extremamente avarento, que desloca os marcos de suas terras para expandi-las às custas dos vizinhos, cometendo diversas injustiças. Apesar de sua conduta repreensível, ele mantém a devoção diária à Virgem Maria, recitando sempre a saudação *Ave gratia plena*.

A expressão *Ave gratia plena* é de origem bíblica e aparece no Evangelho²⁸⁶, no Novo Testamento. Trata-se de uma saudação feita pelo anjo Gabriel a Maria durante a Anunciação, quando ele lhe comunica que ela será a mãe de Jesus: “Estando onde ela estava, disse-lhe: ‘Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!’”²⁸⁷. O poema seguinte trata de mentiras e falsidades e, ao mesmo tempo, do acolhimento da Virgem:

270

270

²⁸⁵ Cf. LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Tradução de Maria Ferreira: Petrópolis: Vozes, 2017.

²⁸⁶ Lucas 1:28.

²⁸⁷ Lucas 1:28.

Era en una tierra que usaba la reja
más amaba la tierra era de muchas guisas
un homne labrador
más que otra labor;
que non al Criador,
homne revolvedor.

271

Facié una nemiga, cambiaba los mojonos
facié a todas guisas habié mal testimonio
fuciela por verdat, por ganar hereditat,
tuerto e falsedat, entre su vecindat.

272

Querí, peroque malo, udié sus miráculos,
saludábala siempre, «*Ave gratia plena*
bien a Sancta María,
dábale acogía;
diciéli cada día:
que parist a Mesía.»

273

Finó el rastrapaja en sogas de diablos
rastrávanlo por tienllas, pechávanli a duplo
de tierra bien cargado,
fue luego cativado,
de coces bien sovado,
el pan que dio mudado.

274

Doliéronse los ángeles por cuanto la levaban
quisieron acorrelli, mas pora fer tal pasta
d'esta alma mesquina,
diablos en rapina;
ganarla por vecina,
mengualis farina.

275

Si lis dicién los ángeles ciento dicién los otros,
los malos a los bonos la alma por pecados
de bien una razón,
malas que buenas non;
teniénlos en rencón,
non isié de presón.

276

Levantóse un ángel, verdat es, non mentira
el cuerpo, el que trasco fue de Sancta María
diso: «Yo só testigo,
esto que yo vos digo:
esta alma consigo,
vasallo e amigo.

277

Siempre la ementaba diciéli tres palabras:
la boca por qui esié non merecié yacer
a yantar e a cena,
'*Ave gratia plena*;
tan sancta cantilena
en tan mal cadena.»

278

Luego que esti nomne udieron los diablos
derramáronse todos desampararon todos
de la Sancta Reina
cogieron's ad ahina;
como una neblina,
a la alma mesquina.

279

Vidiéronla los ángeles de piedes e de manos
sedié como oveja fueron e adusiéronla
ser desamparada,
con sogas bien atada;
que yace ensarzada,
pora la su majada.

Havia em uma certa – região um lavrador
que usava a relha do arado – mais do que outro labor;
amava a terra mais – do que amava o Senhor,
Ele era, em muitos aspectos, – um homem perturbador.

271

Fazia em um inimigo, – fazia-o em verdade,
trocava os marcos para – ganhar a propriedade,
ele praticou todos os tipos – de mentiras e falsidades,
tinha um mau testemunho – em sua comunidade.

272

Queria, embora ruim, – bem a Santa Maria,
ele ouvia seus milagres – e a todos acolhia;
Ele a saudava sempre, – dizendo-lhe todos os dias:
“*Ave gratia plena*²⁸⁸ – que concebeu o Messias”.

273

Faleceu arrastado – por terra bem carregado,
em corda de demônios – foi logo amarrado,
arrastaram-no com cordas, – com chutes bem dados,
cobraram-lhe o dobro – o pão que deram emprestado.

274

Os anjos se entristeceram – por essa alma mesquinha,
porque a levaram – demônios em rapina
desejavam socorrê-la, – ganhá-la por vizinha,
mas, para fazer tal massa, – faltava-lhes a farinha.

275

Se lhes disseram os anjos – do bem uma razão,
tudo que os outros diziam, – era ruim e não bom;
os maus tinham – aos bons em um canto,
a alma pelos pecados – não saía da prisão.

276

Um anjo se levantou – e disse: “Sou apenas testemunha,
é verdade, não é mentira, – o que a vocês digo:
o corpo, aquele que trouxe – esta alma consigo,
foi de Santa Maria, – vassalo e amigo.

277

Ele sempre a mencionava – no jantar e na ceia,
ele lhes dizia três palavras: – ‘*Ave gratia plena*’;
a boca que dizia – essa canção divina
não merecia fazer – em tão má cadeia”.

278

Assim que este nome – da Santa Rainha
foi ouvida pelos demônios – fugiram rápido;
todos eles se disseminaram – como uma neblina,
todos abandonaram – a alma mesquinha.

279

Os anjos a viram – ser desamparada,
de pés e mãos – com cordas amarrada;
estava como ovelha – presa em sarças,
foram-se e a conduziram – para seu abrigo.

²⁸⁸ “Ave Maria Cheia de Graça” (tradução nossa).

O lavrador falece e sua alma é reivindicada pelos demônios. A alma do pobre homem é amarrada e arrastada por eles, fazendo-a sofrer muito. No entanto, os anjos, reconhecendo sua devoção à Virgem, intervêm em seu favor. Ao mencionarem o nome sagrado de Maria, os demônios fogem, permitindo que os anjos libertem a alma do lavrador e a conduzam ao Paraíso.

280

Nomne tan adonado e de vertut atanta²⁸⁹,
que a los enemigos seguda²⁹⁰ e espanta,
non nos debe doler nin lengua nin garganta
que non digamos todos; «Salve Regina Sancta».

280

Nome tão lisonjeiro, – cheio de tanta virtude,
que os inimigos lhes – perseguem e espantam,
não devemos poupar – nem língua nem garganta
quando todos digamos: – “Salve Rainha Santa”.

Sabedor do público ao qual se dirigia, pessoas simples do campo, com quem precisava falar na mesma linguagem para melhor apreensão da mensagem moralizante, Berceo utiliza termos rústicos, como “arado” e “marco”, e metáforas cotidianas, como “cobraram em dobro o pão que havia emprestado”. Mas, o poeta era um bom conhecedor das normas retóricas, pois emprega os recursos da linguagem literária culta: metáforas (“para fazer tal massa faltava-lhes a farinha”), comparações (“estava como ovelha presa em sarças”), antíteses (“tudo que os outros diziam, – era ruim e não bom”) e as apelações ao seu público cristão (“não devemos poupar nem língua nem garganta / para que todos digamos: Salve Rainha Santa”).

Mesmo sendo evidente a crítica à avareza do lavrador, protagonista da narrativa, Gonzalo de Berceo busca mostrar a imensa misericórdia da Virgem e dos anjos para com os pecadores devotos. Nesse milagre, a Virgem intercede, aclamada pelos anjos, por um de seus devotos no momento da morte, alcançando para ele a salvação eterna.

4.2.12 Milagre XII – El prior y el sacristán – O prior e o sacristão

O Milagre XII, intitulado “O prior e o sacristão”, aborda uma ressurreição ocorrida numa abadia localizada na cidade de Pavia, na Lombardia. O mosteiro, dedicado ao Senhor São Salvador, é habitado por uma comunidade de monges. Entre eles, destaca-se o prior, que, apesar de cumprir suas orações diárias, leva uma vida desregrada e se desvia das normas monásticas. Entretanto, ele é devoto ardoroso da Virgem Maria e sempre realiza o ofício mariano com fervor, o que provoca o descontentamento do diabo:

281

En una villa bona que la claman Pavía,
cibdat de grand facienda, yace en Lombardía,

281

Em uma vila boa – chamada Pavia,
cidade de grande riqueza, – situada na Lombardia,

²⁸⁹ Atanta: tanta (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

²⁹⁰ Seguda: persegue (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

habíe dentro en ella una rica mongía,
de muchos bonos homnes, muy sancta compañía.

282

Era el monesterio alzado en honor
del que salvó el mundo, señor Sant Salvador;

habíe por aventura en elli un prior
que non querié vevir si non a su sabor.

283

Habíe el bon homne una lengua errada,
dicié mucha horrura²⁹¹ de la regla vedada;
facié una tal vida non mucho ordenada,
pero dicié sus oras en manera temprada.

284

Habíe una costumne que li hobo provecho,
dicié todas sus oras como monje derecho,
a las de la Gloriosa siempre sedíe erecho;
aviel el diablo por ello grand despecho.

285

Peroque semejaba en unas cosas boto
e como vos disiemos que era bocarroto,
en amar la Gloriosa era muy devoto,
dicié el su oficio de suo corde toto.

havia em seu interior – um rico monastério,
com muitos homens bons, – uma santa
companhia.

282

Foi o mosteiro erguido – em memória e honra
àquele que salvou o mundo, o Senhor São
Salvador;

havia por ventura – dentro dele um prior
que não queria viver – se não fosse a seu sabor.

283

Era um bom homem – com a língua errada,
disse muitas palavras – horríveis da regra vedada;
ele levava uma vida – não muito ordenada,
mas dizia suas horas – de maneira moderada.

284

Havia um costume – que lhe era de grande
proveito,
Fazia todas as suas orações – como um monge
direito,
Nas orações da Gloriosa, – ele estava sempre
correto;
O demônio tinha por ele – um grande despeito.

285

Mas, embora se assemelhasse – em umas coisas
ao torpe
e, como já lhe dissemos, – ele era boquirroto²⁹²,
em amar a Gloriosa – ele era muito devoto,
e dizia seu ofício – de *suo corde toto*²⁹³.

Ao falecer, o prior é atormentado no além pelos demônios devido aos seus pecados. Contudo, sua devoção à Virgem resulta em sua salvação. Maria intervém pessoalmente para libertar sua alma, conduzindo-a a um lugar de descanso e segurança. Essa, como as demais narrativas, demonstra como a intercessão da Virgem, mesmo diante de uma vida imperfeita, garante a redenção do prior.

286

Hobo cuanto Dios quiso est prior a finar,
cadió en un exilio, en áspero logar,
non vos podrié nul homne el lacerío contar
que el prior levaba, nil podrié asmar.

286

Quando Deus quis – que o prior viesse a finar,
ele caiu no exílio, – em inóspito lugar,
nenhum homem poderia – o tormento contar
que o prior suportou, – nem podia pensar.

Humberto, o sacristão da abadia, desempenha um papel importante ao testemunhar a aparição do prior após sua morte. Este pede ao sacristão que transmita sua

²⁹¹ *Orrura* ou *horrura*: essa palavra tem um sentido físico e outro metafórico, os dois significados podem ser traduzidos por “coisa repugnante” (Cf. LUCAS, 1988, p. 148).

²⁹² Boquirroto: Pessoa que fala muito; quem não consegue guardar segredo ou é muito indiscreto. Disponível em: (<https://www.dicio.com.br/boquirroto/>. Acesso em: 15 jan. 2024)

²⁹³ *suo corde toto*: expressão em latim que significa “de todo o seu coração”.

experiência ao convento, destacando o papel salvador da Virgem. Após o testemunho de Humberto, toda a comunidade monástica louva Maria e registra o milagre, reafirmando sua fé e devoção.

287

Habié un sacristano en esa abadía
que guardaba las cosas de la sacristanía;
Uberto habié nomne, cuerdo e sin folía,
valié más ca non menos por elli la mongía.

288

Ante de los matines, una grand madrugada,
levantóse est monje rezar la matinada,
tañer a los matines, despertar la mesnada,
endrezar las lámpadas, allumnar la posada.

289

El prior de la casa, de suso ementado,
año habié complido de que fuera finado,
pero fue el su pleito en cabo recentado,
tan bien como al día cuando fo soterrado.

290

El monje de la casa que sacristano era,
ante que empezase tañer la monedera,
alimpiaba las lámpadas por fe mejor lumnera,
priso un grand espanto de estraña manera.

291

Udió una voz d'homne, flaquiella e cansada,
dijo: «Fraire Ubert», non sola una vegada;
conocióla Ubert e non dubdó en nada
que la del prior era; priso grand espantada.

292

Salió de la eglesia, fo a la fermería,
non levaba de miedo la voluntat vacía,
non irié tan apriesa yendo en romería,
¡don Bildur lo levaba par la cabeza mía!

293

Estando de tal guisa fuera de las virtudes,
udió: «Ubert, Ubert, ¿por qué me non recudes?

Cata, non hayas miedo, por ren non te demudes,
piensa cómo me fables e cómo me pescudes.»

294

Estonz dijo Ubert: «Prior, ¡se que debedes!
de vos cómo estades, vos me lo reguncedes,
que sepa el cabildo de vos como sedes,
en cuál estado sodes o cuál lo atendedes.»

287

Havia um sacristão – naquela abadia
que guardava as – coisas da sacristia;
Seu nome era Humbert, – são e sem malícia,
para este monastério – nem mais nem menos valia.

288

Antes das matinas, – e bem de madrugada,
este monge se levantou – para rezar alvorada,
para tocar as matinas, – para acordar a *mesnada*²⁹⁵,
para acender as lâmpadas, – iluminar a pousada.

289

O prior da casa, – acima mencionado,
um ano de sua morte – já havia sido completado,
mas seu processo foi – finalmente renovado,
exatamente como no dia – em que ele foi enterrado.

290

O monge da casa – que o sacristão era,
antes que ele tocasse – a bolsa de moedas,
limpava as lâmpadas – para obter uma maior luz,
quando houve grande susto – de estranha maneira.

291

Ele ouviu a voz de um homem, – fraca e cansada,
que dizia: “Frei Humberto”, – não apenas uma vez;
Humberto a conhecia – e não duvidou de nada
que era do prior; – e ele ficou bem espantado.

292

Ele deixou a igreja – e foi para a enfermaria,
não levava de medo – sua vontade vazia,
não iria tão depressa – indo de romaria,
Don Bildur²⁹⁶ o levava – pela cabeça minha!

293

Estando assim – fora de suas faculdades,
ouviu: “Humberto, Humberto, – por que não me ajuda?
Olha, não tenha medo, – por nada te perturbes.,
pense como fala comigo – e pergunte sem duvidar”.

294

Então Humberto disse: – “Prior, pela fé que deve,
De como está, – quero que me conte,
para que o cabido²⁹⁷ saiba – de que maneira o vejo,
em que estado está – ou em que outro estado
estará.”

²⁹⁵ Mesnada: palavra portuguesa significa tropa mercenária. Essa palavra é pouco usada atualmente.

²⁹⁶ A palavra *bildur* é basca e significa “medo”. Nesse trecho de Berceo, Don Bildur é o mesmo que Don Medo. (LANCHETAS, Rufino. *Gramática y vocabulario de las obras de Gonzalo de Berceo*, Madrid, Real Academia Española, 1900. p. 123, tradução nossa).

²⁹⁷ cabido: 1. religião - conjunto dos clérigos de uma catedral, igreja ou colegiada. (Dicionário Oxford Languages *on-line*).

295

Dísoli el prior: «Ubert, el mió criado,
sepas hasta aquí mal ha de mi estado;
cadí en un exilio crudo e destemprado:

el príncip de la tierra Smirna era clamado.

296

Sufrí mucho lacerío, pasé mucho mal día,
el mal que he pasado contar no lo podría,
mas hobo a pasar por y Sancta María,
hobo pesar e duelo del mal que yo sufría.

297

Prísome por la mano e levóme consigo,
levóme al lugar temprado e abrigo;
tollióme de la premia del mortal enemigo,
púsome en lugar do vivré sin peligro.

298

¡Grado a la Gloriosa que es de gracia plena!
fuera só del lacerío, esido só de pena;
caí en dulz vergel cerca de dulz colmena,

do nunca veré mengua de yantar nin de cena.»

299

Calló la voz con tanto, despertó el convento,
fueron a la eglesia todos de buen taliento;
disieron los matines, ficiéron complimiento,
de guisa que podrié Dios haber pagamiento.

300

Los matines cantados, esclareció el día,
disieron luego prima²⁹⁴, desend la ledanía,
fueron a su capítulo la sancta compañía,
ca esto es de regla, costumne de mongía.

301

Estando en capítulo, leída la lección,

fizo el sacristano su genuflexión;
contólis al convento toda la visión,
plorando de los ojos a muy grand misión.

295

O prior disse: – “Humbert, meu criado,
saiba que até aqui – tem sido ruim meu estado;
que caiu em um exílio – muito bruto e
desequilibrado:
onde Esmirna²⁹⁸ era príncipe – da terra chamado.

296

Sofri muito tormento, – passei muito mau dia,
o mal pelo qual passei – contar não poderia,
mas tive que passar – por Sancta Maria,
houve tristeza e luto – pelo mal que eu sofria.

297

Ela me pegou pela mão – e me levou consigo,
levou-me para um lugar – seguro e protegido;
me tirou das garras – do mortal inimigo,
e me colocou em um lugar – onde viverei sem
perigo.

298

Graças à Gloriosa – que é cheia de graça plena!
Estou fora do tormento, – livre de pena;
Caí em um doce pomar, – próximo a uma doce
colmeia,
onde nunca faltará alimento, – nem almoço nem
jantar.”

299

A voz se calou; enquanto isso, – despertou o
convento,
e todos foram para a igreja – com grande
contentamento;
rezaram as matinas, – fizeram o cumprimento,
de maneira que Deus – poderia fazer o pagamento.

300

As matinas foram cantadas, – clareou o dia,
disseram a primeira, – depois a ledania²⁹⁹,
foram para seu capítulo, – a santa companhia,
pois essa é a lei, – o costume dos monges.

301

Estando no capítulo, – depois de ler a oração,
este sacristão fez – sua genuflexão³⁰⁰;
contou ao convento – toda a visão,
chorando em seus olhos – por tão grande ocasião.

302

Todos eles renderam – graças à Mãe gloriosa,

²⁹⁴ Prima: uma das sete horas canônicas que se rezavam antes da oração da manhã (*Laudes*). (Cf. LUCAS, 1988).

²⁹⁸ Esmirna foi uma cidade portuária da costa oeste do mar Mediterrâneo, localizada na Província romana da Ásia. Ficava a 65 km de Éfeso. Foi sede de uma forte igreja cristã. Consta na Bíblia, em Apocalipse 1.11; 2.8-11. (KASCHEL, Werner e ZIMMER, Rudi. Dicionário da Bíblia de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 66).

²⁹⁹ Ledania: Oração em que se pede a Deus ou aos santos para intercederem pelos fiéis. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

³⁰⁰ Genuflexão: ato de dobrar os joelhos ou de ajoelhar-se. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

302			
Rendieron todos gracias	a la Madre gloriosa,	que é sobre seus vassalos – é sempre	
que sobre sos vasallos	es siempre pñadosa;	misericordiosa;	
		foram à igreja – cantando rica prosa ³⁰¹ ,	
		e, por escrito, – registraram todas as coisas.	
fueron a la iglesia	cantando rica prosa,		
ficieron en escripto	meter toda la cosa.		

O milagre explora a tensão entre a justiça e a misericórdia da Virgem Maria, numa história que expõe a intercessão mariana como um recurso decisivo para a salvação, mesmo em casos de vidas marcadas pelo pecado e pela imperfeição.

303		303	
End a poco de tiempo	murió el sacristano,	Pouco tempo depois, – morreu o sacristão,	
murió de fin cual dé	Dios a tot cristiano,	ele morreu no final, – como Deus dá a todo cristão,	
isió de mal ivierno,	entró en buen verano,	morreu de mau inverno, – entrou em bom verão,	
fo pora paraíso	do será siempre sano.	ele foi para o paraíso, – onde estará sempre são.	
304		304	
Esto es <i>sumum bonum</i>	servir atal Señora,	Isso é <i>sumum bonum</i> ³⁰² – para servir a tal Senhora,	
que sabe a sus siervos	acorrer en tal hora;	que sabe guiar seus servos – acorrer em tal hora;	
ésta es buena tienda,	ésta buena pastora,	esta é uma boa tenda, – esta é uma boa pastora,	
que bale a tot homne	que de buen cor la hora.	que vale a todo homem – que de bom coração lhe ora.	
305		305	
Cuantos que la udieron	esta tal visión	Todos os que ouviram – falar dessa visão	
cogieron en sus almas	mayor devoción,	têm em suas almas – uma maior devoção,	
en amar la Gloriosa	de mayor corazón,	em amar a Gloriosa – com mais coração,	
aclamarse a ella	en su tribulación.	para clamar por ela – em sua tribulação.	

A história enfoca a devoção sincera à Virgem Maria, podendo superar os efeitos dos pecados cometidos em vida. Apesar de o prior ter levado uma vida moralmente desordenada, sua dedicação ao culto mariano é suficiente para que Maria intervenha a seu favor, libertando-o das garras dos demônios.

Como nos outros milagres apresentados, o texto sugere que a salvação não é exclusivamente baseada nos méritos individuais, mas também na intercessão da Virgem, ressaltando-lhe o papel central como mediadora entre Deus e os homens. A história serve como um exemplo pedagógico da misericórdia, apresentada de forma compreensível para o público medieval, composto em sua maioria por camponeses. Termos cotidianos e imagens de demônios e anjos facilitam a assimilação da mensagem e o prior serve como modelo a ser seguido em sua devoção mariana, mas também como um alerta contra a negligência religiosa.

³⁰¹ Prosa rica: hino de louvor. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

³⁰² *Summum bonum*: “o bem maior” (tradução nossa, a partir do Dicionário do latim essencial, de Antônio Martinez de Rezende, Sandra Braga Bianchet, 2014).

O conflito entre a justiça, representada pelos demônios que exigem a alma do prior, e a misericórdia de Maria, é o clímax da narrativa. Enquanto os demônios apresentam argumentos válidos com base nos pecados do prior, Maria age de forma excepcional, utilizando seu poder para libertá-lo. A narrativa aponta para a noção de que, mesmo os mais humildes ou imperfeitos, se fossem devotos de Maria, teriam uma chance de redenção, o que pode ter sido particularmente reconfortante para um público medieval.

O papel do sacristão Humberto como testemunha do milagre reforça a dimensão comunitária e pedagógica da obra. Ao relatar o ocorrido, ele legitima a história contida no milagre e inspira os outros monges a fortalecerem sua devoção. Essa figura demonstra como a transmissão da fé e a celebração da misericórdia eram pilares da espiritualidade da época.

CONCLUSÃO

A tese se fundamentou em uma abordagem interdisciplinar, combinando literatura, história cultural e teoria da tradução. No decorrer da pesquisa, foram analisados aspectos narrativos, estilísticos e simbólicos dos milagres, destacando o impacto da devoção mariana na formação da identidade religiosa medieval. Além disso, a tradução comentada dos poemas buscou equilibrar a fidelidade ao texto original e a adaptação para um público contemporâneo, preservando a musicalidade e os aspectos retóricos característicos da *cuaderna vía*.

Esta tese dedicou-se à exploração do rico e diversificado universo da literatura medieval, com ênfase especial em *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo (c. 1197-c.1264). Partindo do panorama histórico e cultural abrangente da Idade Média, incluindo seus contextos religiosos, políticos e sociais, buscou-se compreender como os textos literários desse período, em particular os milagres marianos, estabelecem um diálogo dinâmico entre tradição, fé e inovação estética. A pesquisa foi estruturada em quatro capítulos, organizados e classificados de maneira a proporcionar uma discussão do tema investigado, permitindo uma visão integrada dos aspectos históricos, literários e simbólicos que permeiam a obra e seu contexto.

No Capítulo 1, foi realizada uma reflexão sobre os gêneros textuais *miracula* e *exempla*, considerados subgêneros da Hagiografia. A análise buscou delinear as características estruturais e funcionais desses gêneros, destacando sua relação com a literatura religiosa e seu papel pedagógico e moralizante no contexto medieval. Além disso, foram apresentados aspectos biográficos de Gonzalo de Berceo, autor de *Milagros de Nuestra Señora*, cuja vida e obra refletem o entrelaçamento entre a espiritualidade e literatura leiga. A apresentação dos gêneros textuais e dos dados biográficos do autor serviu como base para compreender a função simbólica e didática dos milagres marianos, fornecendo subsídios críticos e teóricos que fundamentaram a tradução e os comentários dos poemas apresentados no Capítulo 4. Essa abordagem permitiu situar Berceo em seu contexto histórico e cultural e evidenciar como seus textos dialogam com a tradição hagiográfica ao mesmo tempo em que incorporam inovações estilísticas e narrativas.

No Capítulo 2, realizou-se a análise do culto à Virgem Maria e de seu papel como intercessora no imaginário medieval, com destaque para sua relevância no contexto das peregrinações e na literatura de milagres. Nesse percurso, foi realizado um panorama histórico e simbólico sobre Maria, abrangendo desde seu nascimento e infância até sua assunção, com base em textos bíblicos, apócrifos e medievais. Esses textos,

fundamentados nos dogmas do cristianismo, destacam a participação da Virgem no plano divino de salvação da humanidade. A abordagem proposta visou examinar os textos poéticos, bíblicos e eclesiásticos sob uma perspectiva crítica e literária, distanciando-se de julgamentos religiosos ou apoloéticos.

Essa tese revelou a universalidade da devoção mariana na Idade Média, um fenômeno que transcendeu fronteiras geográficas e culturais, deixando marcas profundas na literatura europeia ocidental. A centralidade de Maria manifestou-se em uma vasta produção literária que abrangeu desde cantares devocionais até relatos prodigiosos de sua intercessão em milagres. Essa literatura, ao destacar o protagonismo da Virgem reafirmou sua posição como figura espiritual e simbólica, mas também apontou para as tensões e as aspirações dos cristãos medievais, que encontravam em Maria um elo entre o celestial e o humano. Assim, este capítulo teve como foco o papel literário e simbólico da Virgem na construção de um imaginário religioso enraizado na cultura medieval.

No Capítulo 3, foi realizada a tradução e a análise do prólogo de *Milagros de Nuestra Señora*, também chamado de *Introducción*, que apresenta o “eu poético” em uma jornada metafórica a um jardim dadivoso, simbolizando a Virgem Maria. A introdução funciona como a chave temática da obra, fundamentando-se na teologia mariana e em técnicas exegéticas, como a tipologia bíblica, para estruturar os milagres. Gonzalo de Berceo, com sua habilidade em técnicas e estruturas literárias, criou um sistema coerente de associações e ideias que exaltam a figura de Maria, empregando uma linguagem figurativa rica. O poeta estabelece, assim, um diálogo entre a Bíblia e sua poesia, reinterpretando elementos de *Gênesis* para contrastar o papel redentor e puro da Virgem com a narrativa da queda do homem, destacando a centralidade de Maria no plano da salvação cristã.

Além disso, este capítulo explorou as simbologias e as metáforas que Berceo utilizou para retratar Maria e seu protagonismo nos milagres subsequentes. Outras passagens bíblicas foram mencionadas, com o objetivo de criar analogias que enfatizam sua importância espiritual. Um ponto relevante desta parte foi a abordagem do *homo viator*, figura representativa das peregrinações medievais, tanto como prática devocional quanto como *topos* literário. A riqueza literária e simbólica do prólogo é evidente, permitindo múltiplas interpretações, mas o capítulo se concentrou em três eixos principais: o jardim do Éden, presente no *Gênesis*, como alegoria da figura da Virgem, o diálogo entre Bíblia (os epítetos atribuídos à Maria) e a peregrinação como elemento central da narrativa. Assim, o prólogo é uma introdução fundamental para compreender a estrutura e a mensagem da obra de Berceo.

No Capítulo 4, foram apresentados, traduzidos e comentados os doze primeiros poemas de milagres do texto *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, com o objetivo de explorar interpretações relacionadas aos personagens, estereótipos, contextos e à ação intercessora da Virgem Maria. A tradução foi realizada em trechos, enquanto os textos completos encontram-se anexos.

Esta pesquisa buscou suprir uma lacuna acadêmica, dado que não havia registros de uma tradução similar para o português. Durante o processo tradutório, enfrentaram-se desafios impostos pelas diferenças entre o castelhano medieval e o português moderno, especialmente na preservação de aspectos formais como rima e assonância. Em razão disso, priorizou-se a fidelidade ao conteúdo e à narrativa, garantindo a transmissão dos elementos temáticos e simbólicos.

O método adotado para a tradução, como já foi dito, foi de caráter livre, com foco na equivalência de sentido e no impacto cultural, em vez de uma reprodução estrita da forma poética. Essa abordagem, comum em traduções literárias, procurou adaptar a obra às especificidades linguísticas e culturais atuais, sem comprometer seu significado original. A base textual utilizada foi a edição espanhola organizada por Joaquín Benito de Lucas³⁰³, que orientou tanto a estruturação quanto a interpretação dos poemas. Essa estratégia resultou em uma tradução acessível, respeitosa e capaz de preservar a relevância histórica e literária da obra, evidenciando o compromisso com a qualidade da análise.

A manutenção da musicalidade e dos paralelismos, dada a importância da oralidade na obra de Berceo, pautou a tradução, que procurou preservar, sempre que possível, algumas repetições, rimas e paralelismos sintáticos que reforçam a cadência do poema. Para isso, foram analisadas traduções de outros textos medievais e suas soluções para recriação rítmica.

Para a adaptação lexical e sintática, foram consideradas a distância temporal entre o castelhano medieval e o português moderno, nas quais algumas adaptações foram necessárias, especialmente no uso de construções sintáticas arcaicas e vocabulário hagiográfico, sempre com notas explicativas para contextualizar o leitor.

Foram realizadas, ao longo da tese, anotações e comentários. Cada milagre traduzido foi acompanhado de um comentário, fazendo uma leitura da narrativa e apontando os elementos intertextuais presentes nos poemas de Gonzalo de Berceo.

³⁰³ LUCAS, Joaquim Benito de. **Milagros de Nuestra Señora. Introdução**, notas e versão modernizada por Joaquín Benito de Lucas. Barcelona: Calle Recofort 104, 1988.

A pesquisa combinou, assim, análise literária e prática do método livre de tradução, garantindo uma abordagem contextualizada da obra de Berceo. Ao unir a investigação acadêmica sobre a literatura medieval com os desafios da tradução poética, a tese contribui para os estudos da hagiografia, da literatura mariana e da recepção dos textos medievais na contemporaneidade.

Sobre a narrativa dos poemas de milagres, percebeu-se que sua estrutura é linear e cronológica. Nelas, o narrador apresenta o protagonista e enfatiza sua devoção à Virgem Maria. Ao longo dos poemas narrativos, os protagonistas frequentemente cometem erros que culminam em punições, gerando o conflito central da história. O clímax ocorre quando a Virgem intervém em favor de seus devotos, resolvendo o problema e, por isso, acaba sendo exaltada como intercessora. Essa dinâmica reforça o protagonismo de Maria nos milagres, muitas vezes, ofuscando a do próprio Jesus. Para enriquecer a análise, a tradução foi apresentada em formato bilíngue, permitindo a visualização dos elementos poéticos e temáticos estudados nas duas línguas.

A investigação realizada neste trabalho revelou que a obra de Gonzalo de Berceo é profundamente enraizada na tradição hagiográfica e litúrgica da Antiguidade Tardia, séculos III-VIII, e da Alta Idade Média, séculos V-XI, sendo uma síntese entre o rigor formal do *mester de clerecía* e as demandas devocionais e pedagógicas de seu tempo. A escolha pela estrutura de *cuaderna vía* não foi apenas uma demonstração de erudição técnica, mas também um meio de aproximar o conteúdo religioso ao público leigo, utilizando o castelhano como língua literária emergente. Esse aspecto foi crucial para a consolidação da identidade linguística e cultural da Espanha medieval.

A pesquisa também constatou a centralidade da figura da Virgem Maria como mediadora no momento da morte, reforçando a doutrina cristã da salvação. A categorização proposta – morte e recompensa, morte como punição ou redenção e morte e ressurreição – permitiu uma análise mais sistemática e detalhada dos poemas, revelando como o milagre construiu um imaginário de fé e de devoção que transcende os limites do contexto medieval, dialogando com temas universais da condição humana, como a finitude, o arrependimento e a esperança. Sem levar em consideração qualquer dogma religioso, a morte é presença para todos os seres vivos e isso é um fato, pois morrer é algo natural da própria vida.

A morte é um elemento caro à literatura e está presente no drama vivenciado por personagens de diversas narrativas, bem como na poesia dos milagres. Se a literatura é a tentativa de tradução da vida, ela também intenta traduzir a morte, já que as duas palavras se completam. Não há morte se não houver vida, ou vice-versa. A morte é uma musa

sombria que inspira poetas, desde tempos imemoriais, sobre a finitude da vida, a natureza passageira da existência e as complexidades da condição humana. Até na literatura contemporânea, a morte tem sido encenada de múltiplas maneiras, seja como tema central de uma narrativa ou como pano de fundo que molda o desenvolvimento dos personagens.

A morte, na literatura, transcende a mera representação de um evento físico. Na ficção, ela é um tema rico e variado que incita reflexões sobre a natureza da existência, a passagem do tempo e os mistérios da condição humana. Ao explorar a morte em suas diversas formas e significados, os escritores revelam questões universais que permeiam a experiência humana e convidam o leitor a confrontar a própria. Gonzalo de Berceo utilizou a didática moralizante para divulgar o culto à Virgem, para promover santuários, para educar os ouvintes de acordo com os dogmas da Igreja Católica. Consequentemente, usar o tema da morte com esses objetivos persuasivos, é retórico e faz parte de um discurso religioso, ou seja, feito para a redenção do leitor.

Nos milagres compilados e versificados por Gonzalo de Berceo, destaca-se a crença de que a morte, para os cristãos, é uma transição para a vida eterna, marcada pelo julgamento da alma com base na conduta terrena. Essa visão é fundamentada na promessa de Jesus sobre a salvação e a vida eterna, conforme descrito nos Evangelhos. A recompensa esperada após a morte varia conforme as ações e a fé demonstradas em vida, dividindo-se em três possibilidades principais: o céu, o inferno ou, segundo a tradição católica, o purgatório.

Segundo Le Goff, o cristianismo, em sua construção doutrinária, apropriou-se e reformulou elementos simbólicos presentes em diversas tradições religiosas e civilizações anteriores, adaptando especialmente suas concepções sobre o além. Diferentemente de modelos como o *shéol* judaico, que concebia o mundo dos mortos como um local uniforme, ou as representações romanas de um pós-vida dividido entre o sombrio Hades e os bem-aventurados Campos Elíseos, o cristianismo adotou e ampliou um modelo dualista. Nesse sistema, o destino das almas após a morte é bifurcado entre o sofrimento dos condenados e a glória reservada aos justos.³⁰⁴

O cristianismo singularizou essa dualidade ao situar o Céu como a morada celestial e imediata dos justos, deslocando a visão tradicional que relegava todos os mortos a espaços subterrâneos até o juízo final. Essa nova concepção foi particularmente reforçada com a crença de que os mártires e os santos, considerados os mais virtuosos dentre os cristãos, encontrariam seu lugar no Céu logo após a morte. Assim, o cristianismo

³⁰⁴ LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 10.

vinculou a ideia de Céu à recompensa eterna e a uma localização transcendental elevada, associada à proximidade com Deus e à separação definitiva dos condenados.³⁰⁵

Essa transformação, presente nas tramas dos milagres, reflete tanto a influência de cosmologias anteriores quanto a necessidade de oferecer aos fiéis uma visão mais concreta e esperançosa do pós-vida, destacando o Céu como um destino acessível e glorioso para aqueles que conduzissem uma vida virtuosa. Além disso, a elevação do Céu ao status de morada imediata dos justos conferiu ao cristianismo medieval uma forte dimensão simbólica, consolidando-o como um espaço de plenitude espiritual, em oposição às sombras e ao tormento do Inferno.³⁰⁶

Desse modo, como é possível observar, o cristianismo que estrutura o milagre, incorpora e reinterpreta elementos culturais e religiosos anteriores para construir sua visão de Inferno, mantendo-o associado à profundidade subterrânea, mas redefinindo seu significado em oposição ao Céu. Assim como as cosmologias gregas separavam o mundo *ctoniano* (subterrâneo) do mundo *uraniano* (celestial), o cristianismo medieval dos mistérios confirma o Inferno como um espaço de punição eterna, em contraste com o Céu glorioso, morada dos justos.

O imaginário cristão próprio das narrativas estudadas, concebe o Inferno como um local de castigo eterno para os pecadores, mas também como um componente essencial da constituição do universo dualista cristão. O Inferno passa a ser representado como o destino dos que rejeitam a salvação oferecida por Cristo, contrastando simbolicamente com a ascensão ao Céu. Ao mesmo tempo, mantem-se o simbolismo das profundezas como um espaço de isolamento e dor, ressignificando medos arquetípicos das civilizações antigas em um contexto teológico novo, no qual o Inferno não era apenas um lugar, mas também a expressão máxima da separação de Deus.³⁰⁷

Surge, desse modo, o Purgatório, consolidado no imaginário cristão ocidental entre os séculos XII e XIII, esse espaço intermediário emerge como um lugar destinado às almas que, embora salvas, requerem purificação para atingir a plenitude celestial. Diferentemente do Céu e do Inferno, que se configuram como destinos definitivos, o Purgatório, na religião e nos poemas narrativos de Berceo, apresenta uma dimensão transitória, marcada por provações espirituais destinadas à expiação de pecados leves ou imperfeições não totalmente redimidas em vida. O aspecto inovador dessa concepção reside na interação entre vivos e mortos, permitindo que os primeiros intercedam pelas

³⁰⁵ LE GOFF, 2017, p. 10.

³⁰⁶ LE GOFF, 2017, p. 10.

³⁰⁷ LE GOFF, 2017, p. 10-13.

almas purgantes por meio de sufrágios, como orações, missas e indulgências, contribuindo para abreviar o período de purificação. Essa dinâmica é exemplificada no Milagre X, Os dois irmãos, em que Pedro, o clérigo condenado ao Purgatório, suplica ao Papa que celebre uma missa dedicada à Virgem Maria em seu nome, demonstrando a centralidade da intercessão na crença purgatorial e sua conexão com a misericórdia.

Dessa maneira, o Purgatório desempenha um papel crucial na articulação entre vivos e mortos, deixando vislumbrar a solidariedade espiritual e a interdependência entre as comunidades terrena e celestial. Essa crença também aponta para uma adaptação do cristianismo às sensibilidades religiosas e sociais medievais, introduzindo uma dimensão de esperança e misericórdia que contrasta com a rigidez binária entre salvação e condenação.

Os milagres que simbolizam morte e recompensa exemplificam a trajetória de almas que, por suas boas ações ou devoção, alcançam o privilégio do Céu. Entre eles estão: A casula de Santo Ildefonso (Milagre I), O clérigo e a flor (Milagre III), O galardão da Virgem (Milagre IV), O pobre caridoso (Milagre V), O ladrão devoto (Milagre VI) e O clérigo simplório (Milagre IX). Em cada caso, a narrativa revela que a devoção à Virgem ou os atos virtuosos foram decisivos para a salvação das almas, consolidando a relação entre mérito terreno e recompensa dos céus.

Nos milagres que exploram a morte como punição e redenção, os protagonistas são apresentados como pecadores cujas ações os afastaram de uma vida virtuosa, mas cuja devoção à Virgem Maria os conduziu à salvação. Exemplos disso incluem: O sacristão fornicador (Milagre II) e O lavrador avaro (Milagre XI).

No Milagre II, o sacristão, apesar de ser consumido pelo pecado da luxúria durante sua vida, demonstra uma devoção constante à Virgem Maria por meio de orações fervorosas. Após sua morte, essa devoção torna-se decisiva, pois Maria intervém em seu favor, garantindo-lhe a redenção. De forma semelhante, no Milagre XI, o lavrador, marcado por uma vida de avareza e enganos, mantinha o hábito de recitar regularmente a saudação “*Ave Gratia Plena*”. Essa prática devocional, mesmo diante de sua conduta reprovável, motiva a intercessão da Virgem, que o salva.

Ambos os milagres destacam a centralidade da misericórdia, manifestada pela mediação de Maria, e evidenciam a crença na possibilidade de redenção mesmo para aqueles que cometeram pecados graves. Contudo, essa misericórdia não é concedida sem antes haver uma punição exemplar, que, ao remeter os pecadores a castigos infernais, reforça o peso das transgressões cometidas. A intercessão mariana, portanto, resgata os devotos e sublinha a dualidade entre justiça e graça redentora, revelando o papel singular

de Maria como advogada das almas no imaginário medieval. Esses milagres reafirmam a ideia de que a fé e a devoção possuem um poder transformador, capazes de transcender as limitações humanas e abrir caminho para a salvação.

Os milagres que narram a ressurreição são particularmente fascinantes, destacando o poder do maravilhoso medieval. Neles, a ressurreição surge como um recomeço espiritual e físico, além de representar um momento de redenção. Exemplos incluem: São Pedro e o monge ordenado (Milagre VII), O romeiro de São Tiago (Milagre VIII), Os dois irmãos (Milagre X) e O prior e o sacristão (Milagre XII). Essas histórias transmitem a crença medieval de que a ressurreição não meramente recompõe o corpo, mas oferece uma segunda chance de reconciliação com o que há de mais sublime e soberano.

A ressurreição dos mortos, conforme apresentada em 1 Coríntios 15³⁰⁸, é um dos fundamentos da fé cristã e marcou, de forma contundente, a espiritualidade medieval. O apóstolo Paulo enfatiza, em seus textos, que a ressurreição é inseparável da vitória de Cristo sobre a morte: “Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram”³⁰⁹. Ele descreve, assim, a transformação do corpo terreno em um corpo glorificado, incorruptível e adequado para a eternidade.

No imaginário medieval, essa visão paulina é traduzida em representações artísticas e práticas religiosas. As cenas do Juízo Universal, comuns em igrejas góticas, mostram os mortos emergindo de seus túmulos para serem julgados, com os justos ascendendo ao Céu em corpos glorificados, enquanto os pecadores são condenados. Essa crença na transformação corporal encontra eco nos milagres de Berceo, nos quais a ressurreição surge como expressão do poder divino.

A figura do diabo também desempenhou um papel crucial em *Milagros de Nuestra Señora*, atuando como o antagonista das ações da Virgem Maria. O diabo, geralmente associado à tentação e à perdição das almas, representa o mal e o perigo constante enfrentados pelos fiéis. Nos milagres, sua presença é contraposta à intercessão da Virgem, que atua como redentora e protetora dos devotos, salvando-os das armadilhas e influências demoníacas. Essa dualidade reforça a dicotomia entre o bem e o mal e enfatiza o papel da Virgem como uma figura de esperança e salvação. A oposição simbólica entre a Virgem Maria e o diabo estrutura a narrativa dos milagres e oferece um instrumento pedagógico, demonstrando aos fiéis o triunfo do bem sobre o mal e a importância da devoção mariana.

³⁰⁸ 1 Coríntios 15.

³⁰⁹ 1 Coríntios 15:20.

Sendo assim, a presente tese realizou um exame crítico-literário centrada no tema da morte nos poemas de Gonzalo de Berceo. Além disso, foi elaborada uma tradução comentada da introdução e dos 12 primeiros milagres, compostos em *cuaderna vía*, forma associada ao *mester de clerecía* (poesia culta medieval). Esse estilo caracteriza-se pela regularidade e pelo rigor, refletindo o compromisso dos poetas clérigos com a ordem, a clareza e a transmissão de ensinamentos morais e religiosos. A métrica da *cuaderna vía* é composta por estrofes de quatro versos monorrimos, escritos em versos alexandrinos (14 sílabas poéticas), divididos em dois hemistíquios de 7 sílabas, separados por uma cesura. Nos poemas, destaca-se o papel central da Virgem Maria, cuja intercessão e protagonismo se evidenciam nos momentos de morte das personagens retratadas nos poemas. A abordagem proposta integrou a análise temática à apreciação formal e estilística, ressaltando a importância da devoção mariana no contexto das obras de Berceo.

Os resultados desta pesquisa evidenciam a relevância da obra *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, como um marco da literatura medieval castelhana e um instrumento fundamental na difusão da devoção mariana e na consolidação da tradição narrativa hagiográfica. A partir da tradução comentada dos doze primeiros milagres e da observação estrutural e temática do prólogo, a pesquisa alcançou importantes conclusões no campo dos estudos literários, da teoria da tradução e da recepção crítica da obra na contemporaneidade.

A análise dos doze milagres confirmou a centralidade da Virgem Maria como figura intercessora entre Deus e os fiéis, reforçando um dos principais dogmas do cristianismo medieval: a misericórdia mariana como via para a redenção. A pesquisa revelou que os milagres seguem um padrão narrativo no qual personagens pecadores ou vulneráveis encontram na Virgem a proteção necessária para alcançar a salvação, muitas vezes contrariando a lógica jurídica da Igreja.

Essa estrutura narrativa dos poemas tem implicações significativas para o estudo da religiosidade medieval. A hagiografia reflete crenças populares e atua como um instrumento de controle social e fortalecimento da fé cristã. A pesquisa demonstrou que a obra de Berceo dialoga diretamente com essa tradição, utilizando a poesia como meio de ensino moral e doutrinal.

Outro aspecto relevante detectado é que, diferentemente de outras obras hagiográficas mais ortodoxas, os milagres de Berceo não exigem santidade ou perfeição moral para que seus protagonistas sejam salvos. O sacristão fornicário e o Ladrão devoto, por exemplo, são personagens cujas ações seriam, em tese, condenáveis pela moral cristã,

mas que são absolvidos pela Virgem devido à sua devoção. Esse resultado reforça a ideia de que a obra exalta Maria e transmite uma visão mais acessível e inclusiva da fé cristã, tornando-a mais próxima do público leigo medieval.

A estrutura poética da obra e seu impacto na recepção do texto também são resultado da pesquisa e da realização da tradução e da análise da *cuaderna vía* que confirmaram que o uso de versos alexandrinos monorrítmicos foi essencial para a disseminação oral dos milagres. Esse formato permitia que a obra fosse memorizada e recitada com maior facilidade, ampliando seu alcance entre fiéis que, muitas vezes, eram iletrados. O emprego de uma linguagem acessível e imagens do cotidiano medieval tornaram as histórias mais envolventes. Esse recurso literário reforça a tese de que os milagres não eram apenas textos religiosos, mas formas de entretenimento e educação moral, aproximando-se das narrativas orais populares.

A investigação também evidenciou que a escolha do castelhano como língua literária, em vez do latim tradicional da Igreja, foi um fator determinante para a popularização dos milagres. A pesquisa demonstrou que a decisão de Berceo de escrever em castelhano foi uma escolha estilística e uma estratégia pedagógica para fortalecer a devoção mariana entre um público mais amplo.

A tradução comentada dos doze primeiros milagres revelou desafios significativos na transposição do castelhano medieval para o português contemporâneo, sobretudo na tentativa de preservar a musicalidade e a métrica do texto original. Entre os principais desafios enfrentados, destacam-se:

A adaptação da *cuaderna vía* – A métrica original, com versos alexandrinos monorrítmicos, exigiu estratégias de recriação para manter a sonoridade sem comprometer a fluidez do português moderno.

A conservação do tom devocional – O uso de diminutivos e fórmulas religiosas típicas da época precisou ser reinterpretado para evitar anacronismos e, ao mesmo tempo, preservar a intenção original de Berceo.

A tradução de expressões idiomáticas medievais – Algumas construções arcaicas não possuem equivalentes diretos no português atual, o que demandou soluções interpretativas e notas explicativas na tradução.

A pesquisa trouxe, assim, contribuições importantes para o campo dos estudos medievais e da tradução poética, entre elas: a ampliação da compreensão sobre a literatura mariana medieval; algumas reflexões sobre a tradução de textos medievais, a ressignificação da obra no contexto contemporâneo e a relevância das estratégias de Berceo, que evidenciam a continuidade da tradição oral e do ensino moral por meio da

literatura, um aspecto que ainda pode ser explorado em estudos futuros sobre recepção literária e adaptações modernas de textos hagiográficos.

Os resultados da pesquisa confirmam que *Milagros de Nuestra Señora* não deve ser visto apenas como um registro da fé medieval, mas como um texto literário sofisticado, que combina elementos poéticos, narrativos e devocionais para criar um impacto duradouro sobre seu público. A tradução e comentários dos milagres permitiram uma leitura crítica que evidencia a complexidade da obra de Berceo e sua importância no contexto da literatura religiosa ibérica.

Ao mesmo tempo, a pesquisa destacou a necessidade de continuar investigando a recepção dos textos medievais e os desafios da tradução poética, contribuindo para um debate mais amplo sobre a circulação e a adaptação de obras históricas. Dessa forma, o estudo reafirma a relevância dos *Milagros de Nuestra Señora* para a Idade Média e para a literatura e os estudos culturais contemporâneos.

A tese permitiu uma análise elaborada da obra de Berceo, tanto do ponto de vista literário quanto tradutório. A partir da tradução comentada do prólogo e dos doze primeiros milagres, foi possível compreender a estrutura narrativa, os recursos poéticos e o impacto da devoção mariana na literatura medieval castelhana. Além disso, proporcionou reflexões sobre os desafios da tradução de textos medievais, destacando a necessidade de um equilíbrio entre fidelidade formal e acessibilidade ao leitor contemporâneo.

Do ponto de vista da tradução, o estudo demonstrou que a recriação de um texto medieval exige um conhecimento e pesquisa da língua original e uma sensibilidade estética e cultural para preservar a expressividade do autor sem comprometer a inteligibilidade do texto. Dessa forma, a tese contribui para o campo da tradução poética e da recepção de textos medievais, oferecendo um modelo que pode ser aplicado a outras obras da literatura mariana e hagiográfica.

A tese reforçou a importância da literatura medieval não simplesmente como objeto de estudo acadêmico, mas como um legado cultural que continua a dialogar com os desafios contemporâneos da tradução, da interpretação e da preservação do patrimônio literário. Ao revisar e traduzir os *Milagros de Nuestra Señora*, esta tese contribui para a valorização e para a difusão de um dos textos mais importantes da tradição mariana medieval, reafirmando sua relevância na construção do imaginário religioso e literário da Idade Média.

Entre as contribuições desta tese, destacamos a tradução inédita para o português do prólogo e dos doze primeiros poemas narrativos de *Milagros de Nuestra Señora*,

acompanhada de uma análise filológica e literária que oferece novos subsídios para a compreensão da obra. Esse esforço tradutório busca ampliar o acesso à literatura medieval espanhola para o público lusófono e enriquecer os estudos comparativos entre culturas e tradições literárias.

Além disso, o trabalho reafirma a relevância da literatura medieval empenhada como um campo fértil de investigação acadêmica. Ao examinar as interseções entre estética, pedagogia e religiosidade, a pesquisa contribui para uma revalorização da Idade Média como um período de intensa produção cultural, desafiando visões reducionistas que a limitam ao obscurantismo. A obra de Berceo, nesse sentido, surge como um testemunho da vitalidade intelectual e artística de seu tempo, evidenciando como o diálogo entre o sagrado e o cotidiano foi capaz de gerar textos de profundo impacto social e histórico.

Por fim, esta tese abre caminhos para futuras investigações. O corpus aqui traduzido e analisado pode ser expandido, com a tradução integral dos *Milagros de Nuestra Señora*, permitindo um estudo ainda mais abrangente. Além disso, outras obras do *mester de clerecía* e de literatura medieval espanhola podem ser exploradas em busca de outras relações entre texto, contexto e recepção. Esta tese, por último, contribuiu para os estudos sobre Gonzalo de Berceo e a literatura de devoção mariana e seus impactos na literatura de ficção não religiosa.

REFERÊNCIAS

ALVAR, Carlos. **Gonzalo de Berceo y el nacimiento de la literatura en castellano**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. Tradução de Luciano Rouanet Bastos. São Paulo: Paulus, 2022. (Coleção Patrística).

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo: 2015.

ARAÚJO, Gilvan Leite. E houve A Dedicção em Jerusalém (Jo 10,22). **Revista de Cultura Teológica**, ano XVIII, n. 97, set-dez 2020, p. 190. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/47980/pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. In: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1).

BERCEO, Gonzalo de. **Milagros de Nuestra Señora**. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/milagros-de-nuestra-senora--1/html/>. Acesso em: 23 dez. 2021.

BERCEO, Gonzalo de. **Obras completas**, coordenação de Isabel Uría. Madrid-Logroño: Espasa-Calpe, Governo de La Rioja, 1992.

BIAGGINI, Olivier. **Todos somos romeos que camino pasamos: homo viator dans le mester de clerecía**. Cahiers de linguistique hispanique médiévale, ano 2007, volume 30, número 1, p. 25-54. Disponível em: <https://www.vallenajerilla.com/berceo/biaggini/homoviatordansclerecia.htm>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Tradução da Escola Bíblica de Jerusalém**. Organização de Ana Flora Anderson, Gilberto da Silva Gorgulho e Ivo Stornido. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA (A). **Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida no Brasil**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BREA, Mercedes. **Demonios travestidos de santos. El caso del peregrino engañado por Satanás**. Edición digital a partir de J. Paredes y otros (eds.), De lo humano y lo divino en la literatura medieval. Santos, ángeles y demonios. Granada: Universidad de Granada, 2012, p. 109-122. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1135108>. Acesso em: 30 ago. 2024.

BREA, Mercedes. Milagros Prodigiosos y hechos maravillosos en las cantigas de Santa Maria. **Revista de Literatura Medieval**, v. 5, 1993, p. 47-61.

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. “Pecado”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. Coordenador da Tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2006, p. 337-351.

Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil / Vera Lúcia Miranda Faillace (org.). Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

CATENA, Elena. **Iniciación a la historia de la literatura española. Literatura medieval española**. Ministério de Cultura, 1978 (2ª ed. 1979), p. 7-34. Disponível em: <https://www.bibliotecagonzalodeberceo.com/berceo/catena/literaturamedievalsapagnola.htm>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CESARÉIA, Eusébio. **História Eclesiástica**. Tradução de Lucy Iamkami (Livros 1 a 8) e Luís Aron de Macedo (Livros 9 e 10). 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionários de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COLLINS, Roger. **Early Medieval Europe, 300–1000**. London: Macmillan, 1991.

COMUNITÀ DI BOSE (org.). **Maria: Testi teologici e spirituali dal I al XX secolo**. 4. ed. Milano: Arnoldo Mondadori, 2003.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madrid: Gredos, v. IV, 1981.

CUNHA, Viviane. **O homo viator no espaço da natureza: uma análise do Prólogo dos Milagros de Nuestra Señora, de Gonzalo de Berceo**. *Olivar*, v. 17, n. 26, e015, dez. 2016. ISSN 1852-4478. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria. Disponível em: <https://www.olivar.fahce.unlp.edu.ar/article/view/OLJe015/9270>. Acessado em: 24 fev. 2025.

DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea: vidas de santos**. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300–1800**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELUMEAU, Jean. **O que sobrou do paraíso**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DIAS, Karine Grazielle. **O Codex Calixtinus: milagres e maravilhas no século XII**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **El Codice Calixtino de la Catedral de Santiago: Estudio Codicológico y de contenido**. Com a colaboração de M. Araceli García Piñeiro e Pilar del Oro Trigo. Santiago de Compostela: Centro de Estudos Jacobeos, 1988.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **Codex Calixtinus**. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (coord.). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. “**Caminos y Caminantes a Compostela – Una evocación**”. In: *Actas Congreso sobre O CAMIÑO XACOBEO EM OURENSE*. Ourense, 29 set. a 02 out. 1993. Xunta de Galicia, 1995. p. 145-163.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **De Santiago y de los Caminos de Santiago**. Coleção de inéditos e dispersos reunida e preparada por Manuela Domínguez García. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1997.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **Las tres grandes peregrinaciones vistas desde Santiago**. In: *Santiago, Roma, Jerusalén: Actas del III Congreso Internacional de Estudios Jacobeos*. Ed. de Paolo Caucci Von Saucken. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *Liber sancti Jacobi*. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (coord.). **Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa**. Tradução de José Colaço Barreiros e Artur Guerra. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **Las peregrinaciones y la peregrinación a Santiago**. In: *Actas do V Congresso de Arqueologia Medieval Española*. Valladolid, 22 a 27 mar. 1999. v. 1, 2001. p. 417-422.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **La cultura medieval y los mecanismos de producción literaria**. Universidad de Santiago – VII Semana de Estudios Medievales del 29 de Julio al 2 de Agosto, 1996. Nájera: Instituto de Estudios Riojanos, 1997. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/manueldiaz/culturamedieval.htm>. Acesso em: 09 jun. 2022.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **Libros y librerías en La Rioja altomedieval**. Logroño: IER, 1991.

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. **Documentos del archivo del monasterio de San Millán en que figura como testigo don Gonzalo de Berceo**. In: PEÑA, Joaquín (ed.). *Apéndice de Páginas Emilianenses*. San Millán de la Cogolla: Monasterio de Yuso, 1980. Disponível em: <https://www.vallenajerilla.com/berceo/apendice.htm>. Acesso em: 27 jan. 2025.

DICIONÁRIO DE MARIOLOGIA: dirigido por Stefano de Fiores e Salvatore Meo. Tradutores: Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995. FLORES..... (org).

DICIONÁRIO DE SÍMBOLO: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekink; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DICIONÁRIO DO LATIM ESSENCIAL. Antônio Martinez de Rezende, Sandra Braga Bianchet. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DOMÍNGUEZ, Juan Antonio Ruiz. **El mundo espiritual de Gonzalo de Berceo**. Governo de La Rioja. Instituto de Estudios Riojanos. Logroño, 1999, capítulo primeiro (p. 22-30). Disponível em: http://www.vallenajerilla.com/notabene/indice_teologo.htm. Acesso em: 12 ago. 2022.

DOURADO-LOPES, Antonio Orlando. **A imagem dos deuses nos poemas homéricos**. Artefilosofia, Ouro Preto, n. 14, julho 2013.

DOURADO-LOPES, Antonio Orlando. **A inutilidade dos homens. Considerações sobre a condição humana nos poemas homéricos e no de Hesíodo**. Phaos, UNICAMPI, Campinas, n. 09, julho 2009, pp. 09-115.

DUBY, Georges. **O ano mil**. Lisboa. Tradução de Ana Filipa Raposos de Magalhães: Edições 70, 1986.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais: A arte e a sociedade (980-1420)**. Lisboa: Estampa, 1993.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. Tradução de xxxxx. 2.^a ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos**. Tradução de Eugênio Michel da Silva e Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

DUBY, Georges. **L'An Mil, L'an Deux Mille, sur les traces de nos peurs**. Textuel, Paris, 1995.

DUTTON, B. Móviles de Berceo. In: RICO, Francisco (org.). **Historia y crítica de la literatura española. Edad Media**. Barcelona: Editorial Crítica, 1980, v. 1.

DUTTON, B. Gonzalo de Berceo: algunos datos biográficos. **Actas I** (1962). Birkbeck College, Universidad de Londres, 1962. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/dutton/biografiaberceo.htm>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DUTTON, B. The Profession of Gonzalo de Berceo and the Paris Manuscript of the Libro de Alexandre, **Bulletin of Hispanic Studies**, 37 (1960), p. 137-145; traduzido em Berceo, 80 (1968), p. 285-294.

DUTTON, B. “Gonzalo de Berceo: unos datos biográficos”, en PIERCE, Frank y JONES, Cyril A. (eds.), **Actas del I Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas**, (Oxford, 6-11 septiembre 1962), Oxford, The Dolphin Book, 1964, p. 249-254. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/dutton/biografiaberceo.htm>. Acesso em: 09 ago. 2022.

DUTTON, B. “French influences in the Spanish Mester de Clerecía”, en DUTTON, Brian *et al.* (ed.), **Medieval Studies in honor of Robert White Linker**, Valencia, Castalia, 1973, p. 73-93.

ECO, Humberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Tradução de Mario Sabino Filho, Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESTRADA, Francisco López. **Introducción a la literatura medieval española**. Sánchez Pacheco, Madrid, Espanha, 1979.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda (org.). **Catálogo dos livros das horas da Biblioteca Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: JBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

FARIA, Jacir de Freitas. **Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos**. Poder e heresias: Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009.

FERNANDES, A. H. “Secularização”. **Dicionário de Filosofia Moral e Política** (2019), 2.^a série, coord. António Marques e André Santos Campos. Lisboa: Instituto de Filosofia da Nova, 2019. URL: <http://www.dicionariofmp-ifilnova.pt/secularizacao>. Acesso em: 23 nov. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha. **Poesia e Prosa Medievais**. Lisboa: Ulisseia, s/d.

FIDALGO, Elvira. **Sobre las fuentes de los Miraglos de Santiago**, BHS, 82, 2005, p. 293-312.

FILGUEIRA VALVERDE, J. **La Estela Literária de Compostela**, Historia 16, n. 75, 1982, p. 106 -116.

FLORI, Jean. “Jerusalém e as Cruzadas”. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean Claude (coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. Coordenador da Tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2006. p. 7-24.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Peregrinos, monges e guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval**. São Paulo: Hucitec, 1990.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Os três dedos de Adão: Ensaios de Mitologia Medieval**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GARCIA de CORTÁZAR, J. Ángel. “El hombre medieval como “Homo viator”: Peregrinos y Viajeros”, IV Semana de Estudios Medievales, Logroño, 1993. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/los-viajeros-medievales--0/>. Acesso em: 26 mai. 2024.

GARIANO, Carmelo. **Análisis estilístico de los ‘Milagros de Nuestra Señora’ de Berceo**. Madrid: Gredos, 1965.

GARIANO, Carmelo. **El enfoque estilístico y estructural de las obras medievales**. Ediciones Alcalá Colección Aula Magna. Madrid, 1968. Disponível em: <https://www.vallenajerilla.com/berceo/carmelogariano/estructuramilagros.htm>. Acesso: 25 jul. 2024.

GERLI, Michael. **Milagros de Nuestra Señora**. Madrid: CATEDRA Letras Hispánicas, 1992.

GILBERT, P. **Introdução à teologia medieval**. São Paulo: Loyola, 1999.

GONZÁLEZ, Javier Roberto. **La alegoría cristiana o in Factis en el Prólogo de los Milagros de Nuestra Señora de Berceo**. RLM, XXII. 2010, p. 105-154. ISSN: 1130-3611. Disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/10455>. Acesso em: 01 jun. 2024.

GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

GRAEF, Hilda M. **La mariología y el culto mariano a través de la historia**. Barcelona: Herder, 1968.

HISTÓRIA COMPOSTELANA (HC). Tradução de Emma Falque Rey. **Madrid: Ediciones Akal**, 1994.

HOMERO. **Ilíada**; tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

KASCHEL, Werner e ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

LANCHETAS, Rufino. **Gramática y vocabulario de las obras de Gonzalo de Berceo**, Madrid, Real Academia Española, 1900. Versão on-line Disponível em: <https://www.rae.es/archivo-digital/gramatica-y-vocabulario-de-las-obras-de-gonzalo-de-berceo#page/123/mode/2up/search/bildur>. Acesso em: 28 dez. 2023.

LANCIANI, Giulia. & TAVANI, Giuseppe (org. e coord.), G. **Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa**. Traduções: José Colaço Barreiros e Artur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993.

LAPA, M. Rodrigues. **Lições de literatura portuguesa. Época Medieval**. Coimbra: Coimbra Editora, 1955.

LAUWERS, Michel. **Morte e mortos**. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Coordenador da Tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2006, p. 243-261.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Tradução: José Rivair de Machado. Bauru, SP: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques ; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Coordenador da Tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: Edusc, 2006. Volumes I e II.

LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada**. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LE GOFF, J. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Tradução: Marcos de Castro – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2011.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média**. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2011.

LE GOFF, Jacques (org.). **O homem medieval**. Tradução de Maria Jorge Vitar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. **L'exemplum et la rhétorique de la prédication aux XIIIe et XIVe siècles**, Colloque de l'Associazione per il Medioevo e l'Umanesimo latini consacré à Retorica e Poetica tra i secoli XII e XIV, 1985, p. 3-28.

LIBER SANCTI JACOBI, **Codex Calixtinus**. Tradução De A. MORALEJO, A. TORRES e J. FEO, Santiago de Compostela, 1951 (Reedição: Santiago: Xunta de Galicia, 1998).

LUCAS, Joaquim Benito de. **Milagros de Nuestra Señora**. Introducción, notas y versión modernizada: Joaquín Benito de Lucas. Barcelona: Calle Recofort 104, 1988.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. **Maravilhas de São Tiago**. Narrativas do *Liber Sancti Jacobi* (Codex Calixtinus). Niterói: EdUFF, 2005.

MANSILLA, Augustín Rico. **En torno a Gonzalo de Berceo: Los milagros de Nuestra Señora y el culto a la Virgen**. Biblioteca Gonzalo de Berceo, 2004. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/arm/ricomansilla.htm>. Acesso em: 08 set. 2022.

MENENDEZ PELAEZ, J. **Historia de la Literatura Española**. Vol I. *Edad Media*. Madrid: Editorial Everest, 1993.

MEO, Salvatore; FIORES, Stefano de (org.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MESCHONNIC, Henri. **Linguagem, ritmo e vida**. Extratos traduzidos por Cristiano Florentino. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006.

MIRANDA, Lidia Raquel. **Sentido y alcances de la descripción del Paraíso en la Introducción de los Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo.** In: ZIERER, Adriana. *Mirabilia: Paraíso, Purgatório e Inferno: A religiosidade na Idade Média.* Jan-Jun 2011/ISSN 1676-5818. Disponível em: http://www.bibliotecagonzalodeberceo.com/berceo/raquelmiranda/paraísoenlosmilagrosdeberceo.htm#_ftn1. Acesso em: 21 jul. 2023.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dicionário de Dogmática e Teologia Fundamental: Termos Gregos e Latinos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Aires A. **Milagres medievais numa coletânea mariana alcobacense.** Lisboa: Colibri, [s.d.].

Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española. Disponível em: <http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUILoginNtlle>. Acesso em: 27 jan. 2025.

PEREIRA, Manuel Sousa. **Vida Admirável da Reverendíssima Madre Mariana de Jesus Torres.** v. 2. São Paulo: Petrus Editora - Artpress, 2024. p. 69-70

PROENÇA, Eduardo de (org.). **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia.** Tradução de Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. Vols. 1, 2 e 3.

QUEJIGO, Francisco Javier Grande. **Aproximación a la literatura castellana de la Edad Media.** Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones, 2020. Cáceres (España).

RAMONEDA, A. M. (ed.). Introdução. In: GONZALO DE BERCEO. **Signos que aparecerán antes del juicio final. Duelo de la Virgen. Martírio de San Lorenzo.** Edição crítica de A. M. Ramoneda. Madrid: Castalia, 1980. p. 9-114.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (RAE-ES). **Diccionario de la lengua española.** 22. ed. Disponível em: <http://www.rae.es/rae.html>. Acesso em: 12 out. 2024.

RICO, Francisco. **Historia y crítica de la literatura española: Edad Media.** Barcelona: Crítica, 1980.

RODRIGUES, Fernando Ozorio. **As cantigas de Santa Maria de Afonso X: curso em 10 lições.** 1. ed. – Niterói (RJ): Parthenon Centro de Arte e Cultura, 2022.

ROZAS, Juan Manuel. **Composición literaria y visión del mundo: «El clérigo ignorante» de Berceo.** Biblioteca Virtual Miguel De Cervantes. Universidad Autónoma De Madrid, n.d. Web. 08 Mar. 2014. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/composicion-literaria-y-vision-del-mundo-el-clerigo-ignorante-de-berceo/html/d752d06c-a100-11e1-b1fb-00163ebf5e63_4.html#I_0. Acesso em: 27 dez. 2024.

RUCQUOI, Adeline. **O Caminho de Santiago: a criação de um itinerário.** Signum, v. 9, 2007, p. 95-120.

RUCQUOI, Adeline. **Santiago de Compostela y Europa: Intercambios? Identidad?** Identidad europea e intercambios culturales en el Camino de Santiago (Siglos XI-XV). Edición a cargo de Santiago López Martínez-Morás, Marina Meléndez Cabo, Gerardo

Pérez Barcala. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2013, p. 27-49.

RUIZ DOMINGUEZ, J. A. **El mundo espiritual de Gonzalo de Berceo**. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1999.

SANTO AGOSTINHO. **A Virgem Maria: Cem textos marianos com comentários**. Tradução e organização por Irmã Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1996.

SAUGNIEUX, Joël. **O vocabulário da morte na Espanha do século XIII segundo a obra de Berceo**. In: *A morte na Idade Média*. Herman Braet e Werner Verbeke (eds.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 147-179. (Ensaio de Cultura, 8).

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Romances e Canções Sefarditas (do séc. XV ao XX)**. Traduzidos do judeu-espanhol. Prefácio de Raúl Antelo e Posfácio da autora. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. **A construção medieval da memória de santos venerados na cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre um projeto de pesquisa em andamento**. In: *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n.4, Jun. 2016. Disponível em: https://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2016/06/46-Revista-Simonsen_N4-Andreia.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. (org.). **Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média**. Rio de Janeiro: HP Comunicações Editora, 2008.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da (org.). **Mártires, confessores e virgens: o culto aos santos no Ocidente Medieval**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre a Hagiografia Ibérica Medieval: Um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Reflexões acerca da formação intelectual e dos centros de ensino em Castela Medieval. In: **Plures Humanidades** – Revista da Coordenação de Pesquisa e Pós-graduação. Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda, 2001, ano 2, número 1, p. 27-45.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Ildefonso de Toledo no Legendário Abreviado de João Gil de Zamora. In: **ANPUH-RJ – XIX Encontro de História da ANPUH-RJ – História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação Científica**, 2020, 21-25. Disponível em: <https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais>. Acessado em: 01 de set. 2024.

SINGUL, Francisco. **O caminho de Santiago: a peregrinação ocidental na Idade Média**. Tradução de Maria do Amparo Tavares Maleval. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SPINA, Segismundo. **Manual de Versificação Românica Medieval**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SPINA, Segismundo. **A cultura Literária Medieval**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VAZ LEÃO, Ângela. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários**. São Paulo: Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2007.

VAZ LEÃO, Ângela. **Cantigas de Afonso X a Santa Maria: Antologia, tradução e comentários**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2011.

VAZ LEÃO, Ângela. **Novas leituras, novos caminhos: Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.

VELÁZQUEZ, Isabel. **Hagiografía y culto a los santos en la Hispania Visigoda: aproximación a sus manifestaciones literarias**. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 2002.

YAMAMOTO, Clara Magalhães. **A Anunciação e suas margens: As imagens das Horas da Virgem do Livro de Horas, Ms. 50,1,022, da Biblioteca Nacional**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, São Paulo, 2022, p. 80-97.

ZUMTHOR, Paul. **La medida del mundo**. Madrid: Cátedra, 1994.

ANEXO A

Introducción (ou Prólogo) de los *Milagros de Nuestra Señora*

1	Amigos e vasallos de Dios omnipotent, si vos me escuchádes por vuestro consiment, querriavos contar un buen aveniment: terrédeslo en cabo por bueno verament.	1	Amigos e vassalos – de Deus onipotente, se vos me escutar – de maneira concedente, queria vos contar – um fato transcendente, que o terás, ao fim – por bom e excelente.
2	Yo maestro Gonzalvo de Berceo nomnado, yendo en romería caeci en un prado, verde e bien sencido, de flores bien poblado, logar cobdiciaduro pora homne cansado.	2	Eu, mestre Gonzalo – de Berceo nominado, indo em romaria – estive em um prado, muito verde e todo intacto – de flores bem povoado, um lugar desejado – para um homem cansado.
3	Daban olor sovejo las flores bien olientes, refrescaban en homne las caras e las mientes; manaban cada canto fuentes claras corrientes, en verano bien frías, en ivierno calientes.	3	Exalavam odor forte – as flores bem cheirosas, refrescavam o homem – as faces e as mentes; manava em cada canto – águas claras correntes, no verão bem frias – no inverno quentes.
4	Habién y grand abondo de buenas arboledas, milgranos e figueras, peros e mazanedas, e muchas otras fructas de diversas monedas, mas non habié ningunas podridas ni acedas.	4	Havia grande abundância – de bons arvoredos, romãs e figueiras – peras e macieiras, e muitas outras frutas – de diversas maneiras, mas não havia nenhuma – nem podre, nem azeda.
5	La verdura del prado, la olor de las flores, las sombras de los árboles de temprados sabores, resfrescáronme todo e perdí los sudores: podrié vevir el homne con aquellos olores.	5	O verde do prado – o cheiro das flores, as sombra das flores – de amenos sabores, refrescaram-me todo – e perdi os calores: podia viver o homem – com aqueles odores
6	Nunca trobé en siglo lugar tan deleitoso, nin sombra tan temprada ni olor tan sabroso; descargué mi ropiella por yacer más vicioso, poséme a la sombra de un árbol fermoso.	6	Nunca encontrei no mundo - lugar tão prazeroso, nem sombra tão amena – nem cheiro tão saboroso; tirei meu casaco – para fazer mais gostoso, deitei-me a sombra – de um arbusto formoso.
7	Yaciendo a la sombra perdí todos cuidados, odí sonos de aves, dulces e modulados: nunca udieron homnes órganos más temprados, nin que formar pudiesen sonos más acordados.	7	Deitando-me a sua sombra – esqueci os cuidados, ouvi sons da aves – doces e ritmados: nunca assistiu nenhum homem – órgãos mais bem tocados, nem que pudessem conceber – sons mais acordados.
8	Unas tenién la quinta, e las otras doblaban; otras tenién el punto, errar no las dejaban; al posar e al mover, todas se esperaban, aves torpes nin roncás y non se acostaban.	8	Umas teriam a quinta – e as outras dobravam, outras teriam o ponto – errar não as deixavam: ao pousar, ao mover – todas as acompanhavam, aves torpes nem roucas – ali não se encontravam.
9	Non serié organista nin serié violero, nin giga, nin salterio nin mano de rotero, nin estrument nin lengua nin tan claro vocero cuyo canto valiese con esto un dinero.	9	Não seria organista – nem seria violeiro, nem gigue, nem saltério – nem mão de roteiro, nem instrumento, nem língua – nem claro vozerio cujo canto valesse – junto a isso um dinheiro.
10		10	

Peroque vos disiemos non contamos la diezmas, que habié de noblezas que no las contaríen	todas estas bondades, esto bien lo creades: tantas diversidades priors ni abades.	Mesmo que dissésemos – todas estas bondades, Não contamos nem um décimo – destas verdades: que havia de nobrezas – tantas diversidades que não os contaria – nem priores, nem abades.
11 El prado que vos digo por calor nin por frío siempre estaba verde non perdrie la verdura	habíe otra bondat: non perdié su beltat, en su entegredat, por nulla tempestat.	11 O prado que vos digo – tinha outra bondade: nem por calor nem por frio – não perdia a beldade, sempre estava verde – em sua integridade, não envelhecia o verdor – por nula tempestade.
12 Manamano que fui de todo el lacerio oblidé toda cuita ¡Qui allí se morase	en tierra acostado, fui luego folgado; el lacerio pasado: serié bienventurado!	12 Em seguida, como fui – em terra deitado, de toda minha tristeza – encontrei-me libertado; esqueci toda tristeza – todo pesar passado: aquele que ali habitasse – seria afortunado!
13 Los homnes e las aves, levaban de las flores mas mengua en el prado por una que levaban	cuantos acaecién, cuantas levar querién, niguna non facién: tres e cuatro nacién.	13 Os homens e as aves – quantas apareciam, levavam das flores – quantas levar queriam, mas secas no prado – de flores nunca haviam: por uma que levavam – três ou quatro nasciam.
14 Semeja esti prado en qui Dios tan grand gracia, tan grand bendición miso; el que crió tal cosa homne que y morase	egual de Paraíso, tan grand bendición maestro fue anviso: nunca perdié el viso.	14 Semelhante este prado – só o Paraíso, Em que Deus agraciou – com bênçãos ele fez isso; Ele que criou tal coisa – não foi em dons remisso: Para ser venturoso – morar ali é preciso
15 El fructo de los árboles si don Adám hobiese de tan mala manera nin tomarién tal daño	era dulz e sabrido; de tal fructo comido, non serié decibido, Eva ni so marido.	15 O fruto das árvores – era doce, de sabor esplêndido, se Adão tivesse – de tal fruto comido, de tão mal maneira – não lhe haveriam mentido, nem tomariam tal dano – Eva e seu marido.
16 Señores e amigos, palabra es oscura, tolgamos la corteza, prendamos lo de dentro,	lo que dicho habemos esperarla queremos; al meollo entremos, lo de fuera desemos.	16 Amigos e senhores – isto que dissemos são palavras escuras – expô-las queremos: retiramos a capa – no miolo entremos, tomemos o de dentro – o de fora deixemos.
17 Todos cuantos vevimos, siquiere en preson todos somos romeos San Peidro lo diz esto,	que en pïedes andamos, o en lecho yagamos, que camino andamos, por él vos lo probamos.	17 Todos nós enquanto vivemos – e pelo mundo andamos ainda que em prisão estejamos – ou em leito jazamos, todos somos romeiros – pelos caminhos andamos, São Pedro disse isto – por ele nos provamos.
18 Cuanto aquí vivimos la ficanza durable la nuestra romería cuando a Paraíso	en ajeno moramos; suso la esperamos; estonz la acabamos, las almas enviámos.	18 Enquanto aqui vivemos – em alheio moramos; A morada durável – acima a esperamos; A nossa romaria – então a acabamos, Quando ao Paraíso – as almas enviamos.
19 En esta romería en qui trova repaire la Virgin Gloriosa, del cual otro ninguno	habemos un buen prado tot romeo cansado: madre del buen Criado, egual non fue trobado.	19 Nesta romaria – havemos um bom prado onde encontra refúgio – o romeiro cansado: é a Virgem Gloriosa – madre do bom Criado, do qual nenhum outro – igual a ele foi encontrado.

20	Esti prado fue siempre ca nunca hobo mácula post partum et in partu ilesa, incorrupta	verde en honestat, la su virginidat, fue virgin de verdat, en su entegredat.
21	Las cuatro fuentes claras los cuatro evangelios, ca los evangelistas cuando los escribién,	que del prado manaban eso significaban, cuatro que los dictaban, con ella se fablaban.
22	Cuanto escribién ellos, eso era bien firme parece que el riego cuando a menos d'ella	ella lo emendaba, lo que ella laudaba; todo d'ella manaba nada non se guiaba.
23	La sombra de los árboles, en qui ave repaire sí son las oraciones que por los pecadores	buena, dulz e sanía, toda la romería, que faz Santa María, ruega noche e día.
24	Cuantos que son en mundo, coronados e legos, allí corremos todos, todos a la su sombra	justos e pecadores, reis e emperadores, vasallos e señores, imos coger las flores.
25	Los árboles que facen son los santos miraclos ca son mucho más dulces	sombra dulz e donosa que faz la Gloriosa, que azúcar sabrosa,
	la que dan al enfermo	en la cuita rabiosa.
26	Las aves que organan que han las dulces voces, estos son Agustino, cuanto que escribieron	entre esos fructales, dicen cantos leales, Gregorio, otros tales, los sos fechos reales.
27	Estos habién con ella en laudar los sos fechos	amor e atencencia, metién toda femencia;
	todos fablaban d'ella, pero tenién por todo	cascuno su sentencia, todos una creencia.
28	El roseñor que canta siquiere la calandria mucho cantó mejor e los otros profetas,	por fin maestría, que faz grand melodía, el barón Isaia honrada compañía.
29	Cantaron los apóstolos confesores e mártires las vírgines siguieron	muedo muy natural, facien bien otro tal; la gran Madre caudal,
20	Este prado foi sempre – verde de honestidade, Porque nunca houve mancha – em sua virgindade, “post partum et in partu” – foi virgem de verdade, ilesa e incorrupta – em sua integridade.	
21	As quatro fontes claras – que do prado emanavam, os quatro evangelhos – isso significavam, que os evangelistas – quatro que os ditavam, quando os escreviam – com a Virgem falavam.	
22	Quando eles escreviam – ela que comandava, isso era bem firme – o que ela admirava; parecia que a fonte – todo dela emanava o que ela não dizia – não se registrava.	
23	A sombra das árvores – boa, doce e sóbria, donde encontra refúgio – toda a romaria, é como orações – que faz Santa Maria, que pelos pecadores – roga de noite e de dia.	
24	Quantos são no mundo – justos e pecadores, coroados e leigos – reis e imperadores, ali corremos todos – vassallos e senhores, todos embaixo de sua sombra – vamos colher as flores.	
25	As árvores que fazem – sombra doce e graciosa são os santos milagres – que faz a Gloriosa, que são muito mais doces – que a doçura saborosa, a que dão ao enfermo – na aflição dolorosa.	
26	E as aves que gorjeiam – entre tantas frutas, Que têm doces vozes – dizem cantos leais, Essas são Agostinho – Gregório e outros tais, e àqueles que escreveram – dos seus feitos reais.	
27	Estes tinham com ela – amor e dependência, em felicitar-lhe seus feitos – colocavam toda veemência, todos falavam dela – cada um com sua sentença, mas todos tinham – a mesma crença.	
28	O rouxinol que canta – com grande maestría, e também a calandra – que faz grande melodia, muito melhor cantou – o barão Isaías e os outros profetas – honrada companhia.	
29	Cantaram os apóstolos – canto muito natural, confessores e mártires – faziam bem outro tal; as virgens seguiram – a grande mãe torrencial,	

cantan delante d'ella	canto bien festival.	cantam diante dela – canto bem festival.
30		30
Por todas las eglesias, cantan laudes ant ella todos li facen cort estos son roseñoles	esto es cada día, toda la clerecía: a la Virgo María; de grand lacertería.	Por todas as igrejas, – se dá isto a cada dia, cantam louvores diante dela – toda a clerezia: todos fazem-lhe a corte – à Virgo Maria, estes são rouxinóis – de grande alegria.
31		31
Tornemos ennas flores que lo facen fermoso,	que componen el prado, apuesto e temprado;	Tornemo-nos as flores – que compõem o prado, as que fazem gracioso – adornado e bem moderado;
las flores son los nomnes a la Virgo María,	que li da el dictado madre del buen Criado.	as flores são os nomes – que dão no ditado a Virgo Maria – mãe do bom Criado.
32		32
La benedicta Virgen estrella de los mares, es de los marineros ca cuando ésa veden	es estrella clamada, guñona deseada, en las cuitas guardada, es la nave guiada.	A bendita Virgem – é estrela chamada, estrela dos mares – guia desejada, é dos marinheiros – nas aflições guardada, porque quando a vêem – é a nave salva.
33		33
Es clamada, y éslo tiempo de Jesu Cristo, señora natural, de cuerpos e de almas	de los cielos, reina, estrella matutina, piadosa vecina, salud e medicina.	É chamada, e o é – dos Céus Rainha, templo de Jesus Cristo, – estrela matutina, senhora natural – e piedosa vizinha, de corpos e de almas – saúde e medicina.
34		34
Ella es vellocino en qui vino la pluvia, ella es dicha fonda con la cual confondió	que fue de Gedeón, una grand visión; de David el varón al gigant tan felón.	Ela é o velocino ³¹⁰ – que foi de Gideão em quem veio a chuva, – como uma grande visão; ela é dita a funda ³¹¹ – de Davi o varão com a qual confundiu – o gigante vilão.
35		35
Ella es dicha fuent ella nos dio el cebo ella es dicha puerto e puerta por la cual	de qui todos bebemos, de qui todos comemos; a qui todos corremos, entrada atendemos.	Ela é dita a fonte – de quem todos bebemos, e nos deu o alimento – do qual todos comemos; ela é chamada porto – a quem todos corremos, e porta pela qual – nossa entrada queremos.
36		36
Ella es dicha puerta pora nos es abierta ella es la palomba en qui non cae ira,	en sí bien encerrada, pora darnos la entrada; de fiel bien esmerada, siempre está pagada.	Ela é dita porta – em si bem cerrada, a nos aberta – para dar-nos a entrada; é ela a pomba – de fiel bem esmerada, em quem não cai ira, – sempre está pacificada.
37		37
Ella con grand derecho ca es nuestra talaya, ella es dicha trono reñ de grand justicia,	es clamada Siñon, nuestra defensión: del reñ Salomón, sabio por mirazón.	Ela com grande direito – é chamada Sião, porque é nossa atalaia – e nossa proteção: ela é dita trono – do rei Salomão, rei de grande justiça, – sábio por grande razão.
38		38

³¹⁰ Pele do carneiro, da ovelha, do carneiro, recoberto de lã. Na Bíblia faz referência à história de Gideão (Jz 6.36-40) – Nessa passagem bíblica, Gideão é um homem humilde, mas com muitas dúvidas, pede à Deus um sinal da conformação divina. Assim, ele coloca um velo de lã no chão e pede dois milagres para Deus. O primeiro sinal, ele procura o orgalho no velo, o segundo sinal, ele procura orvalho no chão.

³¹¹ Arma feita de uma tira estreita de couro, alargada no meio, usada para atirar uma pedra ao longe. Numa das pontas da tira há uma alça, que é segurada pelo atirador ao girar a funda sobre a cabeça, enquanto que a outra ponta é solta, no momento certo, para lançar a pedra (referências na Bíblia: Jz 20.16; 1Sm 17.49). (KASCHER, Werner e ZIMMER, Rudi. Dicionário da Bíblia de Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p.160)

Non es nomne ninguno que bien derecho avenga que en alguna guisa a ella non avenga; non ha tal que raíz en ella no la tenga, nin Sancho nin Domingo, nin Sancha nin Domenga.	Não existe nome algum – que bem direito tenha que de alguma maneira – com ela não convenha; não há tal que sua raíz – nela não a tenha, nem Sancho e Domingo – nem Sancha e Dominga.
39 Es dicha vid, es uva, almendra, malgranada, que de granos de gracia está toda calcada, oliva, cedro, bálsamo, palma bien ajumada, piértega en que sovo la serpiente alzada.	39 É dita videira, é uva – é amêndoa, é granulada, que de grãos de graça – está toda carregada, oliva, cedro, bálsamo – palma bem alargada, vara na que estava – a serpente levantada.
40 El fust que Moisés enna mano portaba, que confundió los sabios que Faraón preciaba, el que abrió los mares e después los cerraba, si non a la Gloriosa ál non significaba.	40 A vara que Moisés – na mão postava, que confundiu os sábios – que Faraó apreciava, a que abriu os mares – e depois os fechava, se não é a Gloriosa – nada significava.
41 Si metiéremos mientes en el otro bastón que partió la contienda que fue por Aarón, ál non significaba, como diz la lección, si non a la Gloriosa, esto bien con razón.	41 Se considerarmos – no outro bastão que partiu a contenda – que foi em favor de Arão, nada significava, – o que disse a lição, se não é a Gloriosa, – e com muita razão.
42 Señores e amigos, en vano contendemos, entramos en grand pozo, fondo no'l trovaremos; más serién los sus nomnes que nos d'ella leemos que las flores del campo, del más grand que sabemos.	42 Senhores e amigos, – em vão brigamos, Entramos em grande poço, – fundo não encontraremos: Maiores seriam os nomes – que dela lemos Que as flores do campo – da maior que encontremos.
43 Desuso lo disiemos que eran los fructales en qui facién las aves los cantos generales los sus sanctos miraclos, grandes e principales, los cuales organamos ennas fiestas caubdales.	43 Acima o dizemos – o que eram os frutais em que faziam as aves – seus cantos gerais: são seus santos milagres, – grandes e principais, os quais louvamos – nas festas sociais.
44 Quiero dejar con tanto las aves cantadores, las sombras e las aguas, las devantdichas flores; quiero d'estos fructales tan plenos de dulzores fer unos pocos viesos, amigos e señores.	44 Quero deixar, no entanto – os pássaros cantores, as sombras e as águas, – as ditas flores; quero destes frutos – tão cheios de doces, fazer alguns versos, – amigos e senhores.
45 Quiero en estos árboles un ratiello sobir e de los sos miraclos algunos escribir; la Gloriosa me guíe que lo pueda cumplir, ca yo non me trevría en ello a venir.	45 Quero nestas árvores – um instante subir e de tantos milagres – alguns redigir a Gloriosa me guie – que o possa cumprir, o que não me atreveria – sem sua ajuda seguir.
46 Terrélo por miláculo que lo faz la Gloriosa si guiarme quisiere a mí en esta cosa; Madre, plena de gracia, reina poderosa, tú me guía en ello, ca eres piadosa.	46 Eu vou tê-lo por milagre – que me fez a Gloriosa se me guiar quiser – a mim em tão doce coisa: Mãe, cheia de graça, – Rainha muito poderosa, tu me guia nele, – pois é muito piedosa.

Milagros de Nēstra Señora – primeira versão para o português

Milagre I – La casulla de san Ildefonso – A casula³¹² de São Ildefonso

47	En España cobdicio en Toledo la magna, ca non sé de cual cabo ca más son que arenas	de luego empezar, un famado logar, empiece a contar en riba de la mar.
48	En Toledo la buena, que yace sobre Tajo, hobo un arzobispo, que fue de la Gloriosa	esa villa real, esa agua cabdal, coronado leal, amigo natural.
49	Diciénli Ildefonso, pastor que a su grey homne de sancta vida que nos mucho digamos,	dizlo la escriptura, daba buena pastura, que trasco grand cordura, so fecho lo mestura.
50	Siempre con la Gloriosa nunca varón en dueña	hobo su atencencia, metió mayor querencia;
	en buscarli servicio facié en ello seso	metié toda femencia, e buena providencia.
51	Sin los otros servicios, dos yacen en escripto, fizo d'ella un libro de su virginidat	muchos e muy granados, éstos son más notados, de dichos colorados contra tres renegados.
52	Fizo'l otro servicio fizoli una fiesta La que cae en marzo, quando Gabriel vino	el leal coronado, en diciembre mediado. día muy señalado, con el rico mandado.
53	Cuando Gabriel vino quando sabrosamientre e dísolí por nuevas estando tan entrega	con la mesagería, diso «Ave María», que parrié Mesía como era al día.
54	Estonz cae un tiempo, non canta la egleisia non lieva so derecho Si bien lo comediéremos,	esto por conocía, canto de alegría, tan señalado día. fizo grand cortesía.
55		

³¹² Casula - Paramento religioso que o sacerdote coloca sobre a alva, para a celebração da missa. Pode ser túnica ou manto, mas preferi por usar casula, uma vez que pode ser melhor empregada na rítmica e rimas do poema.

Fizo gran providencia que puso esa festa asentó buena viña la Madre con el Fijo,	el amigo leal, cerca de la Natal; cerca de buen parral, par que non ha igual.	Fez grande providência – o amigo leal, já que colocou esta festa – a cerca do Natal, assentou boa vinha – a cerca de bom parreiral, a Mãe com o Filho, – porque não tem igual.
56 Tiempo de cuaresma nin cantan «Aleluya» todo esto asmaba hobo luego por ello	es de aflicción, nin facen procesión; el anviso varón, honrado gualardón.	56 Tempo de quaresma – é tempo de aflição, não canta aleluia – nem se faz procissão; tudo isso se pensava – o sábio varão, houve logo por ele – honrado galardão.
57 Señor Sant Illefonso, facié a la Gloriosa fincaron en Toledo que non fueron a Misa	coronado leal, festa muy general; pocos en su hostel a la sied obispal.	57 Senhor são Ildefonso, – coroado leal, fez à Gloriosa – festa muito geral; ficaram em Toledo – poucos em sua estau ³¹³ que não foram à Missa – à sé episcopal.
58 El sancto arzobispo, por entrar a la Misa en su preciosa cátedra aduso la Gloriosa	un leal coronado, estaba aguisado; se sedié asentado; un present muy honrado.	58 O santo arcebispo, – um leal coroado, para entrar na Missa – estava preparado: em sua preciosa cátedra – encontrava-se sentado; trouxe a Gloriosa – um presente muito honrado.
59 Apareció'l la Madre con un libro en mano el que él habié fecho plógo'l a Illefonso	del Rey de Magestat de muy grand claridat: de la virginidat; de toda voluntat.	59 Apareceu para ele a Mãe – do Rei de Majestade, com um livro na mão – de grandiosa claridade: o livro que havia feito – da sua virgindade; a Ildefonso lhe deleitou – de boa vontade.
60 Fízoli otra gracia dioli una casulla obra era angélica, fablóli pocos vierbos,	cual nunca fue oída: sin aguja cosida; non de homne tejida, razón buena, complida.	60 Fez-lhe outra graça – a qual nunca fora ouvida: deu-lhe uma casula – sem agulha cosida; era uma obra angelical – não de homem tecida falou-lhe poucas palavras, – de boa razão, cumprida.
61 «Amigo, -díso'l- sepas ásme buscada honra	que só de ti pagada, non simple, ca doblada:	61 Disse-lhe: “Amigo, saibas – que sou de ti paga, há buscado em mim honra – não simples, mas dobrada:
fecist de mí buen libro, fecístme nueva festa	ásme bien alabada, que non era usada.	de mim fizeste um bom livro – de ti sou louvada, fizeste para mim nova festa – que não era empregada.
62 A la tu Misa nueva adúgote ofrenda casulla con que cantes, hoy en el día sancto	d'esta festividat, de grand auctoridat: preciosa de verdat, de la Navidat.	62 A tua festa nova – desta festividade, esta oferenda te trago – de grande autoridade: casula com que revele – preciosa de verdade, hoje no dia santo – de Natividade.
63 De ser en la cátedra al tu cuerpo señero de vestir esta alba otro que la vistiére	que tú estás posado, es esto condonado; a ti es otorgado, non será bien hallado.»	63 Ao acomodar-se na cátedra – que tu estás sentado, ao teu corpo notável – isto lhe és aceitado; de vestir esta alba – a ti és outorgado, outro que a vestires – não será bem olhado.”
64 Dichas estas palabras, tolióseli de ojos,	la Madre gloriosa non vío nulla cosa;	64 Ditas estas palavras – pela Mãe gloriosa se ocultou de seus olhos, – não se viu nenhuma cousa;

³¹³ Estau: albergue.

acabó su oficio de la Madre de Cristo,	la persona preciosa criada e esposa.	assim acabou seu ofício – a pessoa preciosa da Mãe de Cristo, – criada e esposa.
65 Esta festa preciosa en general concilio es por muchas eglesias mientras el sieglo fuere	que habemos contada fue luego confirmada: fecha e celebrada, non será olvidada.	65 Esta festa preciosa – que fora contada em geral concílio – foi logo confirmada: é por muitas igrejas – guardada e celebrada; enquanto o mundo exista – nunca será ocultada.
66 Quando plogo a Cristo, finó Sant Ildefonso, honrólo la Gloriosa, dio'l gran honra al cuerpo,	al celestial Señor, precioso confesor; Madre del Criador, a la alma muy mejor.	66 Quando aprouve a Cristo – ao celestial Senhor, morreu São Ildefonso, – precioso confessor: honrou-lhe a Gloriosa – Mãe do Criador, deu-lhe grande honra ao corpo, – à alma, melhor.
67 Alzaron arzobispo era mucho sobervio	un calonge lozano, e de seso liviano;	67 Nomearam arcebispo – um cônego sano era muito soberbo de alma – e de pensamento leviano;
quiso eguar al otro, por bien non gelo tovo	fue en ello villano, el pueblo toledano.	quis igualar ao outro – e foi nisto infame, por bem não o teve – o povo toledano.
68 Posóse enna cátedra demandó la casulla diso palabras locas pesaron a la Madre	del su antecesor, que'l dio el Criador; el torpe pecador, de Dios Nuestro Señor.	68 Assentou-se na cátedra, – a de seu antecessor, demandou a casula – que lhe deu o Criador, disse palavras loucas – o torpe pecador, pesaram à Mãe – de Deus Nosso Senhor.
69 Diso unas palabras «Nunca fue Ildefonso tan bien so consagrado todos somos eguales	de muy grand liviandat: de mayor dignidat, como él por verdat, enna humanidat.»	69 Disse umas palavras – de grande leviandade: “Nunca fui Ildefonso – de maior dignidade, também sou consagrado – como ele, em verdade, todos somos iguais – em nossa humanidade.”
70 Si non fuese Siagrio si hobiese su lengua non serié enna ira ond dubdamos que es	tan adelante ido, un poco retenido, del Criador caído, ¡mal pecado! perdido.	70 Se não fosse Siagrio – tão adiante ido, e se tivesse sua língua – um pouco retido, não seria na ira – do Senhor caído, pois tememos que é – mal pecado!, perdido.
71 Mandó a los ministros por entrar a la Misa, mas non li fo sofrido ca lo que Dios non quiere	la casulla traer, la confesión facer, ni hobo él poder, nunca puede ser.	71 Mandou aos ministros – a casula trazer, para entrar na Missa – a confissão fazer: mas não lhe foi resignado – nem teve tal poder, o que Deus não quer – nunca pode suceder.
72 Pero que ampla era isióli a Siagrio prisoli la garganta fue luego enfogado	la sancta vestidura, angosta sin mesura: como cadena dura, por la su grand locura.	72 Ainda que bem grande era – a santa vestidura, resultou a Siagrio – angústia sem mesura: tomou-lhe a garganta – como cadeia dura, e logo acabou afogado – por sua grande loucura.
73 La Virgen gloriõsa, sabe a sus amigos bien sabe a los buenos a los que la deservien	estrella de la mar, gualardón bueno dar: el bien gualardonar, sábelos mal curar.	73 A Virgem muito gloriosa, – estrela do mar, a seus amigos sabe – galardão bom dar; se bem sabe aos bons – o bem galardoar, aos que não a servem – sabe os mal remediar.
74 Amigos, a tal Madre si a ella sirviéremos	aguardarla debemos: nuestra pro buscaremos,	74 Amigos, a tal Mãe – servi-la devemos: se a ela servirmos – nosso bem buscaremos,

honraremos los cuerpos, las almas salvaremos, por poco de servicio grand gualardón prendremos.	honraremos os corpos, – a alma salvaremos, por muito pouco serviço – grande galardão teremos.
---	--

Milagre II - El sacristán impúdico³¹⁴ – O sacristão fornicador³¹⁵

75 Amigos, si quisiédeses un poco esperar, aun otro miraclo vos querría contar, que por Sancta María denó Dios demostrar, de cuya lege quiso con su boca mamar.	75 Amigos, se quiser – um pouco esperar, outro milagre – eu queria contar, que por Santa Maria – dignou-se Deus mostrar, de cujo leite quis – com sua boca mamar.
76 Un monje beneito fue en una mongía, el logar no lo leo, decir no lo sabría, querié de corazón bien a Sancta María, facié a la su statua el enclín ³¹⁶ cada día.	76 Era um monge bendito – que em um convento havia, o lugar ao certo – dizer não o sabia, de coração queria – bem a Santa Maria, fazia reverência a sua estátua – ajoelhado todo dia.
77 Facié a la su statua el enclín cada día, fincaba los enojos, dicié: «Ave María»; el abat de la casa dio'l la sacristanía ³¹⁷ , ca teniélo por cuerdo e quito de folía ³¹⁸ .	77 Fazia reverência a sua estátua – ajoelhado todo dia, ficava de joelhos, – dizia: <i>Ave Maria</i> , o abade da casa – deu-lhe sacristia pois tinha-o por prudente – e loucura nele não havia.
78 El enemigo malo, de Belzebud vicario, que siempre fue e éslo de los buenos contrario, tanto pudo bullir el sutil aversario, que corrompió al monje, fizolo fornicario.	78 O inimigo mau, – de Belzebu vigário que sempre foi e é – dos bons contrário tanto pode bulir – o sutil adversário que ao monje corrompeu – e o fez fornicário
79 Priso un uso malo el loco pecador, de noche, quando era hechado el prior, isié por la eglesia fuera del dormitor, corrié el entorpedo a la mala labor.	79 Habitou ao mau costume – o louco pecador: à noite, quando estava – deitado o prior, saía pela igreja – do dormitório interior corria o desgraçado – ao mau labor.
80 Siquier a la exida, siquier a la entrada, delante del altar li cadié la pasada; el enclín e la Ave teniela bien usada, non se li olvidaba en ninguna vegada.	80 Mas, tanto na saída – quanto na entrada, Diante do altar – diminuía sua passada: a <i>Ave</i> e a revência – ele fazia bem usada, e não se ocultava – nenhuma vez de ser saudada.
81 Corrié un río bono cerca de la mongía; haviélo de pasar el monje todavía; do se vinié el loco de complir su folía, cadió e enfogóse fuera de la freiría.	81 Corria um rio muito bom – acerca de onde vivia, o monge passava por ele – cada vez que saía, e quando fez o pecado – este louco logo retornaria, mas foi pego por algoz – fora da abadia.
82 Quando vino la hora de matines cantar, non habié sancristano que podiese sonar; levantáronse todos, quisque de su logar;	82 Quando chegou a hora – da matina cantar não havia sacristão – que pudesse tocar; levantaram-se todos, – cada qual de um lugar;

³¹⁴ Impudico na versão de Joaquín Benito de Lucas.

³¹⁵ Milagre de ressurreição.

³¹⁶ enclín: Acción y efecto de doblar la rodilla, bajándola hacia el suelo, ordinariamente em señal de reverencia. (rae) – Ajoelhar-se.

³¹⁷ sacristania – Cargo ou ofício de sacristão ou sacristã (derivação de sacristão +n+ia, como no espanhol sacristanía). (Dicionário Michalis etmológico da Língua Portuguesa on-line)

³¹⁸ quito de follía – livre de locura.

fueron a la elesia	al fraire despertar.	foram para a igreja – para o frei despertar.
83		83
Abrieron la elesia buscaron al clavero, buscando sus e yuso	como mejor sopieron, trobar no lo podieron; atanto andidieron,	Abriram a igreja – como melhor souberam, buscaram o chaveiro – achar não puderam; buscando embaixo e em cima – portanto procuraram,
do yacié enfogado,	allá lo enfirieron.	do que jazia afogado – lá o descobriram.
84		84
Qué podrié ser esto si's murió o'l mataron era muy grand la basca ca cadié en mal precio	no lo podién asmar, no lo sabién judgar; e mayor el pesar, por esto el logar.	O que poderia ser isto – não o podia pensar, se morreu ou o mataram – não sabiam julgar, era muito grande a angústia – e maior o pesar, pois caia em descredito – por este fato o lugar.
85		85
Mientras yacié en vano digamos de la alma vinieron de d'ablos por llevarla al bátrato,	el cuerpo en el río, en cual pleito se vío: por ella grand gentío, de deleit bien vacío.	Enquanto jazia envolto – o corpo no rio, digamos que sua alma – se via em pleito sombrio: vieram os diabos – por ela em multidão sem brio, para levá-la ao inferno – de leite vazio.
86		86
Mientras que los d'ablos vidiéronla los ángeles, ficeron los d'ablos que suya era quita,	la trayén com a pella, descendieron a ella, luego muy grand querella, que se partiesen d'ella.	Enquanto os diabos – a traziam e com ela se diverdiam, os anjos – descenderam por ela, fizeram os diabos – logo uma grade querela: que os anjos partissem – deixando-a na esparrela.
87		87
Non hobieron los ángeles ca hobo la fin mala tirar no lis podieron hobieron a partirse	razón de vocealla, e así fue sin falla; valient una agalla; tristes de la batalla.	Não tiveram os anjos – razão que valha já que houve final ruim – e isso foi sem falha tirá-lo não podiam – a valentia faltara, havian de partir – tristes da batalha.
88		88
Acorrió'l la Gloriosa, ca tenién los d'ablos mandólis atender, moviólis pletesía	reina general, mientes a todo mal; non osaron fer ál, firme e muy cabdal.	Acercou-se a Gloriosa, – rainha geral, pois somente os diabos – detinham todo o mal; mandou-os esperar – não negaram para tal, mover-lhe disputa – firme e muito cautelosa.
89		89
Propuso la Gloriosa «Con esta alma, foles, mientras fue en el cuerpo agora prendrié tuerto	palabra colorada, -diz- non habedes nada; fue mi acomodada; por ir desamparada.»	Propôs a Gloriosa – palavra acalorada, “Com esta alma, loucos – diz –, não tereis nada, enquanto foi em corpo – a mim foi encomendada, agora sofreria dano – por ir desamparada.”
90		90
De la otra partida un sabidor diablo, sutil et muy puntero: «Madre eres de Fijo, que no'l place la fuerza	recudió el vocero, alcalde derecho, nin es end placentero.	Da outra parte – respondeu-lhe um vozeiro, um sabedor diabo – sutil e muito certo “Você é Mãe do Filho, – governador primeiro, Que não agrada da força – o que é verdadeiro.
91		91
Esripto es que homne o en bien o en mal, si esti tal decreto el pleit del Evangelio	allí do es fallado por ello es judgado; por ti fuere falsado, todo es descuidado.»	Está escrito que o homem – alí onde é falado tanto o bem como o mal, – por ele é julgado: se este tal decreto – por ti for falseado, o teor do Evangelho – é todo descuidado.”
92		92
«Fabras -diz la Gloriosa- non te riepto, ca eres cuando ixió de casa, del pecado que fizo	a guis de cosa nescia; una cativa bestia; de mí priso licencia, yo'l daré penitencia.	Fala – diz a Gloriosa – sem decência, não o desafio, pois você é – maleficência; quando saiu de casa, – a mim pediu licença, o pecado que fez – eu lhe darei penitência.

93 Seríe en fervos fuerza non buena parecencia; mas apelo a Cristo, a la su audiencia, el que es poderoso, pleno de sapiencia, de la su boca quiero oír esta sentencia.»	93 Não seria digno de mim – você fazer violência; mas apelo diante de Cristo – a sua audiência, o qual é poderoso – pleno de sapiência, da sua boca eu quero – ouvir esta sentença.”
94 El Reí de los Cielos, alcalde sabidor, partiô esta contienda, non vidiestes mejor: mandó tornar la alma al cuerpo el Señor, desent cual mereciese, recibríe tal honor.	94 O Rei dos Céus, – governante salvador, resolveu esta contenda – da maneira melhor: O Senhor mandou retornar – a alma ao seu corpo, Logo quando merecesse, – receberia tal honra.
95 Estaba el convento triste e desarrado, por esti mal exemplo que lis era uviado; resuscitó el fraire que era ya pasado; espantáronse todos ca era aguisado.	95 Estava o convento – triste e desamparado, por este mau exemplo – que lhes era legado ressuscitou o frade – que era já passado, espantando-se todos – ao vê-lo em bom estado.
96 Fablólis el buen homne, dísolis: «Compañeros, muerto fui e so vivo, d'esto seet bien certeros, ¡Grado a la Gloriosa que salva sos obreros, que me libró de manos de los malos guerreros.»	96 Falou-lhes o bom homem, – disse-lhes: “Companheiros, Morto fui e vivo estou, – disse estejam certos, Graças a Gloriosa – que salva seus obreiros, que me livrou das mãos – dos maus guerreiros!”
97 Contólis por su lengua toda la ledanía, qué dicien los diábolos e qué Sancta María; cómo lo quitó ella de su podestadía, si por ella non fuese, serié en negro día.	97 Cantou-lhes da sua maneira – toda a ladainha, o que diziam os diabos – e como Santa Maria; o livrou assim – de sua grande tirania, se não fosse ela – seria um negro dia.
98 Rendieron a Dios gracias de buena voluntat, a la sancta reina, mader de pñadat, que fizo tal miraclo por su benignidat, por qui está más firme toda la cristiandat.	98 Renderam a Deus graças – de boa vontade, a santa rainha, – mãe de piedade, que fez tal milagre – por sua benignidade, por quem está mais firme – toda a cristandade.
99 Confesóse el monje e fizo penitencia, mejoróse de toda su mala contenencia, sirvió a la Gloriosa mientras hobo potencia, finó cuando Dios quiso sin mala repindencia, requiescant, pace cun divina clemencia.	99 Confessou-se o monge – e fez penitência, melhorou-se de toda – sua mal abstinência, serviu a Gloriosa – enquanto houve potência, finou quando Deus quis – com tranquila consciência, <i>Requiescat in pace – cum divina clemencia</i>³¹⁹.
100 Muchos tales miraclos e muchos más granados fizo Sancta María sobre sos aclamados; non serién los millésimos por nul homne contados, mas de lo que sopiéremos, seed nuestros pagados.	100 Muitos milagres assim – e muitos mais honrados fez Santa Maria – sobre seus aclamados; não seriam os milhares – por homem nenhum contados mas os que sabíamos – estareis bem-informados.

Milagre III, EL Clérigo y La Flor – O Clérigo e a Flor

101 Leemos de un clérigo que era tiestherido³²⁰,	101 Lemos sobre um clérigo – que era louco perdido,
---	--

³¹⁹ “Agora entregou em paz sua alma a Deus”.

³²⁰ que era tiestherido – “de cabeça ligera”, no espanhol contemporâneo. Por isso, a escolha pela expressão “louco pedido”, no sentido de pessoa insana.

ennos vicios seglares pero que era loco, amaba la Gloriosa	ferament embebido; habíe un buen sentido, de corazón complido.	Nos vícios seculares – fortemente envolvido; Mesmo sendo louco – tinha um bom sentido: Amava à Gloriosa – de coração comprometido.
102 Comoquiere que era en saludar a ella nin irié a egleſia que el su nomne ante	en ál mal costumnado, era bien acordado; nin a ningún mandado, non fuese aclamado.	102 Mesmo sendo o homem – ao mal-acostumado, Em saudar a ela – era bem acertado; Nem ia à igreja – nem fazia nada obrigado Sem que seu nome antes – fosse invocado.
103 Decir no lo sabría ca nos no lo sabemos diéronli enemigos hobieron a matarlo:	sobre cuál ocasión, si lo buscó o non, salto a est varón, ¡Domne Dios lo perdón! ³²¹	103 Dizer que não sabia – sobre qual ocasião, Já que não o sabemos – se ele a buscou ou não, Inimigos se colocaram – a combater com este varão. Vieram a matá-lo, – Senhor Deus, o perdão!
104 Los homnes de la villa esto como cuntiera defuera de la villa allá lo soterraron,	e los sus compañeros com non eran certeros, entre unos riberos, non entre los dezmeros ³²² .	104 Os homens da vila – também seus companheiros, Como isso acontecera – eles não eram certos, E fora da vila – por entre uns ribeiros Por lá o enterraram – mas não entre os dizimeiros.
105 Pesó'l a la Gloriosa que yacié el su siervo pareció'l a un clérigo díſoli que ficianan	con est enterramiento, fuera de su convento; de buen entendimiento, en ello fallimiento ³²³ .	105 Pesou-lhe à Gloriosa – com este sepultamento, Já que jazia seu servo – fora de seu convento; Apareceu-lhe a um clérigo – de bom entendimento, E disse-lhe que cometeram – erro sem fundamento.
106 Bien habíe treinta días en término tan luengo díſo'l Sancta María: que yaz el mi notario	que era soterrado: podíe ser dañado; «Ficiestes desguisado, de vos tan apartado.	106 Já havia trinta dias – que estava enterrado: Em término tão longo – podia ser despojado; Santa Maria lhe disse: – “Fizeram-no injustificado, Que jaz meu devotado – de vós tão distanciado.
107 Mándote que lo digas: non merecié ser dilis que no lo dejen métnalo con los otros	que el mi cancelario ³²⁴ echado del sagrario; y otro trentanario, en el buen fosalario.»	107 Mando-te que digas: – que ele é meu dignitário Não merecia ser – retirado do relicário; Diga-lhes que não o deixem – ali outro trintenário: Salvo que com os outros – levem-no ao ossuário.”
108 Demandóli el clérigo «¿Quí eres tú que fablas? ca cuando lo díſiero quí es el querelloſo	que yacié dormitado: Dime de ti mandado, seráme demandado o quí el soterrado.»	108 Indagou-lhe este clérigo – que estava paralisado: “Quem é que fala? – Diga-me o que há mandado, Que quando o disser – será a mim demandado, Quem é o queixoso – ou quem é o enterrado?”
109 Díſoli la Gloriosa: madre de Jesu Cristo el que vos desecharſtes por cancellario mío	«Yo so Sancta María que mamó leche mía; de vuestra compañía, yo a esi tenía.	109 Disse-lhe a Gloriosa: – “Eu sou Santa Maria, Mãe de Jesus Cristo – que do meu leite nutria; Ele que havia desertado – da vossa companhia Por dignitário meu – sabia que o teria.
110 El que vos soterrastes	lueñe del cimiterio,	110 Ele que você enterrou – longe do cemitério,

³²¹ “¡Domne Dios lo perdón!” – Domne – de dominus, Deus, Senhor, nesse caso foi usado “Senhor Deus”, como é usual no português usado no Brasil.

³²² dezmeros – dizimeiros, como é dito na Igreja Católica sobre os devotos que pagam o dízimo.

³²³ fallimiento – “equivocacion, error”, no espanhol contemporâneo. Para a tradução no português foi usado “erro sem fundamento”, na tentativa de manter o mesmo sentido expresso no verso

³²⁴ cancellario – “notario, secretario”, no espanhol contemporâneo. Para a tradução no português optou-se por usar dignitário, com o sentido de “pessoa que exerce um cargo alto em instituição”

al que vos non quisiestes facer nul ministerio, yo por esti te fago todo est reguncerio³²⁵; si bien no lo recabdas, tente por en lacerio.» 111 El dicho de la dueña fue luego recabado, abrieron el sepulcro apriesa e privado; vidieron un miraclo non simple ca doblado, el uno e el otro, fue luego bien notado. 112 Isiéli por la boca una fermosa flor de muy grand fermosura, de muy fresca color; inchié toda la plaza de sabrosa olor, que non sentién del cuerpo un punto de pudor³²⁶. 113 Trobáronli la lengua tan fresca e tan sana cual parece de dentro la fermosa mazana; no la tenié más fresca a la merediana quando sedí fablando en media la quintana³²⁷. 114 Vidieron que viniera esto por la Gloriosa, ca otri non podrié facer tamaña cosa; trasladaron el cuerpo, cantando «Speciosa»³²⁸, aprés de la eglesia en tumba más preciosa. 115 Todo homne del mundo fará grand cortesía qui ficiere servicio a la Virgo María; mientras que fuere vivo verá placentaría, e salvará el alma al postremero día.	Ao que não quisestes – fazer-lhe mistério, Por ele eu te falo – com todo este critério: Se não o realizas, – já verás o que é sério.” 111 Os dizeres da senhora – foi logo realizado: Abriram o sepulcro – depressa e acelerado, E viram um milagre – não simples, mas dobrado; Tanto um como outro – foi em seguida notado. 112 Saia-lhe, muito formosa, – de sua boca uma flor, De grandiosa beleza, – de grande fresca cor, Enchia toda a praça – com seu saboroso olor, Que não sentiam do corpo – um pouco de seu fedor. 113 Encontraram-lhe a língua – que estava tão fresca e sã Como parece por dentro – uma formosa maçã; Não estaria mais fresca – ao longo da manhã Quando se via falando – com grande afã. 114 Viram todos que isto – vinha da Gloriosa, Pois outra não podia – fazer coisa tão virtuosa; Trasladaram o corpo – cantando “Speciosa”, Mais perto da igreja – à tumba mais preciosa. 115 Todo homem no mundo – fará grande cortesia Se fizer grande serviço – à Virgem Maria; Enquanto for vivo – verá alegria, E salvará sua alma – no derradeiro dia.
---	---

Milagre IV - El galardón de la Virgen – O galardão da Virgem

116 D'un clérigo otro nos diz la escriptura que de Sancta María amaba su figura: siempre se inclinaba contra la su pintura, habié muy grand vergüenza de la su catadura. 117 Amaba al so Fijo e amaba a ella, tení por sol al Fijo, la Madre por estrella; querí bien al Fijuelo e bien a la poncella, porquelos servié poco estaba con grand querella. 118	116 De um outro clérigo – nos diz a escriptura Que de Santa Maria – amava sua figura: Sempre se inclinava – contra a sua pintura, Havia grande vergonha – ao olhar para sua candura 117 Ele amava seu Filho – e amava a ela, tinha por sol ao Filho, – e a mãe por estrela; queria bem ao Filhinho, – e bem a Dozela, e porque os servia pouco – vivia em grande querela³²⁹. 118
--	--

³²⁵ reguncerio – relato, mas foi utilizado no conjunto do verso “Por ele eu te falo / com todo este critério”, no sentido de algo que foi dito com muito cuidado;

³²⁶ pudor – “hedor” no espanhol contemporâneo, “fedor” no português

³²⁷ quando sedí fablando en media la quintana – “quintana” com significado de “quinta, huerta” no espanhol contemporâneo. Para a tradução foi necessário mudar a expressão para manter a rima, mas mantendo-se a mesmo sentido da mensagem para dizer que a boca do defunto estava limpa, fresca e bem cheirosa, mesmo quando uma pessoa fala com grande entusiasmo, dessa maneira o verso ficou assim: Quando se via falando – com grande afã;

³²⁸ “Speciosa” – antífona da Virgem Maria.

³²⁹ Querela: discussão, pendência (FERREIRA, 2009, p. 1675).

Apriso cinco motes, que fablan de los gozos diciéselos el clérigo habié ella con ellos	motes de alegría, de la Virgo María; delante cada día, muy grand placentaría.	Aprende cinco frases – todas de alegria que falavam dos gozos – da <i>Virgo</i> Maria; dizendo o clérigo – diante de cada dia, ela o escutava – com grande alegria.
119 «Gozo ayas, María, gozo ayas, María, gozo ayas, María, la ley vieja cerresti	que el ángel credist, que virgo concebist; que a Cristo parist, e la nueva abrist.»	119 “Há glória, Maria, – porque no anjo você acreditou, há glória, Maria – que virgem você concebeu, há glória, Maria – porque Cristo de você nasceu, a velha lei cumpriu – e a lei nova abriu.”
120 Cuantas fueron las plagas dicié él tantos gozos si bono fo el clérigo hobo gualardón bueno,	que el Fijo sufrió, a la que lo parió; e bien lo mereció, buen grado recibió.	120 Quantas pragas foram – que seu Filho sofreu, dizia tantas glórias – a quem ela concebeu, como bom foi o clérigo, – e bem o mereceu, houve boa recompensa – bom grado recebeu.
121 Por estos cinco gozos cinco sesos del cuerpo el ver, el oír, el oler, el prender de las manos	debemos ál catar: que nos facen pecar, el oler, el oír, el oler, que dicimos tastar.	121 Por estas cinco graças – devemos ao olhar, nossos cinco sentidos – que nos fazem pecar; são: ver e ouvir – cheirar e degustar, segurar as mãos – que dizemos tocar.
122 Si estos cinco gozos a la Madre gloriosa del yerro que por estos por el so sancto ruego	que dichos vos habemos bien gelos ofrecemos, cinco sesos facemos grand perdón ganaremos.	122 E se estas cinco graças – graças que disse termos, a mãe Gloriosa – pelo bem lhe oferecemos, pelos erros que por – estes bens cometemos, por seus rogos – grande perdão ganharemos.
123 Enfermó esti clérigo que li querién los ojos tenié que era toda e que li venié cerca	de muy fuert manera, esir de la mollera; complida la carrera, la hora postremera.	123 Adoeceu este clérigo – de tal maneira, que seus olhos queriam – sair da moleira, pensou que já estava – cumprida sua carreira, e que vinha depressa – a hora derradeira.
124 Apareció'l la Madre que en misericordia «Amigo -diso'l- sálvete de cuya Madre fust	del Reï celestial nunca hobo equal. el Señor spirital, tú amigo leal.	124 Apareceu-lhe a Mãe – do Rei celestial Que em misericórdia – nunca houve outra igual; “Amigo – disse-lhe – salva-se – o Senhor celestial, de cuja Mãe fui – seu amigo leal.
125 Afuézzate, non temas, sepas serás aina tente con Dios aúna ca dizlo el tu pulso	non seas desmarrido, d'esti dolor guarido; por de cuita esido, que es bueno complido.	125 Esforça-se, não temas, – não seja afligido, saiba que será em breve – desta dor curado; fique com Deus seguro – pois está protegido, dizem que você é firme – que é bem comprometido.
126 Yo cerca ti estando, tente por mejorado recebí de ti siempre darte quiero el precio	tú non ayas pavor, de toda la dolor; servicio e amor, de esa tu labor.»	126 Eu estou perto de você, – não tenha pavor, Procure melhorar – de toda a dor; Recebi sempre de você – serviço com muito amor, Quero dar a você o apreço – do seu bom labor.”
127 Bien se cuidó el clérigo e que podrié por campo mas ha grand diferencia hóbose otro guisa	del lecho levantar, en sos pides andar, de saber a cuidar: esto a terminar.	127 O clérigo bem pensou – do leito levantar-se, e que pelo campo – com seus pés poderia andar, mas há grande diferença – de saber e pensar: houve outra maneira – de isto terminar.
128 Bien se cuidó el clérigo con sus conocientes	de la presón esir deportar e reír;	128 O clérigo bem pensou – da prisão sair e com seus conhecidos – divertir e rir;

mas non podió la alma desamparó el cuerpo,	tal plazo recebir, hobo end a esir.	mas não pôde a alma – tal prazo usufruir, a alma abandonou seu corpo, – precisou dele sair.
129 Prísola la Gloriosa, fuese la afijada prisiéronla los ángeles leváronla al Cielo	de los cielos Reina, con la buena madrina; con la gracia divina, do el bien nunca fina.	129 Tomou-a a Gloriosa, – dos céus Rainha, era boa filha – com a boa madrinha; pegaram-na os anjos – com a graça divina, levaram-na até o céu – onde o bem não termina.
130 La Madre gloriosa benedicta sea ella como lo dicié ella mas en cuanto que diso	lo que li prometió, que bien gelo cumplió; él no lo entendió, verdadera isió.	130 A Mãe Gloriosa – o que prometeu, bendita seja ela – que bem exerceu: o que ela disse – ele não entendeu, mas tudo que disse – verdade aconteceu.
131 Cuantos la voz udieron todos tenién que fizo tenién que fue el clérigo	e vidieron la cosa, miráculo la Gloriosa; de ventura donosa,	131 Quantos ouviram – e viram situação curiosa, todos compreenderam que fez – milagre a Gloriosa: entenderam o que o clérigo passou – da ventura danosa,
glorificaban todos	a la Virgo preciosa.	glorificavam todos – a <i>Virgo</i> preciosa.

Milagre V – El pobre caritativo – O pobre caridoso

132 Era un homne pobre non habié otras rendas fuera cuando labraba, tenié en su alzado	que vivié de raciones, nin otras furciones esto pocas sazones: bien pocos pepiones.	132 Era um homem pobre – que vivia de rações, não havia outras rendas – nem outras provisões salvo quando lavrava, – e fazia em poucas ocasiões: tinha em sua terra – bem poucos tostões
133 Por ganar la Gloriosa partiélo con los pobres en esto contendí por haber la su gracia	que él mucho amaba, todo cuanto ganaba; e en esto puñaba, su mengua oblidaba.	133 Por ganhar a Gloriosa, – a qual muito amava, repartia com os pobres – tudo que ganhava; nisso entendia – e nisso batalhava, por ver sua graça – sua privação escapava.
134 Quando hobo est pobre la Madre gloriosa fablóli muy sabroso, udieron la palabra	d'est mundo a pasar, vínolo convidar; queriélo falagar, todos los del logar.	134 Quando este pobre teve – deste mundo passar, a Mãe gloriosa – veio lhe convidar; falou-lhe muito prazerosa – queria lhe lisonjear, ouviram suas palavras – todos daquele lugar.
135 “Tú mucho cobdiciest sopist pora ganarla ca partiés tus almosnas, por qué lo faciés todo	la nuestra compañía, bien buena maestría, diciés “Ave María”, yo bien lo entendía.	135 “Você muito cobiçou – a nossa companhia, sabia como ganhá-la – fazer com maestria, repartia suas esmolos, – dizia ‘Ave Maria’, por que fazia tudo – eu bem o entendia.
136 Sepas que es tu cosa ésta es en que somos el “Ite misa est”, venida es la hora	toda bien acabada, la cabera jornada; conta que es cantada, de prender la soldada.	136 Saiba de uma coisa – tudo se acaba, nesta vida que estamos – a última jornada; o “Ite misa est” ³³⁰ , – conta que se cantada, chegou a hora – de pegar a soldada ³³¹ .
137 Yo so aquí venida al regno de mi Fijo	por levarte comigo que es bien tu amigo,	137 Eu vim aqui – para te levar comigo; Para o reino do meu filho – que é vosso bom amigo,

³³⁰ “Ide, a missão terminou”. (tradução nossa, a partir do Dicionário do latim essencial / Antônio Martinez de Rezende, Sandra Braga Bianchet, 2014).

³³¹ Soldada: prêmio, recompensa. (FERREIRA, 2009, p. 1869).

do se ceban los ángeles a las Sanctas Virtutes	del buen candíal trigo; placerlis há contigo.”	onde se alimentam os anjos – do bom trigo; que as Santas Virtudes – terão prazer contigo.
138 Cuand hobo la Gloriosa desamparó la alma prisiéronla de ángeles, leváronla al Cielo,	el sermón acabado, al cuerpo venturado, un convento honrado, ¡Dios sea end laudado!	138 Quando a Gloriosa – terminou o seu sermão, a alma abandonou – o corpo feliz, os anjos a tomaram, – um grupo honrado, e elevaram-na ao Céu, – Deus seja louvado!
139 Los homnes que habién tan aína vidieron a la Madre gloriosa todos li rendién gracias,	la voz ante oída, la promesa complida, que es tan comedida, quisque de su partida.	139 Os homens por quem – a voz foi ouvida antes, muito rapidamente viram – a promessa cumprida, à gloriosa Mãe, – que é tão graciosa, todos agradeceram, – cada um na sua medida.
140 Qui tal cosa udiese si de Sancta María si más no la honrase qui de ella se parte	serié mal venturado non fuese muy pagado, serié desmesurado, es muy mal engañado.	140 Quem ouvir estas coisas, – será malfadado se de Santa Maria – não fosse muito grato, e se não a honrasse, – seria desmesurado, que dela se distanciasse – é muito enganado.
141 Aun más adelante tal razón como ésta	queremos aguijar: non es de destajar,	141 Ainda mais adiante, – queremos apontar: uma razão como esta – não é uma razão para esquecer,
ca éstos son los árboles	do debemos folgar,	porque estas são as árvores – em que devemos descansar,
en cuya sombra suelen	las aves organar.	em cuja sombra – os pássaros costumam-se organizar.

Milagre VI – El ladrón devoto – O ladrão devoto

142 Era un ladrón malo que ir a la elesia sabié de mal porcalzo ³³² uso malo que priso,	que más quieré furtar nin a puentes alzar; su casa gobernar, no lo podié dejar.	142 Era um ladrão muito mau – que mais queria roubar do que ir à igreja – ou pontes levantar; ele sabia mal maneira – sua casa governar, aprendeu este mau costume, – não o podia deixar.
143 Si facié otros males, serié mal condempnarlo mas abóndenos esto	esto no lo leemos, por lo que non sabemos, que dicho vos a vemos,	143 Se ele fez outros males, – não o lemos, seria errado condená-lo – pelo que não sabemos, mas isto é suficiente para nós, – o que já o dissemos,
si ál fizo, perdóneli	Cristus en qui creemos.	se fez mais, perdoa-lhe, – Cristo, em você cremos.
144 Entre las otras malas, que li valió en cabo credié en la Gloriosa saludábala siempre	habíe una bondat e dioli salvedat; de toda voluntat, contra la su magestat.	144 Entre as outras coisas más, – havia uma bondade que valeu a pena no fim – e lhe deu a salvação; acreditava na Gloriosa – com toda vontade, e saudava-a sempre – à sua majestade.
145 Dicía Ave María siempre se inclinaba dicía Ave María tenía su voluntat	e más de escriptura contra la su figura, e más de escriptura, con esto más segura.	145 Falava <i>Ave-Maria</i> – e recitava a escriptura e sempre curvava – diante de sua figura, falava <i>Ave Maria</i> – e recitava a escriptura, e com isso ele tinha – sua decisão mais segura.
146 Como qui en mal anda	en mal ha a caer,	146 Mas aquele que anda mal, – com o mal vai cair,

³³² Porcalzo m. ant. Manera, modo. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

hobiéronlo con furto non hobo nul consejo judgaron que lo fuesen	est ladrón a prender; con qué se defender, en la forza poner.	eles teriam prendido – este ladrão por roubo; Não havia advogado – com o qual se pudesse defender, julgaram que ele – deveria ser levado à força.
147 Levólo la justicia do estaba la forza prisiéronli los ojos	pora la crucejada, por concejo alzada; con toca ³³³ bien atada,	147 A justiça levou-o – para a encruzilhada, onde a força foi – pelo conselho erguida; Taparam-lhe os olhos – com uma venda bem apertada, levantaram-no do chão – com a corda esticada.
alzáronlo de tierra	con sogá bien tirada.	
148 Alzáronlo de tierra cuantos cerca estaban	cuanto alzar quisieron, por muerto lo tovieron;	148 Levantaram-no do chão – o mais alto que quiseram, e todos os que estavam por perto – deram-no como morto;
si ante lo sopiesen no li hobieran fecho	lo que después sopieron, eso que li ficieron.	Se tivessem sabido antes – o que depois souberam, não lhe teriam feito – o que lhe fizeram.
149 La Madre gloriosa, que suele a sus siervos a esti condemnado membróli ³³⁵ el servicio	duecha de acorrer, ennas cuitas valer, quísoli pro tener ³³⁴ , que li solié fer.	149 A gloriosa Mãe, – pronta para acorrer ³⁴⁰ , que salva seus servos – que estão em apuros, a este condenado – que ela só quis proteger, recorda-lhe o serviço – que lhe prestava fazer.
150 Metióli so los piedes las sus manos preciosas, non se sintió de cosa non sovo plus vicioso	do estaba colgado tóvolo alleviado: ninguna embargado, nunca nin más pagado.	150 Pôs debaixo dos pés – onde estava pendurado as suas mãos preciosas, – e ele foi acalmado: não se sentia de modo – algum sobrecarregado, nunca esteve tão cómodo – e nunca foi tão bem pago.
151 Ende al día tercero vinieron los amigos vinien por descolgallo	vinieron los parientes, e los sus conocientes rascados e dolientes,	151 No terceiro dia – vieram os familiares, vieram os amigos – e os conhecidos vieram despendurar o corpo – arranhados ³⁴¹ e tristes, era a melhor coisa – que eles tinham em mente.
sedié mejor la cosa	que metién ellos mientes.	
152 Trobáronlo con alma non serié tan vicioso	alegre e sin daño, si yoguiese en vano;	152 Encontraram-no com a alma – alegre e sem males, não seria tão cómodo – se ele se deitasse num banho;
dicié que so los piedes non sintrié mal ninguno	tenié un tal escaño, si colgase un año.	ele disse que a seus pés – tinha um apoio, e que não seria mal algum – se ficasse enforcado por um ano.
153 Quando lo entendieron tovieron que el lazo fueron mal rependidos tanto gozarién d'eso	los que lo enforcaron, falso gelo dejaron; que no lo degollaron, cuanto después gozaron.	153 Quando os que o enforcaram – constataram o fato, pensaram que tinham deixado – uma folga no laço; lamentavam não lhe terem – a garganta cortado, e gostaram tanto disso – quanto depois também gostaram.

³³³ Toca - 1. f. Prenda de tela con que se cubría la cabeza (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*) – por isso, optei por venda.

³³⁴ Pro tener – “proteger”.

³³⁵ Membróli – “recordóli” (membrar v. – lembrar).

³⁴⁰ Acorrer também é um vocábulo do Português, que significa “ir ou vir em auxílio de; acudir, socorrer.”

³⁴¹ Rascados – “arañados” – Era um costume medieval arrANHAR o rosto em sinal de dor diante da dor da morte de um ente querido.

154 Fueron en un acuerdo toda esa mesnada³³⁶, que fueron engañados enna mala lazada, mas que lo degollasen con foz o con espada; por un ladrón non fuese tal villa afontada. 155 Fueron por degollarlo mancebos más livianos, con buenos seraniles grandes e adianos; metió Sancta María entre medio las manos, fincaron los gorgueros³³⁷ de la golliella³³⁸ sanos. 156 Cuando esto vidieron que no'l podién nocir, que la Madre gloriosa lo querié encobrir, hobiéronse con tanto del pleito a partir, hasta que Dios quisiese dejáronlo vevir. 157 Dejáronlo en paz que se fuese su vía, ca ellos non querién ir contra Sancta María, mejoró en su vida, partióse de folia: cuando cumplió so corso murióse de su día. 158 Madre tan pñadosa, de tal benignidat, que en buenos e en malos face su pñadad, debemos bendicirla de toda voluntat; los que la bendisieron ganaron grand rictat³³⁹. 159 Las mañas de la Madre con las d'El que parió semejan bien calañas qui bien las conoció; Él por bonos e malos, por todos descendió, Ella, si la rogaron, a todos acorrió.	154 Estavam de acordo – com toda aquela contenda, que foram enganados – numa trama perversa, mas que lhe cortassem a garganta – com foice ou espada; porque um ladrão não podia – deixar a vila confrontada. 155 Foram cortar-lhe a garganta – jovens mais levianos, com bons serranos³⁴² – grandes e soberanos; Sancta María pôs – no meio suas mãos, e o gogó da garganta – ficou são. 156 Quando viram que – não podiam contar, que a gloriosa Mãe – o queria encobrir, tiveram, portanto, – desta disputa sair, até que Deus quisesse, – deixavam-no existir. 157 Deixaram-no em paz – para seguir o seu caminho, não quiseram ir – contra Sancta Maria, e ele melhorou na sua vida, – não fez mais vilania: Quando completou o seu percurso, – morreu de seu dia³⁴³ 158 Mãe tão piedosa, – de tal benignidade, que nos bons e nos maus – mostra a sua grande piedade, devemos bendizê-la – com toda a nossa vontade; aqueles que a bendizeram – ganharam grande prosperidade. 159 As facetas da Mãe – com as d'Aquele que deu à luz são muito semelhantes – para que as conheci- am bem; Ele, por bons e maus, – por todos desceu, Ela, se lhe rogavam, – acorria a todos.
--	---

Milagre VII – San Pedro y el monje mal ordenado – São Pedro e o monge ordenado³⁴⁴

160	160
-----	-----

³³⁶ Mesnada – “Compañía de gente armada que servia bajo el rey o um ricombre” (*Diccionario de La Lengua Española RAE-E*). É utilizado no texto com o sentido figurado e com certo tom irónico; equivalente a um conjunto de homens que fazem a guerra contra um desvalido ladrão. (nota de LUCAS, 1988, p. 104).

³³⁷ Gorgueros – parte do pescoço, gogó ou pomo de Adão.

³³⁸ Golliella – “garganta”

³³⁹ Rictat – “riqueza” (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

³⁴² Serranos – gentílico de Serra.

³⁴³ A expressão “morreu de seu dia” não é amplamente utilizada na língua portuguesa contemporânea, mas pode ser interpretada em alguns contextos como uma forma de dizer que alguém morreu de forma natural ou no momento que lhe estava destinado. Ela remete à ideia de que a morte ocorreu no “tempo certo”, determinado pelo curso natural da vida ou pela vontade divina. Pode ser interpretada como a expressão usual “chegou sua hora”.

³⁴⁴ Ordenado – por meio do Rito da Ordenação, um padre é consagrado em seu cargo eclesiástico.

En Colona ³⁴⁵ la rica, habíe un monesterio	cabeza de regnado, de Sant Peidro clamado;	Em Colona, a rica, – chefe do reino, havia um mosteiro – chamado São Pedro; Havia nele um monge – que era muito mal ordenado, do qual a regra diz que – havia pouco cuidado.
habíe en él un monje	asaz ³⁴⁶ mal ordenado,	
de lo que diz la regla	habíe poco cuidado.	
161 Era de poco seso, porque lo castigaban cuntió'l en est comedio ³⁴⁷ parió una bagasa ³⁴⁸	facié mucha locura, non habíe nulla cura; muy grand desventura: d'él una creatura.	161 Ele tinha pouco juízo, – fazia muitas loucuras, porque o castigavam – e não havia cura; aconteceu neste caso – uma grande desventura: uma meretriz pariu – dele uma criatura.
162 Por salud de su cuerpo usaba lectüarios ³⁴⁹ en ivierno calientes, debríe andar devoto	e por vevir más sano, aprieta e cutiano, e fríos en verano, e andaba lozano.	162 Para a saúde do seu corpo – e para viver mais são, ele usava medicamentos, – apressado e contínuo quentes no Inverno – e frios no Verão, devia andar devotamente – e caminhava são.
163 Vivié en esta vida murió por sus pecados nin priso Corpus Dómini	en grand tribulaci3n, por fiera ocasi3n, nin fizo confesi3n,	163 Viveu nesta vida – em grande tribula33o, morreu pelos seus pecados – por feroz ocasi3o, nem tomou o Corpus D3mini – nem fez sua confiss3o, e os dem3nios levaram – sua alma em pris3o.
levaron los diablos	la alma en pres3n.	
164 San Peidro el ap3stol ca en su monesterio rogó a Jesu Cristo de su misericordia	hobo d'él compasi3n, ficiera profesi3n: con grand devoci3n que'l ficiese raci3n ³⁵⁰ .	164 O Ap3stolo São Pedro – por ele teve compaix3o, porque ele fez no mosteiro – a sua profiss3o: rezou a Jesus Cristo – com grande devo33o que, por sua miseric3rdia, – faria sua boa a33o.
165 Díso'l Jesu Cristo: bien sabes tú qué dijo que esi folgarié que entró sin manciella	«Peidro, el mi amado, David en su dictado, en el monte sagrado ³⁵¹ e quito de pecado.	165 Jesus Cristo disse: – “Pedro, meu amado, bem sabeis o que disse – Davi no seu ditado, Só me alegraria – no monte sagrado quem entrou sem mácula – livre de pecado.
166 Esi por qui tú ruegas, nin obraba justicia por la su compa33a ¿En cuál él mereció	fincada tu rodiella, nin vivié sin manciella; non valió más la ciella: posara en tal siella?»	166 Esse por quem roga, – não dobrou o joelho, não agiu com justiça – nem viveu sem mácula; pela sua companhia – não merecia mais o assento: Quando é que ele mereceu – sentar-se em tal cadeira?”
167 Rogó a las Vertutes que rogasen al Padre	Sant Peidro celestiales, de los penitenciales,	167 São Pedro rogou – às Virtudes celestiais, para que rezassem ao – Pai dos penitentes, para tirar este homem – dos la3os mortais,

³⁴⁵ Colona – “Col3nia”, cidade alem3, muito famosa por suas catedrais e monumentos. (nota de LUCAS, 1988, p. 110)

³⁴⁶ Assaz – “bastante” (*Nuevo Tesoro Lexicogr3fico de La Lengua Española*)

³⁴⁷ Comedio – “assunto” (*Nuevo Tesoro Lexicogr3fico de La Lengua Española*)

³⁴⁸ Bagasa – s.f. antq. Nombre injurioso que se daba á mugeres perdidas. *Meretrix*. (*Nuevo Tesoro Lexicogr3fico de La Lengua Española*).

³⁴⁹ Lectüarios – “electuarios”, m. Medicamento de consistencia líquida, pastosa o sólida, compuesto de varios ingredientes, casi siempre vegetales, y de cierta cantidad de miel, jarabe o azúcar, que en sus composiciones más sencillas tiene la consideraci3n de golosina. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

³⁵⁰ Raci3n – “le diera parte” (nota de LUCAS, 1988, p. 110).

³⁵¹ Salmo 24: 3-4 “Quem pode subir à montanha de Iahweh? / Quem pode ficar de pé no seu lugar santo?” (Bíblia de Jerusalém, 1981, p. 885).

que quitasen est homne recudióli ³⁵² palabras	de los lazos mortales, como las otras tales.	mas responderam-lhe palavras – como as outras tais.
168 Tornó en la Gloriosa, e en las otras vírgines fueron ellas a Cristo por la alma del monje	Madre del Nuestro Don, que de su casa son; con grand suplicación, ficeron oración.	168 Dirigiu-se à Gloriosa, – Mãe de Nosso Senhor, e às outras virgens – que da sua casa são; elas dirigiram-se a Cristo – com grande súplica, pela alma do monge – fizeram oração.
169 Quando vío don Cristo e de las sus amigas isió a recebirlas ¡Alma que lo vidiere	la Madre gloriosa, procesión tan preciosa, de manera fermosa: serié bien venturosa!	169 E quando viu Cristo, – a Mãe gloriosa, e viu suas amigas – em tão bela procissão, saiu a recebê-las – de maneira formosa: A alma que o visse – seria muito venturosa!
170 «Madre -dijo don Cristo- ¿qué negocio vos trae «Fijo -dijo la Madre- por alma de un monje	yo saberlo querría, con esta compañía?» a rogarvos venía de fulana mongía.»	170 “Mãe”, disse Dom Cristo, – “gostava de saber, que negócios traz – com esta companhia?” “Certamente”, disse a Mãe, – “vinha pedir-vos pela alma de um monge – de um mosteiro.”
171 «Madre -dijo el Fijo- tal alma de tal homne serié menoscabada mas por el vuestro ruego	non serié derecho, entrar en tal folgura: toda la escriptura; faremos y mesura.	171 “Mãe”, disse o Filho, – “não seria correto, a alma de tal homem – entrar com tal abertura: seria menosprezada – toda a Escritura; mas, a vosso pedido, – podemos ponderar.
172 Quiero facer atanto torne aún al cuerpo faga su penitencia e puede ser salvo	por el vuestro amor: en qui fo morador ³⁵³ ; como faz pecador, por manera mejor.»	172 Quero fazer tanto – pelo seu amor: voltar a alma ao corpo – daquele que foi morador; fazei penitência – como faz um pecador, e pode ser salvo – de maneira melhor.”
173 Quando udió Sant Peidro vío que su negocio tornó a los diábolos, la alma que levaban,	esti tan dulz mandado, era bien recabado; concejo enconado: tollióse la sin grado.	173 Quando São Pedro ouviu – este doce mandado, viu que o seu negócio – era bem aceitado; voltou para os demónios, – em conselho feroz: A alma que eles levavam, – ele tirou-lhes sem agrado.
174 Diósela a dos niños creaturas angélicas diósela en comida por tornarla al cuerpo	de muy grand claridat, de muy grand sanctidat; de toda voluntat con grand seguridat.	174 Deu-a a duas crianças – de grande claridade, criaturas angélicas – de grande santidade; Deu-lhes em louvor – de todas as vontades para o devolver ao corpo – com grande seguridade.
175 Diéronse los niños que fuera en su orden levóla él al cuerpo resuscitó el monje,	a un fradre honrado de chiquinez criado; que yacié mortajado, ¡Dios sea end laudado!	175 As crianças deram-na – a um frade honrado que era em sua ordem – desde infância criado; ele levou-as ao corpo – que jazia envolto em mortalha, o monge ressuscitou, – Deus seja louvado!
176 A la alma del monje el fraire, homne bueno, «Yo te ruego por Dios	díjoli la su guía, que ante vos decía: e por Sancta María,	176 A alma deste monge – disse a seu guia, o frade, o bom homem, – aquele que vos disse antes: “Peço-vos por Deus – e por Santa Maria, que os invoco – por mim todos os dias.

³⁵² Recudióli – “respondióle” -

³⁵³ Morador – “moradora” – os adjetivos terminados em -or não faziam flexão de gênero na Idade Média.

que tengas un clamor	tú por mí cada día.	
177		177
Otra cosa te ruego:	que la mi sepultura	Outra coisa que te peço: – que a minha sepultura
que yaz toda cubierta	de suso de basura,	que está toda coberta – por cima de sujeira,
tú la hagas barrer	por tu buena mesura;	que você possa varrer – por sua boa vontade;
tú lo cumplí, ¡sí Dios	te dé buena ventura!»	cumpra, se Deus – te der boa ventura!»
178		178
Resuscitó el monje,	el que era transido,	Ressuscitou o monge, – aquele que foi transido,
pero por un grand día	sovo fuert estordido ³⁵⁴ ;	mas durante um dia – ficou muito atordoado;
maguer tornó en cabo	en todo so sentido,	quando, por fim, – recuperou os sentidos,
regunzó al convento	por qué habié trocido.	relatou ao convento – tudo que havia acontecido.
179		179
Rendieron a Dios gracias,	a la Virgo real,	Deram graças a Deus, – à Virgem real,
e al sancto apóstolo,	clavero celestial	e ao santo apóstolo, – o chaveiro celestial
que por salvar su monje	sufrió porfazo tal;	que por salvar o seu monge – sofreu tal acusação;
non fue esti miraclo	de precio sivuelcual.	como este milagre, – não houve outro de valor igual.
180		180
Non haya nadi dubda	entre su corazón	Que ninguém duvide – no seu coração
nin diga esta cosa	podrié ser o non;	nem diga que isto – pode ser ou não;
ponga enna Gloriosa	bien su entención,	se ele colocar na Gloriosa – toda a sua intenção,
entendrá que non viene	esto contra razón.	entenderá que isso – não é contra a razão.
181		181
Como es la Gloriosa	plena de bendición,	Como a Gloriosa – é cheia de bênção,
es plena de gracia,	e quita de dición;	é cheia de graça, – e cheia de boa pronúncia;
no'l serié negada	ninguna petición,	não lhe seria negado – nenhuma intercessão,
no li disrié tal Fijo	a tal Madre de non.	o Filho não diria – a tal Mãe um não.

Milagre VIII – El romero de Santiago – O romeiro de São Tiago

182		182
Señores e amigos,	por Dios e caridat,	Senhores amigos, – por Deus de caridade,
oíd otro miraclo,	fermoso por verdat;	ouça outro milagre, – formoso por verdade;
Sant Ugo lo escripso,	de Gruniego ³⁵⁵ abat,	escrito por São Hugo, – que era de Cluny um abade,
que cuntió a un monje	de su sociedat.	aconteceu a um monge – da sua comunidade.
183		183
Un fraire de su casa,	Guiralt era clamado,	Um frade de sua casa, – Giraldo foi chamado,
ante que fuese monje	era non bien senado ³⁵⁶ :	antes de ser monge, – não era muito sensato:
facié a las debeces	folia e pecado,	às vezes fazia – loucura e pecado,
como homne soltero	que non es apremiado.	como um homem solteiro – que não é preocupado
184		184
Vino'l a corazón	do se sedié un día	Regressou ao coração – onde esteve um dia
al ap'lo de España	de ir en romería;	ao apóstolo de Espanha – de ir em romaria;
aguisó su hacienda,	buscó su compañía,	arranjou seus bens, – procurou sua companhia,
destajaron el término	cómo fuesen su vía.	decidiu o termo – como seria seu caminho.
185		185
Cuando a esir hobieron	fizo una nemiga:	Quando eles saíram, – ele fez um inimigo:
en logar de vigilia	yogó con su amiga.	pois, ao invés de vigiar, – dormiu com sua amiga.

³⁵⁴ Estordido – “aturdido”, no espanhol contemporâneo.

³⁵⁵ São Hugo foi abade de Cluny (ou Gruniego). Foi um homem importante, tanto na história de seu monastério como na política de seu tempo. (tradução nossa - nota de LUCAS, 1988, p. 120).

³⁵⁶ “senado”: sensato.

Non tomó penitencia metióse al camino	como la ley prediga, con su mala ortiga.	Não fez penitência – como a lei obriga, e foi para a estrada – com aquela urtiga.
186 Poco habié andado habés podrié ser hobo un encontrado mostrábase por bueno,	aún de la carrera, la jornada tercera, cabo una carrera, en verdat no lo era.	186 Havia andado pouco – de sua caminhada, talvez pudesse ser – o terceiro dia, quando teve um encontro – na beira de uma estrada, Ele pensava que era bom, – mas na verdade não era.
187 El diablo antigo es de toda nemiga	siempre fo traïdor, maestro sabidor;	187 O antigo diabo é – sempre traiçoeiro, é inimigo de todos e, – um mestre do conhecimento;
semeja a las veces e es diablo fino,	ángel del Criador de mal sosacador.	por vezes assemelha-se – a um anjo do Criador e é um belo diabo, – verdadeiro enganador.
188 Transformóse el falso parose si delante «Bien seas tú venido seméjasme cosiella	en ángel verdadero, en medio un sendero: -díoli al romero- simple como cordero.	188 O falso transformou-se – num anjo verdadeiro, e estava diante dele – no meio do caminho: “Que venha, – disse ele ao bom peregrino. Parece-me uma coisa – simples como um cordeiro.
189 Esiste de tu casa quando esir quisiste cuidas sin penitencia non te lo gradirá	por venir a la mía; ficast una folía: complir tal romería; esto Sancta María.»	189 Deixou a sua casa – para ir para a minha; quando quis partir, – fez vilania: queria, sem penitência, – cumprir tal romaria; não lhe será grata – por isso Santa Maria”.
190 «¿Quién sodes vos, señor?» Recudió'l: «Yo so Jácobo, sépaslo bien, amigo, semeja que non aves	dísoli el romeo; fijo de Zebedeo; andas en devaneo, de salvarte deseo.»	190 “E quem é você, senhor?”, – disse o romeiro; Ele respondeu: “Eu sou Tiago, – filho de Zebedeu; sabe bem, amigo, – que está em delírio, parece que não tem – vontade de se salvar.”
191 Dijo Guiralt: «Señor, pues vos ¿qué me mandades? Complirlo quiero todo, ca veo lo que fici, non prisi el castigo	quequier que me digades, grandes iniquidades, que dicen los abades.»	191 Disse Giraldo: “Senhor, – o que me pede? Quero fazer tudo, – tudo o que me disser, pois vejo o que fiz, – grandes iniquidades, e não tomei o conselho – que dizem os abades”.
192 Diso el falso Jácob: que te cortes los miembros	«Esti es el juicio: que facen el fornicio;	192 O falso Tiago disse: “Este é o julgamento: Que você corte os membros – que comete fornicação;
desent que te degüelles: que de tu carne misma	farás a Dios servicio, li farás sacrificio.»	Depois de se degolar, – prestará serviço a Deus, E da sua própria carne – você fará um sacrificio.”
193 Crediólo el astroso, sacó su cuchelliño cortó sus genitales,	loco e desesado, que tenié amolado; el fol malventurado,	193 O infeliz acreditou, – louco e desgraçado, pegou sua faca – que tinha afiado; cortou seus órgãos genitais, – ele foi mal- aventurado,
desende degollóse,	murió descomulgado.	depois cortou a garganta – e morreu excomungado.
194 Quando los compañeros plegaron a Guiralt fueron en fiera cuita esto cómo avino	que con elli isieron e atal lo vidieron, en cual nunca sovieron; asmar no lo pudieron.	194 Quando os companheiros – que com ele viajavam Chegaram a Giraldo – e de tal modo o viram, discutiram ferozmente – como jamais fizeram; Como isso havia acontecido – não podiam pensar.
195		195

Vidién que de ladrones non era degollado, ca no'l tollieran nada ni'l habién ren robado; non era de ninguno homne desafiado, non sabién de cuál guisa fuera ocasionado. 196 Fusieron luego todos e fueron derramados, teniénse d'esta muerte que serién sospechados; porque ellos no eran enna cosa culpados, que serién por ventura presos e achacados. 197 El que dio el consejo con sus atenedores, los grandes e los chicos, menudos e mayores, travaron de la alma los falsos traïdores, lebávanla al fuego, a los malos suores. 198 Ellos que la lebavan non de buena manera, víolo Sanctiágo cuyo romeo era; isiólis a grand priesa luego a la carrera, paróselis delante enna haz delantera. 199 «Desad -dijo- maliellos la preda que levades, non vos yaz tan en salvo como vos lo cuidades; tenedla a derecho, fuerza no li fagades, creo que non podredes, maguer que lo querades.» 200 Recudióli un diablo, paróseli refacio: «Yago, ¿quíereste fer de todos nos escarnio? ¿A la razón derecha quieres venir contrario? ¡Traes mala cubierta so el escapulario! 201 Guiralt fizo nemiga, matose con su mano, debe ser judgado por de Judas hermano; es por todas las guisas nuestro parroquiáno; ¡Non quieras contra nos, Yago, ser villano!» 202 Dísoli Sanctiágo: «¡Don traïdor palabrero! Non vos puet vuestra parla valer un mal dinero; trayendo la mi voz como falso vocero, disti consejo malo, matest al mi romero. 203 Si tú no le disieses que Sanctiágo eras, tú no li demostrases señal de mis veneras, non dañarié su cuerpo con sus mismas tiseras,	Viram que não eram ladrões – que o haviam degolado, nada lhe faltava, – nada lhe tinha sido roubado; nem ninguém – o tinha desafiado, não sabiam de que maneira – isso tinha sido ocasionado. 196 Depois todos foram embora – e dispersaram-se, porque temiam ser – suspeitos deste crime; porque eles não eram – culpados de nada, mas poderiam, porventura, – ser presos e acusados. 197 Aquele que deu o conselho – com os seus seguidores, os grandes e os pequenos, – médios e maiores, prenderam a sua alma – os falsos traidores, levaram-na para o fogo, – para muitos calores. 198 Quando eles a levaram – não de boa maneira, São Tiago Apóstolo o viu, cujo romeiro era; saíram rápido – em meio à correria, e ficou diante deles – à frente dos seus rostos. 199 “Deixai-o” – disse – “malvados, – a presa que levais, não é tão seguro – como pensam; tenham cuidado com ela, – e não façam força, não creio que possam, – mesmo que queiram”. 200 Um demónio respondeu-lhe, – com relutância: “Tiago³⁵⁸, quer que todos nós – zombemos de você? Quer ser contrário – à razão? Trazes um mau disfarce – debaixo do teu escapulário! 201 Giraldo fez um inimigo, – matou-se com a sua mão, e deve ser julgado – como o irmão de Judas; Ele é, em todos os aspectos, – o nosso bom paroquiano; Contra nós, Tiago, – tu não serás um vilão!” 202 Mas São Tiago disse: – “Seu traidor falador! A tua conversa não te pode – valer um mau dinheiro; Que traz a minha voz – como falso porta-voz, Deste um mau conselho, – e matou o meu romeiro. 203 Se você não dissesse a ele – que era São Tiago, se não lhe mostrasse – um sinal de minha veneração, ele não machucaria seu corpo – com sua própria tesoura,
--	--

³⁵⁸ Os demônios pronunciavam apenas “Iago”, para não se referirem a “Sant”, no intuito de menosprezar a figura do santo.

nin yazdrié como yace	fuera por las carreras.	nem faria como fez – fora das vias.
204		204
Prisi muy grand superbia	de la vuestra partida,	Senti uma raiva muito grande – ao ver sua partida,
tengo que la mi forma	es de vos escarnida,	Vejo que é por você que – minha imagem é
matastes mi romeo	con mentira sabida,	desprezada,
demás veo agora	la alma maltraída.	você matou meu romeiro – com uma mentira
		conhecida,
		além disso, agora vejo – que sua alma foi levada.
205		205
Sedme a juicio	de la Virgo María,	Sejam todos vós julgados – pela Virgem Maria,
yo a ella me clamo	en esta pleitesía;	Eu clamo a ela – nesta reverência;
otra guisa de vos	yo non me quitaría,	Caso contrário, – eu não os abandonaria,
ca veo que traedes	muy grand alevosía.»	Pois vejo que vocês trazem – uma traição muito
		grande.”
206		206
Propusieron su voces	ante la Gloriosa;	Propuseram suas vozes – diante da Gloriosa;
fo bien de cada parte	afincada la cosa;	foi bom para cada parte – a questão estivesse
		resolvida;
etendio las razones	la reina preciosa,	entendeu as razões – a preciosa rainha,
terminó la baraja	de manera sabrosa:	a briga terminou – de maneira agradável:
207		207
«El engaño que priso,	pro li debié tener,	“O engano que passou – o que ele tinha que fazer,
elli a Sanctiago	cuidó obedecer,	o romero a Santiago – cuidou de obedecer,
ca tenié que por eso	podrié salvo seer;	pois ele viu que com isso – poderia ser salvo;
mas el engañador	lo debié padecer.»	mas o enganador – deveria sofrer.”
208		208
Dijo: «Yo esto mando	e dólo por sentencia:	Ela disse: “Isto eu ordeno – e dou como sentença:
la alma sobre quien	habedes la entencia,	a alma sobre a qual você – tem essa pendência,
que torne en el cuerpo,	faga su penitencia,	para que retorne ao corpo, – faça sua penitência,
desend cual mereciere,	habrá tal audiencia.»	assim como merece, – haverá tal audiência.”
209		209
Valió esta sentencia,	fue de Dios otorgada,	Essa sentença valeu a pena, – foi por Deus
		outorgada,
fue la alma mesquina	en el cuerpo tornada,	a alma mesquinha – retornou ao corpo,
que pesó al diablo,	a toda su mesnada,	que pesava sobre o diabo – e todo o seu exército,
a tornar fo la alma	a la vieja posada.	para devolver a alma – à antiga pousada.
210		210
Levantóse el cuerpo	que yacié trastornado,	O corpo se levantou – que jazia prostrado,
alimpiaba su cara	Guiralt el degollado;	limpava seu rosto, – Giraldo, o castrado;
estido un ratiello	como qui descordado,	Ficou um bom tempo – como se estivesse
		desconcertado,
como homne que duerme	e despierta irado.	como um homem que dorme – e acorda irado.
211		211
La plaga que hobiera	de la degolladura	A ferida que teve – por causa da castração,
habés parecié d'ella	la sobresanadura;	apenas havia dela – a cicatrização;
perdió él la dolor	e toda la cochura,	ele perdeu a dor – e todo o mal-estar,
todos dicién: «Est homne	fue de buena ventura.»	todos diziam: “Este homem – tinha boa ventura”.
212		212
Era de lo ál todo	sano e mejorado,	Todo o resto estava – saudável e melhorado,
fuera de un filiello	que tenié travesado;	exceto por um fio – que tinha atravessado;
mas lo de la natura	cuanto que fo cortado,	mas a parte natural, – assim que foi cortada,
non li creció un punto,	fincó en su estado.	não cresceu nem um ponto, – permaneceu em seu
		estado.

213 De todo era sano, todo bien encorado, pora verter su agua fíncóli el forado; requirió su repuesto, lo que trayé trosado, pensó de ir su vía alegre e pagado.	213 Tudo estava saudável, – tudo estava cicatrizado, para derramar sua água, – havia um buraco; ele exigiu o que tinha de sobra, – o que tinha guardado, pensou em seguir seu caminho – alegre e bem pago.
214 Rendíó gracias a Dios e a Sancta María, e al sancto apóstolo do va la romería; cueitóse de andar, trobó la compañía, habién esti miraclo por solaz cada día.	214 Ele deu graças a Deus – e a Santa Maria, e ao apóstolo São Tiago, – para onde vai a romaria; apressou sua caminhada, – encontrou sua companhia, ele tinha esse milagre – como consolo todos os dias.
215 Sonó por Compostela esta grand maravilla, viniénlo a veer todos los de la villa; dicién: «Esta tal cosa, debiemos escribilla; los que son por venir, plazrális de oílla.»	215 Foi ouvida em Compostela – essa grande maravilha, Foram vê-la – todos os habitantes da vila; O povo disse: “Essa dádiva, – precisamos escrevê- la; os que estão por vir – gostariam de ouvi-la”.
216 Quando fo en su tierra, la carrera complida, e udieron la cosa que habié contecida, tení grandes clamores, era la gent movida por veer esti Lázaro dado de muert a vida.	216 Quando chegou em sua terra, – com a viagem concluída, e eles souberam – o que havia acontecido, houve grande clamor, – o povo ficou comovido ao ver esse Lázaro ser levado – da morte para a vida.
217 Metió en su hacienda esti romeo mientes, cómo lo quitó Dios de maleitos dientes; desemparó el mundo, amigos e parientes, metióse en Gruniego³⁵⁷, vistió paños pumientes.	217 Foi para sua propriedade – este romeiro pensante, como Deus o tirou – dos malditos dentes; ele abandonou o mundo, – amigos e parentes, e foi para Cluny, – e vestiu os panos dos penitentes.
218 Don Ugo, homne bueno, de Gruniego abat varón religioso, de muy grand sanctidat, contaba est miraclo que cuntió en verdat, metiólo en escripto, fizo grand honestat.	218 Dom Hugo, homem bom, – que era de Cluny abade; homem religioso, – de grande santidade, relatou esse milagre – que aconteceu de fato, ele o registrou por escrito – e o fez com honestidade.
219 Guiralt finó en orden vida buena faciendo, en dichos e en fechos al Criador sirviendo, en bien perseverando, del mal se repindiendo, el enemigo malo non se fo d'él ridiendo.	219 Giraldo terminou sua ordem, – sua vida boa fazendo, em palavras e ações – ao Criador servindo, no bem perseverando, – no mal se arrependendo, o inimigo maligno – não foi embora escarnecendo.

Milagre IX – El clérigo simple – O clérigo simplório

220 Era un simple clérigo, pobre de clerecía, dicié cutiano misa de la Sancta María; non sabié decir otra, diciéla cada día, más la sabié por uso que por sabiduría.	220 Era um clérigo simples, – pobre de clerezia, rezava a missa – todos os dias a Santa Maria; não sabia rezar outra, – rezava-a todo dia, ele sabia mais por costume – do que por sabedoria.
---	--

³⁵⁷ Cluny

221 Fo est misacantano al bispo acusado, que era idiota, mal clérigo probado; «Salve Sancta Parens» sólo tenié usado, non sabié otra misa el torpe embargado. 222 Fo durament movido el obispo a saña, dicié: «Nunca de preste oí atal hazaña.» Dijo: «Dicit al fijo de la mala putaña que venga ante mí, no lo pare por maña.» 223 Vino ante el obispo el preste pecedor, habié con el grand miedo perdida la color, non podié de vergüenza catar contra'l señor, nunca fo el mesquino³⁵⁹ en tan mala sudor. 224 Dísoli el obispo: «Preste, dime verdat, si es tal como dicen la tu neciedat.» Dísoli el buen homne, «Señor, por caridat, si disiese que non, dizría falsedat.» 225 Dísoli el obispo: «Quando non as ciencia de cantar otra misa nin as sen nin potencia, viédote que non cantes, métote en sentencia, vivi como mereces por otra agudencia.» 226 Fo el preste su vía triste e desarrado, habié muy grand vergüenza, el daño muy granado; tornó en la Gloriosa, ploroso e quesado, que li diese consejo ca era aterrado. 227 La madre preciosa que nunca falleció a qui de corazón a piedes li cadió, el ruego del su clérigo luego gelo udió: no lo metió por plazo, luego li acorrió. 228 La Virgo gloriosa, madre sin dición,	221 Foi esse celebrante – ao bispo acusado, que era um idiota, – um péssimo clérigo comprovado; “Salve Sancta Parens³⁶⁰” – só isso havia usado, não conhecia outra missa, – aquele homem desajeitado. 222 Foi duramente reprimido – pelo bispo muito irritado, disseram-lhe: “Nunca antes – ouvi falar de tal façanha.” Disse o bispo: “Diga ao filho – da perversa prostituta que venha diante de mim, – não o impeça com manhas”. 223 Diante do bispo, – veio o presbítero pecedor, com grande temor – havia perdido a cor, ele não podia, por vergonha, – olhar para o senhor, o infeliz nunca – passou por tanto pavor. 224 O bispo lhe disse: – “Presbítero, diga a verdade, se, como me foi dito, – é sua tal necessidade” E o bom homem lhe disse: – “Senhor, por caridade, se eu tivesse que dizer não, – eu diria falsidade”. 225 O bispo lhe disse: – “Como você não tem ciência para cantar outra missa, – nem sentido nem potência, Vi que você não canta, – mas tem método em sentença, viva e, como merece, – busque seu sustento”. 226 O presbítero foi em seu caminho – triste e abandonado, estava em grande vergonha, – o dano era muito elevado; Ele voltou para a Gloriosa, – chorando e se queixando, para lhe dar conselhos, – pois estava apavorado. 227 E a mãe piedosa – que nunca morreu A quem, de seu coração, – a seus pés caiu, o apelo de seu clérigo – imediatamente ouviu: Ela não o fez esperar por nada, – e logo ocorreu. 228 A Virgem gloriosa, – mãe sem dicção,
---	---

³⁵⁹ mesquino: adj. desus. Desdichado, desgraciado, infeliz (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*, s.d.).

³⁶⁰ Salve Sancta Parens (Salve, ó Santa Mãe) é um canto da antífona usada para o introito das festas de Nossa Senhora. O canto reconhece Nossa Senhora como Rainha, a Mãe daquele “que governa o céu e a terra para todo o sempre.” (Vida Admirável da Reverendíssima Madre Mariana, Volume II, pp. 69-70)

apreció'l al bispo díjoli fuertes dichos, descubrióli en ello	luego en visión; un brabiello sermón, todo su corazón.	foi apreciada pelo bispo – imediatamente em visão; Ela lhe deu palavras fortes, – um bravo sermão, e nele ela lhe revelou – todo o seu coração.
229 Díjoli brabamiente: ¿contra mí por qué fust Yo nunca te tollí e tú ásme tollido	«Don obispo lozano, tan fuert e tan villano? valía de un grano, a mí un capellano.	229 Ela lhe disse: – “Dom bispo frondoso, contra mim, porque você foi – tão forte e tão vil? Nunca lhe tirei nada – que valesse um grão, e você me tirou – meu bom capelão.
230 El que a mí cantaba tú tovist que facié judguéstilo por bestia tollisteli la orden	la misa cada día yerro de eresía; e por cosa radía, de la capellanía.	230 Aquele que a mim cantava – missa todos os dias você tinha que fazer – ferro de heresia; julgue-o por uma besta, – por uma coisa sem valia, e lhe tirasse a ordem – da capelania.
231 Si tú no li mandares como solié decirla, e tú serás finado ¿Desend verás qué vale	decir la misa mía grand querella habría, hasta el trenteno día, la saña de María!»	231 Se o senhor não lhe mandar – que reze missa minha como costumava fazê-la, – grande querela terá, e você estará acabado – até o trigésimo dia, Já verás o quanto vale – a fúria de Maria!”
232 Fo con estas menazas mandó envíar luego rogó'l que'l perdonase ca fo él en su pleito	el bispo espantado, por el preste vedado; lo que habié errado, durament engañado.	232 Com essas ameaças, – ficou o bispo assustado, então mandou chamar o padre – que estava condenado; rogou que o perdoasse – pelo que havia feito de errado, porque em seu pleito – havia se enganado.
233 Mandólo que cantase fuese de la Gloriosa si algo li menguase él gelo mandarié	como solié cantar, siervo del su altar; en vestir o calzar, del suyo mismo dar.	233 Ele lhe ordenou que cantasse – como costumava cantar, que fosse da Gloriosa – o servo de seu altar; que se algo lhe faltasse – no vestir ou no calçar, que os seus pertences – ele ordenava lhe dar.
234 Tornó el homne bueno sirvió a la Gloriosa, finó en su oficio fue la alma a gloria	en su capellanía, madre Sancta María; de fin cual yo querría, a la dulz cofradría.	234 Retornou o bom homem – para sua capelania, serviu à Gloriosa – Mãe Santa Maria; terminou seu ofício – como eu gostaria, a alma foi para a glória, – para a doce confraria.
235 Non podriemos nos tanto aun porque podiésemos que los diezmos miraclos los que por la Gloriosa	escribir nin rezar, muchos años durar, podiésemos contar, denna Dios demostrar.	235 Não podíamos – escrever nem rezar, mesmo que pudéssemos – durar por muitos anos, os dízimos milagrosos – que poderíamos contar, que, pela Gloriosa, – Deus se digna a mostrar.

Milagre X – Los dos Hermanos – Os dois irmãos

236 Enna villa de Roma, maestra e señora habí y dos hermanos el uno era clérigo,	esa noble cibdat, de toda cristiandat, de grand auctoridat, el otro podestat.	236 Numa vila de Roma, – aquela nobre cidade, que é mestre e senhora – de toda a cristandade, havia dois irmãos – de grande autoridade, um deles era clérigo, – o outro, potestade ³⁶⁶ .
--	--	---

³⁶⁶ Potestade: em português significa qualidade ou condição de quem manda, de quem exerce domínio sobre algo; potência, força, poder. (dicionário Online de Português, in: <https://www.dicio.com.br/potestade/#:~:text=Significado%20de%20Potestade,potestades%20gregas%3B%20Deus%2C%20divindade> Acessado em 08 JAN de 2024)

237 Peidro'l dicién al clérigo, habié nomne atal, varón sabio e noble, del papa cardenal; entre las otras mañas habié una sin sal, habíe grand avaricia, un pecado mortal. 238 Esteban habié nomne el secundo hermano, entre los senadores non habié más lozano; era muy poderoso en el pueblo romano, habíe en «prendo prendis» bien usada la mano. 239 Era muy cobdicioso, querié mucho prender, falsaba los judicios por gana de haber; tollíelis a los homnes lo que podié toller, más preciaba dineros que justicia tener. 240 Con sus judicios falsos de los sus paladares³⁶¹, a Sant Laurent el mártir tollióli tres casares³⁶²; perdió Sancta Agnés por él bonos logares, un huerto que valíe de sueldos muchos pares. 241 Murió el cardenal don Peidro el honrado, fo a los purgatorios, do merecié levado; ante de pocos días fo Esteban finado, atendí tal juicio cual lo habié dado. 242 Violo San Laurencio, católo feamiente, primió'l en el brazo tres veces duramiente; quesóse don Esteban bien entro en el vientre, no'l primiren tenazas de fierro tan fuertmiente. 243 Violo Sancta Agnés a qui tollió el huerto, tornóli las espaldas, cató'l con rostro tuerto; estonz dijo Esteban: «Esto es mal confuerto, toda nuestra ganancia ixiónos a mal puerto.» 244 Dios el nuestro Señor, alcalde derechero, al que non se encubre bodega nin cellero, dijo que esti homne fuera mal balletero,	237 Nomearam o clérigo de Pedro, – havia nome tal, de homem sábio e nobre, – do Papa cardeal; entre outras habilidades, – havia uma sem-sal³⁶⁷, grande avareza tinha, – um pecado mortal. 238 Estevão era o nome – do segundo irmão, entre os senadores – não havia ninguém mais brilhante; ele era muito poderoso – entre o povo romano, tinha no “<i>prendo prendis</i>” – bom uso da sua mão. 239 Ele era muito ganancioso, – queria riquezas deter, falsificava os julgamentos – para mais dinheiro ter; ele tirava dos homens – o que podia obter, apreciava mais o dinheiro – que a justiça fazer. 240 Com seus falsos julgamentos – que fizeram seus lábios, de São Lourenço, o mártir, – lhe tirou três casas; Santa Inês perdeu – para ele bons lugares, e um horto que valia – de salários muitos pares. 241 Morreu o cardeal – Dom Pedro, o mais honrado, e foi para o purgatório, – onde merecia ser levado; em poucos dias – Estevão estava finado, aguardava o julgamento – como ele havia dado. 242 São Lourenço o viu – e o observou horivelmente, apertou-o no braço – três vezes duramente; queixou-se Dom Estevão – bem dentro de seu ventre, como se inserisse pinças – de ferro fortemente. 243 E Santa Inês viu aquele – a quem lhe levou o horto, Ela lhe deu as costas – e o encarou com um olhar torto. Então Estevão disse: – “Este é um mau negócio, toda nossa ganância – se foi para um mau porto.” 244 Deus, nosso Senhor, – alcaide³⁶⁸ íntegro, para a qual não se esconde – adega nem despensa, disse que esse homem – foi um péssimo besteiro³⁶⁹,
--	---

³⁶¹ Lábios, boca.

³⁶² Casas, linhagem, estirpe.

³⁶⁷ A Bíblia cita que os homens são o “sal da terra”, pois assim como o sal dá sabor aos alimentos, o cristão desempenha um papel semelhante. “Vocês são o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com o que salgaremos? Para mais nada serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens.” (Mateus 5-13, Bíblia de Jerusalém, 2002). O sentido do “sal” para o autor está em conformidade com a citação do Evangelho, pois o clérigo, por ser avarento, não possuía as qualidades inerentes a um cristão.

³⁶⁸[História] Aquele que governava um castelo, província e/ou comarca com poder civil ou militar; antigo governador. (<https://www.dicio.com.br/alcaide/> Acessado em 09 JAN 2024).

³⁶⁹ Soldado armado de besta. (<https://www.dicio.com.br/besteiro/> Acessado em 09 JAN 2024).

cegó a muchos homnes, non a uno señoero. 245 «Deseredó a muchos por mala vocería, siempre por sus pecados asmó alevosía. Non merece entrar en nuestra compañía, ¡vaya yacer con Judas en esa fermería!» 246 Prisiéronlo por tienllas los guerreros antigos, los que siempre nos fueron mortales enemigos, dábanli por pitanza non mazanas nin figos, mas fumo e vinagre, feridas e pelcigos³⁶³. 247 Vío a su hermano con otros pecadores, do sedié el mesquino en muy malos sudores; metié voces e gritos, lágrimas e plangores, habíe grand abundancia de malos servidores. 248 Habiénla ya levada cerca de la posada, do nunca veríe cosa de que fuese pagada, nin veríe sol ni luna nin buena ruciada, o serié en tiniebra como emparedada. 249 Dijo'l: «Decit, hermano, preguntárvoslo quiero, ¿por cuál culpa yacedes el lacerío tan fiero?» ca si Dios lo quisiere e yo ferlo podiero³⁶⁴, buscarvos he acorro en cuanto que sopiero.» 250 Dijo Peidro: «En vida trasqui grand avaricia, hóbila por amiga avueltas con cobdicia; por eso so agora puesto en tan mala tristicia, qui tal face, tal prenda, fuero es e justicia. 251 Mas si el apostóligo con la su clerecía cantase por mí misa solamiente un día, fío en la Gloriosa, madre Sancta María, que me darié Dios luego alguna mejoría.» 252 D'est varón don Esteban de qui fablamos tanto, porque muchas maldades trayé so el manto, habíe una bondat, amaba a un sancto, tanto que non podriémos demostrarvos nos cuanto. 253	cegou muitos homens, – não a um somente³⁷⁰. 245 “Ele deserdou muitos outros – por causa de suas injúrias, sempre por seus pecados, – pensava perfídia. não merece entrar – em nossa companhia, ele se deitará com Judas – naquela enfermaria!” 246 Prenderam-no com cordas – os guerreiros antigos, aqueles que sempre foram – nossos mortais inimigos, eles lhe deram como alimento – não maçãs ou figos, mas fumaça e vinagre, – feridas e beliscões. 247 Ele viu seu irmão – com outros pecadores, onde o mesquinho estava – em péssimas condições; estava gritando e berrando, – com lágrimas e clamores, havia uma grande abundância – de maus servidores. 248 Eles já o haviam levado – para perto da pousada, onde nunca veria qualquer – coisa que fosse paga, nem veria o sol, a lua – ou uma boa chuva, e na escuridão ela estaria – como que emparedada. 249 Ele disse: “Diga-me, irmão, – perguntar-lhe quero, por qual culpa está sendo – tão ferozmente castigado? Se assim Deus quiser, – como eu o farei, espero, buscarei ajudá-lo – assim que souber como.” 250 Disse Pedro: “Em vida, – tive grande ganância, transformei-a por amiga – nas voltas com a cobiça; por isso, sou agora – colocado entre esta milícia. quem fez isso deve pagar, – é lei e é justiça. 251 Mas se o Papa, o Santo Padre, – com sua clerezia cantasse a missa para mim – apenas um dia, confio na Gloriosa, – mãe Santa Maria, que Deus me dará – alguma melhoria”. 252 Esse homem, Dom Estevão, – de quem falamos tanto, porque ele tinha muitas – maldades sob seu manto, havia uma bondade, – ele amava um santo, tanto que não podíamos – mostrar o quanto. 253 Amava o Projeto, – um mártir de grande valor,
--	--

³⁶³ Pellizcos – beliscões. (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*)

³⁶⁴ Podier: por pudiera.

³⁷⁰ Señoero: solitário (*Nuevo Tesoro Lexicográfico de La Lengua Española*).

Amaba a Proyecto, guardaba'l bien la festa	mártir de grand valor, como al Buen Señor,	ele guardava a festa – tão bem quanto o Bom Senhor, e lhe prestou rico ofício – e grande honraria, de pobres e de clérigos, – o quanto podia de melhor.
facié'l rico oficio de pobres e de clérigos,	e muy grand honor, cuanto podié mejor.	
254 Laurencio e Agnés, porque los hobo elli moviólos pñadad cataron más a Dios	maguer que despechados, ante desheredados, e fueron amansados, que a los sos pecados.	254 Lourenço e Inês, – mais do que despeitados, porque ele os havia – antes deserddado, moveu-os à piedade – e eles foram amansados, olhavam mais para Deus – do que para seus pecados.
255 Fueron pora Proyecto, disiéronli: «Proyecto, piensa del tu Esteban réndili gualardón	fuera cuyo rendido, non seas adormido, que anda escarnido, ca hóbote servido.»	255 Eles foram até Projeto, – a quem foi rendido, eles lhe disseram: “Projeto, – não seja adormecido, pense um pouco nele, Estêvão, – que é escarnecido, renda-lhe galardão, – pois ele te serviu.”
256 Fue pora la Gloriosa movióla con grand ruego,	que luz más que estrella, fue ante Dios con ella,	256 Foi para a Gloriosa – que brilha mais que estrela, levou-a com grande rogo, – foi diante de Deus com ela, rezou por essa alma – que trazia a massa, para que não fosse julgada – segundo querela.
rogó por esta alma que non fuese judgada	que trayén a pella, secundo querella.	
257 Diso a esti ruego «Faré tanta de gracia torne aún al cuerpo desend cual mereciere,	Dios nuestro Señor: por el vuestro amor; la alma pecador, recibrá tal honor.	257 Respondeu a essa súplica, – Deus, nosso Senhor: “Darei minha graça – somente por seu amor; retornar ao corpo – a alma desse pecador, e quem o merecer, – receberá tal honra.
258 Aya tanto de plazo que pueda mejorar	hasta los treinta días, todas sus malfetrías;	258 Por um certo prazo, – de até trinta dias, para que possa melhorar – todos as suas malfeitorias; mas eu afirmo isso – com palavras minhas, e serão eliminadas – todas as suas maestrias”.
mas bien gelo afirmo y serán rematadas	par las palabras mías, todas sus maestrias.»	
259 Rendieron «Gratias multas» porque empiadaba que libró esta alma que son de los fideles	a Dios los rogadores, a los sos pecadores, de manos de traïdores siempre engañadores.	259 Eles deram muitas graças – a Deus pelos rogadores, porque ele tem misericórdia – dos pecadores, por ter livrado essa alma – das mãos dos traidores que são dos fiéis – sempre enganadores.
260 Cuando lo entendió quitóse de la alma, prísola Sant Proyecto guióla pora'l cuerpo,	la gent adiablada, la que tenié legada; que la habié ganada, a esa su posada.	260 Assim, quando o entenderam – a gente endiabrada, libertou a alma, – que estava aprisionada; Santo Projeto a pegou – pois a havia ganhado, e a levou ao corpo, – que era a sua pousada.
261 Dísoli la Gloriosa, «Esteban, rendi gracias gran gracia te ha fecha del mal, si non te guardas,	madre del Criador, a Dios el buen Señor: que non podrié mayor; caerás en peor.	261 Disse-lhe a Gloriosa, – mãe do Criador, “Estêvão, dá graças – a Deus, o bom Senhor: grande graça te fez – que não podia ser maior; do mal, se não te guardares, – cairás no pior.
262 Esteban, un consejo	te quiero aún dar,	262 Estêvão, ainda tenho – mais um conselho para te dar, Estêvão, é um conselho – que deves aceitar: eu te peço que todos os dias – um salmo deve recitar,
Esteban, es consejo mándote cada día	que debes tú tomar: un salmo recitar,	

«Beati immaculati...» bien bueno de rezar. 263 Si tú cada mañana esti salmo rezares, e tú a las iglesias los tuertos enmendares, ganará la tu alma Gloria cuando finares, escusarás las penas e los graves logares.» 264 Resuscitó Esteban, ¡grado a Jesu Cristo! Regunzóli al Papa cuanto que habié visto, lo que li diso Peidro, su hermano bienquisto, que yacié en grand pena, lazado³⁶⁵ e muy tristo. 265 Demostraba el brazo que tenié liborado, el que en Sant Laurent lo hobo apretado, pidié mercet al Papa con el cuerpo prostrado, que cantase la misa por Peidro el lazado. 266 Por ferlis bien creencia, por ser bien creído, diso que a los treynta días serié transido; disieron todos: «Esto signo es conocido, si diz verdat o non será bien entendido.» 267 Entregó ricamientre a los desheredados, a los que tuerto tovo fizolos bien pagados, confesóse al preste de todos sos pecados, de cuantos habié fechos e dichos e asmados. 268 Ya andaba en cabo de las cuatro semanas, hasta los treinta días habié pocas mañanas, despidióse Esteban de las yentes romanas, sabié que las palabras de Dios non serién vanas. 269 En el día trenteno fizo su confesión, recibió <i>Corpus Dómini</i> con grand devoción; echóse en su lecho, fizo su oración, rendió a Dios la alma, finó con bendición.	<i>Beati immaculati...</i>³⁷¹ – é um bom salmo para rezar. 263 Se todas as manhãs – esse salmo você rezar, você nas igrejas – aos caolhos vai curar, sua alma ganhará – glória quando terminar, você escapará das tristezas – e dos difíceis lugares.” 264 Estêvão ressuscitou, – graças a Jesus Cristo! Regozizou ao papa – o que tinha visto, o que lhe disse Pedro, – seu irmão benquisto, que jazia em grande pena, – desventurado e muito aflito. 265 Mostrava o braço – que eu havia liberado, aquele que em São Lourenço – lhe havia apertado, pediu misericórdia ao Papa – com seu corpo prostrado, para cantar missa – para Pedro, o desventurado. 266 Para fazê-los acreditar, – e para ser bem compreendido, disse-lhes que depois de trinta – dias seria sacrificado; todos disseram: “Esse – sinal é conhecido, seja ele verdadeiro ou não, – será bem entendido.” 267 Entregou ricamente – aos deserdados, aos que ele enganou, – ele os fez bem quitados, confessou ao padre – todos os seus pecados, de tudo o que havia feito, – dito e pensado. 268 Já estava no final – de quatro semanas, e até trinta dias, – havia poucas manhãs, Estêvão despediu-se – da sociedade romana, sabia que as palavras – de Deus não seriam vãs. 269 No trigésimo dia, – ele fez sua confissão, recebeu o <i>Corpus Domini</i> – com grande devoção; deitou-se em sua cama, – fez sua oração, entregou sua alma a Deus – e findou com uma bênção.
--	--

Milagre XI – El labrador avaro – O lavrador avaro

270 Era en una tierra un homne labrador que usaba la reja más que otra labor; más amaba la tierra que non al Crīador,	270 Havia em uma certa – região um lavrador que usava a relha do arado – mais do que outro labor; amava a terra mais – do que amava o Senhor,
--	--

³⁶⁵ Lazrado: lacerado, no espanhol contemporâneo. Esse vocábulo é um falso amigo, pois pode ser traduzido para o português como desventurado, desgraçado. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*).

³⁷¹ Salmo 119. Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 989-997.

era de muchas guisas	homne revolvedor.	Ele era, em muitos aspectos, – um homem perturbador.
271 Facié una nemiga, cambiaba los mojonos facié a todas guisas	fuciela por verdat, por ganar heredat, tuerto e falsedat,	271 Fazia em um inimigo, – fazia-o em verdade, trocava os marcos para – ganhar a propriedade, ele praticou todos os tipos – de mentiras e falsidades,
habié mal testimonio	entre su vecindat.	tinha um mau testemunho – em sua comunidade.
272 Queríe, peroque malo, udié sus miráculos, saludábala siempre, « <i>Ave gratia plena</i>	bien a Sancta María, dábali acogía; diciéli cada día: que parist a Mesía.»	272 Queria, embora ruim, – bem a Santa Maria, ele ouvia seus milagres – e a todos acolhia; Ele a saudava sempre, – dizendo-lhe todos os dias: “ <i>Ave gratia plena</i> ³⁷⁴ – que concebeu o Messias”.
273 Finó el rastrapaja en sogas de diábolos rastrávanlo por tienllas,	de tierra bien cargado, fue luego cativado, de coces bien sovado,	273 Faleceu arrastado – por terra bem carregado, em corda de demônios – foi logo amarrado, arrastaram-no com cordas, – com chutes bem dados,
pechávanli a duplo	el pan que dio mudado.	cozaram-lhe o dobro – o pão que deram emprestado.
274 Doliéronse los ángeles	d'esta alma mesquina,	274 Os anjos se entristeceram – por essa alma mesquinha,
por cuanto la levaban quisieron acorrelli, mas por a fer tal pasta	diábolos en rapina; ganarla por vecina, mengualis farina.	porque a levaram – demônios em rapina desejavam socorrê-la, – ganhá-la por vizinha, mas, para fazer tal massa, – faltava-lhes a farinha.
275 Si lis dicién los ángeles ciento dicién los otros, los malos a los bonos la alma por pecados	de bien una razón, malas que buenas non; teniénlos en rencón, non isié de presón.	275 Se lhes disseram os anjos – do bem uma razão, tudo que os outros diziam, – era ruim e não bom; os maus tinham – aos bons em um canto, a alma pelos pecados – não saía da prisão.
276 Levantóse un ángel,	diso: «Yo só testigo,	276 Um anjo se levantou – e disse: “Sou apenas testemunha,
verdat es, non mentira el cuerpo, el que trasco fue de Sancta María	esto que yo vos digo: esta alma consigo, vasallo e amigo.	é verdade, não é mentira, – o que a vocês digo: o corpo, aquele que trouxe – esta alma consigo, foi de Santa Maria, – vassalo e amigo.
277 Siempre la ementaba diciéli tres palabras: la boca por qui esié non merecié yacer	a yantar e a cena, ' <i>Ave gratia plena</i> ; tan sancta cantilena en tan mal cadena.»	277 Ele sempre a mencionava – no jantar e na ceia, ele lhes dizia três palavras: – “ <i>Ave gratia plena</i> ”; a boca que dizia – essa canção divina não merecia jazer – em tão má cadeia”.
278 Luego que esti nomne udieron los diablos derramáronse todos desampararon todos	de la Sancta Reina cogieron's ad ahina; como una neblina, a la alma mesquina.	278 Assim que este nome – da Santa Rainha foi ouvida pelos demônios – fugiram rápido; todos eles se disseminaram – como uma neblina, todos abandonaram – a alma mesquinha.
279 Vidiéronla los ángeles de pies e de manos sedié como oveja	ser desamparada, con sogas bien atada; que yace ensarzada,	279 Os anjos a viram – ser desamparada, de pés e mãos – com cordas amarrada; estava como ovelha – estendida e emaranhada,

³⁷⁴ “Ave Maria Cheia de Graça”.

fueron e adusiéronla	pora la su majada.	foram-se e a conduziram – para seu abrigo.
280		280
Nomne tan adonado	e de vertut atanta ³⁷² ,	Nome tão lisonjeiro, – cheio de tanta virtude,
que a los enemigos	seguda ³⁷³ e espanta,	
non nos debe doler	nin lengua nin garganta	que os inimigos lhes – perseguem e espantam,
que non digamos todos;	«Salve Regina Sancta».	não devemos poupar – nem língua nem garganta
		quando todos digamos: – “Salve Rainha Santa”.

Milagre XII – El prior y el sacristán – O prior e o sacristão

281	En una villa bona	que la claman Pavía,	281	Em uma vila boa – chamada Pavia,
	cibdat de grand facienda,	yace en Lombardía,		cidade de grande riqueza, – situada na Lombardia,
	habié dentro en ella	una rica mongía,		havia em seu interior – um rico monastério,
	de muchos bonos homnes,	muy sancta compañía.		com muitos homens bons, – uma santa companhia.
282			282	
Era el monesterio	alzado en honor		Foi o mosteiro erguido – em memória e honra	
del que salvó el mundo,	señor Sant Salvador;		àquele que salvou o mundo, – o Senhor São	
			Salvador;	
habié por aventura	en elli un prior		havia por ventura – dentro dele um prior	
que non querié vevir	si non a su sabor.		que não queria viver – se não fosse a seu sabor.	
283			283	
Habié el bon homne	una lengua errada,		Era um bom homem – com a língua errada,	
dicié mucha horrura ³⁷⁵	de la regla vedada;		disse muitas palavras – horríveis da regra vedada;	
facié una tal vida	non mucho ordenada,		ele levava uma vida – não muito ordenada,	
pero dicié sus oras	en manera temprada.		mas dizia suas horas – de maneira moderada.	
284			284	
Habié una costumne	que li hobo provecho,		Havia um costume – que lhe era de grande proveito,	
dicié todas sus oras	como monje derecho,		Fazia todas as suas orações – como um monge	
			direito,	
a las de la Gloriosa	siempre sedié erecho;		Nas orações da Gloriosa, – ele estava sempre	
			correto;	
aviel el diablo	por ello grand despecho.		O demônio tinha por ele – um grande despeito.	
285			285	
Peroque semejaba	en unas cosas boto		Mas, embora se assemelhasse – em umas coisas ao	
			torpe	
e como vos disiemos	que era bocarroto,		e, como já lhe dissemos, – ele era boquirroto ³⁷⁷ ,	
en amar la Gloriosa	era muy devoto,		em amar a Gloriosa – ele era muito devoto,	
dicié el su oficio	de suo corde toto.		e dizia seu ofício – de <i>suo corde toto</i> ³⁷⁸ .	
286			286	
Hobo quanto Dios quiso	est prior a finar,		Quando Deus quis – que o prior viesse a finar,	
cadió en un exilio,	en áspero lugar,		ele caiu no exílio, – em inóspito lugar,	
non vos podrié nul homne	el lacerío contar		nenhum homem poderia – o tormento contar	
que el prior levaba,	nil podrié asmar.		que o prior suportou, – nem podia pensar.	
287			287	

³⁷² Atanta: tanta.

³⁷³ Seguda: persegue.

³⁷⁵ Orrura ou horrura: esta palavra tem um sentido físico e outro metafórico, e os dois valem como “coisa repugnante” (Dutton, in LUCAS, Joaquim Benito de, 1988).

³⁷⁷ Boquirroto: Pessoa que fala muito; quem não consegue guardar segredo ou é muito indiscreto (<https://www.dicio.com.br/boquirroto/> Acessado em 15 JAN de 2024)

³⁷⁸ *suo corde toto*: expressão em latim que significa “de todo o seu coração”. Optou-se por não traduzir para manter a rima.

Habié un sacristano que guardaba las cosas Uberto habié nomne, valié más ca non menos	en esa abadía de la sacristanía; cuerdo e sin folía, por elli la mongía.	Havia um sacristão – naquela abadía que guardava as – coisas da sacristia; Seu nome era Humbert, – são e sem malícia, para este monastério – nem mais nem menos valia.
288 Ante de los matines, levantóse est monje tañer a los matines, endrezar las lámpadas,	una grand madrugada, rezar la matinada, despertar la mesnada, allumnar la posada.	288 Antes das matinas, – e bem de madrugada, este monge se levantou – para rezar alvorada, para tocar as matinas, – para acordar a mesnada ³⁷⁹ , para acender as lâmpadas, – iluminar a pousada.
289 El prior de la casa, año habié cumplido pero fue el su pleito tan bien como al día	de suso ementado, de que fuera finado, en cabo recentado, cuando fo soterrado.	289 O prior da casa, – acima mencionado, um ano de sua morte – já havia sido completado, mas seu processo foi – finalmente renovado, exatamente como no dia – em que ele foi enterrado.
290 El monje de la casa ante que empezase alimpiaba las lámpadas priso un grand espanto	que sacristano era, tañer la monedera, por fe mejor lumnera, de estraña manera.	290 O monge da casa – que o sacristão era, antes que ele tocasse – a bolsa de moedas, limpava as lâmpadas – para obter uma maior luz, quando houve grande susto – de estraña maneira.
291 Udió una voz d'homne, dijo: «Fraire Ubert», conocióla Ubert que la del prior era;	flaquiella e cansada, non sola una vegada; e non dubdó en nada priso grand espantada.	291 Ele ouviu a voz de um homem, – fraca e cansada, que dizia: “Frei Humberto”, – não apenas uma vez; Humberto a conhecia – e não duvidou de nada que era do prior; – e ele ficou bem espantado.
292 Salió de la eglesia, non levaba de miedo non irié tan apriesa ¡don Bildur lo levaba	fo a la fermería, la voluntat vacía, yendo en romería, par la cabeza mía!	292 Ele deixou a igreja – e foi para a enfermaria, não levava de medo – sua vontade vazia, não iria tão depressa – indo de romaria, Don Bildur ³⁸⁰ o levava – pela cabeça minha!
293 Estando de tal guisa udió: «Ubert, Ubert,	fuera de las virtudes, ¿por qué me non recudes?	293 Estando assim – fora de suas faculdades, ouviu: “Humberto, Humberto, – por que não me ajuda? Olha, não tenha medo, – por nada te perturbes., pense como fala comigo – e pergunte sem duvidar”.
Cata, non hayas miedo, piensa cómo me fables	por ren non te demudes, e cómo me pescudes.»	
294 Estonz dijo Ubert: de vos cómo estades, que sepa el cabildo	«Prior, ¡se que debedes! vos me lo reguncedes, de vos como sedes,	294 Então Humberto disse: – “Prior, pela fé que deve, De como está, – quero que me conte, para que o cabido ³⁸¹ saiba – de que maneira o vejo, em que estado está – ou em que outro estado estará.”
en cuál estado sodes	o cuál lo atendedes.»	
295 Dísoli el prior: sepas hasta aquí	«Ubert, el mió criado, mal ha de mi estado;	295 O prior disse: – “Humbert, meu criado, saiba que até aqui – tem sido ruim meu estado; que caiu em um exílio – muito bruto e desequilibrado:

³⁷⁹ Mesnada: palavra do português também, que significa tropa mercenária. Essa palavra é muito antiga e pouco usada atualmente.

³⁸⁰ Bildur: A palavra “bildur” é basca e significa “medo”, e neste trecho específico de Berceo, Don Bildur é o mesmo que Don Medo. (LANCHETAS, Rufino. Gramática y vocabulario de las obras de Gonzalo de Berceo, Madrid, Real Academia Española, 1900, p.123 - tradução nossa)

³⁸¹ cabido: 1. religião - conjunto dos clérigos de uma catedral, igreja ou colegiada. (Dicionário Oxford Languages - on-line).

cadí en un exilio	crudo e destemprado:	onde Esmirna ³⁸² era príncipe – da terra chamado.
el príncip de la tierra	Smirna era clamado.	296
296		Sofri muito tormento, – passei muito mau dia, o mal pelo qual passei – contar não poderia, mas tive que passar – por Sancta Maria, houve tristeza e luto – pelo mal que eu sofria.
Sufrí mucho lacerío, el mal que he pasado mas hobo a pasar hobo pesar e duelo	pasé mucho mal día, contar no lo podría, por y Sancta María, del mal que yo sufría.	297
297		Ela me pegou pela mão – e me levou consigo, levou-me para um lugar – seguro e protegido; me tirou das garras – do mortal inimigo, e me colocou em um lugar – onde viverei sem perigo.
Prísome por la mano levóme al lugar tollióme de la premia púsome en lugar	e levóme consigo, temprado e abrigo; del mortal enemigo, do vivré sin peligro.	298
298		Graças à Gloriosa – que é cheia de graça plena! Estou fora do tormento, livre de pena; Caí em um doce pomar, – próximo a uma doce colmeia, onde nunca faltará alimento, – nem almoço nem jantar.”
¡Grado a la Gloriosa fuera só del lacerío, caí en dulz vergel	que es de gracia plena! esido só de pena; cerca de dulz colmena,	299
do nunca veré mengua	de yantar nin de cena.»	A voz se calou; enquanto isso, – despertou o convento, e todos foram para a igreja – com grande contentamento; rezaram as matinas, – fizeram o cumprimento, de maneira que Deus – poderia fazer o pagamento.
299		300
Calló la voz con tanto, fueron a la elesia	despertó el convento, todos de buen taliento;	As matinas foram cantadas, – clareou o dia, disseram a primeira, – depois a ledania ³⁸³ , foram para seu capítulo, – a santa companhia, pois essa é a lei, – o costume dos monges.
disieron los matines, de guisa que podrié	ficieron complimiento, Dios haber pagamiento.	301
300		Estando no capítulo, – depois de ler a oração, este sacristão fez – sua genuflexão ³⁸⁴ ; contou ao convento – toda a visão, chorando em seus olhos – por tão grande ocasião.
Los matines cantados, disieron luego prima ³⁷⁶ , fueron a su capítulo ca esto es de regla,	esclareció el día, desend la ledanía, la sancta compañía, costumne de mongía.	302
301		Todos eles renderam – graças à Mãe gloriosa, que é sobre seus vassalos – é sempre misericordiosa; foram à igreja – cantando rica prosa ³⁸⁵ , e, por escrito, – registraram todas as coisas.
Estando en capítulo, fizo el sacristano contólis al convento plorando de los ojos	leída la lección, su genuflexión; toda la visión, a muy grand misión.	
302		
Rendieron todos gracias que sobre sos vasallos	a la Madre gloriosa, es siempre piadosa;	
fueron a la elesia	cantando rica prosa,	

³⁷⁶ Prima: uma das sete horas canônicas que se rezaban antes da oração da manhã (*Laudes*). (LUCAS, Joaquim Benito de, 1988)

³⁸² Esmirna foi uma cidade portuária da costa oeste do mar Mediterrâneo, localizada na Província romana da Ásia. Ficava a 65 km de Éfeso. Foi sede de uma forte igreja cristã. Consta na Bíblia, em Apocalipse 1.11; 2.8-11. (KASCHEL, Werner e ZIMMER, Rudi. Dicionário da Bíblia de Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 66).

³⁸³ Ledania: Oração em que se pede a Deus ou aos santos para intercederem pelos fiéis. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*, s.d.)

³⁸⁴ Genuflexão: ato de dobrar os joelhos ou de ajoelhar-se. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*, s.d.)

³⁸⁵ Prosa rica: hino de louvor. (*Diccionario de La Lengua Española RAE-ES*, s.d.)

ficieron en escripto meter toda la cosa. 303 End a poco de tiempo murió el sacristano, murió de fin cual dé Dios a tot cristiano, isió de mal ivierno, entró en buen verano, fo pora paraíso do será siempre sano. 304 Esto es <i>sumum bonum</i> servir atal Señora, que sabe a sus siervos acorrer en tal hora; ésta es buena tienda, ésta buena pastora, que bale a tot homne que de buen cor la hora. 305 Cuantos que la udieron esta tal visión cogieron en sus almas mayor devoción, en amar la Gloriosa de mayor corazón, aclamarse a ella en su tribulación.	303 Pouco tempo depois, – morreu o sacristão, ele morreu no final, – como Deus dá a todo cristão, morreu de mau inverno, – entrou em bom verão, ele foi para o paraíso, – onde estará sempre são. 304 Isso é <i>sumum bonum</i>³⁸⁶ – para servir a tal Senhora, que sabe guiar seus servos – acorrer em tal hora; esta é uma boa tenda, – esta é uma boa pastora, que vale a todo homem – que de bom coração lhe ora. 305 Todos os que ouviram – falar dessa visão têm em suas almas – uma maior devoção, em amar a Gloriosa – com mais coração, para clamar por ela – em sua tribulação.
--	---

³⁸⁶ *Summum bonum*: “o bem maior” (tradução nossa, a partir do Dicionário do latim essencial / Antônio Martinez de Rezende, Sandra Braga Bianchet, 2014)